

Jefferson S. Fernandes

DIVINA



INTERFERÊNCIA

Descubra como, sem dinheiro ou influência uma viúva, dois rapazes e um sábio professor ajudaram um jovem pastor a impedir que um satanista disfarçado assumisse a liderança de uma das maiores Igrejas do Mundo.

Divina
INTERFERÊNCIA

Jefferson S. Fernandes

Divina INTERFERÊNCIA

Descubra como, sem dinheiro ou influência, uma viúva, dois rapazes e um sábio professor ajudaram um jovem pastor a impedir que um satanista disfarçado assumisse a liderança de uma das maiores Igrejas do mundo.



1ª Edição
2011 - Maringá - PR

Capa
Grupo RMCOM

Arte da Capa
Grupo RMCOM

Editoração e Diagramação
Rogerio Bernardino da Silva

Editores Responsáveis
Jefferson Cordeiro Assoni
Dr. Jorge Guerra Villalobos

Conselho Editorial
Dr.^a. Maria das Graças Lima
Dr.^a. Maria Aparecida Cecílio
Ms. Kiyomi Hirose
Dr.^o. Geovanio Rossato
Dr.^o. Elias Brandão
Ms. Michel Corsi Batista

Contatos com o autor
jrfernandes@ajato.com.br

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

F363d Fernandes, Jefferson S.
 Divina interferência / Jefferson S.Fernandes. --
Maringá : Massoni, 2011.
 336 p.

ISBN 978-85-8017-022-1

1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro.
3. Religião - Romance

CDD 21.ed.B869.3

O conteúdo da obra, bem como os argumentos expostos, são de responsabilidade exclusiva de seu(s) autor(es), não representando o ponto de vista da editora, seus representantes e editores.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico, ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.



Av. Colombo, 5540 - Zona 07 - CEP 87030-121 - Fone 1441 3263.6712 - Maringá - PR
www.graficamassoni.com.br - contato@graficamassoni.com.br

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
2011 - Primeira Edição

Sumário

Antes de você começar a ler o livro.....	7
Agradecimentos e Informações.....	9
Introdução.....	11
Capítulo I.....	13
Capítulo II.....	19
Capítulo III.....	23
Capítulo IV.....	27
Capítulo V.....	40
Capítulo VI.....	47
Capítulo VII.....	59
Capítulo VIII.....	68
Capítulo IX.....	78
Capítulo X.....	82
Capítulo XI.....	95
Capítulo XII.....	97
Capítulo XIII.....	104
Capítulo XIV.....	109
Capítulo XV.....	123
Capítulo XVI.....	131
Capítulo XVII.....	137
Capítulo XVIII.....	141
Capítulo XIX.....	150
Capítulo XX.....	158
Capítulo XXI.....	161
Capítulo XXII.....	164

Capítulo XXIII	168
Capítulo XXIV	173
Capítulo XXV	176
Capítulo XXVI	181
Capítulo XXVII	184
Capítulo XXVIII	186
Capítulo XXIX	195
Capítulo XXX	198
Capítulo XXXI	203
Capítulo XXXII	209
Capítulo XXXIII	213
Capítulo XXXIV	222
Capítulo XXXV	225
Capítulo XXXVI	228
Capítulo XXXVII	230
Capítulo XXXVIII	232
Capítulo XXXIX	235
Capítulo XL	237
Capítulo XLI	239
Capítulo XLII	249
Capítulo XLIII	266
Capítulo XLIV	271
Capítulo XLV	277
Capítulo XLVI	289
Capítulo XLVII	293
Capítulo XLVIII	297
Capítulo XLIX	311
Capítulo L	331
Posfácio	334
Posfácio II	336

Antes de você começar a ler o livro...

Você concorda que não é fácil ser jovem e cristão hoje em dia?

Não é novidade a informação sobre quantas lutas e confrontos as moças e os rapazes cristãos enfrentam todos os dias. É uma luta constante. Eles estão expostos a toda espécie de influência contrária à Palavra de Deus, que a mídia e as pessoas não convertidas tentam exercer sobre eles. O número de pessoas que apenas “passam” pela Igreja ou estão desviadas dos caminhos do Senhor é preocupante!

Acredito que Deus me motivou a escrever esse livro com o propósito de, por meio de uma leitura fácil, declarar que, realmente, “os dias são maus”, mas que, apesar disso, devemos ter bom ânimo e convicção de que vale a pena seguir Jesus e que, no final, veremos a diferença entre aqueles que vivem de acordo com os princípios de Deus e aqueles que não vivem, bem como a diferença entre a recompensa destes e daqueles.

Muitos diálogos no livro foram criados com o desejo de facilitar a compreensão sobre os “primeiros passos” da nossa fé e vida cristã, tanto para os nossos jovens, como para os novos convertidos de todas as idades, principalmente aqueles que ainda não conseguem ler a Bíblia com regularidade ou que, simplesmente, não compreendem o que leem.

E, como conhecer a Palavra de Deus é fundamental e imprescindível, em vários momentos, foram mencionados o capítulo e o livro em que determinado assunto desse livro é mencionado na Bíblia. O intuito disso é fortalecer a fé, estimular a curiosidade, dar conhecimento e principalmente motivar a leitura da Bíblia. Porém, em alguns casos, não foi colocada a referência bíblica, para que o leitor faça a pesquisa bíblica ou peça ajuda ao pastor ou discipulador.

Que Deus abençoe você e sua família. Boa leitura!

Agradecimentos e Informações

Quero honrar e agradecer algumas pessoas, mas não quero deixá-las em apuros, por citar o nome delas aqui. O fato de agradecer e citar o nome delas não significa que elas concordam com parte ou com tudo que escrevi. Cito o nome delas como um singelo agradecimento, por tudo o que recebi de cada uma delas, de formas e em momentos diferentes.

Até chegar a esse livro, muitas pessoas foram importantes e cooperaram com Deus, para me abençoar, por isso, quero honrar e agradecer a: Pastora Silvia Geruza Fernandes Rodrigues, que me incentivou a escrever esse livro e a fazer o mestrado; ao Pastor Carlos Alberto de Quadros Bezerra, Pastor Carlos Alberto Junior, Pastor Osmar Mizael Dias, Pastor Adhemar de Campos, Pastor Valmir Ventura e Nádia Ventura, Pastor Ludovico Motta e Solange Motta, Pastor Jorge Mantoan, Celso Barnabé e Flávia, Jorge A. Guimarães e Shirley, Marcos Roberto dos Santos e Janaína Martinez dos Santos, Rosilene Dantas e Carlos Dantas, Pastora Irene Ribarolli Pereira da Silva, da Igreja Comunidade Evangélica de Maringá, onde sou membro e pastoreado, meu cunhado Pastor Marcelo Aleixo Gonçalves e Juliana R. F. dos Reis Gonçalves, Victor Enzo F. Germani, minha sogra Doraci Neusa Rui dos Reis, Pastor Aristeu Luiz Bertozzi e Ivoneide D. dos Santos Bertozzi, Pastor Silvio Renato Neves, Marco Ridolfi e Gabriela Ridolfi, Pedro Junior e Nura, Wilson Rubio e Madê, Miro Godoi e Celia, Nelson H. Gonçalves e Lidia, o Professor Doutor Geoval Jacinto da Silva, ao Pastor Jorge Linhares, que orou por mim e clamou para que Deus me concedesse o dom de escrever, à minha esposa, pelo amor e paciência nas longas horas que passei escrevendo pelas madrugadas, com os pensamentos e ouvidos mais no céu do que na terra, aos meus amados filhos, minha mãe Zenilda da Silva Fernandes, que foi a primeira pessoa a ler o manuscrito e me incentivar, minhas irmãs Alexandra, Diana e Angela Alonso. A Maria Aparecida de Alcântara Silva, in memoriam e ao meu amigo e irmão, Rogério Augusto Vilche e Roberta Sevo, Rosana do Carmo e Gilmar Fadelli.

A lista é longa, eu sei, mas, como não sei se o Senhor vai me permitir escrever a continuação deste livro, quero aproveitar para agradecer a todos, por tudo o que fizeram por mim, direta ou indiretamente.

Constrangido pelo amor de Cristo que encontrei em vocês... muito obrigado.

Introdução

O Senhor me viu, quando eu estava ainda no ventre da minha mãe, e todos os meus dias foram escritos no seu livro, antes do meu nascimento. (Salmo 139:15,16)

O ser humano busca por respostas. Tem curiosidade e necessidade de saber, de conhecer. Na tentativa de entender como surgimos e para onde vamos, muitas teorias surgiram.

Seja apenas por curiosidade, pelas dúvidas quanto ao futuro, seja ainda pelo pavor da cruel realidade que todos, sem exceção, irão enfrentar a morte, muitos já se remeteram à reflexão: Quem é Deus? Como é o céu? Como são os sons do céu?

Nessa busca por respostas, muitas estórias infantis foram contadas para explicar quem é Deus. Talvez a mais conhecida seja sobre um homem bem velhinho, com barbas longas e brancas, que fica sentado eternamente no seu grande trono branco. Talvez seja por isso que, nas estórias contadas, ele é um pouco ranzinza e, do seu trono, anota cada falha que os seres humanos cometem, além de separar os pedidos de orações, os que merecem e os que não merecem ser atendidos. E as pessoas que já morreram, ao entrar nesse céu, ganham um par de asas, uma harpa e, junto com os anjinhos, tocam suas harpas, reproduzindo uma mesma música, monótona, sem parar.

Você já imaginou fazer isso por toda a eternidade? Felizmente, não é assim que as coisas acontecem. A realidade no céu é muito diferente disso...

Capítulo I

Em algum lugar na imensidão do Universo, uma voz inconfundível foi ouvida.

—Gabriel! — chamou-o Jesus, o filho do Deus Altíssimo...

Rapidamente ele atendeu ao chamado. Com quase quatro metros de altura, braços fortes e uma espada na cintura, dono de um olhar seguro e destemido, usando roupas semelhantes às usadas pelos cavaleiros da época medieval, o anjo se dirigiu ao filho do Altíssimo. Curvou-se em reverência e obediência e disse:

—Aqui estou Senhor, pronto e disponível!

—Gabriel, eu chamei você, porque quero lhe falar sobre uma das minhas filhas. Ela está orando, clamando por ajuda lá na terra. Ela está sofrendo. Há muita angústia e tristeza na alma dela.

—Eu a conheço Senhor? — perguntou o anjo.

—Não, você ainda não a conhece Gabriel, mas em breve você a conhecerá.

—E de qual região ela é, Senhor?

—Ela mora em Whitesburg, mas logo ela se mudará para New York City. Vou ajudá-la a conseguir um emprego lá.

—E em que posso ser útil, Senhor?

—Logo você saberá Gabriel. Mas antes precisamos conversar. Quero que você a conheça e entenda cada detalhe sobre a história da vida dela. Você está vendo este odre nas minhas mãos?— perguntou o filho do Altíssimo.

—Estou, Senhor, e, pelo o que vejo, suponho que o odre de ouro está cheio devido às muitas lágrimas da sua serva — respondeu o anjo.

—Você está certo, Gabriel. O odre está cheio das lágrimas recolhidas dos olhos dela. Ela tem orado e chorado muito, ela está sofrendo e clamando por socorro. Eu sei o que é sofrer, Gabriel, eu estive entre eles e experimentei a dor, o abandono, a traição... entre outras coisas. Estou compadecido por essa mãe. Toda mãe que ora me comove — disse o Filho do Altíssimo, compadecido pela situação daquela mulher.

—O nome dela é Lauren. Pegue o livro sobre a vida dela e leia-o, Gabriel.

Imediatamente, o anjo pegou o livro e, em milésimos de segundos, leu o livro. Agora já sabia tudo sobre ela, desde seu nascimento até os últimos instantes.

O livro era sobre a vida dela. Para cada pessoa, há um livro onde são registrados todos os acontecimentos da sua vida, uma espécie de diário. Esse livro está dividido pelo meio da folha. É um livro maior do que aqueles a que estamos acostumados.

Para cada dia de vida da pessoa, há uma página no livro. Na parte superior de cada folha, até o meio, estão registrados os planos que o Altíssimo concedeu à pessoa, ainda antes de ela ter nascido, conforme relata o Salmo 139. Todos os planos, as habilidades, os projetos e os dias que o Senhor deu para cada pessoa estão registrados nesse livro. Do meio da mesma folha, até o final dela, também estão registradas as escolhas, as decisões e os atos, que a própria pessoa fez ao longo da vida. Escolhas feitas através do livre arbítrio, direito que Deus concede aos filhos dos homens.

—Gabriel, eu o chamei porque quero lhe dar algumas ordens a respeito da Lauren. Ela tem me pedido para que eu intervenha na vida dela, e eu quero ajudá-la. Essa é a minha vontade: realizar os planos e projetos que tenho para as pessoas que se aproximam de nós. Tenho para a Lauren e a família dela planos de paz. Quero dar a eles fé, esperança, um futuro e prosperidade em todas as áreas.

—Essa mulher ainda tem tempo suficiente, Senhor?

—Não, ela não tem muito tempo, ela já gastou boa parte do tempo dela com as próprias escolhas que ela fez. O motivo do sofrimento dela, no momento, deve-se a uma dessas escolhas: ela não se casou com quem Eu queria, mas com quem ela decidiu. Contudo, ainda lhe restam mais alguns anos de vida e, devido às novas escolhas e decisões que ela está fazendo agora, as minhas bênçãos a alcançarão e se estenderão sobre o filho dela e as demais gerações, enquanto permanecerem no meu amor. Os próximos anos dela, Gabriel, serão difíceis, e se a Lauren não for socorrida, ela não suportará. Como você já viu, o odre já está cheio, e muitas lágrimas ainda brotarão dos olhos dela.

—Estou compreendo a gravidade da situação, Senhor.

—A história dela é muito triste, Gabriel, como você soube após ler o livro. Ela já é mãe, ela tem uma filhinha e descobriu que está novamente grávida. A gravidez a deixou muito feliz. Mas essa alegria durou pouco. Ela está desempregada e o pai da criança, quando soube da gravidez, não gostou da notícia. Ele quer que ela faça o aborto. O marido dela

disse que irá abandoná-la, se ela não interromper a gravidez. Ele quer que ela mate a criança que está gerando.

—Eu nunca vou compreender porque os humanos, principalmente os homens, conseguem matar ou abandonar seus filhos, gerados a sua imagem e semelhança, Senhor...

—Eu sei... eu sei, Gabriel. É a falta de amor. Sem amor, não há compaixão; e, sem compaixão, não há coragem. Sem coragem, não é possível assumir as inúmeras responsabilidades e mudanças provocadas pelo nascimento de uma criança. Eles não conseguem compreender a beleza, a complexidade e o milagre da vida. Algumas mulheres também optam pelo aborto. Mas, para Lauren, Gabriel, isso não é uma opção, e ela teve que fazer uma escolha: ceder à pressão para praticar o aborto e matar a criança que está gerando, ou ficar sozinha. Os demônios ouviram as discussões entre a Lauren e o marido dela sobre isso e conseguiram influenciá-lo ainda mais. Ele está iludido e endureceu o coração, e não ouve o que Espírito Santo lhe diz.

—Então a culpa não é apenas do demônio.

—Não, a culpa não é apenas do demônio. A responsabilidade é do marido dela. O demônio incentivou, implantou “vantagens” em fazê-lo, mas o desejo do aborto nasceu primeiro no coração dele. O marido dela poderia ter dito não a esse pensamento, a essa ideia e não o fez. Ele decidiu que o aborto é a solução. Ou o aborto, ou a separação do casal, sentenciou o marido dela.

—Como quase sempre acontece nesses casos. Na maioria das vezes, o homem, argumentando não ter condições, dinheiro para sustentar a criança, impõe sua condição: ou a mulher faz o aborto, matando o indefeso bebê, ou ele vai embora, separa-se dela. Que crueldade... Ela está convicta da escolha que ela fez, Senhor?

—Sim, Gabriel, ela já se decidiu e está convicta. Foi por isso que eu chamei você até a minha presença...

—Aqui estou Senhor, pronto e disponível, às suas ordens!

—Aprecio a sua lealdade, Gabriel, por isso o chamei.

—Muito obrigado, Senhor, o que devo fazer?

—A Lauren entendeu que se ela fosse amada pelo marido, ele não iria impor a decisão dele, que isso que ele está fazendo não é amor, é egoísmo. Ela também refletiu que não existe nenhuma garantia, que mesmo que ela faça o aborto, para ele ficar, de que o marido dela não irá embora no futuro por qualquer outro motivo.

— Se ele não a ama, provavelmente isso iria acontecer. E teria que

conviver com outra consequência se ela fizesse o aborto: a acusação dos demônios. Há mulheres que depois de terem feito o aborto, nunca mais conseguiram se recuperar emocionalmente. Os demônios são ainda mais cruéis nesses casos; atormentam de todas as formas, colocam pensamentos e, às vezes, até sonhos, mostrando o bebê indefeso, sofrendo enquanto o médico realizava o aborto. Muitas sonham com o bebê morto, repetidamente. Ela tomou uma difícil, mas sábia decisão. — Comentou o anjo.

—É verdade, foi uma sábia decisão. Ela sabe que vai sofrer muito por causa da escolha dela. Na verdade, ela já está sofrendo e está em péssimas condições emocionais e financeiras. Enquanto conversamos, novas lágrimas estão sendo recolhidas e trazidas a todo instante e depositadas no Odro. Você sabe que quando o dinheiro, a esperança ou a saúde deles acabam ou estão ameaçados, eles se lembram de mim e suplicam minha ajuda.

—E foi o que ela fez... e a súplica dela foi ouvida — interrompeu o anjo.

—Ela suplicou e foi ouvida. Ela fez tudo o que poderia ter feito. Nosso plano, Gabriel, será simples e eficiente. Inicialmente, vamos ajudá-la a conseguir emprego e proteger a vida dela e das crianças. Quero que você envie anjos para protegê-la e guardá-la. Ela não deve sofrer nenhuma violência, além da que já esta enfrentando. Não permitirei que ela ou os filhos dela sejam feridos por doenças graves, que falte alimentos e as roupas básicas. Entretanto, ela precisa estar sujeita às mesmas circunstâncias, geradas pelo atual sistema social de onde ela vive, como as demais pessoas.

Contudo, proteja-a também das armadilhas emocionais que as trevas vão colocar na mente dela. Infelizmente ela arcará com as consequências das escolhas feitas no passado. Mas, à medida que ela se deixar conduzir pelo meu Espírito Santo, Ele a ajudará a transformar o futuro dela e do filho que ela está gerando.

—Mas e quanto à filha dela? Ela não será alcançada pela Graça? — perguntou o anjo.

—Será, Gabriel. Ela será alcançada, mas, lamentavelmente, ela amará mais ao mundo do que a mim.

—Lamento, Senhor.

—Eu também, Gabriel, mas é o livre arbítrio, um direito dela. A filha dela, que ainda é pequena, não se renderá ao meu Espírito. Amará o mundo e suas furtas ofertas. Entretanto, a criança que ela está gerando

me amará. Gabriel, eu quero e vou transformar as aflições da mãe dela e das que a família dela vão enfrentar, para produzir neles um caráter inabalável. Pela sábia decisão dela, em não abortar, eu quero honrá-la. Tenho planos para o filho que ela está gerando — eu já o abençoei e o ungi. Através desta criança que vai nascer, o meu Espírito converterá e abençoará muitas pessoas.

Colocarei no coração do filho dela o meu desejo de transformar os ideais em realidade. Mas ele pagará um preço muito, muito alto por isso. Quando as trevas descobrirem que ele é um dos meus ungidos fiéis, elas se levantarão e não o pouparão; ele será atacado por todos os lados. Permitirei que ele seja atingido pelas flechas inflamadas do maligno, mas quando chegar o meu tempo, eu direi basta.

Ele será provado muitas vezes, mas através do aprendizado provocado pelos sofrimentos e pelas humilhações, causados pelas pessoas e pelos demônios, ele, ao fim, terá o caráter e o coração de um verdadeiro pastor e líder. Ele não se corromperá com a fama, com dinheiro ou poder. Após os longos anos de sofrimento e aprendizado por meio das decepções vividas, vou restituir e acrescentar muito além do que vão tirar dele. Ele irá liderar um grande número de pessoas, mas sobre isso falaremos depois.

Por enquanto, o que você precisa saber, Gabriel, é que, na época da provação dele e da assolação pelas trevas, ele será esquecido pelos amigos, traído pelos irmãos, líderes e colegas de ministério. Ele andarà errante. Contudo o desejo de justiça e de fazer o certo nunca se apartará do coração dele, mas a fé e as motivações dele vão esfriar, e não restará ânimo. Depois desse período de tempo, através do meu Espírito, eu o fortalecerei, renovarei as forças dele e ele voará como as águias, e ninguém poderá resistir a sua voz, porque Eu mesmo falarei através dele.

—E com quantos humanos ele poderá contar para ajudá-lo, Senhor?

—Poucos, por isso quero que você prepare as condições para que ele conheça uma pessoa especial, que o ajudará a se tornar um homem sábio e temente a mim. Ele também o ajudará a resgatar a fé, a coragem e será um grande amigo e conselheiro com quem ele poderá contar e o ajudará nas guerras que enfrentarão.

—E quem será essa pessoa que o ajudará, Senhor?

—Meu fiel e amado filho Geoval, que você conhece bem, Gabriel.

—O Professor Geoval?! O que estamos ajudando a enfrentar as

injustiças e decepções que ele também está enfrentando, por causa dos nossos inimigos?

—Ele mesmo! As experiências que o Geoval está passando agora serão parecidas com as que essa criança passará. Por isso, quero que eles se conheçam no futuro. Escolhi o Geoval porque ele usa como poucos usam o dom para ensinar que demos a ele. Ele é a melhor pessoa para ensinar tudo o que meu servo precisará aprender. Mas essa ajuda custará caro ao Geoval também. O que ele está passando no momento o ajudará a enfrentar os problemas no futuro.

—O que provocará isso, meu Senhor?

—A ajuda e o apoio dele a essa criança, quando ele se tornar adulto e, posteriormente, pastor.

—E quando a criança nascerá, meu Senhor?

—Ele nascerá daqui a 7 meses.

—E quanto ao pai dessa criança? Devo fazer alguma coisa?

—Não, não deve. Infelizmente, ele vai quebrar a aliança que fez com a esposa dele. Por isso, retirarei a minha benção sobre a vida dele e ele ficará sujeito à própria escolha que ele fez.

—Quando os demônios perceberem que ele está sem a nossa proteção, eles vão destruí-lo...

—Eu lamento isso, Gabriel, mas foi a escolha dele. Enquanto ele não se arrepender, será como ele decidiu. Agora vá, Gabriel, e cumpra o que lhe foi dito, mais tarde eu lhe darei mais informações sobre como os demais anjos que estão sob seu comando devem proceder quanto ao que conversamos.

—Aqui estou, Senhor, pronto e disponível, e as suas ordens sempre serão cumpridas!

Com a mesma velocidade com que chegou, o fiel anjo voou em direção ao planeta Terra.

Capítulo II

A nossa luta não é contra a carne e o sangue, mas contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestiais. (Efésios 6:12)

O filho da Lauren nasceu. O nome dele é Roger. Apesar das dificuldades, os anos se passaram rapidamente. Ele cresceu, tornou-se adulto, e tudo o que Jesus havia dito aconteceu, ele foi injustiçado, abandonado. Está afastado daquilo que mais ama fazer: ensinar e ajudar as pessoas. Está triste e desmotivado.

Quando chegou o tempo certo, o Espírito Santo enviou o professor Geoval para ajudá-lo. Esse simpático senhor, com pouco mais de sessenta anos, tem uma barriga ligeiramente avantajada, uma calvície própria da idade, dono de uma voz mansa, gestos educados e um sorriso sempre alegre e amável.

Uma pessoa agradável, com muitas histórias para contar, algumas engraçadas, mas a maioria tristes e dolorosas, muitas fruto da própria experiência. Ao longo dos anos, esse homem passou por um pouco de tudo: alegria, tristezas, perdas, ganhos, amores, desamores, amigos e inimigos. Aliás, quantos inimigos — humanos e espirituais. Não se apresse em imaginar que ele é uma pessoa má, um criminoso ou coisa parecida. Talvez você se pergunte então: por que ele tem tantos inimigos?

Se você conseguir a resposta, avise-o, porque ele também quer saber. No fundo, bem lá no fundo, ele sabe. Mas sua alma generosa e seu coração bondoso se recusam a acreditar na maldade das pessoas. Não que ele seja ingênuo, ele sabe que muitas pessoas são más, porém não as de dentro da sua própria igreja, da própria denominação. Insiste em pensar que essas pessoas más são, na verdade, marionetes dos demônios. É verdade, mas é apenas meia verdade, as pessoas também têm sua parcela de culpa pelos seus atos.

Durante anos, esse experimentado professor e pastor de pessoas insistiu em viver da forma que acreditava ser o que Deus espera dele.

Ele não pensa nisso como um sacrifício, mas como um privilégio ter recebido de Deus uma missão: cuidar de pessoas, ensiná-las a entrar e a permanecer no reino de Deus. Ele diz que Deus não exige, contudo esperava que ele fizesse a diferença na vida de algumas pessoas. Por isso, pelo seu amor ao seu Deus, nunca o decepcionou, pelo menos não espontaneamente.

Sua dedicação como pastor e também como professor, aos poucos, foi sendo alvo da observação no mundo físico e no mundo espiritual, tanto das pessoas que estavam ao seu lado, invejando seu lugar e status, como dos demônios, que não suportam um ungido fiel. Ele nunca foi como muitos pastores que propagam aos quatro ventos que são ungidos e, muitas vezes, não o são. Ao contrário, ele é do tipo discreto, que faz tudo o que está ao seu alcance — jejua, ora e se santifica, não se deixando seduzir ou se corromper. E a todos que cruzam seu caminho, esforça-se para abençoar, sem pedir nada em troca, sem se promover.

Fiel e dedicado como pastor, como professor, tornou-se doutor na sua área de atuação, mas isso não lhe impedia de ser humilde e perceber a necessidade de seus alunos e das pessoas e ajudar a todos com quem se relacionava. Foi essa preocupação e percepção da realidade que motivou esse homem de Deus, após ouvir a voz do Espírito Santo, a sair do conforto da sua casa, numa noite fria de inverno, a ir atrás de um ex-aluno da Universidade, onde esse pastor e professor ainda leciona.

Ele vestia um casaco longo que o protegia da neve que começava a cair e do frio rigoroso. Depois de descer do taxi, parou na calçada e retirou do bolso do casaco um pequeno pedaço de papel onde havia anotado o endereço. Após ter certeza de que estava no lugar certo, o professor Geoval parou em frente ao prédio e, antes de tocar a campainha, fez uma pequena oração em pensamento.

— “Pai, aqui estou, fazendo a tua vontade. Que não sejam as minhas palavras, mas que o teu Espírito Santo coloque no meu coração e na minha boca as palavras que o Senhor quer que eu transmita ao teu servo. Eu oro em nome do seu amado filho Jesus. Amém”. — Depois, falando baixinho, em voz audível, mas quase imperceptível, suficiente apenas para que o mundo espiritual fosse tocado, ele disse:

— “Eu repreendo e expulso desse lugar, em nome de Jesus, enquanto eu estiver aqui, todos os demônios, independentemente da autorização que eles tenham para estar aqui. Eu vou entrar nesse prédio, e todo

lugar que os meus pés pisarem será santo, pela presença do meu Deus, e eu o convido, Espírito Santo, venha comigo e me capacite...”

Você imagina o que aconteceu depois dessa oração?

Parecia que uma trombeta havia sido tocada. Na verdade, ela foi tocada. Antes de o experiente professor terminar sua pequena oração, os anjos olharam para o céu, já esperando a resposta do Altíssimo. Imediatamente, do trono do Todo Poderoso, do Deus Criador do céu e da terra, uma ordem foi enviada imperceptível a qualquer humano, mas inconfundível para os guerreiros celestiais. Instantaneamente os anjos atenderam à convocação.

Os anjos chegaram naquele local, vindo de todas as direções, pareciam com chuvas de meteoritos ou cometas, mas com a mesma cor e brilho das estrelas. Em uma velocidade espantosa, centenas de guerreiros celestiais chegaram voando de todas as direções do céu e se colocaram em posição de combate, fortalecendo os demais anjos que acompanhavam ao redor o frágil e fisicamente indefeso professor. Entretanto muito forte espiritualmente.

A aparência dos anjos guerreiros que chegaram após a oração do professor, em nada lembrava os anjinhos pintados pelos humanos, com olhinhos azuis, cabelos encaracolados e duas asinhas. Suas roupas, esvoaçantes e longas, eram predominantemente brancas, mas havia diversos deles usando tons azul-claro, verde, amarelo e demais cores. Todos usavam um cinto de ouro puro, quase transparente, que segurava uma longa espada.

Os cabelos deles eram mais compridos do que os usados pelos humanos, de cor e forma distintas. A cor de pele deles era variada: alguns lembravam os pardos, outros os asiáticos, os negros, os louros e as demais etnias. Tinham a altura também variada, mas todos eram maiores do que os humanos — mediam entre 2,80 a 3,50 metros de altura, aproximadamente. A exceção era o líder, o mais alto deles.

Após a oração do professor e a autorização do Altíssimo, o tempo que os anjos guerreiros levaram para chegar até o prédio foi o mesmo da duração de um relâmpago no céu. Em segundos eles chegaram atravessando as paredes do prédio onde o professor estava e, rapidamente, sem perda de tempo, executaram a ordem que tinham recebido do Deus Todo-Poderoso.

Por outro lado, não eram poucos os demônios que estavam ali espalhados nos diversos andares do edifício. Eram muitos, mas os espíritos atormentadores se destacavam pela quantidade e sutileza

com que atuavam. Entre os demônios atormentadores se achavam os espíritos viciantes nas drogas, cigarros, bebidas e jogos, demônios da violência, da lascívia e do desequilíbrio emocional. Quando os demônios perceberam o que estava acontecendo, imediatamente se organizaram em bandos, atacando os anjos de diversos lados, como uma maneira de surpreender e fazer que os anjos ficassem confundidos e sem reação inteligente para a batalha.

Contudo a estratégia não deu certo, os demônios vieram por diversos lados, tentando espremer os anjos, como se estivessem dentro de um círculo. Mas, ao invés de ficarem sem ação, os guerreiros celestiais desembainharam suas espadas, e elas pareciam estar pegando fogo, mas o fogo não as consumia. As espadas flamejavam e, como se estivessem cortando folhas de vegetais em uma selva, os guerreiros celestiais avançaram em direção aos demônios e, em segundos, o que parecia que seria um massacre dos demônios sobre os anjos, revelou-se o inverso.

Os demônios, com suas cores escuras, garras e espadas também nas mãos, avançaram contra os anjos, certos da vitória. Mas a luta foi uma exibição de superioridade hierárquica. Depois de alguns minutos após a chegada dos anjos, havia pedaços de demônios esparramados por todo o quarteirão. Imortais, eles não estavam mortos e não iriam morrer, mas isso não os isentava de sentir dor e necessitar de muito tempo para voltar ao combate. Além da dor, os demônios teriam que conviver com a chacota dos demais demônios, pela estupidez de enfrentar, despreparados, os guerreiros celestiais. Após o rápido combate, o anjo Vésper, que liderava aqueles anjos, não se deu ao trabalho de falar com os inimigos, enviou outro anjo, que voou até o chefe daqueles demônios, o qual estava acompanhado dos demais demônios que recuavam, e disse, com autoridade e em alta voz:

—O prédio é nosso e vai ficar separado enquanto o Geoval, servo do Altíssimo, permanecer aqui. Não vamos permitir confusão, interrupção ou qualquer tipo de perturbação. Depois que ele sair, devolvemos o prédio. Se vocês se aproximarem, serão expulsos. Por isso, pedir reforços será uma tentativa inútil. A ordem está dada.

Capítulo III

**Não são os anjos, todos eles, espíritos ministradores,
enviados para servir a favor dos que hão de herdar a
salvação? (Hebreus 1: 14)**

O anjo falou e voltou a sua posição, sem esperar resposta. Não estava propondo acordo, estava impondo a condição aos demônios. O servo do Altíssimo, o professor Geoval, estava ali em uma missão e não deveria ser interrompido, e eles estavam lá, para garantir que seria assim. Os demônios praguejaram e ficaram atônitos com a rapidez dos acontecimentos e da derrota humilhante.

Como poderiam imaginar que aquele homem, sozinho, representava tanto perigo? Deviam ter prestado atenção que havia mais de um anjo ao redor dele, acompanhando-o, para garantir a segurança dele. “Que distração desastrosa” — lamentaram os demônios, pois isso seria uma dica que poderia ter feito diferença, mas agora era tarde. A batalha havia acontecido, e o demônio responsável por aquela parte do bairro, com todos seus auxiliares, foram derrotados. Isso também gerou outra pergunta: quem eles estavam procurando naquele prédio? Seria aquele ex-pastor?

Não tendo como se opor, os demônios, que recuavam e ainda estavam voando, lançaram-se num voo rasante para baixo, até atingirem a calçada, e continuaram até chegar nas profundezas da terra, onde habitavam, deixando um rastro para trás, como se fosse uma fumaça escura. Os demais demônios fizeram a mesma coisa.

Depois de se certificarem de que os demônios estavam longe dali, os anjos começaram a se reunir a poucos metros acima do último andar do prédio em que o Geoval estava. Invisíveis aos olhos humanos, flutuando no ar, os anjos começaram a se encontrar. O primeiro anjo que apareceu foi o grande e valente Vésper. Depois que todos eles estavam reunidos, chegou o anjo Gabriel. Foi uma grata surpresa a todos. O anjo Vésper, como os demais ali, ficaram impressionados e curiosos. E, não era à toa.

O que o poderoso anjo Gabriel, que assiste e sempre está na

presença do Deus Altíssimo, que recebe ordens diretamente Dele, estaria fazendo ali, naquele bairro simples? O anjo Gabriel raramente é enviado à Terra. A Bíblia menciona, no capítulo oito do livro de Daniel, que, certa vez, quando o profeta Daniel teve uma visão sobre acontecimentos futuros e não entendeu o que viu, foi ao anjo Gabriel que Deus deu ordens para falar com o profeta e explicar a visão. Quando o anjo se aproximou de Daniel, ele ficou tão aterrorizado com a presença do anjo Gabriel, que caiu e desmaiou. Só depois que o anjo o tocou, ele recuperou os sentidos e as forças, mas, ainda assim, ficou exausto fisicamente e precisou de vários dias para se recuperar.

Depois de muitos anos, já no Novo Testamento, a Bíblia menciona, no Evangelho de Lucas, no capítulo primeiro, que o anjo Gabriel foi enviado para anunciar o nascimento de duas crianças. Primeiro, Gabriel foi até o sacerdote Zacarias, marido de Isabel, descendente de Arão. Eles já eram velhos e não tinham filhos, porque Isabel era estéril. Gabriel apareceu diante de Zacarias e avisou que eles iriam ter um filho, e que esse filho seria o maior profeta de todos e ainda deu ordens sobre o nome que eles deveriam dar à criança que iria nascer: João Batista.

Zacarias, como o profeta Daniel, quando viu o anjo Gabriel, também ficou espantado e com muito medo. Mas Zacarias cometeu um erro: duvidou das palavras anunciadas pelo anjo Gabriel e, por isso, ele deixou Zacarias mudo, completamente incapaz de falar, até que a criança nasceu. Então ele creu e voltou a falar.

Seis meses após ser enviado para falar com Zacarias, o anjo Gabriel foi novamente enviado em outra missão especial: foi até Nazaré, numa pequena cidade, que se parecia mais com uma aldeia, para anunciar a uma moça, a virgem Maria, que ela conceberia. Ele explicou que ela iria engravidar do Espírito Santo e ordenou que o nome da criança fosse Jesus, o Nosso Senhor e Salvador! Ao contrário de Zacarias, Maria acreditou e disse ao anjo:

—Eu sou serva do Senhor, cumpra-se em mim conforme a tua palavra...

Por isso, os anjos estavam curiosos. O que Gabriel faria ali? Vésper foi o primeiro a se aproximar dele. Apertaram as mãos, segurando cada um no punho do outro, e depois se abraçaram. Vésper perguntou:

—A que devemos a honra Gabriel?

—A honra é minha amigos — respondeu Gabriel. O demais anjos vieram cumprimentá-lo também.

—Saudações, caro amigo — disse Sírius, outro anjo. — Estou enganado, ou você não está apenas passeando? — Ele disse rindo, como que fazendo uma piada. Sabia muito bem como o anjo Gabriel era requisitado e ocupado no céu.

—Realmente, não estou passeando — o anjo Gabriel esboçou um sorriso ao responder.

—Então, estamos prestes a receber ordens do Altíssimo Deus, para uma missão especial? — perguntou o alto e forte Prócion.

—O Rei dos Reis me enviou pessoalmente até vocês, porque esse assunto é muito sério. — Os anjos passaram a ouvi-lo com mais atenção.

—E quem vamos proteger? — adiantou-se a perguntar Vésper — o experiente pastor Geoval ou o novato...

—O nome do novato é Roger. Vocês estão, a partir de agora, oficialmente responsáveis pelo novato e, dentro de alguns dias, pelos dois rapazes que serão reunidos a ele. O pastor Geoval, receberá a proteção especial de um arcanjo.

—Ora, ora — comentou Sírius, muito interessado nas explicações — pelo jeito, fomos convocados para uma missão nível sete!

—Por que estamos aqui? Quem está orando? — perguntou Prócion.

—O Geoval. Ele está orando e jejuando. O Espírito Santo falou com ele.

—Qual é a gravidade da situação?

—Os inimigos conseguiram infiltrar um satanista na liderança da Igreja... Ele é atualmente o presidente da denominação.

—Como isso foi possível? — perguntou Sírius, impressionado.

—Não foi tão difícil como deveria, mas o problema não é apenas esse. Os demônios estão preparando os planos para o reinado do anticristo. Logo, com o avanço da tecnologia, eles vão eliminar os cartões de crédito, os cheques e até o dinheiro. Ninguém na Terra poderá comprar ou vender sem a marca da besta, ou seu nome, ou o número do nome dela. Será uma espécie de chip ou micro cartão de crédito e débito inserido na testa ou na mão direita das pessoas.

—O profeta disse que o número da besta é 666. E todos serão obrigados a adorar a besta. Quem se recusar será morto — disse Prócion. — Estamos prontos para a grande batalha final! — ele exclamou e levou a mão sobre a espada.

—Acalme-se, ainda não chegou o tempo deles, mas está próximo.

Realmente, isso foi revelado e está registrado no Apocalipse, no capítulo 13. No momento, Lúcifer está trabalhando pessoalmente na Europa. A crise econômica que temos visto irá se agravar. A crise financeira facilitará a ideia e a aceitação de que a União Europeia precisa se tornar completa.

—Por favor, explique melhor Gabriel — pediu Prócion.

—A união dos países europeus é aduaneira e monetária, mas não é fiscal, nem política... Então, as soluções se tornam difíceis. Por outro lado, nos Estados Unidos, o déficit público deles está muito grande, a dívida pública está crescendo de forma espantosa... está enorme e, apesar de possível, não há concordância entre os políticos americanos para uma solução.

—Entendi... logo o anticristo surgirá como um político, que se tornará o único líder para a união europeia e depois irá tentar dominar o mundo todo!

—E eles precisam da Igreja, para a união religiosa... para dar poder à besta...

—Poder religioso que virá da igreja... das religiões... para um único líder religioso que estará sujeito ao líder político, o próprio anticristo.

—Mas o tempo deles ainda não chegou. Por isso, vamos impedir!

Enquanto os anjos conversavam, e sem ter a mínima ideia, do que a sua rápida oração havia provocado no mundo espiritual, após se identificar pelo porteiro eletrônico, o professor Geoval entrou calmamente no elevador, cantarolando baixinho um hino de louvor a Deus, até o andar que queria e, quando chegou, apertou a campainha do apartamento. A porta se abriu e...

Capítulo IV

Os propósitos de Deus e a visita profética

—Professor Geoval, é uma honra recebê-lo em minha casa! Por favor, entre! — Enquanto se abraçavam, o professor disse:

—O prazer é meu, Roger, estava preocupado com você. Eu não me contive em receber notícias apenas por e-mail, por isso pedi para vir visitá-lo.

—O senhor não precisa pedir para me visitar. Ah... deixe-me apresentar minha esposa!

—Senhora Vilche, é um prazer conhecê-la!

—Muito obrigada, professor, a recíproca é verdadeira. Por favor, sente-se aqui.

—Muito obrigado. Enquanto o professor se acomodava no humilde sofá, os Vilches sentaram-se no outro sofá, de frente ao ilustre visitante.

—Professor, eu quero agradecer a sua visita e preciso dizer que as atitudes do senhor me constrangem...

—Não precisa agradecer. Mas por que você ficou constrangido, meu filho?

—Professor, o senhor sabe muito bem que nenhum professor vai à casa de aluno, muito menos de ex-aluno.

Com um sorriso simpático e amável, ele retribuiu a gentileza:

—Mas você sabe que você não é apenas um ex-aluno, mas como um filho para mim, Roger!

—Eu sei professor, mas também sei que não sou filho único, o senhor está sempre tentando ajudar alguém!

O comentário do Roger provocou risos, todos ali sabiam do pastor que havia por trás daquele professor. De fato, um tipo de pastor que não se vê com muita frequência ultimamente. Ele quase adotava, realmente, tantos quantos ele podia ajudar.

—Eu tento fazer o que está ao meu alcance, mas, na maioria das vezes, não é o suficiente. Eu gostaria de poder fazer mais — respondeu o professor.

—Eu não tenho do que reclamar — respondeu Roger, demonstrando

gratidão e tentando mostrar que o professor estava sendo injusto com ele mesmo.

—Eu sonhava em cursar uma faculdade, mas era um sonho impossível, e foi o senhor que me deu condições de estudar...

—No seu caso, filho, eu não fiz nada do que qualquer um faria ao reconhecer um talento. Apenas lhe dei uma oportunidade. Consegui lhe indicar para uma bolsa de estudos, todo o resto foi você quem conseguiu. Você sabia que você continua sendo a pessoa mais jovem a conseguir o título do doutor em teologia?

O tom de voz do Roger agora era nitidamente diferente — da alegria, ele passou imediatamente para um tom rancoroso.

—Não sabia. Depois de todos esses anos afastado de tudo e de todos, eu não quero me lembrar de mais nada! O que eu não consigo esquecer são todos os problemas que eu lhe causei, professor. Eu lamento ter lhe causado tanto prejuízo, eu me culpo muito por isso. Sei que hoje o senhor certamente estaria na reitoria da Universidade e, por minha causa, quase conseguiram impedi-lo de lecionar, sem mencionar as calúnias de desvio de dinheiro e outras falcatruas que eles inventaram contra o senhor e que, graças a Deus, conseguiram descobrir os verdadeiros vigaristas.

Seguro de si e com convicção, o professor respondeu:

—Eu não penso assim, filho, e já lhe disse milhões de vezes: tudo o que eu fiz por você, eu faria de novo!

—Pois eu jamais faria nada daquilo, professor. Foi uma loucura, uma criança enfrentando um gigante, e o senhor não deveria ter comprado a minha briga. O senhor já sabia qual seria o resultado!

—Pelo que estou entendendo — disse Kendra, a esposa do Roger — vocês dois estão iniciando um novo capítulo de uma história inacabada e, além de não querer interromper, não quero perder nenhum detalhe. Então, quero saber dos dois, o que preferem beber para continuarmos a conversa, suco, refrigerante ou chocolate quente?

—Chocolate quente — responderam os dois, ao mesmo tempo, como se tivessem recitando algum jogral e caíram na gargalhada pela coincidência.

—Já entendi, eu volto logo, me esperem.

Em um apartamento pequeno como o que o casal morava, mesmo que ela quisesse demorar, seria impossível. O chocolate já estava pronto em uma garrafa térmica, foi necessário apenas pegar as xícaras, o pacote de cookies e retornar à também pequena sala, onde eles

conversavam.

—Aqui está, primeiro para o senhor, professor — disse Kendra, enquanto entregava a xícara com a bebida a ele.

—Muito obrigado. O Roger já havia feito propaganda do chocolate quente que a senhora faz.

—Muito obrigada. Mas pode me chamar de você, professor. Então, onde vocês pararam?

Em um clima mais descontraído pela interrupção, o chocolate e os cookies, o simpático professor disse:

—Que Davi venceu o Golias!

—Não! — protestou Roger — Falávamos sobre os problemas que eu causei a sua família e a sua vida profissional, professor! — O tom de lamentação e tristeza havia voltado.

—Roger, tudo o que eu passei foi doloroso e não desejo isso para ninguém. Mas você precisa entender que tudo o que aconteceu faz parte de um projeto de restauração de Deus, maior do que eu e você podemos descrever!

—Desculpe, professor, mas eu não entendi...

—Eu sempre soube que Deus estava abençoando você, Roger. Eu também conhecia seu coração, seus desafios e sua vontade de ajudar as pessoas. Quando você pediu a minha opinião sobre o livro que pretendia escrever, eu imediatamente percebi que era a mão de Deus. O livro seria um sucesso e traria reflexão sobre a necessidade de os cristãos ajudarem os pobres e excluídos, os desfavorecidos.

Seria uma exortação para o povo cristão e talvez a maior reforma social que já se experimentou nesse país, sem nenhuma participação do governo, apenas do povo de Deus! Seria um resgate da fé acompanhada pelas obras, como está escrito no livro de Tiago! Se conseguíssemos colocar aquilo em prática, talvez influenciaríamos todas as Igrejas ao redor do mundo. A Igreja do Senhor se levantaria para, em comunhão com os irmãos de todas as denominações, diminuir a fome e depois acabar com a fome no mundo.

—Seria até possível — lamentou-se Roger — apesar de sabermos que levariam décadas, para todas as Igrejas acordarem e perceberem que isso não é uma utopia, como querem nos fazer acreditar. Mas ainda teve a minha burrice, após escrever o livro, de pedir para o genro do pastor presidente me ajudar a publicar o livro.

—A sua ideia era boa, Roger. Além de amigo, ele era seu líder espiritual. Era natural você pedir autorização ao Pastor Jackson antes

de vincular o livro à igreja de que você era pastor auxiliar. Você não tinha como imaginar que ele iria registrar o livro como se fosse dele e receber todos os méritos por isso — respondeu o professor Geoval.

—Isso realmente nunca me passou pela cabeça.

—Como também não lhe ocorreu que um homem na posição do pastor Jackson pudesse ter uma amante — completou o professor.

—Também não, professor. Se, naquela época, antes de entregar o livro, eu já soubesse que ele tem uma amante e que a sustenta com o dinheiro dos dízimos e ofertas da igreja, eu jamais teria confiado nele.

—Mas você foi enganado, você não foi ingênuo. Concorda?

—Concordo — respondeu Roger, completamente desanimado. — Me lembro como se fosse hoje. Eu descobri por acaso que ele mantém um caso extraconjugal com a irmã de um rapaz da igreja, lá na sede, onde eu ajudava a pastorear.

—Ela também é da igreja?

—Não professor ela não, nem o irmão dela era. Ele se converteu depois de alguns anos que a irmã dele estava envolvida com o pastor Jackson. Ele estava deslumbrado com a fé e a nova vida que descobriu com a conversão. Imagine a decepção dele ao descobrir que o pastor presidente da igreja onde ele se converteu era o amante da irmã dele.

—Eu imagino a decepção dele — respondeu o professor.

—E a minha... também, professor. Foi uma decepção atrás da outra. Eu já vinha cobrando uma resposta sobre o livro há bastante tempo, mas ele sempre dizia que não tinha terminado de examiná-lo por causa dos compromissos como pastor-presidente.

—Pastor-presidente interino, interrompeu o professor.

—É verdade, mas como eu estava dizendo, eu já desconfiava de que alguma coisa estava errada, mas pensei que ele não estava gostando do livro, achando chato e inadequado, ou qualquer coisa assim.

—Você comprovou as informações sobre essa suposta amante dele, Roger?

—Sim comprovei. Por meio de um aconselhamento pastoral que eu fiz ao irmão da amante dele. O rapaz me mostrou várias fotos dos dois juntos e algumas gravações secretas de sexo, que ele conseguiu fazer, sem que os dois soubessem que estavam sendo gravadas.

—Acho estranho ele ter essas provas, ninguém no lugar do pastor Jackson, iria se arriscar assim. Você não acha que essa amante do pastor Jackson pode ter ajudado a fazer as gravações e as fotos?

—Isso eu não sei, não tenho certeza, professor. Eu cheguei a

pensar nisso, mas como eu não fiquei com nenhuma prova e já estava desmoralizado perante a igreja e a liderança, achei melhor esquecer tudo isso.

— Isso é diabólico, Roger. Eu tenho alguns motivos para pensar que o pastor Jackson é um satanista infiltrado em nossa igreja. Eu tenho informações de que eles estão treinando e preparando diversos de seus integrantes, para assumir a liderança das igrejas no mundo todo, para depois desmoralizá-las e assim dispersar as pessoas, envergonhar e ridicularizar a mensagem do Evangelho. Provavelmente por escândalos que irão acontecer no futuro. Precisamos descobrir o que ele pretende e impedi-lo!

— Por que o senhor acha que isso é possível?

— Porque recebo informações de várias fontes. E como pode uma pessoa sem caráter liderar milhares de pessoas e demais pastores? Se nós tivéssemos como provar isso, daríamos um fim a essa situação. Seria o fim desse falso pastor e evitaríamos que milhares de cristãos se desviem da fé, por causa dos escândalos e das decepções que terão, caso minha percepção e informações estejam corretas. Se não fizermos nada, poderá ser o fim da fé de muitas pessoas, não podemos permitir isso — disse o professor.

— É... mas, infelizmente, o meu fim aconteceu primeiro. Eu perdi o controle quando fiquei sabendo que ele registrou o livro, como dele, como se fosse ele quem o tivesse escrito.

— É compreensível, filho, qualquer pessoa no seu lugar se sentiria traída.

— Para piorar, o senhor tentou me ajudar e quase foi despedido e processado, tanto como pastor, quanto como professor, porque a Igreja controla a Universidade também.

— É, foram tempos difíceis, mas eu ajudei você no livro e era a única pessoa que poderia provar que você não estava louco ou inventando fatos. Aliás, você já sabe que o seu livro se tornou Best Seller nessa semana?

— Meu livro não, professor, o livro é do Pastor Jackson agora. Mas eu não sabia, nem sei o que dizer sobre isso.

— Mas eu sei e digo: quem foi capaz de escrever o primeiro livro será capaz de escrever o segundo — retrucou o professor.

— Não sinto vontade nem de responder a e-mails, quanto mais escrever um outro livro... Eu fui praticamente expulso da Igreja como mentiroso, desmoralizado e humilhado, porque ninguém acreditou

que eu que havia escrito o livro. Fui convidado a me retirar da Igreja Sede. Não sobrou nenhum amigo, nenhum irmão, nenhum colega de ministério, nenhuma ovelha, apenas minha mulher e o senhor, professor. E vocês dois pagaram caro por isso. Aliás ainda continuam pagando...

— Isso não importa mais, Roger, pelo menos não por enquanto. O que você precisa saber é que ele está mais perto de assumir definitivamente a presidência geral da nossa denominação e da Universidade, porque o Pastor Kevin, o sogro dele e presidente de fato, está doente e cada vez pior. O Kevin entendeu como uma revelação divina a mensagem do livro, e que isso foi um sinal de Deus de que o escritor deve ser o próximo líder da nossa Igreja e quem irá conduzir o povo que Deus lhe confiou. O problema é que ele pensa que foi o genro dele quem escreveu o livro.

— Eu não sabia disso. Por que o senhor está me contando isso agora?

— Porque não convinha e Deus não me permitiu falar antes. Mas, se isso for de fato um sinal de Deus, o novo líder será aquele que escreveu o livro. No caso, você, caso o pastor Kevin esteja certo.

— Eu não creio nisso! Acho que ele disse isso por já estar fragilizado pela doença.

— De qualquer forma, é necessário ouvir a voz do Espírito Santo...

— Claro, que eu saiba o pastor Kevin sempre foi um homem honrado e temente a Deus. Os médicos continuam sem entender o que aconteceu com ele?

— Até agora não. Segundo os médicos, ele tem alguma doença rara que lhe provocou o coma. Não é possível saber se ele acordará desse coma ou não.

— O senhor o conhece há muito tempo, não é professor? Ele sempre foi um verdadeiro homem de Deus?

— Realmente foi e ainda é, Roger. Eu o conheço desde os tempos em que nós éramos jovens e solteiros. Nós sempre fomos amigos e foi ele quem me ajudou a não ser devorado, nas horas difíceis que você mencionou.

— Que tragédia!!! Um homem de Deus sendo ludibriado por um impostor que, além de se promover graças à repercussão do livro no meio evangélico, faz o pastor Presidente pensar que deve ser ele quem deve substituí-lo. Se ao menos ele estivesse usando o prestígio que ganhou com o livro para mover os cristãos a se lembrarem de que, perante Deus, eles tem sua parcela de responsabilidade em ajudar os

pobres, eu ficaria até conformado. Mas tudo o que ele está fazendo é se projetar como líder evangélico no país, para assumir a presidência das nossas igrejas e o comando da Universidade. E sabe o que é pior?! Ele já conseguiu; é só uma questão de tempo. Na prática, ele já é o presidente, falta apenas oficializar, e depois ele vai ter não apenas prestígio, como também terá o poder, vai ser quase idolatrado pelo povo.

—Mas — interrompeu o professor — satanás também desejou ter o poder, ser adorado, e você sabe o fim da história, Roger.

—É, eu sei, mas acho que Deus ultimamente não pune as pessoas tão rapidamente como no passado. Por isso, acho que vem muito estrago pela frente.

—Eu concordo que muito estrago vem pela frente, mas discordo de que Deus não age rapidamente. Tudo acontece no tempo certo. Já se passaram alguns anos, Roger, desde que tudo isso aconteceu com você. Já está na hora de você voltar à linha de frente, como capitão do povo do seu Deus.

Com um sorriso forçado e agora um tanto contrariado, o Roger respondeu:

—Professor, eu reconheço tudo o que o senhor fez por mim. Que o senhor realmente é um tipo de Barnabé bíblico, aquele que foi atrás de Paulo, cuidou dele, o inseriu entre os irmãos e o ajudou a assumir os planos que Deus tinha para a vida dele, até o ponto de ele ficar apto para andar com os próprios pés e ter feito tudo o que fez. Depois de Jesus, quem mais contribuiu para a pregação do evangelho foi o apóstolo Paulo, mas...

—Mas o quê? — interrompeu o professor.

—Apesar da sua insistência, professor, eu não sou um Paulo do século XXI.

—Não é não?! E por que não é? — perguntou o professor, como que sabendo que estava jogando álcool em uma ferida aberta, mas que iria conseguir o que queria. — Quantas pessoas nessa rua sabem que você é pastor? Uma? Apenas a sua mulher? Por quê? Por que você ainda esconde das pessoas desse bairro quem você é realmente?

Com uma tensão maior do que poderia suportar, como se fosse explodir por dentro, devido a sua própria frustração, o Roger desabafou:

—Eu posso não saber mais quem eu sou, professor, mas sei muito bem quem eu não sou. E com toda a segurança do mundo, eu não sou a pessoa que o senhor pensa. Eu lamento muito. Gostaria de ser, mas

não sou. Eu sou apenas um fracasso.

Com um leve sorriso nos lábios e a mesma aparência simpática e paternal de sempre, o experiente professor disse:

—Você está medindo seu potencial pelos métodos do mundo, filho. Eu não o culpo, mas, no reino de Deus, a forma de se medir o potencial de uma pessoa é diferente do mundo capitalista. Na nossa sociedade, o sucesso é medido pela quantidade de conquistas materiais e reconhecimento. Se estamos na mídia, se somos famosos, ricos ou poderosos. No reino de Deus, o maior deve servir ao menor.

—Mas não é o que eu vejo na prática professor — interrompeu o Roger.

—Eu sei disso, filho, mas não é porque quase todo mundo age de determinada forma que vamos fazer igual. No reino de Deus é diferente, filho, e é nesse reino que eu e você estamos. E, caso você tenha se esquecido, vou dizer o que significa sucesso no mundo espiritual: significa estar sujeito a passar o que um homem como José, um dos filhos de Jacó, passou — ser vendido como escravo pelos próprios irmãos, depois foi caluniado por um adultério que não praticou, foi preso e ficou anos na prisão, para somente depois do tempo de Deus, ser transformado em José no Egito, o segundo homem mais poderoso da sua época.

Ser bem sucedido no nosso mundo espiritual, Roger, significa, talvez, passar pelo que um homem como João Batista passou, ele era da linhagem dos sacerdotes, filho de sacerdote, seria, no futuro, sacerdote no templo, mas precisou se despir das lindas roupas e desejosas comidas e mordomias do templo, para se vestir com pele de animais, morar no deserto, comer gafanhotos e mel e ser profeta de Deus para a sua geração. E depois de dizer apenas a verdade, teve sua cabeça cortada por causa de uma dancinha sensual, de uma moça endemoninhada.

Enquanto o professor narrava o sofrimento, a traição e as demais aflições sofridas pelos homens de Deus ao longo da história do cristianismo, os anjos vigiavam, para garantir que não ocorresse nenhuma interrupção dos demônios, mas prestavam atenção na conversa que estava acontecendo naquela pequena sala de apartamento. Os anjos perceberam a presença Divina e mudaram a postura de guerreiro em guarda e, flutuando no ar, ajoelharam-se e reverenciaram aquele que estava lá todo o tempo, mas que, a partir daquele momento,

deixava-se ver e perceber.

Os guerreiros estavam como o pássaro beija-flor e, parados no ar, ajoelharam-se diante da presença do Espírito Santo. Ele fez um gesto e todos os anjos guerreiros imediatamente se levantaram, aguardando por qualquer nova ordem.

O Espírito Santo sorriu ao ouvir as palavras de que o professor Geoval disse ao jovem Roger.

—Estão gostando de ouvir as palavras do professor Geoval? — perguntou o Espírito Santo aos anjos, apenas para conversar, porque sabia o que cada um deles pensava.

—Ele certamente recebeu o dom da palavra do Senhor, as palavras dele lembram as suas — disse o anjo Gabriel.

—Você está certo, Gabriel. Nós realmente demos a ele o dom da palavra, mas também demos o dom do amor, e ele me alegra porque faz a nossa vontade e porque a cada dia ele se torna melhor, ajudando mais e mais pessoas ao seu redor. Mas o Roger está muito machucado. Vou começar um processo de cura nele, que não será instantâneo. Ele irá precisar da ajuda de vocês.

—Estamos em guarda e esperando novas ordens sobre isso, Senhor.

—Eu sei... ouçam e prestem atenção no que ele vai dizer agora.

Enquanto os anjos ouviam o que o professor dizia, o Espírito Santo foi aproximando-se do Roger.

Sem saber o que se passava no mundo espiritual, tão perto e tão real deles, o professor continuava a falar. À medida que o Espírito Santo se deixava sentir também pelo professor e pelo Roger, a conversa começou a mudar de tom. Tanto o coração do professor como o coração do Roger e da esposa dele começaram a se aquecer e a se aquietar. As emoções foram tocadas, não apenas pela delicadeza e pelas feridas provocadas no passado, mas também porque os humanos naquela sala não diziam, mas sentiam, cada um deles, a presença inconfundível de amor e de poder do Espírito Santo.

As palavras na mente do professor Geoval, inspiradas pelo Espírito Santo, brotavam sem esforço, e cada nova palavra era mais verdadeira e profunda do que a anterior. A esposa do Roger, sentada ao lado do marido no sofá surrado pelo tempo, procurava esconder as primeiras lágrimas que lhe brotavam nos olhos.

O Roger já havia tido experiências com Deus no passado, mas há muito tempo o céu estava mudo para ele, pensava. Porém, ele percebia que estava sendo, através da visita do seu antigo professor e conselheiro,

visitado novamente por Deus. O coração dele batia rapidamente e um repentino calor aumentava sua temperatura corporal.

Seus lábios estavam secos e tinha a sensação de que quase podia sentir o calor do seu próprio sangue circulando pelas veias. Suas emoções estavam sem nenhuma possibilidade de controle. Ele sabia disso, já havia sentido isso incontáveis vezes no passado. Então se limitou apenas a chorar baixinho, enquanto se esforçava para ouvir o que seu antigo mestre tinha a dizer. O professor Geoval continuou a falar:

—Eu poderia lhe falar, Roger, de Jeremias, de Estevão, de Paulo e Silas na prisão, mas sinto que o próprio Deus já está falando com você, filho. O próprio filho do nosso Deus, o nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, também foi traído, humilhado e crucificado. Roger, Deus não nos livra da fornalha de fogo, ele entra conosco e lá dentro, no tempo de Deus, nos tira de lá. A nossa sociedade, Roger, está cega e monopolizada para conseguir o sucesso a qualquer custo, mas nós, servos de Deus, não somos chamados para ter sucesso ou ser um sucesso, somos chamados para sermos fiéis, não para sermos aplaudidos pelo mundo ou pelas pessoas. Até no nosso meio evangélico sofremos pressão para ser um sucesso, para ter a melhor igreja e o maior número de fiéis, mas não deve ser esta a motivação em nosso coração, mas sim a de fazer a obra do Senhor, da maneira do nosso Senhor. Então, Roger, acho que você precisa rever seus conceitos de sucesso e fracasso perante o nosso Deus, porque, para Ele, quando somos perseguidos é que estamos no caminho certo, quando incomodamos os demônios, os principados e as potestades, a corrupção e as injustiças sociais desse mundo globalizado. Quem você tem incomodado, Roger? Por que você foi massacrado como foram alguns servos do Altíssimo no passado?

Eu compreendo que o Senhor está falando com você, porque um novo tempo se aproxima, Roger, mas ainda haverá muitas lutas e desgastes, e você precisa estar forte, preparado e motivado. Lembra-se de quantas vezes Deus falou para Josué “esforça-te”?

O chamado para servir a Deus é um sonho que vira pesadelo para muitos de nós, pastores, porque os demônios não estão brincando e usam tudo e todos que conseguem para trazer cansaço, decepção, traição e solidão entre outras tantas coisas. Poucos conseguem cumprir o chamado de Deus e se sentem culpados por isso. Há ainda igrejas que produzem pastores em serie, sem preparo, sem ajuda, para serem, sem saber, verdadeiros profissionais do púlpito. Estes, além de causar

sofrimento a muitas pessoas, também sofrerão e acabarão sozinhos, serão abandonados e esquecidos: estes também precisam de ajuda; precisamos resgatá-los.

Lembre-se, Roger, de que os nossos sentimentos, as emoções humanas podem ser perigosas. Precisamos aprender a controlá-las. A fé nos ajuda. Cremos que o Senhor sempre nos abrirá uma porta, ainda que não seja do tamanho que nós desejamos. Não permita que as decepções, as traições e principalmente o medo paralitem você, Roger.

O medo paralisa as pessoas e elas acabam se acomodando, não buscam e não encontram o melhor que Deus tem para elas. Você precisa assumir o controle da sua vida. Não deixe a dúvida ou o medo, ou a vontade de desistir assumir o controle da sua vida. Assuma você o controle. Volte a sonhar, Roger, sonhe com os sonhos que Deus te deu.

O desejo de realizar esses sonhos vai alimentar a sua alma e te impulsionar para a ação, e o próprio Deus vai renovar as suas forças. Lembre-se, quando somos fracos é que nos tornamos fortes, porque permitimos que o Senhor venha em nosso socorro. Lembre-se, com Deus eu salto muralhas, sem Deus eu não saio de casa.

Lembre-se, Roger, nada muda, se você não mudar primeiro. Coloque em prática o conselho de Jesus: reaja como uma criança, não raciocine muito, não complique muito. Você está caído; não adianta justificar para o mundo inteiro que você não tem culpa. Cair é do homem, mas o levantar é de Deus. Se você cair mil vezes, o Senhor te levantará mil e uma vezes. Reaja, se adapte à vida que você está levando, enquanto você se prepara para mudar.

Não gaste o seu tempo com lamentações, mas com planos e ações que podem te levar aonde Deus quer que você esteja. Procure novos desafios. A estratégia será sempre tentar e errar, até não errar mais, ou errar pouco. Só aqueles que nada fazem nunca erram. Você errou acreditando que estava fazendo o seu melhor. Continue, não pare nunca. Seja fiel no pouco que você tem, faça coisas diferentes e você alcançará resultados diferentes.

Você é pastor de almas, Roger! Não foi você que decidiu ser pastor. Ninguém decide isso porque é impossível. Os verdadeiros pastores são escolhidos, talhados, moldados pelo próprio Deus e, normalmente, são as provações que nos moldam a ser como Ele quer. Quem em sua consciência escolheria chorar com os que choram, abrir mão de uma carreira, do próprio tempo para ouvir as mesmas histórias tristes das

peças e, muitas vezes, após ajudá-las, ser apunhalado pelas costas por algumas dessas mesmas pessoas?

Quem escolheria ensinar, exortar com amor e acordar de madrugada para orar e se derramar diante de Deus por pessoas e famílias? Mas aí de nós, porque ainda prestaremos contas sobre essas vidas que Deus colocou sobre a nossa responsabilidade. Mas a preocupação e o amor que Deus colocou no nosso coração, não nos permite parar. Antes, se pudéssemos, faríamos muito mais. Essa é a nossa missão: amar e servir até o fim. Você nunca terá paz e nunca será completo se não atender a esse chamado santo. Você entende o que quero dizer, Roger?

O Roger apenas balançou a cabeça, afirmativamente.

—Eu sei, Roger, que você está passando por diversas necessidades financeiras e emocionais. Eu quero lhe ajudar. Sei que você está com muitas dívidas. Sei que você não vai querer aceitar o dinheiro que eu trouxe, mas não deixe o orgulho atrapalhá-lo. Encare isso como um empréstimo. Quando você puder, você me devolve. Vou deixar ao lado do sofá. Quando eu for embora, pegue e use, por favor.

Eu não quero tomar mais o seu tempo, Roger. Se você me permite, eu quero fazer uma oração e vou embora. Um último conselho: a transformação das pessoas, espiritual e social, pode começar com pouco, com um ato de cada vez. Ajude uma pessoa de cada vez e, em pouco tempo, você terá ajudado muitas pessoas.

Não fique paralisado enquanto não pode ajudar o mundo inteiro. Faça alguma coisa — foi você mesmo que escreveu isso no seu livro... e, por fim, não se preocupe muito com os seus sofrimentos; preocupe-se em não ser derrotado por eles, ou seja, pelo espírito demoníaco do sofrimento.

Deus me disse que está iniciando um processo de cura das suas feridas emocionais, mas será lento. Você precisa de tempo, e o Senhor te concede tempo, Roger. Deus vai usar outras pessoas para falar com você, à medida que você puder suportar. Você está entendendo, filho?

Com os olhos cheios de lágrimas o Roger respondeu:

—Estou...

—Então estou satisfeito. Você precisava ouvir o que o Espírito Santo queria que você soubesse. Vamos orar?

—Sim, vamos.

Eles oraram. Depois o professor se levantou e se despediu. Eles se abraçaram e ele foi embora. O Roger estava sem condições emocionais para mais nada. Apenas chorava, abraçado a sua fiel companheira,

enquanto o Espírito Santo continuava a ministrar em seu coração cura para as feridas emocionais e a lhe falar em seu coração.

Algum tempo depois, quando ele abriu o envelope com o dinheiro que o professor havia lhe dado, contou o valor e voltou a chorar. Era o valor exato para pagar as prestações atrasadas da hipoteca do apartamento deles e as demais dívidas, uma providência divina, vinda pelas mãos do seu amigo e conselheiro. — Por favor, Senhor, retribua ao professor todo esse dinheiro — orou ele e continuou — Senhor, muito obrigado pela tua provisão e pelo seu servo que foi usado por ti para me abençoar através das suas palavras de ânimo e incentivo e também com esse dinheiro... Muito obrigado, Pai amoroso...

Capítulo V

A Igreja sem obras e o povo sem fé

Erick é o filho de um casal de imigrantes mexicanos pobres. Os modos atrapalhados e sua curiosidade fazem dele um rapaz engraçado e inteligente. Ele tem prazer em ajudar as pessoas, mas a maior característica dele é realmente a ansiedade, que o faz perguntar e falar sem parar...

—Roger, você é a pessoa mais esclarecida da nossa igreja aqui neste bairro, não é?

—Eu? Não! Por que você está me perguntando isso, Erick?

—Porque eu estava pensando numa coisa, Roger...

—Erick, eu confesso que fico até com medo cada vez que você me pergunta algo, quando você está com esse semblante contemplativo. Mas já que estamos no assunto, vou respirar fundo e perguntar: em “que coisa” você anda pensando?

—Roger, por que a nossa igreja, não ajuda as pessoas pobres da nossa comunidade?

—Ufa, eu achei que era uma daquelas suas perguntas de clamar a misericórdia de Deus em pensamento, Erick. Essa resposta é óbvia: é porque a nossa igreja, aqui do Bronx, mal consegue pagar as contas de eletricidade e água.

—Mas é isso que eu não entendo, Roger, por que a igreja sede não manda dinheiro para isso? Nós poderíamos ajudar tantas pessoas, poderíamos ajudá-los a ler, escrever, ensinar as pessoas a usar um computador, a fazer pesquisas na internet, receber e enviar e-mails e capacitá-los a conseguir melhores empregos.

—Você conhece, Roger, os principais problemas aqui do bairro: a pobreza, o desemprego, a criminalidade, o tráfico de drogas, os conflitos étnicos e raciais que envolvem discriminação racial contra afro-americanos e porto riquenhos. Também há problemas contra outras minorias étnicas que têm dificuldade para encontrar trabalho e para morar em bairros onde a maioria da população é branca, pois assim que os membros de uma etnia minoritária movem-se para tais bairros,

muitas das famílias brancas neles residentes tendem a mover-se para outras regiões, prolongando o ciclo de segregação racial existente. Você sabe, Roger, que o Bronx é o distrito mais pobre e violento da cidade, bem como um dos condados mais pobres e violentos do país.

—Como eu sou ingênuo hein, Erick, achando que viria uma pergunta fácil de você! Eu sei, Erick, de tudo isso, mas a Igreja sede tem outros projetos... muitos projetos e, no momento, não pode ajudar.

—Outros projetos? Que eu saiba, Roger, os únicos projetos da sede são os programas de rádio e televisão e que, cá entre nós, não têm ajudado muito, porque os programas, com todo o respeito ao pastor presidente, são muito ruins.

—Ei, que falta de respeito, rapaz, não fale assim. O pastor Jackson sabe o que faz — ou pelo menos acha que sabe — pensou Roger. — Provavelmente ele deve ter recebido orientação de Deus para conduzir o programa. Creio que, no futuro, veremos o fruto de tudo o que ele está fazendo.

—Roger, me desculpe, mas eu acho que se ele recebeu alguma orientação de como fazer o programa, não foi de Deus não, porque o programa é muito, mas muito ruim mesmo.

—Por que você acha que os programas de rádio e televisão do Pastor Jackson não são bons?

—Eu não disse que não são bons, eu disse que são ruins, péssimos, horrorosos...

—OK, já entendi, já entendi. Pode acabar com os sinônimos, OK? Mas por que você não gosta dos programas, Erick?

—Ora, Roger, porque ele não fala em linguagem de gente normal.

—Não fala a linguagem de gente normal?! Ei, Erick, agora é você que não está falando direito! O que você quer dizer com isso ?

—Quero dizer duas coisas. A primeira é que é preciso ser intelectual para entender as palavras difíceis que ele fala ou ter um dicionário do lado; a segunda coisa é que os assuntos que ele menciona nos programas não interessa a ninguém que eu conheça. Roger, pense comigo, tanto eu como as pessoas que eu conheço gostam e precisam ouvir palavras vindas de Deus, que nos ajudem a sermos pessoas melhores e que nos ajudem a suportar ou vencer as dificuldades do nosso dia-a-dia. Todos nós estamos cheios de problemas, com um monte de conta para pagar e mais um outro monte que precisam ser pagas e a gente não consegue. Há famílias com problemas com os filhos, problemas com as drogas, problemas no casamento, e tantos outros! Por isso eu digo que

não dá para perder tempo ouvindo sobre divagações de intelectual evangélico na televisão ou no rádio.

—Eu compreendo você, Erick. Mas é preciso ter paciência. Deve existir algum propósito nisso tudo. E lembre-se de que não podemos criticar o ungido do Senhor e de que ele ainda não é o presidente, apesar de ter assumido a função por causa do sogro, que é o verdadeiro presidente. Talvez não seja o pastor Jackson quem decida sobre a programação da TV e do rádio, talvez ele receba ordens.

—“Talvez ele receba ordens dos demônios” — pensou Roger, mas não disse isso.

—Espero que você tenha razão, Roger, porque não tenho nenhuma esperança de que as coisas vão mudar; na verdade, estão sempre piorando. Mudando de assunto, me diga, você começou mesmo a trabalhar com os mendigos?

—Comecei sim. É um trabalho que eu julgo importante, pelo menos para mim.

—Eu não entendo você, Roger. Por que você não pede para ser treinado para ser pastor, ou coisa parecida? Você tem jeito de pastor, fala como pastor.

—Porque eu não sou pastor e não gosto de falar como pastor. Você pode me dizer por que eu dou a impressão de que falo como pastor? Porque não quero dar essa falsa impressão — respondeu o Roger, visivelmente irritado.

—Ei, calma! Eu só queria fazer um elogio. Não queria ofender não. É que você conhece muito da Bíblia, só isso. Por isso comentei que você fala como pastor, só isso.

—Eu não conheço tudo o que você acha que eu conheço de Bíblia.

—Me desculpe. É que quando você fala parece até que você já estudou teologia.

—Posso garantir que o nosso pastor, aqui do Bronx, estudou Teologia — disse Roger, tentando mudar de assunto.

—É, mas perto de você, parece que o curso dele foi por correspondência, hahaha.

Ao perceber a expressão dura e mal-humorada no rosto do Roger, o Erick parou de rir na hora.

—Me desculpe, foi mal. Eu não queria falar mal do nosso pastor. Eu gosto muito dele. Apenas queria dizer que o conhecimento dele comparado ao seu é bem menor e...

—Já chega, Erick! Vamos mudar de assunto, OK?

—Desculpe! Já que você não quer falar sobre isso, eu não vou insistir. É que...

—Erick, se não vamos falar sobre isso, temos de mudar de assunto, você não acha?

—É verdade, eu sinto muito.

—Sem problemas — respondeu o Roger com certo mau humor no tom de voz.

—Então vamos voltar a falar do mendigos. Quem ajuda você nesse trabalho?

—Quem me ajuda? Por que você só faz perguntas difíceis, Erick?

—Só perguntei por curiosidade. Ninguém na nossa Igreja se interessa por eles, a não ser você, não é?

—Receio que sim...

—Eu que não quero trabalhar com mendigos. Mas como está o seu trabalho com eles?

—Não está tão bom como eu esperava. Eu gostaria tanto de poder ajudar melhor essas pessoas. Você sabia que existem moradores de rua que têm formação universitária e outros que já foram grandes executivos ou empresários bem-sucedidos?

—Nossa! Que surpresa! Eu não sabia disso não! Conte mais sobre isso — pediu Erick.

—Há muitos moradores de rua assim, mas é claro que a maioria são pessoas simples. É lamentável que, por mais que nos esforcemos, não conseguimos ajudar todos os moradores de rua da cidade.

—Isso deve ser frustrante. E, por falar nisso, eu posso ir com você um dia desses, para saber como é trabalhar com pessoas que moram nas ruas?

—Ora, pensei que você não queria trabalhar com essas pessoas...

—Já que ninguém me chama para ser missionário em Beverly Hills, no meio dos ricos, acho que vou ver como é esse seu trabalho... — disse Erick, achando graça da própria piada.

—Você não tem juízo, Erick? Mas, de qualquer forma, é uma grande notícia. Quando você puder, venha comigo, vai ser ótimo ter a companhia de alguém. O que o fez mudar de ideia?

—O que está me motivando é um incomodo depois daquele estudo que você nos ensinou, lá em casa, sobre o livro de Tiago, a respeito da fé que sem obras é morta.

Percebendo o semblante duro do Roger, o Erick se antecipou.

—Eu não vou tocar no assunto de teologia. Não precisa ficar bravo

não. Só comentei para você saber que foi por isso que eu perguntei sobre o trabalho com os moradores de rua. Eu quero colocar a minha fé em ação, não quero ficar apenas nos discursos...

—OK! OK! Acho que você está de parabéns! Seja bem-vindo, porque a fé sem obras é morta mesmo!

—Tá. Mas não vai se animando não, Roger. Eu quero ir um dia apenas para saber como é e saber se tenho dom pra isso...

—Entendi, Erick, entendi.

—Da próxima vez que você for, me chame, Roger. Eu quero saber como é fazer um trabalho como esse.

—Então, Erick, me aguarde porque eu sempre vou sozinho. Nunca tenho companhia para esse tipo de trabalho. Vai ser muito bom contar com você!

—OK! Agora eu preciso ir, Roger. Fico esperando a sua ligação para irmos.

—OK. Até mais, Erick. Mande lembranças para sua mãe.

Enquanto o Erick caminhava para a porta, o Roger o observa se afastar e se questionava se não seria melhor, se pudesse, ser mais sincero sobre aquilo que ele pensava sobre as ordens que a Igreja sede envia aos demais pastores de Igrejas de bairros, que são obrigados a obedecer, mesmo sendo completamente opostas à realidade das suas ovelhas. A mágoa pelo pastor Jackson começou a invadir seus pensamentos...

É melhor eu me controlar e voltar para casa, já está ficando tarde — pensou Roger.

O apartamento de Roger era exatamente igual ao das demais pessoas daquele bairro simples. Localizava-se em um dos bairros mais distantes da cidade, e a população do bairro era carente de quase tudo. O apartamento era pequeno: tinha uma cozinha, uma sala, dois quartos e um único banheiro. As paredes da sala eram pintadas de branco, contrastando com as cortinas floridas e o sofá marrom. Ao centro da pequena sala havia um mesinha onde ficava uma Bíblia grande, usada unicamente para a devocional diária com sua esposa. Eles ainda não tinham filhos.

Ao chegar em casa, sua esposa Kendra lhe recebeu com um beijo e uma pergunta:

—O que aconteceu, Roger?

—Nada. Por que a pergunta?

—É que a sua cara não condiz com a sua resposta. Aconteceu alguma

coisa, ou você está preocupado com algo?

—É que eu estava conversando com o irmão Erick, e ele me disse o que ele pensa sobre os programas da televisão e do rádio da Igreja sede...

—Vamos ver se eu acerto o que ele disse: o programa é um pouco fútil, de pouco proveito prático, além de ser muito chato!

—Acho que foi basicamente isso que ele disse, com outras palavras.

—Ora, então o que foi que deixou você preocupado?

—Você sabe querida... como membro da igreja eu não posso sair falando mal do programa. Seria errado. Então eu tentei mostrar as coisas de uma outra forma.

—Eu admiro você, Roger, apesar de ter sofrido o que você sofreu, por causa deles, você ainda consegue ser íntegro.

—Não é fácil, Kendra. Eu digo pra mim mesmo que o que eu faço, faço para Deus e não para as pessoas. Depois daquela última conversa com o professor Geoval, eu tento me blindar e ficar imune às decepções provocadas pelas pessoas.

—Roger, você está certo em pensar assim. Mas não se engane, você sabe que a proposta desse programa de televisão não é converter os ouvintes, mas conseguir votos para aquele congressista, você sabe qual né? Ele já é o candidato oficial da igreja, apesar de ter um histórico tenebroso, para não dizer desonesto.

—Eu acho que é isso, querida, mas me recuso a acreditar que seja assim.

—Pois devia. Aliás, não querendo aumentar ainda mais seu desânimo, mas... enquanto você conversava com o Erick, ligaram da sede...

—Ah, não! E o que eles queriam?

—Saber por que a arrecadação do mês passado diminuiu. Não fizeram nenhuma pergunta sobre quantas pessoas se converteram, se a igreja e os irmãos precisam de alguma coisa, só se lembraram em perguntar pelo dinheiro mesmo.

—Que Deus tenha misericórdia de mim, mas às vezes eu penso que...

—Que eles estão preocupados apenas em quanto a Igreja arrecadou?

—É... mais ou menos isso sim, querida. Eu tenho tanta saudade da presidência do Pastor Kevin. Eu presenciei inúmeras vezes ele ajudando financeiramente os pastores, principalmente os dos bairros pobres, sem mencionar os programas sociais que ele mantinha. Agora é tudo

diferente. Os projetos sociais, que já não eram muitos, acabaram. O que importa é cada um salvar a sua própria alma, o resto é cada um por si, que se vire sozinho. E culto bom, ou culto abençoado é culto em que as doações são muito generosas. Você entende o que quero dizer?

—Dá para entender, querido, dá para entender sua indignação. Mas por que você não pede demissão desse cargo? Por que você continua a ser o tesoureiro de uma Igreja de bairro?

—Isso não é problema, querida. É até bom para lembrar de onde Deus me tirou e não exaltar meu coração, e isso acaba sendo um exercício de fé que eu faço. Depois daquela conversa com o professor Geoval, estou tentando superar minhas limitações e decepções.

—Então, você vai revelar às pessoas aqui do bairro quem você realmente é?

—Que eu já fui pastor? Acho que ainda não estou preparado para isso...

—Eu compreendo, querido, e apoio você. Mas o que é que a igreja sede está alegando para se preocupar tanto com o dinheiro que foi arrecadado?

—Eles dizem que as despesas da sede aumentaram muito, inclusive com os programas de TV e rádio.

—Eu não concordo com isso.

—Eu também não. Mas o melhor a fazer é obedecer. Eu quero orar. Você me acompanha?

—Claro que sim. Algum motivo especial?

—Vários. Eu ainda continuo magoado com tudo o que aconteceu, e esses assuntos removem ainda mais...

—Eu compreendo. Vamos orar querido...

—Então, vamos...

Capítulo VI

Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus... até as ruínas?

—Você tem certeza de que terminou o serviço? — perguntou um dos dois criminosos.

—Certeza! O atestado de óbito dele vai dizer que ele ficou parecendo uma peneira, de tanto tiro que dei nele. Eu desconfio de que ele morreu logo na primeira coronhada que eu dei na cabeça dele, quando eu o golpeei de surpresa. Esse aí já era — respondeu o outro criminoso.

—Então não se esqueça de pegar a carteira dele, para a polícia pensar que foi roubo, e vamos dar o fora daqui...

Enquanto os dois homens se afastavam calmamente, o jovem, terrivelmente ferido, mas ainda vivo, agonizava inconsciente, largado próximo às latas de lixo numa calçada. Em algum momento ele acordou, sem entender o que tinha acontecido. Não conseguia enxergar. Seus olhos e todo o seu rosto e seu peito estavam cobertos pelo sangue que jorrava sem parar dos ferimentos. Tentou se mexer e percebeu que não conseguia se mover. O peito doía, a cabeça e todo o corpo doíam, até respirar era difícil. Então pensou no inevitável.

—Eu vou morrer, eu vou morrer... Não tem ninguém aqui pra me ajudar. Deus — disse o jovem em pensamento — se você existe e tem compaixão das pessoas, por favor, eu imploro, me ajude, me salve, eu preciso de ajuda senão eu vou morrer...

Enquanto o rapaz agonizava, a alguns metros acima dele sobrevoavam dois demônios. A cena era semelhante àquelas da fazenda, quando os abutres identificam um animal ferido e ficam sobrevoando, esperando o melhor momento para devorá-lo.

No caso, os demônios que sobrevoavam o corpo estendido na calçada, estavam encarregados de avisar o anjo da morte, de que outra imagem e semelhança do Altíssimo estava à disposição para ser levada diretamente para o inferno. — “Assim que o rapaz der o último suspiro, avisamos ao anjo da morte e vamos embora, procurar outra vítima”

— disse um demônio ao outro. Eles já estavam lá há algum tempo, olhando a aflição, a dor e a agonia que o rapaz estava sentindo, mas não sentiam nada por ele, apenas desprezo.

Demônios não são capazes de sentir amor, compaixão, ternura ou qualquer outro sentimento que seja atributo de Deus, pois Deus é amor. Após a queda, ou perda dos atributos de anjos celestiais, eles se transformaram em demônios e nenhum deles é capaz de sentir essas emoções. Ficaram limitados à maldade, à crueldade, ao ódio, à maldade e a todas as demais coisas ruins, por tudo e por todos.

Não perderam os poderes que tinham e continuam a ter uma extraordinária capacidade de raciocínio, utilizada para as mais perversas atitudes. Ocupam-se em arquitetar formas de perverter, causar sofrimentos, desgraças e facilitar para que os próprios humanos destruam a si mesmos, para se vingar e tentar humilhar o Deus Altíssimo, o Criador. Talvez seja uma maneira de tentar demonstrar que homens e mulheres são piores do que os demônios, que a raça humana é o pior que existe em todo o universo.

Os demônios lutam e têm conseguido corromper grande parte dos dirigentes políticos. A corrupção e a ganância, aliadas a outros fatores, mantêm o desequilíbrio financeiro na sociedade. É uma forma de escravizar os homens e um desejo dos principados e potestades. A desigualdade social provoca mortes, doenças, injustiças, facilita e promove os vícios, a violência, o tráfico de armas, de drogas e de pessoas. Salvo poucas exceções, o povo de Deus na Terra, os cristãos verdadeiros, aqueles de boa vontade, são a minoria que ainda não foi corrompida, mas os demônios acreditam e trabalham para que logo nada de bom possa ser encontrado na raça humana.

Escondidos próximo de onde o rapaz estava jogado na calçada e à beira da morte, dois anjos esperavam ansiosamente a autorização para poder ajudar. Os anjos acompanhavam com atenção tudo o que estava acontecendo, tanto o rapaz agonizando no chão como os dois demônios que sobrevoavam o corpo do rapaz.

—Você foi informado sobre quem o feriu? — perguntou Vésper, um dos anjos.

—Não, eu não fui informado, mas estou preocupado com ele, porque já perdeu muito sangue. Se “eles” não chegarem logo, ele não vai suportar.

—Nós devemos interferir?

—Ainda não. As ordens que recebemos são apenas para acompanhar

o rapaz de longe, sem lutar e sem interferir, até eles chegarem. Depois da oração deles, a ordens são o contrário do que eu disse — respondeu o anjo com a mão em cima da espada, ansioso para iniciar a operação daquela noite.

—Gostaria de poder ajudar.

—Eu também. Se eles não desistirem, depois que “eles” chegarem, vamos poder ajudar.

—Estou pronto para o trabalho — disse o outro anjo, conferindo a espada que trazia junto à cintura.

—Os demônios vão querer acabar de matar o rapaz, se “eles” chegarem aqui — disse Vésper. Ele estava atento. — O nosso trabalho é impedir que isso aconteça, para garantir que o rapaz não morra. Caso tenhamos alguma surpresa ou dificuldades, outros anjos estão a postos, esperando nosso chamado.

—Se depender de mim, os demais colegas não terão trabalho hoje.

—Olhe lá, Vésper... “os dois enviados” estão se aproximando.

—E como eles vão enxergar o rapaz? Como eles vão chegar até aqui?

—O Espírito do Senhor está conduzindo o motorista.

—Quem é ele? Alguém confiável? É fiel?

—Sim, ele é confiável. Um dos poucos fiéis ao Altíssimo. O nome dele é Roger. Ele foi ungido, mas seus colegas de denominação o expulsaram. Agora é um mero tesoureiro de uma igreja do bairro onde ele mora, está tentando voltar a trabalhar para Deus.

—Essa é a primeira vez que ele vem aqui?

—Não. Ele iniciou esse trabalho há pouco tempo, mas não sabe o que vai encontrar hoje.

—Vejam, eles saíram da avenida e entraram na rua onde o rapaz está caído. Vão chegar logo!

—Perfeito. Até agora está ocorrendo tudo conforme o esperado. Quando o outro rapaz que está com o Roger descer do carro, o Espírito Santo fará que o moço enxergue o nosso rapaz caído e ferido atrás da lata de lixo.

—Quem é ele?

—Eu esqueci de dizer. O rapaz que está com o Roger se chama Erick.

—Esse Erick, que está vindo com o Roger é uma pessoa confiável?

—Sim. Ele é confiável. É impulsivo por causa da idade. Tem apenas 21 anos e fala sem parar, mas podemos contar com ele. Você conhece aqueles outros dois anjos que estão voando acima deles? — perguntou Vésper.

O anjo Vésper se referia a Sírius e Prócion, os dois anjos que haviam sido enviados para substituir os outros anjos que acompanhavam e protegiam o Roger e o Erick.

—Não, não conheço nenhum dos dois.

—Então, vou apresentá-los a você depois. Eu e eles já combatemos juntos no passado. Você vai gostar deles. Eles sempre estão em missões difíceis...

—Quer dizer que são bons de guerra?

—Excelentes!

—Então estamos, finalmente, protegendo cristãos que oram e têm comunhão com o Altíssimo?

—Mais do que isso. O Roger já foi provado pelas trevas e há uma promessa do Altíssimo para a vida dele. Ele não sabe, mas o Senhor já começou a levá-lo para o cumprimento das promessas. Depois eu conto os detalhes. Olhem! Eles já estão chegando.

O anjo apontou o Roger e o Erick, que se aproximavam de carro. O Roger dirigia, e o Erick tentava convencê-lo a voltarem.

—Roger, eu acho que é a primeira e última vez que eu acompanho você nesse trabalho com os moradores de rua. Raciocine comigo: já está tarde, a temperatura não está ajudando, eu estou quase congelando!

—É por isso que nós viemos aqui, Erick, porque eles precisam de nós.

—Eu não sei não, Roger, eu acho que eu queria estar em casa, tomando chocolate quente na minha casa... Eu não sei dizer porque eu pedi para vir aqui com você. E o pior... foi eu que me ofereci pra vir com você... Aonde eu estava com a minha cabeça? Eu acho que eu não tinha noção do que é isso... Que tal nós voltarmos para casa, Roger?

—Não reclame, seu resmungão! Logo vamos encontrar as primeiras pessoas, e a satisfação em ajudar vai contagiar você.

—Eu? Duvido. Eu sou sempre o último da fila em tudo. Você vem todo sábado à noite nesse lugar? — perguntou sem nenhum entusiasmo.

—Não, Erick. Aos sábados eu nunca venho, porque é o dia que reservo um tempo para ficar com a Kendra, mas eu estava com meu coração apertado, com uma vontade enorme de vir aqui hoje, mas eu não podia, porque é o dia de sair com a Kendra.

—Então o que nós estamos fazendo nesse frio? Vamos voltar para casa agora mesmo. A Kendra merece um passeio, você não acha? — O ânimo dele havia retornado...

—Valeu a tentativa de desistir, Erick, mas se você não fosse tão

ansioso e apressado, iria ouvir o resto da minha história e saber por que estamos aqui hoje.

—OK,OK! Eu sinto muito. Me diga o que aconteceu depois, então — respondeu Erick, novamente desanimado, encolhendo-se no banco do carro.

—Eu passei o dia inteiro com o meu coração apertado e triste, com um sentimento de abandono e solidão, uma angústia, uma coisa horrível que eu nem sei descrever direito, e com uma vontade desesperada de vir aqui, ver os moradores de rua. Então, eu fui orar e disse ao Senhor que se aquele sentimento que eu estava tendo, se fosse dele, que o Senhor providenciasse condições para eu vir aqui hoje, porque sem uma confirmação de que era o Senhor que estava falando comigo, eu não iria falar com a Kendra sobre isso.

—Nossa, que mistério! E o que aconteceu depois?

—Ah... agora você se interessou hein, Erick...

—Se nós estamos aqui, parece que algo sobrenatural aconteceu, ou estou enganado, Roger?

—Não, não está enganado não, Erick.

—Então pode me fazer o favor de me contar logo. Ou você quer me matar de curiosidade?

—Erick, eu já lhe ensinei sobre domínio próprio, os frutos do Espírito e sobre não ser ansioso?

—Já, Roger, você já falou. Mas será que dá pra me contar o que aconteceu depois disso?

—Tá bom, Erick. Agora que você está interessado, eu falo, porque eu não queria falar de algo que você não estivesse interessado...

—Roger, me faz um favor? — interrompeu o Erick.

—Claro. O que você quer?

—Conta logo o que aconteceu, você está parecendo eu!

—Que bom que consegui! Já estava sem detalhes para continuar a enrolar antes de dizer os fatos. Mas vou quebrar seu galho. Foi assim, na minha oração, eu pedi também que se aquilo não viesse do Senhor, que Ele tirasse aquele sentimento de mim. Então, por precaução, eu repreendi demônios, expulsei o espírito de angústia de depressão e acho que até inventei nome de demônio para expulsar e, todo nome de demônio que me veio à cabeça eu expulsei.

—E resolveu? Você ficou melhor?

—Não resolveu nada. Estava do mesmo jeito. Mas eu terminei minha oração, abri os olhos e me levantei.

—E o que aconteceu depois?

—Ah, você não vai querer saber, você está com frio, com vontade de tomar chocolate quente, de voltar para casa...

—Não estou mais com frio não, aqui dentro do carro está quente e confortável, pode contar, e o chocolate eu tomo quando nós voltarmos...

—Ah, tudo bem, vou contar. Eu estava orando no meu quarto. Quando terminei a oração, eu abri os olhos e me levantei...

—Já sei. Aí você teve uma visão celestial, ou um anjo apareceu para te dizer alguma coisa? — interrompeu o Erick entusiasmado.

—Não aconteceu nada disso, mas não deixou de ser interessante...

—Então me conte logo, Roger...

—OK. Então eu ouvi o telefone tocar e fui atendê-lo. A Kendra atendeu primeiro e começou a falar ao telefone, e eu percebi que era a mãe dela, perguntando se ela podia ir até a casa dela, porque elas tinham, de última hora, resolvido fazer uma comemoração de despedida para uma amiga delas, que ia se mudar para outro Estado, e as amigas resolveram fazer uma comemoração, uma despedida só entre as mulheres.

—Nossa! Que demais isso, Roger! E o que aconteceu depois?

—A Kendra pediu um instante para a mãe dela e, com a cara mais triste do mundo, me explicou o que a mãe havia dito ao telefone e me perguntou se eu não ficaria chateado de não sairmos, para que ela pudesse ir à despedida da amiga.

—E o que você respondeu, Roger?

—O que eu respondi? Eu mal conseguia falar! Meu coração começou a acelerar, e eu pensei que ia ter um ataque do coração!

—Nossa! Que demais! Isso é fantástico! Acho que isso daria um filme!

—Se daria.

—Mas me conte, o que você fez depois?

—Eu tentei parecer o mais normal possível e disse para ela que tudo bem, que ela poderia ir sem problemas. E, depois que ela terminou a ligação, eu contei a ela o que tinha acontecido.

—Nossa! Então a nossa noite vai ser demais! Será que estamos numa espécie de missão espiritual especial? — perguntou o Erick.

—Talvez. Mas qualquer copo de água que se dê para alguém já é especial para Deus, Erick. Mas, por precaução, devemos ir orando em espírito e ficar preparados para qualquer coisa.

—Que nada, Roger! Eu acho que hoje você vai encontrar um monte de moradores de rua, eles vão dizer que já foram crentes e querem se reconciliar com Deus. Vamos encontrar outros que vão aceitar Jesus, você vai expulsar o demônios de uns, declarar cura para outros, depois você vai...

—Erick, Erick! — interrompeu o Roger...

—O que foi, Roger? Esqueci alguma parte importante?

—Que tal voltar para a Terra? Os seus pensamentos parecem estar em outra dimensão!

—Ah! Me desculpe! Às vezes eu me empolgo.

—Eu que o diga.

—Por que você estacionou aqui? Algum problema, Roger?

—Nenhum problema. Parei porque nós chegamos. Sinto que devemos descer aqui.

—Nossa, Roger, que lugar feio! Eu não estou sentindo nenhum sinal divino para sair do carro. E você?

—Vou desconsiderar essa sua última fala.

—OK. Me desculpe.

Eles desceram do carro, e o Roger abriu a porta de trás do carro para pegar algumas coisas. O Erick, assim que desceu do carro, ficou parado ao lado da porta, sem dar nenhum passo. Ele ficou de pé, olhando ao redor.

Os dois anjos, Sírius e Prócion, que acompanhavam o Roger e o Erick, também pararam.

—Eles precisam encontrar logo o rapaz, Prócion — Comentou Sírius, preocupado.

—Você tem razão. Vamos nos preparar vai ser agora! — respondeu Sírius, rapidamente.

Depois de descer do carro, ainda parado, o Erick, disse:

—É aqui hein, Roger? — O Erick estava frustrado, sem nenhum entusiasmo. — Você tem certeza? Acho que você estacionou no lugar errado. Não tem ninguém aqui e não parece que nada de espetacular vai acontecer. Parece que aqui só tem....aahhahh — O Erick gritou, alto e desesperado, interrompendo a própria fala. O Roger se assustou com o grito dele.

—O que foi, Erick, por que você está gritando?

—Meu Deus! Meu Deus! Olhe Roger! Olhe Roger! — gritou o Erick, desesperado.

—Olhar para onde? O que foi, Erick? Você ficou louco?

—Não estou louco, não! Olhe ali, ali, atrás da lata de lixo! — ele apontava desesperado para frente. — Tem um homem morto ali, ali, olha ele! Meu Deus, ele está morto, está morto! Olha quanto sangue, sangue de verdade! Não é cathchup, não! Está espalhado pela calçada toda...

—Santo Deus, o que será que aconteceu aqui? — disse o Roger — vamos ver se ele ainda está vivo.

—Eu não, eu não vou, não! Ele está morto, sim, ele tá morto. Olha quanto sangue! Eu acho que não posso ver sangue... acho que vou desmaiar!

—OK! OK, Erick! Fique calmo. Respire fundo e nada de pânico. Deixe que eu vou ver se ele está realmente morto. Você consegue ficar calmo?

O Roger correu até o rapaz, agachou próximo ao nariz dele, tentando descobrir se ele respirava. Depois pegou o pulso para conferir se havia batimentos... Enquanto isso, parado como se fosse uma estátua, o Erick, disse:

—Sim, eu consigo, Roger. Eu estou calmo, estou muito calmo, mesmo. Só um pouco assustado, mas eu não estou nem tremendo, quero dizer, só estou tremendo um pouquinho...

—Tudo bem, Erick! Fique calmo! Nada de pânico. Ele ainda está vivo. Você consegue chamar a emergência e ligar para a polícia, Erick?

—OK,OK isso eu faço, isso eu faço... Nada de pânico, nada de pânico — repetia Erick, sem parar.

Quando os dois demônios que estavam sobrevoando o rapaz ferido, esperando a morte dele, perceberam o que estava acontecendo e que o Roger e o Erick estavam tentando salvar o rapaz, os demônios falaram:

—De onde surgiram esses dois idiotas? Eles podem atrapalhar nossos planos!

—Eu não sei — respondeu o outro demônio. — mas não quero perder meu tempo.

—Nem o meu. Eles estão acompanhados, você viu aqueles dois anjos ao redor deles?

—Eu vi, não sou cego. Vamos esperar um pouco. Se o rapaz não morrer nos próximos minutos, nós mesmos acabamos com ele!

—É, você tem razão. Ele já está quase morto mesmo!

Enquanto os demônios conversavam, os anjos os observavam e esperavam ansiosos. O rapaz ferido não era convertido e, por isso, os

anjos não tinham autorização para defendê-lo. Por isso, esperavam, com paciência, pelo momento em que o Roger ou o Erick fizesse a oração pelo rapaz e assim, nesse caso específico, eles receberiam autorização do Altíssimo para agir.

Enquanto isso, o Roger pensava em alguma forma de ajudar aquele desconhecido que parecia estar fatalmente ferido.

—Erick – gritou o Roger – Você já conseguiu chamar a emergência?

Gritando do outro lado ele disse:

—Já! Já chamei, e eles estão a caminho!

—Você está melhor, Erick?

—Estou sim, Roger. Acho que foi o susto. Nada de pânico, nada de pânico — ele continuava repetindo a mesma coisa.

—Você consegue me ajudar aqui?

—Eu? Acho que não... mas vou tentar, Roger. Ele... ele ainda está vivo?

—Está, mas não sei por quanto tempo. A pulsação dele está muito baixa, e ele está desmaiado. Vamos orar, Erick. Só um milagre pode salvar esse rapaz. Veja! A camisa dele está toda ensanguentada e furada por tiros. A cabeça dele também está sangrando.

—Meu Deus! Que coisa horrível! Eu não quero nem olhar ! — exclamou o Erick.

—Vamos orar — disse o Roger e, imediatamente, começou a clamar a Deus...

—Senhor, tenha misericórdia dessa vida, desse rapaz. Nós não o conhecemos, mas tu o conheces, Senhor. Não permita que ele morra, preserve a vida dele. Ele já perdeu muito sangue... então, nós pedimos amado Pai, intervenha, Senhor. Ele precisa de um milagre, não permita que os órgãos dele parem de funcionar... ele está muito debilitado... Em nome de Jesus, ordeno a esse coração que continue a bater, que o pulmão continue a trabalhar, que o sangue continue a oxigenar o corpo e onde houver hemorragia provocada pelo rompimento de veias, artérias ou qualquer parte do corpo, que, nesses lugares, ocorra a coagulação do sangue e, assim, que ele pare de sangrar... que as veias e artérias continuem a funcionar e a pressão arterial pare de cair e se estabilize... Pedimos que se já houver infecção, que não aumente... Nós oramos em nome de Jesus... e na autoridade que nos foi dada, pelo poder do nome de Jesus Cristo, nós repreendemos os demônios, em especial os de violência, de homicídio, que querem matar esse rapaz. Deus Pai, abençoe esse rapaz e o livre também de sequelas

graves. Abençoe-o, Senhor, pela sua misericórdia e pelo seu amor. Que esse rapaz consiga se recuperar e voltar para a família dele e contar o milagre depois dessa tragédia. Em nome de teu filho Jesus é que nós oramos. Amém.

—Amém — repetiu o Erick, transpirando por todos os poros, apesar de todo o frio.

Quando os demônios ouviram a oração decidiram rápido.

—Vamos acabar logo com isso — disse um dos demônios.

—Deixa comigo! — respondeu o outro. — Eu vou acelerar logo essa morte. Não vou perder todo o tempo que fiquei esperando para dar a notícia para o anjo da morte. Vou terminar de matá-lo asfixiando-o.

—Você está certo — disse o outro demônio — Vai você. Eu vou continuar aqui em cima.

Imediatamente, o outro demônio parou no ar, encolheu um pouco o corpo e, de cima para baixo, mergulhou em um voo rasante e fatal em direção à garganta do pobre rapaz, que já estava gravemente ferido. Durante o voo, o demônio esticou todo o corpo negro e abriu ainda mais as suas garras com unhas longas na direção da garganta do moço. A velocidade do voo era impressionante. Apesar da considerável altura que estava, em poucos segundo ele já estava a poucos centímetros da garganta do rapaz. Quando o demônio foi fechar a mão em torno da garganta do moço, sentiu que uma mão brilhante e forte, apertava a sua garganta e não conseguiu atingir a garganta do rapaz. Era uma anjo guerreiro que o segurava pelo pescoço.

Subitamente, o demônio sentiu seu corpo sendo jogado pelo anjo. Sem conseguir se controlar pela força com que foi jogado, o demônio atravessou várias paredes e só parou no outro lado, da outra rua, como se fosse uma bola. Ele se levantou e voou e, enquanto tentava se recompor, percebeu o outro demônio voando tentando se aproximar do corpo do rapaz e presenciou outro ataque do mesmo anjo.

Da mesma forma que ele havia sido agarrado e jogado para o outro lado da rua, o anjo, para proteger o rapaz ferido, voou ao encontro do outro demônio que vinha voando com uma grande espada negra na mão. Numa manobra certeira, ao se aproximar do demônio, o anjo desferiu um golpe com a espada e, quando o demônio se defendeu com a própria espada, o anjo agarrou-o pelos pés e, com calma e facilidade, como se estivesse brincando, jogou-o com força contra um prédio. Ele atravessou várias paredes, mas não caiu. Voltou rapidamente e agora estavam os dois demônios parados no ar, longe do corpo do rapaz

caído no chão.

O anjo voou até o rapaz e ficou de pé, ao lado dele. O Roger e o Erick estavam ao lado, mas não tinham a menor ideia ou percepção do que estava acontecendo ao lado deles. Os dois demônios estavam furiosos, porque tinham sido arremessados, como se fossem uma bola de boliche, e começaram a praguejar. A raiva e seus palavrões quadruplicaram quando viram o anjo tranquilo e seguro, parado no ar em cima do corpo do rapaz, que continuava estendido em um canto da calçada, perto de várias latas de lixo.

Em um esforço sobrenatural, um dos demônios gritou:

—Seu anjo miserável! Olha o que você fez! Você só me acertou porque eu estava distraído. Eu vou arrebentar você, seu guardião idiota! — Rapidamente os dois demônios desembainharam suas espadas negras e voaram em direção ao anjo, prontos para a luta. Mas, no meio do caminho, entre eles e o anjo, perceberam alguma coisa errada, a tranquilidade preocupante do opositor deles.

Eles esperavam que o anjo também fosse desembainhar a espada e que viesse contra eles para o confronto. Mas o Vésper não fez nada disso, o que significava que o anjo estava certo de que os derrotaria e, por isso, era melhor ter cautela. Interromperam o voo e, também parando no ar, perguntaram ao anjo:

—Qual o seu interesse nesse quase-cadáver? Eu não conheço você. Essa região é nossa, e nunca vimos você por aqui.

Mas, ignorando a pergunta do demônio, o anjo apenas o encarou sem mexer um músculo do rosto, somente com olhos os encarava e continuava alerta, caso aparecessem outros demônios. Como não estava sendo necessário, o outro anjo apenas assistia tudo, sem participar.

—Então, você não me ouviu? — Outra vez o anjo Vésper não respondeu, mas o encarou novamente e, dessa vez um pouco mais demoradamente. O olhar destemido do anjo alertou os demônios.

Enquanto fazia suas perguntas ao anjo, os dois demônios aproveitaram para avaliar melhor seu oponente e perceberam a besteira que iriam fazer. Pela postura, forma de agir, formato da espada e pela musculatura exuberantes do anjo, identificaram que era uma hierarquia de anjo guardião, acostumado com guerra espiritual, e deduziram que sozinho seria impossível vencê-lo. Aquele anjo significava encrenca. Na verdade, talvez fosse necessário uns dez demônios para fazê-lo desembainhar a espada. Menos do que isso,

apenas com as próprias mãos o anjo acabaria com qualquer oponente daquela hierarquia de demônio...

—Maldição — esbravejou novamente um dos demônios — em pouco tempo esse rapaz vai estar morto de qualquer forma, e aí eu quero ver o que é que você vai fazer! — gritou o outro demônio para o anjo e depois de decidirem ir embora, voaram em direção a outra parte do bairro.

O Erick continuava muito apavorado. Em determinado momento ele disse:

—Escute, Roger! Estou ouvindo a sirene da ambulância.

—Deus seja louvado — exclamou o Roger — vai para o meio da rua Erick, eles vão chegar a qualquer momento. Acene para eles, para ajudá-los a nos encontrar.

—OK. Vou fazer isso.

A ambulância chegou. Imediatamente, os paramédicos realizaram os primeiros procedimentos ainda na calçada. Depois colocaram o rapaz ferido em uma maca, levaram-no até a ambulância e partiram na mesma velocidade que chegaram. A polícia também chegou, e os dois amigos foram obrigados a responder a diversas perguntas dos policiais. Após responderem a todas as perguntas e fornecerem seus endereços, os policiais liberaram os dois.

—O que nós vamos fazer agora, Roger?

—Eu acho que o melhor é deixar você em sua casa, Erick. A noite não foi como eu esperava.

—Nem me diga, nem me diga, Roger! Acho que eu não tive uma boa impressão desse negócio de que fé sem obras é morta. Eu quase morri de susto.

—Eu sinto muito, Erick. Mas eu continuo com o meu coração apertado.

—E o que você pretende fazer? Vai voltar a orar?

—Sim e não... quero dizer, vou orar em pensamento. O policial me informou o nome do Hospital para onde o rapaz foi levado. Eu vou deixar você na sua casa e depois vou para lá.

—Eu espero não me arrepender, novamente, do que eu vou dizer, mas... eu acho que vou com você, Roger. Eu não vou conseguir dormir mesmo... nem fazer outra coisa, a não ser ficar pensando no que eu vi...

—Eu agradeço sua companhia. Então vamos, Erick!

Capítulo VII

O que acontece quando um cristão morre?

Algum tempo se passou, após a traumática experiência que o Erick teve quando foi ajudar o Roger, e encontraram o rapaz ferido. Depois disso, o Erick nunca mais foi ajudar o Roger. O motivo era a doença do pai do Erick. Ele estava cada dia pior e exigia cada vez mais atenção dele e da mãe. O Erick não sabia como estava o rapaz que ele ajudou a socorrer. A atenção dele estava concentrada no pai, pois apesar das orações, súplicas e jejuns, o pai não melhorava e estava novamente internado em um hospital. O diagnóstico era péssimo.

—Roger, me desculpe por pedir para você vir para o hospital. Mas agradeço muito por ter vindo.

—Não precisa agradecer, Erick. Como o seu pai está?

—Como você vê, ele está muito magro. Dá dó de vê-lo assim. O meu pai era tão forte. O câncer acabou com ele. Está praticamente em pele e osso. Eles acabaram de dar morfina para diminuir a dor. Ele está dormindo agora. Nós não temos nenhuma informação dos médicos ainda, mas na prática nós sabemos que ele está muito mal. É só uma questão de tempo para acontecer o pior...

—Eu sinto muito. Ele não vai acordar se ficarmos conversando aqui, no quarto dele?

—Não se preocupe, Roger, se uma banda tocar enquanto o meu pai dorme, ele não vai escutar, ele sempre teve sono profundo e ainda mais agora, com esse remédios fortes que estão dando para ele, não tem nenhum perigo dele acordar.

—OK, mas, de qualquer forma, vamos conversar baixinho... E a sua mãe, onde ela está?

—Ela desceu. Foi entregar uns documentos do meu pai, que a administração do hospital pediu. É no andar de baixo. Daqui a pouco ela volta.

—E você, Erick, como você está?

—Eu estou forte, bem forte mesmo...

Após ouvir a resposta do Erick, o Espírito Santo disse ao coração do

Roger: “O Erick não está bem, ele está péssimo, ensinaram que ele deve ser forte, mas até Jesus chorou pela morte de uma pessoa querida, de Lázaro. Console o Erick...”.

—Erick, não me entenda mal, mas preciso lhe dizer que em alguns momentos como esse, a nossa força está em nosso choro. Às vezes precisamos deixar as lágrimas jorrarem. Ouça o meu conselho, não tente ser forte. Ninguém é forte quando enfrenta a morte. É justo chorar e sofrer. A nossa força está na nossa fraqueza. É assim que Deus nos torna fortes, com as nossas fraquezas...

As palavras ditas por Roger, apesar de todo o cuidado na escolha das palavras e no melhor tom de voz, demonstrando todo o carinho que conseguia transmitir, acertaram em cheio as emoções de Erick. Parecia que um botão havia sido apertado, acionando todo o sentimento reprimido por um longo tempo... O Erick desabou no choro. Dando um passo à frente, o Roger o abraçou, como se fosse seu irmão mais velho e, em espírito, orou para que o Espírito Santo consolasse o pobre rapaz. Após alguns minutos, o Erick se recompôs.

—Obrigado, Roger. Eu não estava, não estou aguentando tudo isso. Eu não entendo... não entendo por que Deus não curou o meu pai. Ele sempre foi uma boa pessoa, nunca fez nada de errado e está definhando por causa desse maldito câncer. Nós já oramos, jejuamos; mas Deus não se move... por quê? Por quê, Roger? Por que Deus não curou meu pai?

—Eu não sei, Erick, eu não sei... Eu também tenho perguntas sem respostas. Parece que tudo o que acontece aos ímpios também acontece com os filhos de Deus...

—Roger, me responda uma coisa, o que vai acontecer se acontecer o pior, se o meu pai morrer?

—O que você quer saber exatamente, Erick?

—Quero saber o que acontece quando uma pessoa morre...

—Imediatamente após a morte?

—É, imediatamente após a morte. O que acontece depois que ela fecha os olhos?

—Se ela é convertida, os anjos vêm buscar a alma e o espírito dela. A Bíblia relata isso, no curioso caso em que os demônios disputaram a alma e o espírito de Moisés.

—Mas e depois, o que acontece?

—Como assim? Não entendi o que você quer saber.

—Depois que acontece isso que você falou, que o anjo de Deus vem

buscar a pessoa, para onde ele a leva?

—Ah, entendi. A alma e o espírito dela são levados, para uma outra dimensão que nós não conhecemos. Vou tentar resumir. Quando a pessoa morre, ela morre apenas para nós, porque, para Deus, ela está apenas dormindo.

—Dormindo?

—É, Erick, dormindo.

—Então quando o meu pai morrer, eu vou ficar sofrendo e chorando, mas ele vai estar dormindo?

—Ele vai ficar dormindo, Erick, porque ele é convertido. Ele nasceu de novo, por isso vai ficar dormindo até chegar o dia e a hora da ressurreição dos filhos de Deus. O dia em que aqueles que dormiram no Senhor vão voltar a viver, Erick. Mas apesar dessa certeza e promessa que temos do nosso Deus, nós somos seres humanos; não fomos criados para enfrentar a morte, então, quando uma pessoa amada por nós morre, Erick, nós choramos. A morte é o salário do pecado, o resultado da queda. Por isso, sofreremos tanto diante da morte, porém não ficamos desesperados e sem esperança como alguns... que acham que a morte é o fim.

—Eu acho que estou entendendo, mas se a pessoa dorme, ela dorme onde? No céu?

—Sim e não. Nós já vivemos numa espécie de “céu” quando se considera que o planeta Terra gira em torno do sol. O planeta gira dentro desse céu que os cientistas chamam de Via Láctea.

—Você não deve estar falando sério, Roger, se isso aqui que nós vivemos no dia-a-dia é o céu, como é o inferno então?

—Não é nesse sentido, Erick. O céu que eu disse é em termos físicos, localização ou endereço, você compreende assim?

—Não entendi muito bem, está um pouco confuso...

—OK. Vou tentar simplificar. O céu que ensinaram para você, para mim e para todas as pessoas, significa um paraíso, você está entendendo agora?

—Um pouco.

—Pois bem, Erick, vamos tentar explicar isso de outra maneira. Eu estou falando de três tipos diferentes de céu. Lembra-se de que a Bíblia afirma que o apóstolo Paulo foi arrebatado até o terceiro céu?

—Sim, eu me lembro.

—Ótimo, então. Vamos continuar... Quando a pessoa morre, os anjos levam a pessoa que está, para Deus, apenas dormindo, para

outro lugar, ou seja, os anjos levam a alma e o espírito da pessoa de volta para Deus. Essa declaração “eles voltam para Deus” abre portas para algumas perguntas como: será que eles são levados para um outro planeta ou talvez até para outra galáxia? Mas isso já é especulação e muita imaginação minha, eu exagero nas minhas reflexões sobre isso, admito.

O que sabemos é que eles vão a um outro lugar que nós não temos a mínima noção de onde é nem como é esse lugar, ninguém sabe. Mas o que de fato importa é que eles ficam seguros e dormindo tranquilamente, aguardando o momento de voltar à vida. A única certeza que temos é de que é um lugar preparado para os que morreram salvos pelo sacrifício do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

—Me desculpe, Roger, mas você não está inventando coisas? Eu nunca li isso na Bíblia!

—Não estou inventando, mas respeito quem não pensa assim.

—Onde você já leu isso? Essa coisa de sair do planeta, isso parece meio maluco...

—OK, entendi. Talvez seja, Erick, por isso precisamos ter cautela e ponderar as informações de acordo com a fé e o conhecimento de cada um. Acho que isso é uma boa ocasião para ampliar os seus conhecimentos bíblicos. Você pode começar estudando o capítulo 12 de Eclesiastes, no versículo 7. O que você acha?

—Acho que eu não faço a mínima ideia do que está escrito nesse versículo. Você pode me dizer?

—Claro. Esse versículo afirma que com a morte de uma pessoa, o pó volta à terra, como era, e o espírito volta a Deus que o deu.

—O quê? Você tem certeza que tem isso escrito na Bíblia?

—Certeza absoluta!

—Nossa! Isso é demais! E quando a pessoa voltar a viver, o corpo que ela vai ter, vai ser igual ao que a pessoa tinha quando ela morreu?

—Você está falando do momento em que os mortos em Cristo ressuscitarão. Não, os corpos não serão iguais, na minha opinião.

—E por que não serão?

—Não há consenso entre os teólogos sobre isso, mas a Bíblia nos consola dizendo que, quando isso acontecer, toda a imperfeição, toda doença, todo e qualquer desequilíbrio no corpo serão aniquilados.

—Então... o que significa isso na prática, Roger?

—Que nunca mais veremos uma criança ou adulto com câncer, Síndrome de Down, autismo, pessoas cegas, surdas, mudas, gordos

demais, magros demais, paralíticos, pessoas que sofrem com diabetes, pressão alta, colesterol alto e todas as demais doenças. Você está entendendo?

—Acho que sim. Então, se for assim, não vão existir mais pessoas feias também, estou certo?

O Roger fechou o semblante, demonstrando claramente que não havia gostado do comentário.

—Me desculpe, Roger, eu não estou querendo ser cruel com ninguém, não. É que eu não me acho assim... muito bonito. Na verdade, eu me acho meio desengonçado, sabe... meio estranho.

—Você pensa assim, ou alguém te disse isso?

—Às vezes, ah, você sabe né, a Angelina me fala isso. Ela acha que eu sou muito esquisito. E eu me considero como o último da fila em tudo, tenho sempre que me contentar com o que sobra. E ela me acha feio, por isso o meu interesse...

—OK, entendi. Mas, pelo amor de Deus, Erick, essa moça é um perigo, ela não é convertida, você está brincando com fogo e vai se queimar.

—Eu sei de tudo isso. Depois eu converso com você sobre ela.

—Vou esperar por essa conversa, então. Respondendo a sua pergunta, não vão existir problemas. Tudo o que você considera um problema será transformado. Toda a criação vai ser restaurada e toda imperfeição será restaurada. As pessoas terão corpos perfeitos e indestrutíveis, porque receberemos, quero dizer, teremos um novo corpo, imortal, para nosso espírito imortal. Essa é a minha opinião. Há quem não concorde com isso.

Com uma expressão de assombro e que não estava entendendo a maior parte da explicação, o Erick interrompeu...

—Desculpe, Roger, mas eu nunca tinha lido essas coisas na Bíblia...

—Talvez sim, talvez não, Erick. Depende da atenção que você deu ao texto, ou revelação que você teve sobre o assunto. Leia mais a sua Bíblia. Comece pelo capítulo 15, de 1º. Coríntios. Você vai ficar impressionado com o que está escrito lá sobre a ressurreição dos mortos e sobre o novo corpo que eles terão. Por exemplo, você se lembra quando eu mencionei que o apóstolo Paulo foi arrebatado?

—Sim, eu lembro. Me explique de novo aquela coisa de três céus. Além de esquisito, eu fiquei confuso...

—OK. Quando o apóstolo Paulo disse que foi arrebatado até o terceiro céu, o que isso significa para você?

—Que ele foi arrebatado até o terceiro céu... ou que existem três tipos de céus... Nossa nunca tinha pensado nisso!

—Você não foi o primeiro, nem será o último. As pessoas nunca refletem sobre isso.

—Roger, que estranho. Me explique melhor, onde é então o primeiro céu, o segundo céu e o terceiro céu!

—Eu não posso dizer com certeza o que a Bíblia não afirma com clareza...

—Mas me diga o que você pensa sobre isso, Roger.

—OK, Erick. Eu penso que o primeiro céu é a estratosfera, é o céu azul que nós enxergamos quando olhamos para cima.

—Certo, mas e os outros céus?

—O segundo céu, penso que é aquele negro, que os astronautas veem quando estão fora da órbita da Terra.

—Você está falando do buraco negro.

—Não. Estou falando de toda a extensão que é possível enxergar a olho nu, fora da órbita da Terra. Fora da órbita da Terra, não existe o nosso céu azul, a esse céu fora da órbita da terra é que eu denomino como o segundo céu.

—Hummm... entendi. E o terceiro céu?

—Esse é o lugar!

—Como assim?

—É nesse terceiro céu que, supostamente, Deus habita.

Supostamente porque Ele está em todo lugar em todo o tempo, e foi lá que aconteceu a rebelião de Lúcifer e dos anjos que posteriormente foram expulsos e transformados em demônios...

—Foi um terço dos anjos que se rebelaram contra Deus, estou certo?

—Sim, está.

—E é para lá que o meu pai vai quando ele morrer?

—É o que eu acredito.

—E lá ele fica dormindo... por quê?

—Erick, você faz perguntas difíceis. Eu não tenho certeza, mas acho que é para amenizar a preocupação deles, pelos familiares que ficaram vivos na Terra...

—Eu nunca prestei atenção quando li isso na Bíblia, Roger.

—A maioria das pessoas já leu, mas não entendeu o que a ressurreição representa. Essa palavra significa que as pessoas que morreram, mas já tinham confessado Jesus como seu salvador, vão voltar à vida e estar

para sempre com Deus, isso é fantástico, maravilhoso, me faltam as palavras para expressar o meu entusiasmo...

—E as pessoas vão se reconhecer?

—Claro que sim! Eu acredito nisso, mas respeito quem não pensa como eu.

— Nossa! Que bom! Isso me consola.

—A mim também, Erick. Isso significa que o filho que perdeu sua mãe, porque ela havia morrido, vai encontrá-la novamente. Por outro lado, a mãe que passou pela dor de ver um filho sendo enterrado também vai encontrá-lo. Todos que já morreram se encontrarão, pais, irmãos, tios, avós...

—Meus avós também? Eu amava meus avós! — interrompeu o Erick.

—Sim, Erick, todas as pessoas que morreram ou “dormiram no Senhor”, salvas por Cristo, irão ressuscitar, irão voltar a viver. E, antes que você me pergunte, você vai conhecer todos os seus ancestrais até chegar em Adão.

—Nossa! Isso é fascinante! Agora estou compreendendo melhor a necessidade de anunciar Jesus a todos os nossos familiares, amigos e até aos desconhecidos.

—Esse é o nosso compromisso como cristãos, anunciar Jesus a todos os nossos familiares e àqueles que Jesus mandou.

—E quando vai ser isso? Vai ser logo?

—O ano, o dia e a hora, apenas Deus sabe. Jesus mencionou isso. Alguns estudiosos chegam a afirmar que nem Jesus conhece essa data, somente Deus.

—Bem, o que importa então é estarmos preparados.

—O que importa é estarmos preparados — repetiu o Roger. — A palavra de Deus, nos consola. A dor provocada pela morte é a mesma em nós cristãos, mas nós temos essa esperança, essa rica promessa de Deus. Também temos a responsabilidade de pregar a mensagem da Cruz, para que outros possam desfrutar disso.

O Erick respondeu:

—Pensando bem, essa promessa de Deus é maravilhosa mesmo, Roger. Apesar da dor, Jesus nos consola e dá a certeza de saber que vamos estar juntos dos nossos familiares novamente e eternamente.

—Sim, Erick, mas não elimina a dor e o sentimento de impotência que sentimos quando sepultamos alguém que amamos. Mas nós temos essa convicção de que a morte não é o fim da história, é o fim

das dores, das doenças, das injustiças e dos problemas deste nosso mundo. Nós aguardamos a volta de Cristo e com Ele a implantação de uma nova sociedade, de um novo mundo onde vai reinar a justiça. Não haverá violência, morte; e o amor será a característica principal das pessoas. A essa futura sociedade, as pessoas chamam de céu.

—Ou paraíso — completou o Erick.

—Comparando com a nossa realidade, isso será um paraíso mesmo!

Enquanto conversavam, a mãe de Erick, dona Cecília, entrou no quarto.

—Roger, que bom que você veio, muito obrigada.

—Não por isso, dona Cecília — respondeu Roger.

—Roger, muito obrigado por você ter vindo — disse Erick — Eu já estou me sentindo um pouco melhor. De certa forma, acho que foi uma providência divina você ter vindo... estou me sentindo mais tranquilo agora.

—Você não chamou o pastor filho? Ele não vem, Erick?

—Não, mãe. Ele não pode vir, mas eu trouxe outro pastor...

—Mas eu não sou pastor, Erick... você sabe que eu sou apenas o tesoureiro da Igreja.

—Eu sei, Roger, eu sei. O meu pai cismou que queria conversar com um líder espiritual... eu não tenho a menor ideia do que o meu pai queria dizer com isso, ele não me explicou. Por isso, liguei para o pastor e... depois para você.

—Líder espiritual, Erick? Desculpe, mas você ligou para a pessoa errada. Não posso ajudar nisso. Mas, você sabe o que o seu pai quer? — perguntou Roger.

—Não me pergunte. Ele não anda falando coisa com coisa. Eu perguntei se era um pastor, e ele me disse que o nome era líder espiritual. Eu e a minha mãe achamos que a medicação está fazendo ele delirar...

—Eu creio, Roger, que ele sabe que está chegando a hora dele e está preocupado comigo e com o Erick. Ele anda dizendo coisas estranhas...

— disse a dona Cecília.

—Pode ser que seja o efeito dos remédios — arriscou o Roger.

—É, pode ser. Mas ele insistiu muito, Roger, e quer por que quer, falar com um líder espiritual. Aí a minha mãe achou melhor eu ligar e pedir para o pastor vir falar com ele.

—E por que o pastor não veio?

—Todo mundo sabe que ele não gosta de hospital, Roger... Ele só vai

a enterro porque não tem outro jeito.

—Eu acho que deve ter acontecido alguma coisa....

—Entenda como quiser, Roger. O fato é que eu fiquei sem saber o que fazer, porque se eu ligasse para a Igreja sede, eles iriam dizer que é o nosso pastor que tem a obrigação de vir, aí eu... eu...

—Não precisa gaguejar, Erick. Eu já entendi. Foi por isso que você me ligou. Mas eu acho que mesmo que o seu pai esteja tendo alguma alucinação, por causa dos remédios que ele está tomando, nem assim ele vai achar que eu sou líder espiritual. Então acho melhor você começar a pensar em chamar alguém à altura de líder espiritual, para conversar com o seu pai quando ele acordar.

Capítulo VIII

Por que os cristãos não são poupados de problemas e tragédias?

—Não precisa! — interrompeu o seu Chico, que deveria estar dormindo, mas não estava.

Os três se calaram. Estavam conversando o mais perto possível da porta, para se distanciarem da cama e, com o barulho da conversa, não acordar o seu Chico, que estava deitado e dormindo a poucos metros deles. Mas parece que não adiantou. Os três se surpreenderam quando o ouviram falar — “não precisa”. Os três se aproximaram inicialmente devagar até a cama, em silêncio, para se certificarem de que ele não estava sonhando ou delirando. Para surpresa deles, ele estava bem acordado, apesar do cansaço constante provocado pela doença.

—O que você disse querido? — perguntou dona Cecília, de forma amorosa.

—Que não precisa mais — repetiu o seu Chico.

—O quê que não precisa mais meu amor — insistiu ela.

—Chamar outro líder espiritual! Ele já está aqui! Como você está, Roger?

—Muito bem, obrigado, seu Chico — respondeu titubeando o Roger, sem saber o que dizer exatamente.

—Então o senhor queria falar com o Roger, pai? Por que o senhor não me disse isso? Eu teria ligado para ele primeiro!

—Porque eu não sabia que era ele!

Todos se olharam. A percepção de que ele estava começando a delirar contagiou a todos. Visivelmente constrangidos, ficaram mudos. Após alguns segundos que pareceram uma eternidade, o Erick não aguentou e perguntou:

—O que o senhor não sabia pai?

—Que o Roger vai ser o líder espiritual de vocês — respondeu seu Chico, calmamente e seguro.

—Que seria ou que é o líder? — perguntou o Erick, desesperado e torcendo para o pai dar uma resposta sensata e provar que não estava

delirando.

—Que pergunta inteligente filho! Eu amo você, nunca se esqueça disso.

As lágrimas voltaram a brotar nos olhos do Erick.

—Eu não sabia que você é o líder espiritual que Deus levantou para ajudar minha família, Roger. Eu estou muito feliz por ser você. Agora eu compreendo melhor as coisas. Realmente você é o melhor de Deus para a minha família. Muito obrigado por tudo o que você vai fazer pela minha família, em especial ao meu filho, Roger. Que Deus lhe recompense... infinitamente mais...

—Novamente os três trocaram olhares. Parecia que ele não estava falando coisa com coisa.

—Seu Chico, eu não sou líder espiritual, o senhor está me confundindo com alguém. Me desculpe ter acordado o senhor. Quando o senhor acordou, eu estava justamente explicando para o Erick que ele precisa chamar outra pessoa para conversar sobre isso.

O seu Chico olhou para os três, examinado as expressões deles, sorrindo, e disse:

—Eu sei, Roger, eu ouvi tudo o que vocês conversaram, por isso me meti na conversa de vocês.

—O senhor estava ouvindo? Que parte da conversa o senhor ouviu, pai?

—Não se preocupe com o que eu ouvi e o quanto eu ouvi, filho. Ouvi tudo o que precisava ouvir para poder descansar em paz. Por isso interrompi vocês. Como eu dizia, Roger, muito obrigado, pelo que você vai fazer pela minha família. Deus já me mostrou, e agora que reconheci você posso ir em paz.

—O senhor já me conhece seu Chico...

—Desculpe, Roger, me expressei mal. Assim vocês vão continuar a pensar que eu estou tendo alucinações por causa do remédio, mas não é isso. Eu falei errado quando disse não conhecer você. Você eu conheço há muito tempo mesmo, mas eu não sabia que seria você o líder espiritual.

—Me desculpe, seu Chico, mas o que significa líder espiritual! Do que o senhor está falando?

—Eu vou explicar para vocês. Quando se está doente como eu estou, as coisas mudam, os valores, as prioridades mudam. Ainda que eu fosse muito rico, eu ficaria muito preocupado em saber como a

minha família iria ficar depois da minha morte.

—Eu tinha planos e sonhos, Roger, que vão ser enterrados comigo. Mas... eu entendi que Deus não vai me curar e que eu tenho que passar pelo vale da morte, pela fornalha de fogo, e, ao contrário dos três amigos do profeta Daniel, eu não vou ser poupado, Roger. Não será como eu pedi, será como o Senhor decidiu.

A minha história, a nossa história e a da humanidade já foram escritas. Nós sabemos como acabará, mas a nossa angústia é que não sabemos quando será isso, queremos uma data. Você mesmo descreveu há pouco, Roger, como tudo acontecerá. Mas enquanto esse glorioso dia não chega, cristãos e não-cristãos estão sujeitos ao que acontece em nosso mundo. Não somos poupados pela consequência do pecado, da queda do homem. Mesmo quando não entendemos ou não aceitamos quando um bebê ou uma criança, ou uma boa pessoa morre prematuramente, seja por doença, acidente ou violência, ficamos revoltados e inconformados pela falta de interferência de Deus.

Eu sei que vou enfrentar a morte. Alguns são poupados, alguns Deus cura, outros enfrentam a morte. A Deus pertencem as respostas. Ele permitiu que eu fosse atingido por esse câncer. Eu não fiz nada para merecê-lo. Deus me disse que meu nome está listado no céu, entre os muitos heróis anônimos que passarão pelas tragédias, pela dor.

Escutem-me, no passado, muitos homens de Deus foram mortos: Estevão morreu apedrejado, Paulo foi decapitado, todos os apóstolos, com exceção de João, foram martirizados e tiveram mortes trágicas. No coliseu, em Roma, Deus não poupou os cristãos. Quantas mães já passaram pela dor de enterrar seu filho; também filhos sofreram por enterrar suas mães. Mas o problema não é Deus; o problema é a desordem provocada, na Terra, pelo pecado. A violência, a doença e os acidentes têm sua origem no pecado. A Terra está um caos e ficará pior, mas Jesus voltará e vai consertar tudo...

Quando se está numa situação como a que eu estou, com um câncer que não regride, que não responde a nenhum tratamento, a nossa forma de pensar muda. Agora eu entendo o que o apóstolo Paulo queria dizer quando afirmou que, para ele, morrer era lucro, que era melhor do que viver. Assim que eu fechar os olhos aqui na Terra, estarei livre dessa doença, da carne, deste corpo frágil e de qualquer possibilidade de tentação ou de qualquer outra coisa ruim.

Eu vou me encontrar com Deus... e logo. Eu sei disso, mas não

estou triste, porque vou estar na presença... na companhia do nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre. E um dia o nosso Deus nos reunirá novamente, todos nós, e estaremos todos juntos para sempre, em um outro mundo, onde não haverá dor, sofrimento, injustiças. Será um mundo perfeito. Portanto, não se preocupem comigo, será muito mais difícil para vocês que vão ficar aqui. Vocês estão entendendo?

—Sim, estamos.

—Há outra coisa, vocês se lembram do que a Bíblia fala sobre o rei Ezequias?

—Sim — responderam todos.

—Após Deus livrá-lo da morte e acrescentar mais quinze anos de vida a ele, infelizmente, nesse “acrécimo” de vida, ele pecou. Esse prolongamento da vida dele custou caro a Ezequias, ele pecou durante esse tempo e trouxe desgraça para a família dele, todos os filhos dele foram escravizados e feitos eunucos, e o povo foi escravo do rei da Babilônia. Por isso eu não me preocupo mais com o que está acontecendo comigo.

Os nossos pensamentos não são os pensamentos de Deus, nem os nossos caminhos são os caminhos do nosso Deus. Eu entendo que a única maneira de alterar nosso destino é através da nossa conversão e da nossa íntima comunhão com o Espírito Santo, para saber o que devemos fazer.

Talvez vocês se perguntem: mas por que Deus não cura a todas as pessoas? Por que Ele permite que as pessoas sofram? Por que apenas a minoria das pessoas são alcançadas pelos milagres de Deus e a grande maioria não? Nós não sabemos responder isso, ou não sabemos como convém. O que sei e tenho certeza é que se Ele fizesse isso, nós estaríamos livres da consequência do pecado. O que de fato nos interessa é que Deus se importa conosco e vai curar todos os seus filhos.

Mas nós achamos que Deus está equivocado com o tempo, que deveria ser aqui e agora. Mas Ele é soberano e marcou o dia e a hora; nós desconhecemos a data, mas vai acontecer. O motivo pela “demora” de Deus, segundo a nossa opinião, nós conheceremos apenas no futuro, e tenho certeza de que concordaremos com a decisão Dele, quando entendermos os porquês... Mas, aconteça o que acontecer, a nossa segurança está garantida. No final da história, seremos reconduzidos ao lugar de onde fomos arrancados, e Deus nos compensará por nossa valentia em seguir adiante, por não murmurar, por não desistir e seguir

em frente.

Ainda que muitas vezes o medo ronde minha cabeça e os meus pensamentos, a única coisa com que me preocupava era deixar minha mulher e meu filho. Por isso orei e orei sem parar, e Deus ouviu a minha prece e atendeu o desejo do meu coração.

—E que desejos, são estes, seu Chico? — interrompeu Roger pela primeira vez.

—Um dos meus sonhos... era uma promessa minha para a minha amada Cecília. Assim que nós viemos do México, para tentar a vida aqui em New York, eu prometi que iria ganhar dinheiro suficiente para poder levar minha querida Cecília para conhecer Paris...

—Que bobagem querido — interrompeu dona Cecília, com lágrimas nos olhos.

—Não, não é bobagem não. Nós assistíamos a filmes, e você sempre quis conhecer a cidade... e Deus não me permitiu ir... mas o Senhor me mostrou, Roger, que eu... — Ele interrompeu a fala por causa do choro. As lágrimas brotavam sem parar. Em instantes, todos os quatro na sala choravam... Depois de se recuperar um pouco, com a voz cansada, o pai do Erick prosseguiu:

—O Senhor me disse que Ele nunca falhou e nunca falhará, Roger, nem comigo, nem com nenhum de seus filhos... Ele me disse que meu desejo vai ser realizado, mas eu não vou estar lá, Roger. Eu sei que isso vai se cumprir...

—Eu também creio, seu Chico — disse o Roger, por pura compaixão.

—Eu vou contar o que Deus me mostrou, para quando acontecer vocês se lembrarem do que eu disse e saber que não estou tendo alucinações por causa dos remédios...

—Me desculpe, pai, eu não queria que o senhor ouvisse aquilo...

—Não se preocupe, filho. Mas escutem. Deus me mostrou que você vai para Paris, Cecília. Sim, meu amor, nós não vamos juntos, mas você vai, mas não vai sozinha não. O Erick vai junto... Deus me mostrou isso. E não é só o Erick não, tem mais pessoas que irão com vocês, um outro rapaz que eu não conheço está junto e é muito querido por todos vocês... Deus me mostrou em uma visão... vocês em Paris. Na época vai estar muito frio na cidade, mas não estará nevando ainda... E o líder é você, Roger. Você estava de cabeça baixa, talvez orando, no topo da Torre Eiffel, e por isso eu não via seu rosto, mas agora lembro do seu jeito...

Eu vi vocês num fim de tarde; primeiro em baixo da Torre Eiffel,

depois lá em cima... O Erick quis subir até o último andar da torre, mas você ficou com medo, Cecília. Ele subiu com uma moça. Ele estava com uma moça muito bonita, e parecia que ele estava gostando dela, mas não eram namorados. A moça também parecia gostar dele, mas não sei por que não namoravam. Parecia que se conheciam há pouco tempo... mas o que eu sei é que eles subiram até o último estágio da Torre, aquele que é permitido aos turistas... Eu vi você lá, Cecília, vi você admirando a paisagem e, em um momento você começou a chorar, e eu me desesperei porque queria ajudar, mas não podia fazer nada.

O anjo me explicou que eu não estava lá, embora eu estivesse vendo o que estava acontecendo, é difícil explicar. É como se eu estivesse dentro da tela de uma cinema. Mas eu perguntei por que você estava chorando, e o anjo me disse que você estava chorando, meu amor, porque você estava pensando em mim, na nossa vida, nos nossos sonhos, nessa conversa que estamos tendo agora...

Parecia que o quarto iria alagar, devido à quantidade de lágrimas de todos eles. Depois de se recompor, o seu Chico continuou:

—Após ver vocês na Torre Eiffel, eu pensei e falei para o anjo: a minha mulher não vai acreditar quando eu contar que eu tive essa revelação, ela vai achar que é coisa da minha cabeça, e depois o meu filho pode fazer um empréstimo e comprar a passagem... eu queria tanto contar para ela... e o anjo me disse:

—O teu Deus não faz nada pela metade. Antes que as palavras saiam da tua boca, Ele já as conhece. Por isso, preste atenção nas roupas que a tua mulher está usando.

—Eu olhei, e ele me disse “preste atenção na peça que ela usa no pescoço”.

—E que peça era essa? — perguntou dona Cecília, entrando no clima da conversa.

—Era um cachecol vermelho, cor de sangue. Eu me lembrei do sangue de Cristo e perguntei ao anjo o que significava. Ele me disse que significava tudo o que eu estava pensando, por que no reino espiritual, não é preciso palavras....

—Depois o anjo me disse:

—Esse cachecol não pode ser comprado e não existem outros iguais a esse. Esse cachecol foi confeccionado para ser dado como presente para uma famosa rainha, e de fato isso aconteceu. Deus, o teu Deus, diz que essa é a prova para que tua esposa e todos que ouvirem creiam,

que o que você dirá é verdade. Ela fará a viagem para Paris e usará o cachecol que foi de uma rainha.

Eu fiquei confuso e perguntei ao anjo: Mas como ela vai conseguir um cachecol que pertenceu a uma rainha famosa? Ela vai trabalhar como empregada doméstica na casa de alguma realeza ou pessoa importante e vai ganhar de presente? Ele me respondeu:

— Isso você não saberá agora, somente após a sua ressurreição.

—Eu entendi que não adiantava perguntar, então perguntei sobre você, filho.

—O que o senhor perguntou, pai?

—Eu disse assim ao anjo: E quanto ao meu filho? Eu tenho orado por ele e pedido que Deus não o deixe desamparado. Eu tenho orado para que Deus realize os sonhos dele...

—O teu filho não ficará desamparado. Há um líder espiritual que foi ferido há algum tempo, mas ele foi novamente levantado e está voltando para a batalha, depois de passar pela peneira de Satanás, e agora vai tornar a combater em favor do nosso Deus. Ele será o líder espiritual do seu filho e de um outro moço e depois de muitos. Eles irão passar por lutas e dificuldades, mas se tornarão líderes e exemplos para muitos, não apenas neste país. Portanto não se preocupe. Ele estará seguro. Deus proverá além das necessidades dele, mas não convém dizer como isso acontecerá.

—Então eu respondi ao anjo: Então já posso partir...

—Ainda lhe resta um pouco de tempo. — me respondeu o anjo. — Foi-lhe permitido descrever nossa conversa, isso vai consolá-los depois que você adormecer.

—Você quer dizer morrer? Pode falar porque não tenho medo dessa palavra.

Então o anjo me respondeu:

—Os nossos conceitos de morte são diferentes. Morte só existe para aqueles que estão separados do Altíssimo. Essa é a morte de fato. Você vai aguardar em repouso no Altíssimo; logo não vai estar morto, mas em sono. Quando chegar a hora, a trombeta soará, e você e os demais acordarão. Mas isso é um outro assunto. Essa é a mensagem do Deus Altíssimo para você e sua família. Eu já terminei, portanto depois que eu for embora, chame seu filho e diga a ele:

—Por favor, me traga o líder espiritual. — Não dê nenhuma informação enquanto ele não chegar com o Ungido do Deus Altíssimo. O Erick não vai saber o que fazer, mas o Espírito Santo vai ajudá-lo, e

ele vai voltar aqui com o líder espiritual. Até breve.

—Agradeça a Deus por mim. Foi confortante saber que minhas orações foram ouvidas e atendidas.

—Ele já ouviu as suas palavras de agradecimento...

—Eu devia já estar acostumado com essa rapidez nas comunicações com Deus, pensei... Depois disso o anjo desapareceu, e eu não sei se acordei ou se voltei.

—Querido, que história linda... Então foi por isso que você pediu para falar com o tal líder espiritual?

—Sim, foi por isso. Eu pensei que fosse algum pastor ou escritor cristão, ou ainda algum músico evangélico, mas estou contente em saber que é você, Roger...

Atingido pela beleza da história do seu Chico, inicialmente sem acreditar que tinha sido dada por Deus o Roger ficou emocionado. Começou a se preocupar e considerá-las vindas de Deus, depois que ele descreveu parte da sua história e das informações que ele escondia de todos. Tentou esconder as lágrimas, mas elas teimavam em rolar pela sua face, assim como aquela presença divina que ela conhecia tão bem. Aproveitando as circunstâncias, ele tentou desconversar:

—Seu Chico, eu gostaria de ser esse líder espiritual que o senhor mencionou, mas não sou. Porém o que estiver ao meu alcance eu farei, isso posso prometer ao senhor...

—Roger, eu não tenho estudo e não sou tão inteligente como gostaria, mas uma coisa eu sei, não se pode esconder uma lâmpada acessa debaixo da mesa e, quando estamos perto de um ungido de Deus, o nosso espírito testifica a presença do Altíssimo e Ele nos revela. Parece que você não vai ficar muito tempo escondido, Roger. Você pode se esconder das pessoas, Roger, mas não se esconde do seu Deus. Antes eu percebia algo diferente em você, mas não sabia dizer o que era, mas agora sei, estou diante de um escolhido e ungido pelo Deus Altíssimo...

—Eu... respeito sua opinião... — Foi tudo o que o Roger conseguiu dizer, visivelmente nervoso, pois não contava com essa “revelação”.

O seu Chico deu uma risadinha enigmática para o Roger, depois disse:

—Eu acho que preciso dormir. Estou muito cansado, o sono é mais forte do que eu. Muito obrigado, Roger. Lembre-se de quem você é para Deus e não para as pessoas. Para Ele, você é o líder espiritual, não importa o que já aconteceu, no final... Deus o exaltará... — Disse isso

e dormiu.

Os três se olharam. Dona Cecília, seu filho Erick e o Roger não sabiam o que dizer, nem o que pensar. O Erick, como o mais afoito e tagarela, foi o primeiro a falar:

—Ei, eu não sei o que vocês estão pensando, mas essa história do papai foi de alagar um deserto de tanto que chorei. Será que ele teve mesmo uma visita de um anjo mensageiro, ou foi alguma alucinação por causa dos remédios?

—Eu não sei, filho, mas foi bom para o seu pai. Ele está mais calmo. Ele estava tão aflito. Acho que foi bom, mas não sei dizer se foi uma revelação de Deus ou não...

—Mãe, eu acho que sei como descobrir isso, tive uma ideia. Roger, meu pai disse coisas sobre o líder espiritual que, no caso, é você; e nem nós, nem ele sabia. Se você confirmar o que o meu pai disse, é porque é de Deus mesmo.

Era tudo o que o Roger não queria, ser descoberto. Ele preferia se passar por um anônimo, sem revelar quem ele era ou tinha sido. Porém, sem saber o que fazer ou dizer. O Roger se viu em uma encruzilhada: se dissesse a verdade, poderia estar sendo precipitado; se negasse, estaria mentindo. Na dúvida, preferiu se esquivar da pergunta.

—Eu não quero me precipitar e... negar ou afirmar que seu pai teve uma visão ou mensagem de Deus. Vamos esperar, Erick. Se foi uma experiência que Deus proporcionou ao seu pai, tudo vai se cumprir, e se não se cumprir, foram os remédios que provocaram isso. Não parece prudente, Erick?

Eu concordo com você, Roger — respondeu a dona Cecília. Acredito que isso é o melhor a fazer. O tempo dirá. E agora o mais importante, filho, é ficar com o seu pai. Eu encontrei o médico no corredor, e ele aproveitou que estávamos longe do seu pai para dizer que, a qualquer momento, ele vai nos deixar... — chorando, ela mal conseguiu terminar a frase.

—Eu acho que o médico está certo mãe... O pai está tão fraquinho...

—Ele está muito fraco mesmo, mas é melhor você ficar perto dele, Erick, porque está ficando tarde e eu quero ficar com o seu pai durante a noite. Eu estou com medo, mas quero estar aqui se algo acontecer com ele. Você se importa? O hospital permite apenas um acompanhante por paciente.

—Claro que não me importo, mãe. Ele é meu pai, mas é também o seu primeiro amor, seu marido. Eu vou ficar bem.

—Eu vou deixar vocês à vontade com o seu Chico. Que Deus abençoe vocês — despediu-se o Roger.

—Muito obrigada, Roger, por ter vindo. Foi muito importante, para o meu marido — disse dona Cecília.

—Eu não fiz nada, dona Cecília... — respondeu Roger.

—Mãe, eu vou acompanhar o Roger até o elevador e já volto.

Capítulo IX

O misterioso rapaz socorrido

Enquanto o Roger e o Erick caminhavam pelo corredor do hospital, conversaram sobre o que havia acontecido e também sobre outro paciente internado naquele mesmo hospital.

—Roger, muito obrigado. Meu pai ficaria desolado se eu não aparecesse com alguém aqui...

—O prazer foi meu, e não hesitem em me ligar se precisarem... Ei... com todas essas emoções lá com o seu pai, eu já estava esquecendo, vou aproveitar que estou aqui e visitar o rapaz que nós salvamos naquele dia.

—É verdade, você havia comentado que ele foi transferido pra cá. Me diga, como é que ele está, Roger? — perguntou o Erick.

—Segundo os médicos, considerando a quantidade de disparos que ele levou, já se pode entender como um milagre ele não ter morrido, mas ainda é cedo para saber como ele vai ficar, se vai ter sequelas graves ou não.

—E já conseguiram descobrir quem tentou matá-lo e quem ele é?

—Ainda não, Erick, e isso é um problema.

—Eu imagino...

—É pior do que você pode imaginar. Segundo a assistente social do hospital, logo ele vai precisar deixar o hospital. Ele só poderá ficar no hospital, depois disso, se vier a ter alguma recaída. Como os problemas mais graves foram tratados, ele precisa terminar o tratamento na casa dele, mas como não se sabe onde é essa casa...

—Mas que coisa estranha, Roger. Ninguém reclamou o sumiço dele?

—Ninguém.

—Ele não recebe mais nenhuma visita?

—Eu sou a única pessoa que o visita, Erick.

—Mas por que, Roger? E a família e a polícia, o que eles dizem?

—Até agora não conseguiram identificá-lo, porque os bandidos roubaram a carteira com os documentos dele. E como ele não foi identificado e não foi reconhecido como pessoa desaparecida, a

identidade dele permanece sendo um mistério. Alguns familiares de pessoas desaparecidas estão sendo contactadas, mas até agora ninguém o reconheceu.

—Mas por que não perguntam para ele os nomes de seus parentes ou amigos ou algo que ajude a identificá-lo?

—Eles não se cansam de tentar, mas ele não consegue se lembrar de nada.

—Não se lembra de nada! Deu pane na cabeça do cara?

—O nome é amnésia, Erick. Eu tenho orado por ele e o visito todos os dias da semana. Ele milagrosamente se recupera bem, mas perdeu completamente a memória. Não se lembra de quem ele é, não se recorda de sua família, nome, endereço. Não se recorda de nada do passado dele.

—Não se recorda de nada?

—Do passado não. A última lembrança que ele afirma ter foi uma oração que ele fez a Deus, quando já estava na calçada, sozinho e sangrando. Depois ele desmaiou e acordou com os gritos de um rapaz olhando para ele caído na calçada... e avisando que ele estava lá caído. Ele disse que agradeceu a Deus porque ele tinha sido encontrado e poderia ser salvo, então desmaiou de novo. Isso te lembra alguma coisa ou alguma pessoa?

Os dois riram ao recordarem como as coisas aconteceram.

—Isso prova que eu não estava gritando de medo, estava apenas falando bastante alto, porque ele estava desmaiado, eu queria avisá-lo que nós iríamos salvá-lo... — disse Erick, sorrindo.

—Você falou bem alto mesmo, Erick, o suficiente para acordar uma pessoa desmaiada.

—Nem me fale! Só de pensar eu já fico com as pernas bambas.

—Mas é graças a você que ele está vivo, Erick.

—Mais ou menos, Roger. Se você não estivesse indo para lá e não tivesse me levado, acho que ele não seria encontrado. Acho que o mérito não é apenas meu, mas é nosso... E o que os médicos disseram sobre o estado de saúde dele?

—Que não é possível dizer a extensão dos danos que ele sofreu. A pancada na cabeça foi a responsável por essa amnésia e pela dificuldade em pronunciar as palavras. Ele está sendo ajudado por uma fonoaudióloga.

—Ainda bem que ele está sendo bem cuidado. Roger, você não acha muito estranho o fato de ninguém procurá-lo, quero dizer nenhum amigo ou parente?

—Acho, acho sim muito estranho. Mas até a polícia está tendo dificuldade. E eles foram acionados pelo hospital, mas não conseguiram nada até agora.

—Nossa! Que coisa estranha. Será que ele não é algum criminoso e está mentindo para não ser identificado e preso?

—Não, foi a primeira coisa que a polícia investigou. Ele realmente é um mistério.

—Você tem conversado muito com ele?

—Tenho, tenho sim.

—E como é a conversa dele? Que impressão você teve dele?

—Não dá pra fazer uma avaliação. A voz dele está estranha, ele fala com dificuldade e às vezes se atrapalha, troca as palavras, coisas desse tipo.

—Eu gostaria de vê-lo novamente.

—Quando você quiser ir, me avise, mas tem que ser logo.

—OK, minha mãe disse que gostaria de conhecê-lo também.

—Não há problemas. Como ele não recebe mais nenhuma visita, não vamos ter problemas, e as enfermeiras me tratam como se eu fosse parente dele, já que sou o único a visitá-lo e que se preocupa com a recuperação dele.

—Santo Deus, que coisa triste!

—Realmente, independentemente de quem ele é ou do que ele fez, é uma situação muito triste.

—Eu vou falar para a minha mãe colocar o nome dele nos pedidos de oração...

—Mas tem um problema, Erick.

—Um problema? Que problema, Roger?

—Nós não sabemos o nome dele, lembra?

—Você tem razão. E como é que a gente faz sem o nome dele?

—Não faz. Deus não precisa que você mencione o nome dele, Erick. Basta apresentá-lo em oração da forma que você o conheceu, um rapaz que foi baleado e está no hospital.

—OK. Entendi. Mas... que tal se nós dermos um nome fictício para ele? Pode ser John?

—Por que John?

—Eu sempre quis ter um irmão, e minha mãe me disse que se eu tivesse um irmão ele se chamaria John.

—E por que devemos fazer isso?

—Olhe, Roger, pelo lado bom... a gente só se refere a ele por ele, então damos um nome e fica mais digno, mais humano, o que você

acha?

—Acho que a sua imaginação é fantástica, mas eu preciso ir, para não perder o horário de visita. Quero aproveitar que já estou no hospital para visitá-lo. Me ligue se precisar de alguma coisa.

—Pode deixar e obrigado mais uma vez por ter vindo!

—Eu acho que ele não gostou da minha sugestão, mas eu vou insistir de novo! — resmungou o Erick.

Capítulo X

Missão especial: novo nascimento do John

Depois de alguns dias, após a visita do Roger, o pai do Erick morreu. Como todo enterro, foi muito triste e, dessa vez, o pastor da igreja, onde ele foi membro, foi obrigado a ir fazer a cerimônia fúnebre.

Os primeiros dias foram muito difíceis, principalmente para o Erick. A mãe dele também sofreu muito. O Roger procurou ajudar no que podia e, assim, os dias foram passando. O Erick teve tempo para ir visitar o rapaz que ajudou a salvar e, tanto ele quanto a mãe, se sensibilizaram pela situação do rapaz, que precisava deixar o hospital e não tinha para onde ir. Convidaram o rapaz para ficar alguns dias na casa deles, até a polícia conseguir encontrar os parentes do moço que, por falta de opção, aceitou.

Os anjos estavam voando sobre a casa do Erick, para uma missão especial: o novo nascimento do John!

—Todos preparados? — perguntou Rigil Kentaurus, o anjo responsável pela segurança e pelo sucesso daquela operação.

—Todos — responderam eles. Não eram muitos, pois não queriam chamar a atenção dos demônios sobre o que iria acontecer ali.

—Vai ser aqui?

—Sim, vai ser aqui...

—Dentro da cozinha?

—Sim, eu já vi acontecer em lugares piores. Escutem, quero uma barreira celestial em volta de toda a casa e outra ao redor desta cozinha. Quero dificultar as coisas para os nossos inimigos.

—Temos cobertura de oração suficiente?

—Sim, temos. Dona Cecília e as outras senhoras do grupo familiar estão jejuando e orando pelo rapaz.

—Teremos reforços, caso seja necessário?

—Teremos tanto reforço quanto for necessário. Se preciso for, até a do próprio Rei dos Reis e Senhor dos Senhores.

—Então isso significa que teremos festa no céu?

—Isso significa mais do que isso, significa que mais uma criatura de

Deus será transformada em filho de Deus.

—Desculpe-me, eu me expressei mal, queria dizer que haverá conversão.

—Não se preocupe, eu entendi. Agora vamos trabalhar!

Os anjos se colocaram em guarda, enquanto o John se aproximou da dona Cecília.

—Dona Cecília? — disse o John, chamando a atenção da mãe do Erick.

—Sim, John, o que foi?

—Eu posso falar com a senhora?

—Pode sim. Você precisa de alguma coisa? Se for sobre o dinheiro, está na gaveta do armário. O Erick me disse que você precisa comprar mais remédios. Era isso que você queria?

—Não. Mas agradeço. Eu esqueci que preciso comprar mais remédios. Mas eu quero outra coisa. Eu... quero falar com a senhora.

—Então fale logo, rapaz, mas vamos conversar na cozinha, porque o Erick vai chegar daqui a pouco do trabalho, e o Roger vem junto. Tenho que fazer aquele bolo de milho que eles amam.

—Eu também adoro aquele bolo. É o meu favorito, dona Cecília.

—Então, vamos aproveitar, John, e fazer o bolo. Você se importa de conversar enquanto faço o bolo?

—Claro que não, dona Cecília.

—Me responda uma coisa, John, você sabe fazer bolo?

—Bolo? Eu? Eu não sei fazer não. Quero dizer, eu não me lembro... acho que não!

—Então chegou a hora de aprender. Vamos fazer o bolo de milho que você e o Erick gostam. Nós mexicanos gostamos muito de bolo de milho.

—Eu também gosto muito de bolo de milho, e eu não sou mexicano, quero dizer, acho que não.

—Eu também acho que você não é mexicano, hahahaha. — ela achou graça e deu uma suave gargalhada — mas ainda assim — disse ela — vou ensinar a você a receita da minha avó, e, quando você quiser, vai poder fazer um bolo delicioso para a sua namorada, ou candidata à namorada. O que você acha?

—Namorada?

—É, filho. As moças ficam impressionadas quando o rapaz sabe cozinhar — disse enquanto lavava as mãos.

—Bem, vou tentar lembrar disso, assim que arrumar uma namorada,

porque as moças não ligam muito pra mim. Falando em namorada, eu não sei o que é que o Erick viu na Angelina. Ele está completamente apaixonado por ela.

—Eu também não sei o que ele viu nela. Eu não gosto daquela moça. Há alguma coisa errada nela. Mas eu estou orando, e oração de mãe tem alguma coisa de especial, sabia? Talvez pela nossa insistência!

—Eu não entendo dessas coisas, mas concordo com a senhora.

—E por falar em mãe, eu imagino como a sua mãe deve estar desesperada, procurando por você e por qualquer informação que ajude a te encontrar. Se eu fosse ela, estaria orando dia e noite, pedindo a Deus, para que o meu filho estivesse vivo e sendo bem tratado. Por isso, vou tentar cuidar bem de você.

—Eu agradeço, dona Cecília, a senhora tem um bom coração. Eu sei que não consigo me lembrar, mas, mesmo quando eu puder lembrar, acho que eu nunca conheci uma pessoa tão generosa como a senhora.

—Obrigada. Mas chega de moleza. Lave as mãos e vamos começar.

—OK. E o que faço em seguida?

—Decore a receita. Nunca se sabe quando você vai precisar fazer um bolo.

—Decorar a receita? Nunca se sabe quando vou precisar fazer um bolo? Eu acho que não estou entendendo.

—Deixe isso para depois, vamos à receita: três ovos, um copo de óleo de soja, um copo de leite, uma lata de milho em conserva, oito colheres de flocos de milho, desses instantâneos, e dois copos de açúcar.

—OK. Acho que vou me lembrar. E depois?

—A parte mais fascinante! Vamos colocar tudo no liquidificador e bater por uns quatro minutos — disse ela rindo pela simplicidade da receita.

—Me ajude, John. Coloque tudo no liquidificador, porque eu vou ficar aqui observando para ver se você vai se sair bem.

—Eu? Tem certeza?

—Absoluta. Vamos, menino, ande logo com isso. Enquanto você coloca os ingredientes, vou ligando o forno, ele vai estar aquecido quando a massa estiver pronta.

—Tudo bem. Já que a senhora insiste...

—John?

—Sim, dona Cecília.

—Você... é claro que você sabe que precisa tirar a água da conserva

do milho, não é?

—Precisa é? Eu não sabia. Ia colocar com água e tudo!

—Eu já deduzia. Por favor, não estrague minha receita!

—OK. E o que eu faço agora?

—Deixe bater por quatro minutos. Agora vamos acrescentar uma colher de chá de fermento em pó, desse jeito, dentro do liquidificador. Olhe. Depois mexemos com uma colher e batemos no liquidificador novamente por uns quinze segundos e...

—E o que dona Cecília?

—E o nosso bolo já está pronto!

—Pronto? Mas ele está todo mole!

—John, a preparação do bolo é que esta pronta, entendeu?

—Oh, claro, entendi sim.

—Ótimo. Então pegue a forma de assar bolo, aquela redonda ali. Está vendo-a?

—Sim, estou. O que eu faço agora?

—Pegue o pote de margarina e coloque um pouco de margarina no guardanapo.

—Assim?

—Não, John. Coloque um pouco mais. Uma colher de chá, aproximadamente. OK. Assim, isso mesmo, agora unte toda a forma com a margarina que você colocou no guardanapo.

—OK. Mas uma pergunta: para que serve isso?

—Para o bolo não grudar no fundo da assadeira. Mas ainda tem um segredinho de família.

—Qual é?

—Pegue um pouco de açúcar e espalhe por cima da margarina com que você untou a forma.

—E para que serve isso?

—Para dar um gostinho todo especial depois que o bolo estiver assado.

—OK. Já fiz isso. E agora?

—É só colocar a massa do bolo na forma e depois colocar no forno e esperar assar.

—Apenas isso?

—Só.

—E fica uma delícia!

—Foi por isso que eu disse que você pode fazer para impressionar

sua futura namorada.

—Acho que isso vai demorar. Quem vai querer namorar um desmiolado? — eles deram risadas.

—Eu ainda não perguntei. O que você está achando do nome que lhe deram?

—Achei engraçado. O Roger se justificou, dizendo que isso foi ideia do Erick!

—E foi mesmo!

—Mas me diga, filho, o que é que você quer falar?

—O Erick me disse que foi a senhora que me deixou ficar aqui na casa de vocês, até eu lembrar quem são meus familiares, ou eles me acharem. Então, eu... queria agradecer pela generosidade da senhora por isso.

—Não há de quê, John. A generosidade sempre foi uma marca da nossa família e se acentuou ainda mais depois que nos tornamos evangélicos.

—Eu vou ficar feliz, se descobrir que a minha família é tão generosa quanto a sua, dona Cecília...

—Como você já percebeu, nós somos humildes, uma família pobre, mas gostamos de ser generosos...

—Então é por isso que o Erick trabalha tanto? Se ele aguentasse, acho que ele trabalharia vinte e quatro horas por dia...

—Ele realmente gosta de trabalhar, mas ele trabalha além do normal, porque ele tem o sonho de me dar como presente a quitação da hipoteca da nossa casa e, antes que você pergunte, são quase trinta anos de prestações.

—Meu Deus! Quanto tempo. Mas então vocês não deveriam ter me aceitado na casa de vocês. Eu ainda não consegui nenhum trabalho e sou uma despesa a mais pra vocês...

—Não se preocupe com isso, filho. Meu marido sempre gostou de ajudar as pessoas. Me lembro que foi umas das qualidades dele que mais me impressionou, quando nós nos conhecemos. Amar uma pessoa como ele era tão fácil... era apenas uma questão de tempo. Que pena que você não o conheceu, John. Quando nós viemos do México, recém-casados, ele tinha tantos sonhos... Mas como eu estava dizendo, foi ele quem nos contagiou com a bondade e compaixão que ele sentia pelas pessoas. Ele iria gostar de ajudá-lo, John, eu tenho certeza de que ele seria o primeiro a querer ajudar você.

—Desculpe-me perguntar, mas como ele morreu ?

—Foi vítima de um câncer! Por um câncer silencioso e violento. Quando ele começou a perceber alguns sintomas, nós procuramos o médico, mas todos eles nos desanimaram. Já era tarde. Hoje entendo a necessidade de se fazer exames preventivos, mas como nós, a maioria das pessoas não tem dinheiro para isso.

Em poucos meses nossa vida deu uma reviravolta. Tentamos tudo o que foi possível. Mas a cada dia ele sofria mais. Até que chegou o momento em que ele próprio pediu para não orarmos mais pela sua cura e sim pela sua partida.

—Partida? Como assim?

—Ele preferia morrer a continuar sofrendo como ele estava.

—Os remédios não ajudavam?

—Infelizmente não. Ele passou a sentir dores cada vez mais fortes e foram necessárias doses cada vez maiores de morfina. O cabelo dele caiu, ele tinha enjoos constantes, às vezes náuseas, outras vezes vomitava tudo o que tinha no estômago. Ele perdeu muito peso. Em pouco tempo ele estava irreconhecível, pele e osso.

—Eu sinto muito, Dona Cecília.

—Eu também sinto. Mas vamos mudar de assunto, filho. Me diga, você ainda não consegue se lembrar de nada sobre você ou sua família?

—Infelizmente não. Não consigo me lembrar de nada.

—Você não consegue se lembrar de nada. Como é isso? Qual é a última coisa que você consegue se lembrar?

—De estar caído, sangrando na calçada e de pedir ajuda a Deus. Depois desmaiei e acordei com o Erick gritando, dizendo que eu estava caído e ferido.

—Mais nada?

—Nada. A próxima lembrança eu já estava no hospital. Eu acordei e vi um homem sorrindo pra mim.

—E quem era esse homem que estava sorrindo?

—O Roger.

—Ah! O pastorzinho!

—Ele é pastor? — perguntou admirado.

—Não, ele não é, mas eu cismeiei que ele é pastor e não consigo parar de chamá-lo assim.

—Que interessante isso...

—Interessante por quê?

—Porque ele tem um jeito de falar diferente, eu não sei explicar. Quando ele fala com a gente, parece que tudo fica melhor, eu não sei

explicar mesmo. Ele ia me visitar todos os dias no hospital. Depois de um tempo eu também tive essa impressão e cheguei a perguntar se ele era o capelão do hospital ou pastor, e ele disse que não.

—O Roger é uma pessoa muito amorosa e querida por todos aqui, John. Ele não é de fato o pastor da igreja, mas pelo que eu já soube, apesar de ele ser mais jovem do que o pastor da nossa igreja aqui no bairro, até o pastor, às vezes, se aconselha com ele. O Roger é muito inteligente.

—Ele fez teologia, é teólogo? Porque ele tem uma conversa realmente muito interessante, ele tem um conhecimento profundo sobre a Bíblia...

—Isso eu não sei. Ele é muito discreto e até um pouco misterioso, não fala muito sobre ele. Toda vez que alguém pergunta algo sobre isso, ele desconversa. Você sabe que foi ele e o Erick que acharam você caído e ferido e cuidaram de você até chegar a polícia e o socorro?

—Eu sei. Sou muito grato a eles, dona Cecília. Eu sempre quis perguntar uma coisa: o que eles estavam fazendo lá, onde eles me encontraram? Eu sempre esqueço de perguntar isso ao Roger. A senhora sabe?

—Sei sim, John. O Roger é uma espécie de discipulador do Erick.

—Como assim, o que é um discipulador?

— O discipulador ensina e acompanha seu discípulo. Nós somos evangélicos e, como você deve ter percebido, o Erick gosta muito de falar, mas também de aprender, e isso significa perguntar sem parar...

—De perguntar eu não sei, mas de falar... eu já notei como ele fala...

Os dois riram novamente. De fato, falar demais era uma das características do Erick. Mas ele também era um cuidador, procurava fazer o possível e o impossível para ajudar as pessoas. Também era ansioso e bem-humorado. Um ótimo filho. Disso se orgulhava dona Cecília.

—Ele realmente fala muito, John. Mas como ele também gosta muito de aprender especialmente sobre coisas da Bíblia, chegou um momento em que o nosso pastor não tinha mais como responder às questões que ele levava para o pastor. Aí o nosso pastor teve a ideia de pedir ao Roger para responder algumas perguntas do Erick.

—E o Roger aceitou?

—Claro que não! Ele disse que não era capacitado e que o Erick deveria ir estudar teologia na Universidade da nossa Igreja, para aprender mais.

- A igreja de vocês tem uma Universidade?
- Tem sim, e há vários cursos, não apenas teologia.
- Mas ele ficou sem resposta? Porque o Erick não sossega enquanto não recebe uma resposta.
- É você já conhece um pouco ele. O que aconteceu depois disso foi decisivo porque apesar de o Roger não aceitar o cargo de discipulador do Erick, ele respondeu a todas as perguntas do Erick.
- E o Erick?
- Ele ficou pensando e continua pensando que o Roger é o maior conhecedor de Bíblia que ele já ouviu.
- Então eu imagino que ele não desgrudou mais do Roger...
- Você acertou novamente. Ele não desistiu da ideia de tê-lo como seu discipulador e começou a se aproximar mais do Roger. Você deve ter notado como o Erick é simpático. Todo mundo gosta dele.
- Isso eu já notei.
- Em pouco tempo eles se tornaram amigos e, desde então, ele não larga mais o pé do Roger.
- Nossa, ele deve ser mesmo muito inteligente.
- Ele é realmente muito inteligente e ponderado. Qualquer assunto que ele explica se torna interessante.
- Eu não consigo imaginar como um assunto bíblico possa ser tão empolgante...
- Tudo depende de quem ensina. Vou te dar um exemplo: no momento, o Roger está ensinando o Erick sobre a fé que não se prega mais. A fé que sem obras é morta.
- Nunca ouvi falar disso. Existe fé morta e fé viva? Que esquisito!
- Se eu que não tenho estudo despertei a sua curiosidade, imagine como não seria se eu soubesse muito sobre o assunto.
- É verdade! A senhora tem razão. Se eu fiquei curioso, imagino como não ficou o Erick. Pelo pouco que eu conheço o Erick, isso deve ter despertado a curiosidade dele.
- Foi exatamente o que aconteceu.
- Desculpe-me, eu não sei se entendo alguma coisa de religião, porque eu realmente não me lembro, mas que espécie de fé é essa que o Roger ensinou ao Erick?
- É algo simples e complexo ao mesmo tempo. Como somos evangélicos, nós não temos um Papa. Caso você não se lembre, o Papa tem autoridade máxima na Igreja Católica. Segundo o Roger, depois da reforma protestante, depois de algum tempo, a Bíblia se tornou a

autoridade máxima para os evangélicos. Entendeu?

—Deixe-me recapitular, dona Cecília. Para os católicos a autoridade máxima é o Papa, e para os evangélicos é a Bíblia, correto?

—Muito bem, John, você aprende rápido. Também usamos o termo “Palavra de Deus” como sinônimo para Bíblia. Agora que você entendeu essa parte, vamos seguir adiante. Está escrito na Palavra de Deus, na Bíblia, na carta de Tiago, no capítulo 2: 14 a 20, que:

“De que adianta quando alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Porventura essa fé pode salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem necessitados de roupa e necessitados do alimento de cada dia, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e alimentai-vos, sem contudo lhes dar o necessário para o corpo, de que adianta isso? Assim, também a fé, se não tiver obras, está morta em si mesma.”

Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me a tua fé sem as obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras. Crês tu, que existe um só Deus? Fazes bem; até os demônios creem e tremem! Mas queres saber, ó homem insensato, que a fé sem as obras é inútil?

A dona Cecília terminou a leitura e perguntou:

—O que você achou desses versículos bíblicos, John?

—Que está muito claro que é preciso ajudar as pessoas!

—E ajudar de que forma?

—De maneira prática, não apenas com palavras.

—Parabéns! Você já sabe o que a grande maioria dos evangélicos não faz.

—Como assim, dona Cecília?

—É exatamente o que o Roger está ensinando ao Erick: que é preciso ajudar as pessoas na prática e não se limitar apenas aos discursos e pregações bonitas ou empolgantes, por mais espirituais que sejam. É evidente que a pregação da Palavra de Deus é muito importante, porque a fé vem pelo ouvir e de ouvir a Palavra de Deus. É a primeira na ordem de importância, mas é preciso lembrar que devemos cuidar das pessoas ao modo de Jesus. Ele pregava o reino de Deus, falando da necessidade de arrependimento e conversão dos pecados, mas também dava alimento às pessoas. Ele denunciou as injustiças sociais e a necessidade das transformações sociais. Ele não foi omissa, e a Igreja de Cristo não deve ser omissa...

—Então foi por isso que... — o John parou de falar e ficou pensativo.

—Você acertou de novo, filho. Foi por causa da convicção de fé no coração do Roger que você foi salvo. Naquela noite, eles foram até

onde você estava para ajudar os moradores de rua. Mas assim que eles chegaram, encontraram você.

—Então eu fui salvo porque uma pessoa creu e ousou viver na prática aquilo que aprendeu na Bíblia, sobre a fé? Eu sou agora um exemplo do que a fé pode fazer por uma pessoa?

—Exatamente. Por hora, você foi salvo da violência humana. Você ainda precisa ser salvo da injustiça social que não lhe permite trabalhar porque você não tem documento, nem identidade. Você precisa ser salvo da separação da sua família e também ser salvo espiritualmente, não necessariamente na ordem que eu mencionei... Você entendeu o que eu disse?

—Entendi, entendi sim — de repente, algumas lágrimas começaram a brotar dos olhos do John.

—Dona Cecília, das poucas coisas que me lembro, enquanto estava ensanguentado e jogado naquela calçada, foi de ter feito uma “espécie de oração”, eu disse alguma coisa assim: Deus se o Senhor existe, me salva porque eu vou morrer... eu desmaiei e acordei com o Erick gritando e olhando para mim...

As lágrimas começaram a brotar dos olhos da dona Cecília, enquanto ele ia mencionando novamente como as coisas aconteceram...

—Parece que você foi atendido, filho!

Ele abaixou a cabeça e começou a chorar de verdade. Ela se aproximou, como uma mãe faz com seu filho, e o abraçou. Por alguns instantes, não disse nada, apenas lhe deu carinho e amor. Depois que ele se acalmou, ela disse:

—Eu creio que Deus tem um plano para a sua vida, filho, apesar de Ele não poupá-lo de sofrer, da tragédia. Através dela, você teve um primeiro encontro com Ele. Você tem alguma dúvida de que você teve um encontro com Ele?

—Não, não tenho dúvida nenhuma. Foi um encontro estranho, mas foi um encontro.

—Pois bem, você terá outros encontros ainda com Deus. E, em um desses encontros, Ele o convidará a se tornar filho Dele. Ele convidará você, John, a fazer parte, a entrar para a família e aprender sobre as tradições dessa nova família; aprender sobre nossos erros e acertos, aprender sobre acontecimentos futuros, a como se portar como um filho do rei, a como ser parte da realeza, mas ser humilde como foi Jesus. Isso implica rejeitar, implica deixar os padrões da nossa sociedade, no

que diz respeito ao seu lado desequilibrado e perverso, pois precisamos trabalhar para construir um mundo melhor, onde caibam todos, sem preconceitos e sem injustiças. Pessoas do mundo inteiro, com cultura e valores diferentes dos nossos, estão se convertendo a Deus.

—A senhora está dizendo que preciso me converter?

—O que estou dizendo é muito mais do que isso. Deus não quer que você apenas mude de religião e fique defendendo-a cegamente. Ele quer que nós nos tornemos pessoas nobres, com atitudes nobres. O mundo está um caos, governado de forma cruel e injusta e, da forma como os sistemas foram montados, apenas Deus é capaz de construir outro totalmente justo e bom. Mas não sabemos quando isso vai acontecer, por isso precisamos fazer a nossa parte... Como filhos de Deus, devemos nos portar como tal e honrar a família de Deus.

—Dona Cecília, dessa família de Deus, eu quero fazer parte. O que é preciso?

—Crer e depois fazer uma pequena declaração de fé.

—Eu creio, então me ensine. Por favor, me diga o que devo dizer.

—Você tem certeza? Você não está apenas emocionado? Não quer esperar até mais tarde ou amanhã talvez?

—Não, dona Cecília, eu tenho certeza. Se o Reino de Deus é isso o que a senhora me disse, eu não quero e não posso esperar mais.

—Então feche os olhos filhos e sinta o amor de Deus abraçando você. Repita essa pequena, mas poderosa oração. Diga:

—Senhor eu quero ser seu filho.

—Senhor eu quero ser seu filho — repetiu ele...

—Eu me arrependo dos meus pecados — disse ela.

—Eu me arrependo dos meus pecados — repetiu ele.

—Eu quero ter uma nova vida... Eu quero nascer de novo.

—Eu quero ter uma nova vida... Eu quero nascer de novo.

—Eu confesso que Jesus veio em carne.

—Eu confesso que Jesus veio em carne.

—Eu confesso que Jesus é o Senhor e Salvador da minha vida.

—Eu confesso que Jesus é o Senhor e Salvador da minha vida.

—Por favor, escreva meu nome no Livro da Vida.

—Por favor, escreva meu nome no Livro da Vida.

—Eu faço essa oração agradecido pelo amor e sacrifício de Jesus... em nome de Jesus, amém.

—Eu faço essa oração agradecido pelo amor e sacrifício de Jesus... em nome de Jesus, amém.

Instantaneamente, o verdadeiro nome do John foi escrito no Livro da Vida e, do céu, um anjo veio e acampou ao redor dele. Durante toda a conversa entre a dona Cecília e o John, os anjos ficaram de prontidão, à espera de algum possível ataque dos demônios, mas isso não aconteceu. Talvez não se deram conta da importância do que o Espírito Santo estava fazendo. Ele estava reunindo as pessoas, para desarticular um elaborado e eficiente plano do reino das trevas, de tomar a liderança de uma denominação evangélica e diluir, até o fim, sua missão como a verdadeira Igreja do Senhor.

O Espírito Santo estava reunindo pessoas completamente diferentes: Erick, um jovem americano pobre, filho de imigrantes mexicanos, acostumado com o preconceito, a mãe dele, a viúva dona Cecília, Geoval o sábio professor e pastor, o Roger, um ex-pastor, injustiçado e traído pelo líder de sua denominação, abandonado pelos amigos e companheiros de ministérios, e agora, o mais recente integrante, um jovem sem memória.

Como essas pessoas poderiam destruir um elaborado e eficiente plano das trevas? Da mesma forma que os doze discípulos de Jesus mudaram a história da humanidade. Através do poder de Deus e da contribuição das pessoas e dos anjos de Deus.

Enquanto o John e a dona Cecília conversaram, o Espírito Santo a inspirou sobre o que e como falar, enquanto ajudava o John a entender o que era dito através de uma particular revelação, aquela concedida para o convencimento da justiça, do pecado e do juízo, que antecede a conversão e o novo nascimento de cada novo filho de Deus.

Os anjos também ouviram atentamente tudo o que eles haviam conversado. O Altíssimo deu ordens e enviou anjos com experiência em situações em que os protegidos eram os primeiros a se converterem ao Altíssimo, depois de mil gerações, sem que houvesse um único membro da família com o nome escrito no Livro da Vida.

Impedir que os demônios se aproximassem demais para o jovem recém-convertido desistir da Graça e da Aliança com o Altíssimo, era a grande missão dos anjos. Entretanto, apesar de eficientes e experimentados como guerreiros, não podiam interferir nas decisões, nas escolhas de seus protegidos.

As decisões certas ou erradas das pessoas é uma questão na qual os anjos não podem interferir, pois da mesma forma que Deus é soberano, as pessoas têm nas devidas proporções, a sua própria soberania, que lhes está assegurada. Isso, na maioria das vezes, é mencionado entre

os humanos como o seu livre-arbítrio.

Desse modo, a limitação dos anjos é demarcada pelas escolhas e atitudes dos seus protegidos. De qualquer forma, eles estavam lá para poderem agir conforme as ordens vindas do trono do Altíssimo, os quais, nesse caso, vinham através do Anjo Gabriel, o responsável pela missão que não estava limitada apenas ao John, mas também à família da dona Cecília, ao Roger, ao pastor Kevin e à Igreja pela qual ele ainda é o responsável.

As autorizações para os anjos agirem em favor de homens e mulheres ocorrem assim que eles confessam, com a sua boca, Jesus Cristo como Senhor e Salvador de suas vidas.

Porém, à medida que uma pessoa, agora salva, dedica parte do seu tempo buscando o Altíssimo, orando, louvando, lendo a Bíblia Sagrada, meditando, ajudando os órfãos e as viúvas, alimentando os pobres, visitando os enfermos ou presos e dando testemunho de vida cristã ou pregando a palavra de salvação, entre outras coisas, a proteção dos anjos é aumentada proporcionalmente ao quanto essa pessoa saqueia o inferno, pois os ataques do inferno contra ela são maiores e mais intensos. A ação dos anjos torna-se mais abrangente nesses casos.

Eles podem, por exemplo, impedir qualquer aproximação de demônios, por quilômetros de distância de seus protegidos, e não somente garantir que eles não ultrapassem o limite de aproximação, ficando apenas ao redor deles. Os demônios não são oniscientes, por isso precisam ficar ao redor dos salvos, para, além de tentá-los e tentar desviá-los, ouvir todas as conversas, os planos e os sonhos dos cristãos, dos selados pelo Espírito Santo, e, assim, conseguirem se antecipar para criar maneiras para impedir que os cristãos sejam bem-sucedidos.

Enquanto o John orava junto com a dona Cecília, os demônios, ao redor não conseguiram ouvir o diálogo e a oração, mas deduziram o que havia acontecido ao ver chegar um novo anjo do céu e se posicionar ao lado do John... Em determinado momento da oração, as petições passaram de pedidos pelas diversas necessidades para uma adoração genuína, ao Único que é digno de toda a honra e de toda adoração. E a adoração deles subiu ao céus.

Capítulo XI

Deus que começou em nós, a boa obra, Ele mesmo a aperfeiçoará até o dia de Cristo Jesus.

Aos poucos, com os cuidados de dona Cecília e os exercícios da fonoaudióloga, o John não estava mais falando com dificuldade, e o som da voz dele e o modo estranho quando ele pronunciava alguma palavra estavam praticamente eliminados. Uma verdadeira maratona foi montada na tentativa de descobrir o nome verdadeiro do John e encontrar seus familiares, porém tudo em vão.

O John mostrava-se um mistério a ser desvendado. A cada dia, ele e o Erick estavam mais entrosados, pareciam dois irmãos. Contudo as semelhanças paravam por aí. O Erick é mais baixo e mais forte, enquanto o John é mais alto e magro, ambos com cabelos escuros e idades aproximadas. Aparentemente, o John evidenciava ser um pouco mais velho do que o Erick, mais reservado e muito mais sério do que ele; enquanto o Erick é um poço de ansiedade, mais extrovertido e bem-humorado.

À medida que o tempo passava, os poucos amigos do Erick se tornavam amigos também do John. Essa circunstância o levou a estar toda semana em contato com o Roger, e conforme iam se relacionando, ele também foi aprendendo tudo o que o Roger ensinava ao Erick. Em pouco tempo, os dois rapazes, com a orientação de Roger, propuseram-se a ler e a estudar a Bíblia, sempre sobre a orientação de Roger e com a autorização do pastor da Igreja deles.

Em pouco tempo, os dois rapazes sabiam mais profundamente sobre a Bíblia do que a maioria das pessoas da igrejainha que eles frequentavam no bairro onde moravam e começaram a convidar outras pessoas para os estudos com o Roger. Essa situação o levou a comunicar o fato ao pastor da igreja deles, para saber se poderiam continuar com os estudos ou não, já que agora não eram apenas os dois rapazes que frequentavam o que se tornou um “grupo familiar”, local onde as pessoas eram disciplinadas segundo os padrões de Deus.

Evidentemente, o pastor da Igreja do bairro onde o Roger era

membro aprovou a ideia e, conseqüentemente, o Roger se tornou, oficialmente, o discipulador do Erick, do John e das demais pessoas que o Erick ia convidando toda semana para participar das reuniões. Sem perceber, por mais que o Roger negasse o título de pastor, o Erick, o John e as demais pessoas que frequentavam toda semana o grupo familiar, o consideravam como tal. Deus acrescentava, toda semana, mais pessoas ao grupo familiar. Ali, muitas pessoas confessaram Jesus como salvador pessoal, e as vidas dos participantes eram transformadas. Em pouco tempo, a reunião do grupo precisou ser realizada em dias separados, pois não havia espaço físico para acomodar a todos.

Toda e qualquer nova situação sobre os acontecimentos do dia-a-dia, os participantes do grupo familiar e, em especial, os dois rapazes comunicavam ao Roger, e juntos oravam e buscavam em Deus estratégias para enfrentar as dificuldades que surgiam no dia-a-dia. Mesmo sem o título de pastor, ele estava pastoreando aquelas pessoas. Todavia o Roger se submetia plenamente à liderança do pastor da Igreja. As pessoas com dificuldades, o Roger priorizava e ajudava com mais aproximação, com aconselhamentos e orações. O Erick recebeu atenção especial, depois que ele teve coragem de romper o namoro com a Angelina. Isso ocorreu após ele descobrir que ela usava drogas, mas ele continuava apaixonado por ela e desiludido.

Capítulo XII

Os ataques demoníacos e a provisão divina

—Roger, a minha mãe pediu para avisar você que, daqui a dois dias, ela vai fazer a reunião de oração lá em casa. Vai ser oração no poder do Espírito Santo, Roger. Os alvos da oração são a legalização dos imigrantes ilegais que estão aqui nos EUA e por você, Roger. Por isso, ela pediu para te convidar para a reunião.

—Erick, diga a sua mãe que eu agradeço pelas orações, mas à reunião eu não vou.

—Mas por que você não vai? Você tem algum compromisso?

—Não, não tenho não. Erick, você sabe que eu sempre fui membro de Igreja Pentecostal, mas nunca gostei muito do barulho que nossos irmãos fazem nessas orações de intercessão... Deus não é surdo.

—É, Roger. Deus não é surdo, mas quando o fogo do Espírito Santo vem... Ah, agora entendi, você não é batizado no fogo, no Espírito Santo, não é? — disse achando graça.

—Não, Erick, não sou.

—Tá vendo como eu sou inteligente, rapidinho eu entendi tudo...

—Tudo bem, espertinho, mas me faça um favor, Erick, eu sinto muito pela sua mãe, mas eu não gosto deste tipo de reunião. As pessoas vão lá só para desabafar e pedir coisas para Deus... Ninguém vai para buscar a presença Dele e ter mais comunhão, vão apenas para pedir, pedir... Peça desculpas a sua mãe, mas eu não vou.

—Mas, Roger, as coisas estão difíceis. Se nós não pedirmos para Deus, vamos pedir pra quem?

—Tá, Erick. Entendi o que você que dizer, as injustiças sociais...

—Roger, ela me disse que sonhou com você e ficou muito incomodada e que era para eu pedir para você ir, que era um pedido dela e que ela vai fazer aquela comida mexicana que é a sua favorita, para servir depois da reunião.

—Erick, eu não vou. Diga a sua mãe que fiquei muito agradecido por ela ter se lembrado de mim e também pela minha comida mexicana favorita, mas eu não vou de jeito nenhum.

—Eu entendo, Roger, mas tem mais uma coisa...

—O que é que tem, Erick?

—A minha mãe disse que não sabia explicar por que, mas que era muito importante você ir. Acho que ela falou isso por causa do sonho que ela teve com você e que se você dissesse que não iria ou, que já tinha compromisso, ela mesmo vai falar com você. Ou seja, ela quer que você vá de qualquer forma.

—Parece que eu não tenho escolha — respondeu o Roger. Erick isso não foi um convite, foi uma convocação. Me responda: quantas pessoas estão participando da reunião de oração e quanto tempo leva para acabar a reunião?

—Se não faltar ninguém, normalmente são umas quinze pessoas que vão todas as semanas, e demora aproximadamente uma hora e meia — respondeu o Erick.

—Faltar alguém?! — expressou-se o Roger — pela minha experiência posso afirmar que os poucos crentes que gostam de oração não faltam de jeito nenhum. Que encrenca. Diga a ela que eu vou, mas é por causa da insistência dela, porque os meus planos era finalmente descansar um pouco. A que horas começará a reunião?

—Vai começar às vinte horas — disse o Erick.

—Então nos vemos lá. Se precisar de mim antes, é só ligar — disse o Roger.

—Tudo bem, se precisar eu ligo — respondeu Erick.

Os dias seguintes se passaram e finalmente chegou o dia da reunião. O Roger chegou na casa da dona Cecília, mãe do Erick, visivelmente contrariado. A casa era pequena, em um bairro afastado do centro. Não se encontrava lá a beleza da Grande Apple ou a formosura da quinta avenida. Assim que ele chegou a dona Cecília avistou o Roger e se apressou para cumprimentá-lo.

—Pastor Roger! Você veio! Que alegria! Eu estava tão temerosa que você não viesse. — À medida que disse isso, abraçou-o e o beijou inúmeras vezes na face. Ele estava constrangido e muito desconcertado.

—Como está sua esposa, pastor?

—Estamos bem, dona Cecília, muito obrigado. Mas, por favor, não me chame de pastor. A senhora sabe que eu não sou...

Com um olhar carinhoso ela disse:

—O Erick já me falou para não chamá-lo de pastor, porque você não gosta, mas eu não sei explicar porque, mas eu olho e vejo um pastor aí dentro de você, daí não dá para não o chamar de pastor. Eu até tento, mas para mim você vai ser sempre pastor...

Achando melhor interromper a conversa, para não precisar ouvir o que vinha evitando há tanto tempo, ele disse:

—Então vamos mudar de assunto, dona Cecília. Já chegaram todas as pessoas?

—Não, não chegaram. E eu não estou entendendo. Todas as quintas-feiras, nesse horário, já estamos com quase todas as pessoas aqui. Essa noite tem algo estranho acontecendo. Eu acho que o inimigo está se levantando, para impedir essa reunião. Eu estou com o coração apertado e contrito desde a semana passada.

—E por que a senhora está dizendo isso?

—Porque todos os irmãos ligaram avisando que não vão poder vir. Somente uma senhora, que mora na Califórnia, telefonou para perguntar se poderia vir à reunião.

—Ela é sua amiga, mãe? — perguntou o Erick.

—Não. Eu nem a conheço. Ela disse que pegou o meu telefone na secretaria da nossa Igreja.

—Se ela realmente vier, a nossa reunião de oração será apenas nós. Eu, o Erick, o John, você Roger e essa senhora.

—Por mim tudo bem — respondeu o Roger, animando-se com a nova situação.

Enquanto eles falavam, um taxi amarelo encostou no portão e, em seguida, desceu do taxi uma senhora. Ela aparentava estar acima do peso e ter uns setenta anos. Negra, os cabelos brancos, usava uma bengala na mão direita para se apoiar e usava um sobretudo que a deixava com a aparência muito sóbria.

—É aqui a casa da dona Cecília? — perguntou a senhora que desceu do taxi.

—Sim, sou eu mesma. Pode me chamar de Cecília. A senhora é a senhora Farrel?

—Sim, sou eu.

—Muito prazer em conhecê-la, senhora Farrel.

—O prazer é meu, Cecília.

—Por favor, entre.

Após entrarem na sala da casa da dona Cecília, foram para a garagem. A senhora Farrel identificou dois sofás velhos e várias

cadeiras de plásticos vazias, espalhadas pelo local. No sofá, do lado direito, estavam o Erick e o John, e, no outro sofá, estava o Roger que, educadamente, levantou-se para cumprimentar a senhora.

Após as apresentações, a dona Cecília pediu para o Erick ceder seu lugar no sofá para a senhora Farrel, que assim o fez e foi sentar-se numa das cadeiras de plásticos vazias. Assim, a dona Cecília e a senhora Farrel se sentaram uma ao lado da outra em um dos sofás. No outro sofá ficou o Roger. O John e o Erick se sentaram nas cadeiras de plástico.

A dona Cecília disse:

—Irmãos, está acontecendo alguma coisa estranha. Todos os demais irmãos tiveram dificuldade e não puderam vir. Então seremos apenas nós e o Espírito Santo. Eu proponho começarmos a nossa reunião. Se alguém quer dizer ou pedir alguma coisa, antes de começarmos a orar, pode dizer agora.

Enquanto ela falava, o Roger pensou: “Senhor, graças te dou, porque a reunião vai terminar rapidinho e não vai ter aquela gritaria e confusão características dos pentecostais.” Enquanto o Roger falava com Deus em pensamento, após olhar e conferir se alguém iria falar algo, a senhora Farrel disse:

—Pelo silêncio de todos, acho que ninguém vai dizer nada, estou certa?

Com um gesto de cabeça e sem dizer nada, todos fizeram sinal com a cabeça, afirmando que não queriam dizer nada. Então a senhora Farrel disse:

—Já que ninguém quer falar, antes de começar a reunião, eu preciso dizer algumas palavras aos irmãos e, enquanto eu falo, quero pedir que vocês fiquem em espírito de oração e confirmem o que eu vou dizer, para saber se o que vou dizer vem da parte do nosso Deus, ou se estou falando alguma heresia.

Enquanto ela narrava a história dela, os anjos se posicionaram, formando o que parecia ser uma parede angelical, em forma de círculo ao redor da casa, para impedir que os demônios tentassem ultrapassar os limites ao redor daqueles que estavam naquela garagem para oração.

Um dos anjos perguntou:

—Nós temos ordem para lutar ou somente para proteger os filhos do Altíssimo?

—Para lutar. O Altíssimo, o Deus dos Exércitos, deu-nos ordens para

proteger este lugar e garantir que a serva do Senhor diga o que Ele a mandou dizer e garantir que o Pastor Roger e os dois rapazes ouçam toda a Palavra do Senhor. Temos ordens para não permitir perturbação ou qualquer tipo de inconveniência nessa rua, enquanto eles estiverem dentro desta casa. Nem assalto, briga, homicídio, ou seja, garantiremos a paz neste lugar.

—Somos apenas seis, se precisarmos teremos reforços?

—Teremos. Ainda que uma legião de demônios ou todo o inferno venha contra os filhos do Altíssimo nesta casa, nós os defenderemos. O que vai acontecer daqui a pouco é decisivo para colocar os servos do Senhor na direção correta. Não permitiremos que nada atrapalhe a ação do Espírito Santo sobre os nossos protegidos nesta noite. E se preciso for, teremos reforços nessa luta, caso sejamos surpreendidos por potestades ou principados que venham acompanhados por legiões, para ajudar nossos inimigos... Mas não se preocupem, olhem para além dos demônios e vejam nossa retaguarda...

Todos os demais anjos olharam e viram, nas quatro direções no céu, a presença, ainda que discreta, de inúmeros anjos guerreiros sobre a cidade, observando o bairro e esperando ordens para o combate.

—As aparências realmente enganam — disse o anjo — elas são pessoas simples, mas que estão dispostas a fazer a vontade do nosso Senhor e, após a serva do Altíssimo entregar a mensagem, vocês terão mais informação, agora vamos nos preparar... Fiquem em alerta total. Se eu não conseguir vencê-los, receberemos reforços, e quem vier assumir o comando. Todos entenderam?

—Enquanto falava foram se posicionando um pouco mais abaixo, mais próximo da casa, pois estavam como que flutuando em cima dela, sempre alerta em posição de combate, não muito longe, alguns demônios observavam a reunião dos anjos. Enquanto isso, dentro da casa a senhora Farrel prosseguia:

—Eu quero me apresentar. Meu nome é Claire Farrel. Sou viúva e enfermeira aposentada. Moro sozinha na Califórnia e nunca tinha vindo a New York. E talvez vocês se perguntem: Por que uma senhora veio de tão longe e sozinha para cá? Eu mesma respondo. Há algumas semanas, eu estava orando na minha casa, enquanto lavava as louças do café da manhã. A minha oração foi semelhante a de todas as outras que faço logo que acordo. Eu basicamente agradeço pelas bênçãos que o Senhor me deu, por mais uma manhã, pelos meus filhos, netos, pastores e amigas da igreja e pessoas que quero levar a Cristo. Depois

comecei a louvá-lo com cânticos e hinos espirituais, e em outras línguas, porque sou batizada com o Espírito Santo e, entre alguns dons que o Senhor me concedeu, um deles é falar em outras línguas.

Quando a senhora Farrel mencionou isso, o Roger pensou: “Estava bom demais para ser verdade, já vai começar as imaginações e profetadas... profecias da própria imaginação dela...” Enquanto pensava, começou a considerar que sairia entediado daquela reunião. Mas a senhora Farrel continuava a se explicar:

—Depois que eu fiz a minha oração naquela manhã, eu comecei a louvar ao nosso Deus, e quanto mais eu cantava e o louvava, mais eu podia sentir a presença do Espírito Santo e... de repente, eu comecei a ouvir outras vozes cantando comigo, cantando junto comigo. A minha voz não era a única naquele lugar. Éramos um coral louvando ao Senhor. Até que chegou um momento em que eu não sei dizer o que aconteceu. Parecia que a minha adoração na Terra havia se unido à adoração do céu!

Ao ouvir isso, o Erick exclamou: —Aleluia, Glória a Deus! — No mais autêntico estilo pentecostal, logo seguido pela dona Cecília.

—Eu não sei dizer se tive uma visão ou se fui arrebatada até outro lugar, mas o que aconteceu comigo não me importa mais. Depois de muito tempo que eu estava louvando, eu parei de cantar.

À medida que meus olhos foram vendo coisas, coisas mesmo, que eu não sei mencionar ou descrever, eu fiquei maravilhada e espantada. Porém meus joelhos começaram a tremer e eu comecei a sentir medo, muito medo e me sentia muito fraca, fraca demais. Eu comecei a ajoelhar de fraqueza e, de repente, eu ouvi uma voz dizendo o meu nome. Uma voz audível. Não era voz do coração, da mente ou coisas assim não. Era audível. Eu olhava e não conseguia enxergar nada. Meus joelhos continuavam a tremer e eu estava fraca, e eu pensei: “Acho que estou morrendo”. Eu disse: Senhor, se és tu e vais me levar dessa vida, eu estou pronta. Pode me levar. Então eu ouvi outra voz, chamando-me pelo meu nome, e eu olhei e vi um anjo.

—Aleluia, Glória a Deus — tornaram a dizer o Erick e a dona Cecília. O John ainda estudava cada palavra da desconhecida senhora. O Roger se contorcia na cadeira, sem saber quem era mais louco, ele, que achava que estava ouvindo besteiras, ou a senhora que estava falando...

—O anjo era enorme — continuou falar a senhora Farrel — alto, muito alto, deveria ter mais de três metros altura, estava vestido todo

de branco, com um manto azul-claro por cima, e usava um cinto de ouro com alguma coisa escrita no cinto, mas não era em inglês e nem em nenhuma língua que eu conheço, e quando eu olhei para ele, minhas forças se acabaram de vez e eu, que já estava caída, me joguei no chão. Então ouvi o anjo se aproximar de mim e me dizer:

— Não temas, serva do Altíssimo. As tuas orações e os teus louvores têm subido e chegado continuamente diante do trono do Altíssimo Deus. Você é amada por Ele. Eu vou tocar em você e as tuas forças voltarão e tu poderás ficar de pé, ouvir e entender o que o Senhor quer te mostrar.

Capítulo XIII

Os dardos são inflamados, mas o inimigo já está derrotado.

Enquanto a senhora Farrel descrevia sua experiência sobrenatural, em cima do lugar onde eles estavam, no céu, os anjos e demônios estavam cada vez mais próximo de se enfrentarem. Os demônios ali presentes tinham duas tarefas específicas: a primeira era evitar que aquela desconhecida serva do Altíssimo conseguisse falar, e a segunda que alguém fosse tocado por Deus. Mas eles não imaginavam a importância daquela reunião. Apenas deduziram que, por se tratar de uma pessoa de idade, ela deveria ser fiel e uma mulher de oração, o que por si já era motivo de um ataque da parte deles e, por isso, não estavam preparados para enfrentar à altura os guerreiros celestiais. Porém apenas seis anjos não seria problema, pensavam os demônios!

Tudo o que os demônios esperavam era mais uma reunião de oração e estavam preocupados, na verdade, com o fato de dona Cecília ter insistido para que o Roger viesse. Aqueles demônios que acompanhavam ao redor do Roger, desde que ele tinha desistido da sua função de pastor e do ministério, estavam incumbidos de garantir que ele jamais mudasse de ideia a esse respeito.

Portanto, tudo o que o Roger fazia ou com quem ele conversava era sempre monitorado de perto pelos demônios, que estavam sempre ao seu redor, principalmente depois que ele começou a liderar o grupo familiar. Outro erro cometido pelos demônio foi desprezar a aparência fraca e sem perigo da senhora Farrel. Assim que ela chegou e desceu do taxi, junto dela, mas à certa distância, veio também o demônio que a acompanhava ao redor. O chefe do grupo de demônios o chamou e perguntou a ele:

—Diga-nos, demônio do círculo, (uma expressão de desprezo pelos demônios de baixa hierarquia e a forma que eles tratavam os demônios que ficavam ao redor dos servos do Altíssimo), quem é essa mulher? De onde ela é, ela representa perigo?

Sentindo-se desprezado e ridicularizado perante os demais

demônios, ele reagiu:

—Quem é você para me fazer perguntas — respondeu o demônio do círculo, tentando diminuir a humilhação e a maneira como fora tratado. Antes que ele pudesse perceber, com uma rapidez impressionante, sentiu uma mão grossa e cheia de garras e pelos apertando seu pescoço, e um bafo quente e fedorento perto das suas próprias narinas...

—Você não vai querer saber quem eu sou seu imprestável. Já reparti ao meio, outros melhores do que você! Agora responda, quem é aquela mulher?

Percebendo que se tratava do chefe daqueles demônios, portanto, de hierarquia superior à dele, reclamou da própria sorte, afinal, como ele não tinha observado melhor antes de responder? Então, sentindo a real ameaça e a mão ainda apertando seu pescoço, o demônio do círculo percebeu que não havia o que fazer e começou a falar rapidamente:

—Essa mulher é serva do Altíssimo, alguma coisa aconteceu com ela alguns dias atrás.

—Que coisa? — interrompeu o demônio chefe que lhe apertava o pescoço.

—Eu não sei os detalhes, mas há trinta dias, um anjo se mostrou a ela, e eles ficaram conversando durante várias horas, na Califórnia, onde ela mora.

—Depois disso, a comunhão dela com o Filho do Altíssimo e o Espírito Santo se tornou...

Antes que ele termina-se a frase, sentiu um safanão na cabeça que o jogou longe...

—Nunca mais repita esse nome na minha frente — gritou enraivecido o demônio — responda a minha pergunta direito.

—Ela está orando mais do que ela orava normalmente e “eles” trocaram o anjo que ficava acampado ao redor dela por um anjo guerreiro mal-encarado...

—E o que ela está fazendo aqui?

—Eu ainda não sei. Eu estou investigando para descobrir mais informações que possam me ajudar a entender o que ela veio fazer aqui depois de viajar de tão longe.

—E como ela chegou até aqui?

—Depois da conversa dela com o anjo, ela entrou em contato com a secretaria da igreja dessa cidade.

—Ela já conhecia essa igreja?

—Não, ela não conhecia a igreja. Inicialmente eu achei que seria

alguma coisa com o pastor daqui, mas quando cheguei aqui fiquei surpreso ao ver tão poucas pessoas na reunião. Talvez ela fale com o pastor amanhã, antes de ela voltar para casa. A passagem já está comprada para amanhã à tarde.

—Cale a boca e só responda o que me interessa, seu inútil — gritou novamente o chefe dos demônios daquele bairro.

—A mulher não comentou com alguém o motivo da vinda dela, não pediu que colocassem o motivo em oração ou coisas desse tipo? — perguntou um outro demônio, maior e mais robusto do que primeiro. Se o outro demônio tinha a arrogância de chefe, este último deveria ser o chefe do chefe. De fato era uma potestade, que por pura coincidência verificava como estava o controle daquele bairro, era apenas uma visita de rotina.

—Ela não disse nenhuma palavra sobre isso, não comentou nada com ninguém, nem pediu oração. Acho que ela foi instruída a não falar, não verbalizar em voz audível, para que nós não ficássemos sabendo com antecedência o que vai acontecer. Mas toda vez que algo assim acontece, a coisa fica feia para o nosso lado. Eu estava lá bem pertinho dela prestes a descobrir, mas vocês me chamaram...

—Alguns dos nossos têm alguma informação importante? — perguntou a potestade.

—Não. — respondeu com ironia e desdém o demônio chefe do grupo — ela é só uma velha cansada, e os outros nós conhecemos. Não vejo nenhum perigo, nós vamos massacrá-los daqui a pouco. Todos riram muito, contudo, a potestade não riu e demonstrou não ter achado graça. O chefe dos demônios daquele bairro disse:

—Vamos ver quem é essa mulher de verdade e checar se ela representa algum perigo, alguma atenção da nossa parte, ou se é mais uma que se julga ser alguma coisa, mas suas obras não acompanham suas palavras. Vamos fazer da seguinte forma: vamos invadir o local pelos quatro lados da garagem ao mesmo tempo. Se aquele rapaz que eles sempre trazem para a reunião tivesse vindo hoje, poderíamos nos manifestar através dele e bagunçar a reunião. Mas não importa. O nosso objetivo nesse momento é apenas saber se ela representa algum perigo.

Então, vamos deixar o ambiente pesado e vamos nos aproximar de cada um deles e sugerir na mente deles outros assuntos, para deixá-los dispersos ou colocar sono neles. Dependendo do que acontecer, voltamos e nos reunimos aqui só para comemorar o nosso sucesso.

—Potestade Dark, divirta-se um pouco com o espetáculo que vamos lhe presentear e, se não tiver nenhum compromisso urgente, aguarde o nosso retorno.

—Vocês não estão se esquecendo da barreira que eles já formaram? Vocês não viram o “selo” de propriedade na testa de cada um deles? Não será o caso de existir algum propósito dos nossos inimigos? Se aquela mulher que chegou estiver em uma missão e, eu estou convencido de que ela está, vocês serão aniquilados tão rapidamente, que nunca mais esquecerão a humilhação...

—Potestade Dark, nós controlamos esse bairro há mais de seis décadas. Eles só fizeram isso para impressionar. Eles são apenas meia dúzia de guerreiros, ainda que mais alguns venham ajudá-los, não são páreos para nós. Somos pouco mais de duas centenas de demônios neste momento, preparados para qualquer ataque.

—Eu discordo de você. Eles são um tanto quanto previsíveis em alguns aspectos, principalmente quando se trata de proteger algum ungido fiel, em missão especial.

—Não é esse o caso. Nós conhecemos essas pessoas, e essa velha não será problema.

—Pois faça como quiser. Essa região está sob sua responsabilidade. Eu quero apenas resultados — respondeu a potestade.

—Dois de vocês vêm comigo, e os demais se repartam para irem de quatro em quatro. Vamos atacar os quatro lados da barreira formada pelos anjos, e todos os demais vão atacar e esmagá-los de cima para baixo. Atacaremos por todos os lados. Quando eu ordenar, invadimos.

A potestade ficou vagando no céu, a certa distância de onde a batalha iria acontecer, achando que eles estavam sendo imprudentes. Sabia que desconsiderar as intercessões de uma serva fiel e adiantada em idade poderia custar caro, muito caro. No passado, já tinha presenciado muitas derrotas por causa desse mesmo equívoco, desconsiderar as orações de uma pessoa idosa e fiel ao Altíssimo Deus era loucura. Por isso, resolveu ficar para ter certeza sobre o que iria acontecer.

Conforme tinham planejado, os demônios seguiram os planos. Esticaram suas asas negras escamosas e voaram acima da pequena casa. Rodearam-na primeiro, para conferir a situação estratégica da casa, a quantidade de luzinhas (a maneira debochada como se referiam aos anjos guerreiros do Altíssimo) e, depois de trocarem olhares, confirmando suas posições, o chefe dos demônios disse:

—O número de luzinhas é pequeno. Isso significa que não deve ter

ninguém aí que mereça nossa atenção. Vamos continuar com nosso plano e nos divertir um pouco — e gritou — quando eu ordenar, nós atacamos! Mas me aguardem aqui em cima, enquanto vou zombar um pouco deles, antes de esmagá-los. Venham apenas vocês comigo.

—Os demônios que ele apontou levantaram suas asas e foram voando com o chefe deles, até onde estavam os anjos.

Todos os demônios demonstravam, em suas faces, a certeza da vitória. Encolheram suas asas para em seguida mergulharem com muita velocidade, como quem mergulha em uma piscina, em direção à pequena casa. Entretanto, nos segundos seguintes em que eles se aproximavam da sala, o ambiente mudou completamente e quase se podia sentir uma nevoa pesada e um odor característico de enxofre, assim que eles pousaram na sala. Era a presença dos demônios. Eles entraram sem nenhuma resistência dos anjos. Conforme o plano dos demônios, eles pararam inicialmente um pouco distante de cada pessoa, para, em seguida, inibir os poucos anjos que ficavam ao redor delas.

—Esses luzinhas não têm nenhuma chance contra nós — pensou o chefe dos demônios. —Vou aproveitar a presença da potestade líder da nossa região para mostrar serviço e, quem sabe, me promover...

Imediatamente, os anjos, que até então estavam com o semblante tranquilo, mudaram suas expressões e, tão rápido como a velocidade da luz, desembainharam suas espadas. À medida que a espada de cada anjo era desembainhada, uma luz mais forte do que a luz do sol se refletia pelo brilho de cada espada. Os anjos deram um passo à frente de cada pessoa a quem protegiam sem dizer nenhuma palavra. Porém o chefe dos demônios, confiante na vitória, pela quantidade em número de guerreiros demoníacos, falou em tom de deboche:

—Luzinhas, luzinhas! Que brilho bonitinho dessas espadinhas de crianças. Elas brilham no escuro também?

—Hahahahah — todos os demônios começaram a dar gargalhadas.

Os anjos não responderam, não se moveram e não expressaram nenhuma reação. Da mesma forma que estavam quando desembainharam as espadas, continuavam com elas e em posição de defesa. Os anjos estavam com os punhos fechados e os olhos fixos e penetrados. Não se distraíam e não perdiam nada de vista; estavam prontos para o confronto, apesar do número muito inferior de anjos naquela ocasião. Eles não demonstravam medo; seus corpos fortes e musculosos denunciava que eram guerreiros acostumados a batalhas.

Capítulo XIV

Dom de discernimento de espíritos e o poder do nome de Jesus

Enquanto os demônios aproveitavam a supremacia em número para debochar dos ex-colegas que escolheram não se rebelar contra o Altíssimo, o Espírito Santo falou à senhora Farrel: “Minha filha, há demônios nesta sala e eles querem dispersar a reunião. Vou permitir que você sinta a presença deles. Em seguida, repreenda-os no nome do seu Salvador”.

A senhora Farrel começou a sentir a presença maligna e começou a sentir seu estomago enjoar com o cheiro de enxofre que Deus lhe permitiu sentir, revelando a presença dos demônios.

— Irmãos — disse ela — o Senhor me disse que nós vamos ser atacados pelos demônios que já estão nessa sala. Vamos repreendê-los agora! — Quando ela disse isso, os demônios pararam de rir e de provocar os anjos. O semblante de todos eles mudaram. A velha senhora havia recebido uma revelação do Altíssimo. Isso era péssimo, pensaram os demônios. Era o momento da verdade. Por alguns instantes, todos permaneceram calados, anjos e demônios. Para piorar, a potestade de toda aquela região estava observando de longe. Então o chefe dos demônios pensou: — O número de anjos são poucos. Acho que temos uma enorme vantagem, pela quantidade de demônios que temos nesse momento.

Por isso, tentando manter o controle da situação, o demônio-chefe disse:

— Vamos ver que tipo de intimidade essa velhinha tem com o Todo Poderoso. Ela não parece estar bem acompanhada...

O anjo líder respondeu com um olhar provocador e de cara feia. Todos os demônios riram alto e zombaram novamente, pois as pessoas com intimidade com o Altíssimo sempre são acompanhadas por um número maior de anjos e, às vezes, até de arcanjo, dependendo da situação. Como eles viam apenas alguns poucos anjos, isso se tornou motivo de zombaria. Entretanto as pessoas na sala se puseram a orar,

enquanto a senhora Farrel disse:

—Na autoridade que me foi concedida pelo sacrifício do Senhor Jesus Cristo na cruz, pelo sangue de Jesus que me resgatou, eu uso o nome do Filho de Deus para repreender todos os demônios que estão aqui nesta sala e ordeno que os que ousaram entrar aqui, eu ordeno que vocês saiam daqui, agora, e ordeno que isso aconteça em nome de Jesus!

Instantaneamente, ao pronunciar a última palavra, aquilo que não podia ser visto pelas pessoas, naquela sala, era uma verdade mais real do que a própria realidade. Os demônios sabiam que a hora da verdade havia chegado: se aquela mulher estivesse em comunhão com o Altíssimo, eles estavam em apuros. Dentro de pouquíssimo tempo haveria um lado derrotado e outro vencedor.

Se ela fosse serva fiel, os demônios sabiam que teriam que obedecer a ordem daquela mulher para saírem, porque foram repreendidos em nome do filho do Deus Altíssimo, e isso eles sabiam que era coisa séria. Os demônios presenciaram a crucificação de Jesus, eles pensaram que tinham vencido o filho de Deus. Entretanto foram, juntamente com Satanás, humilhados e vencidos. Todos os demônios viram Jesus descer às profundezas da terra, tomar as chaves da morte e do inferno, para depois subir em triunfo ao céu, levando cativo o cativo e conceder dons aos homens.

Quando Jesus chegou no céu, Deus o assentou a sua direita e colocou todas as coisas debaixo dos pés de Jesus e o constituiu como cabeça da Igreja. Jesus é o nome mais poderoso do Universo. Seu nome está muito acima de qualquer principado, autoridade, poder e domínio, não apenas ontem e hoje, mas para todo o sempre, e isso faz os demônios temerem e tremerem. Por isso, se eles não batessem em retirada, os anjos os expulsariam a qualquer custo, e seriam enviados tantos anjos quanto fossem necessários até que a ordem para eles irem embora fosse completamente cumprida.

Os anjos, com olhar seguro e destemido, continuavam com suas espadas desembainhadas e agora mais brilhantes do que antes. Estavam dispostos a defender a qualquer custo os filhos do Altíssimo, esperavam apenas o comando. Do céu, os anjos ouviram a ordem do Senhor. Anjos e demônios se encaravam, como que se procurassem saber em que momento o outro iria atacar. Entretanto as pessoas na sala não tinham a menor consciência do que acontecia no mundo espiritual. Os demônios queriam “bagunçar” a reunião de oração, mas

antes era necessário derrotar os poucos anjos que guardavam aquelas pessoas.

Como tinham combinado, os anjos deram um passo para atrás e, ao contrário do que parecia, que estivessem recuando, eles abriram suas asas, que pareciam ter sidos infladas, ergueram ao céu suas espadas que já estavam desembainhadas e bradaram:

—Agindo Deus, quem impedirá?!

—Eu odeio esse gritinho de guerra deles — murmurou o demônio chefe — vamos ver quem vai cantar vitória daqui a pouco, quando nós acabarmos com vocês... — e ordenou:

— Atacar! —Ainda confiante, porém mais cauteloso, o chefe dos demônios deu o primeiro passo para a batalha. Os demais demônios o seguiram, certos da vitória, e começaram a atacar os anjos. Contudo, apesar de estarem a poucos metros uns dos outros, à medida que os demônios avançavam em direção aos anjos, os poucos anjos que estavam ali se posicionaram de forma ordenada. Um deles se posicionou à frente dos demais, deixando claro que era o responsável pelos demais anjos, e, sem demonstrar medo, colocaram-se em posição de luta, avançando na direção dos demônios, que avançaram de todos os lados, dando início ao combate.

Parecia que seria uma loucura, uma bobagem sem precedentes dos anjos — apenas alguns anjos, para enfrentar duas centenas de demônios das mais diversas hierarquias e, para piorar, ao invés de apenas se defenderem e recuarem quando esgotassem suas forças, estavam, ao contrário, avançando para atacar. Os demônios estavam certos da vitória esmagadora. Iriam zombar dos anjos, das luzinhas do Altíssimo, como gostavam de mencionar os demônios, e depois iriam para a segunda fase do plano, que eram as pessoas ali na sala.

Entretanto, à medida que os anjos avançam em direção aos demônios, alguma coisa chamou a atenção da potestade que assistia tudo de longe. — Esses demônios são ingênuos demais. Alguma coisa está armada pelos guerreiros celestiais — pensou. De fato, a percepção da potestade estava correta, os anjos sabiam o que estavam fazendo e o que esperar.

Apesar da pouca distância que separava anjos e demônios, as asas dos anjos eram vistas pelos demônios que também arqueavam suas asas e iniciaram o ataque. A luta começou! Parte dos demônios atacaram os quatro lados dos anjos, e outros quase duzentos demônios vinham do céu, descendo e atacando os anjos por cima. Assim, os

demônios atacavam, de fato, por cinco lados.

Os anjos se posicionaram estrategicamente, defendendo os quatro lados, por se tratar do menor número de demônios que atacavam. Todos os demais demônios atacavam de cima para baixo e voavam em direção ao centro do local onde estavam aqueles anjos, dispostos a esmagá-los somente pelo impacto do choque de seus corpos. Todos os demônios, que vinham voando pelo alto, estavam com suas espadas negras em punho também.

Os demônios que atacavam pelas laterais, pelos quatro cantos, chegaram primeiro e foram percebendo um problema inesperado. Os anjos lutavam bravamente e alguns demônios começaram a cair feridos pelos ataques certos das espadas flamejantes dos anjos. No centro dos anjos, havia um único guerreiro celestial, que olhou para cima e se projetou num voo muito veloz e impressionante.

Seu corpo parecia ter se transformado em uma espécie de cometa, ou uma bola de fogo, que deixava um rastro, uma luz brilhante e intensa para trás. Ciente de que encontraria quase duzentos demônios que lhe vinham ao seu encontro, com espadas cruéis, ele aumentou ainda mais a velocidade e os encontrou nos ares. Seria uma loucura desse único anjo enfrentar sozinho tantos demônios, se não fosse um pequeno detalhe... À medida que esse anjo voava em direção ao combate, os demais demônios perceberam que nas costas desse anjo não havia duas asas, mas seis. Seis asas!

Dois asas. Essa é a quantidade que qualquer anjo protetor ou guerreiro possui. Mas seis asas, como as que acabaram de se abrir das costas daquele anjo, era sinônimo de problema: aliás, que problema! Aquilo não era Anjo, nem Arcanjo. Era um Serafim! O que parecia uma vitória certa, era agora algo impossível e ainda pior. Significava uma derrota que estava sendo assistida diante da potestade, pensavam os demônios. O pior era que, pela pouca distância entre eles e a velocidade incalculável de um Serafim, a derrota era certa. Não dava mais para recuar e escapar, pelo menos aos primeiros demônios da fila de combate!

O demônio do círculo não conseguia nem falar. Os demônios do círculo eram baixinhos e gordinhos, o que não lhes dava condições para combate. Ele assistia tudo de longe. Fazia muito tempo que ele não via um Serafim tão de perto. A luz que vinha das asas do Serafim cegaria qualquer humano em uma única olhadela. O tamanho das asas e a velocidade do Serafim eram impressionantes.

Ele voava agora girando, como se fosse um furacão. Antes que os demônios pensassem em uma maneira de escapar, de conseguir fugir dali, eram alcançados pela espada implacável do Serafim. Os demais anjos não se deram ao trabalho de ajudar o Serafim. Não havia necessidade. Ficaram apenas com a responsabilidade de lutar contra os demônios que vinham pelos quatro cantos, que logo recuaram ao perceber o que estava acontecendo. Depois ficariam na retaguarda e encarregados apenas de avisar se surgissem mais demônios do que aqueles que já estavam ali.

O que um Serafim estaria fazendo naquele lugar? — perguntavam os demônios... Contudo, pela posição que os outros demônios que voavam de cima para baixo vinham, e pela rapidez dos acontecimentos, não conseguiram enxergar as seis asas. Entretanto os demais demônios que atacavam pelos quatro cantos enxergavam perfeitamente as seis asas. Em segundos, todos perceberam vários demônios feridos e completamente fora de combate.

À medida que voava em direção aos demônios, o Serafim continuava a voar em círculo e, devido à velocidade, ele formou uma espécie de furacão de fogo, tal eram sua força e agilidade. Era algo como um furacão, e, no meio, ele parecia com um corpo celeste pegando fogo, como quando entra na atmosfera da Terra e se incendeia.

Quando se encontrou com os demônios nos ares, parecia que havia iniciado uma chuva negra. Com sua incrível agilidade, golpeou um a um os primeiros demônios em frações de milésimos de segundos. Eram muitos, os pedaços de corpos dos demônios que caíam pelo céu em direção à Terra, conforme a espada certa e flamejante do Serafim, ia abatendo os quase duzentos demônios.

— Maldição! — gritou de longe a potestade. — Eu desconfiava que isso parecia uma reunião selada!

Tentando evitar uma humilhação maior do que a que já estava acontecendo, a potestade desembainhou a própria espada e voou em direção ao céu, de encontro ao Serafim. Porém, apesar de sua velocidade também espantosa, não conseguiu impedir a determinação do Serafim, que já havia eliminado quase todos os demônios. A destruição só não foi completa porque os últimos demônios perceberam o que estava acontecendo e recuaram com medo de serem decepados pela espada impiedosa do Serafim.

A luta acabou! Tão rápido e tão decisivamente. Os demais demônios que atacaram pelos quatro cantos também foram vencidos

rapidamente. No chão, percebia-se o tamanho do estrago. Havia pedaços de corpos dos demônios espalhados por todos os lados, os quais se retorciam e gemiam de dor. Pronunciavam palavrões e ofensas contra o Altíssimo e contra os anjos. Não conseguiam voar ou andar, estavam feridos, vencidos e humilhados. Os poucos demônios que recuaram estavam observando de longe e puderam ver o confronto entre a potestade e o Serafim. No passado, era comum ver lutas entre anjos e demônios das altas hierarquias, mas à medida que a mensagem do evangelho foi sendo diluída, os cristãos também foram se tornando menos defensivos e perigosos para os demônios.

As lutas passaram a ocorrer apenas entre os demônios das hierarquia mais baixas, contra anjos. Uma ou outra vez se via um arcanjo. Serafins e Querubins se tornaram casos raros. Por isso os demônios se puseram apenas assistir à luta entre o Serafim e a sua Potestade, ou seja, um ex-Serafim. Eram dois anjos da mesma hierarquia. Das costas da potestade podia-se enxergar as poderosas seis asas, sinal de autoridade e alta hierarquia no mundo espiritual.

O Serafim percebeu a vinda da Potestade e se colocou em guarda. A potestade, furiosa, chegou atacando por todos os lados. Porém o Serafim se defendia com maestria e, após quase vinte ataques seguidos, conseguiu reverter a situação, depois de um ligeiro descuido da Potestade, e passou a atacar. Os golpes eram fortes e velozes em diversas áreas do corpo, quase que simultaneamente. Não era possível ver golpe a golpe, apenas as sequências. Tudo era muito rápido. Contudo a potestade também se defendia muito bem. Nem o Serafim ou a Potestade tinham conseguido cravar um golpe que fosse decisivo. Ambos tinham apenas alguns ligeiros arranhões; nada sério.

As espadas do Serafim e da Potestade se enfrentavam de forma impiedosa. Os demais anjos também observavam a luta atentamente, para o caso de chegarem reforços para os demônios. A pouca distância deles, um poderoso Querubim observava a luta entre os dois Serafins, um transformado em demônio pela sua rebelião e inevitável queda com Lúcifer, e o outro Serafim, leal e fiel combatente do Deus Altíssimo.

Estrategicamente, o Querubim não se deixou notar por ninguém, mas, caso o Serafim do Altíssimo Deus sofresse algum ataque da potestade, imediatamente o Querubim assumiria o controle da missão e o fim da batalha. Por ser hierarquicamente superior ao Serafim, a Potestade não enfrentaria o Querubim, e se fizesse isso, seria derrotado instantaneamente. Apenas outro Querubim teria coragem e forças

suficientes para enfrentá-lo.

Os Querubins são os mais poderosos entre os anjos. Apenas a aparência de um Querubim é suficiente para causar medo e uma vontade inevitável de, literalmente, sair correndo ou desmaiar por falta de força física, provocada pelo espiritual diante do natural, como aconteceu com o profeta Daniel, quando teve experiências e visões espirituais. Olhar para um Querubim já provoca pavor e pode deixar uma pessoa com as pernas bambas de tanto medo. Sua aparência é poderosa, assustadora e completamente diferente dos padrões dos demais anjos. Por isso provoca tanto medo. Quem iria acreditar que um ser com quatro cabeças e quatro asas é, na verdade, um anjo? Talvez uma pessoa desavisada diria que viu um demônio, ao invés de anjo.

O Querubim possui quatro cabeças, sendo cada uma delas diferente uma das outras. Uma das cabeças tem a aparência de gente, as outras três cabeças são cabeças de animais — de leão, de águia, alguns de boi e alguns uma outra forma... que não dá para descrever. É de um ser espiritual indescritível. Quatro cabeças, quatro asas. Na aparência, são semelhante à forma de um homem, entretanto suas pernas são retas; seus pés são como os de um bezerro e reluzem como bronze polido. Em um pé há algo como que uma roda. Debaixo de suas asas, nos quatro lados, eles têm mãos humanas.

O corpo deles lembra um carvão em chamas ou tochas de fogo, mas talvez o que mais impressione em seus corpos sejam os olhos. Se você ficou assustado com a descrição do Querubim, a mais alta hierarquia dos anjos de Deus, devo lembrá-lo de que ainda há o que descrever. Os anjos são grandes e fortes. Os Arcanjos são mais fortes do que os anjos, os Serafins mais fortes e maiores do que os Arcanjos, e os Querubins representam o máximo de força e poder que um Anjo pode alcançar. Eles não são apenas grandes, são gigantes.

Para nossa informação, a Bíblia menciona em 1Reis, capítulo 6, versículo 23, a altura de um Querubim: quatro metros e quarenta de altura. Cada asa do Querubim, aberta, media dois metros e vinte e cinco centímetros, ou seja, quatro metros e meio da ponta de uma asa à ponta de outra asa. E, debaixo das asas, eles têm braços e mãos de homens.

O barulho das asas ou do andar de um Querubim é semelhante ao barulho de muitas águas, como de um estrondo semelhante ao barulho de um exército inteiro. A aparência é difícil de descrever. A cor dos

Querubins é algo parecido com brasas de fogo ardente, semelhante a tochas de fogo. Além disso, os Querubins têm olhos em todas as partes do corpo... há inúmeros olhos espalhados pelo corpo deles, inclusive nas costas, nas mãos e nas asas.

Se você achou isso esquisito, você não foi o único. Confira se o que você leu é verdade. Procure uma Bíblia na sua casa e procure no índice em que página está o livro do profeta Ezequiel e depois abra no capítulo primeiro e no capítulo dez. Leia com atenção a descrição dos Querubins. Sobre os Serafins, procure no livro do profeta Isaías, no capítulo seis e lembre-se: você não precisa temê-los. Quem deve ter, e de fato têm medo deles, são os demônios. Precisamos conhecer quais são as promessas que o Deus Altíssimo fez para nós, que cremos e obedecemos a Deus.

Devemos ficar confiantes e firmes, não nos assombrar diante das lutas espirituais e confiar no Deus Altíssimo, porque os anjos do Senhor acampam ao redor das pessoas que temem a Deus, e Ele os livra. Está escrito no Salmo 34, versículo 7. Mas não adianta querer fazer oração para anjo. Está escrito no salmo 91, no versículo onze, que quem dá ordem para os anjos agirem é o próprio Deus: “Pois aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos.”

Mas, voltando aos acontecimentos, a batalha continuava, enquanto o Querubim observava atentamente. Num dado momento da luta, as espadas se cruzaram e pararam em forma de x, uma sobre a outra, e ambos, Serafim e a Potestade, tentavam tirar vantagem da situação. Um fazendo força sobre o corpo do outro.

O Serafim, com uma destreza excepcional, conseguiu, por meio de um golpe de corpo, lançar a Potestade alguns metros adiante. A Potestade percebeu o golpe, mas não conseguiu se desviar completamente e se desequilibrou, rodopiou no ar, tomando cuidado para se distanciar do Serafim, para não ser atingida, recompondo-se rapidamente, sem sofrer nenhum outro golpe da espada do Serafim. Ficaram assim, distantes um do outro. Percebendo ser inútil continuar lutando, a Potestade disse ao Serafim com desprezo e arrogância:

—Você ainda leva jeito com a espada! É lamentável que eu tenha mais o que fazer e não posso ficar aqui para lhe dar uma lição de como se lutar de verdade! Eu tenho muito o que fazer. Melhor do que ganhar essa briguinha tola, é entender o porquê de tudo isso! Eu já entendi que existe algum plano por aqui, seu idiota! Tenha certeza de que nada aqui vai prosperar. Não na minha região... Nos veremos de novo,

Serafim, e aí vou fazer questão de lhe ensinar a manejar uma espada de verdade!

Abrindo suas asas novamente, a potestade voou e do alto encontrou o chefe dos demônios caído no chão. Voou até ele, parando no ar, e com as asas abertas, gritou com ódio:

—Seu idiota e incompetente! Eu avisei que parecia uma reunião blindada! E você, o que fez? Disse que eles não estavam em boa companhia... considere-se rebaixado de seu cargo, demônio burro!

Após dizer isso, sumiu em direção ao céu. Os demais demônios que assistiam de longe fizeram o mesmo. Os outros continuavam a gemer de dor, caídos no chão e fugindo, lançaram-se em direção às profundezas da terra, a muitos quilômetros da nossa superfície.

Enquanto a missão no mundo espiritual tinha sido executada, no mundo físico, o Roger, em pensamentos, clamava e reclamava com Deus:

—Senhor, tem misericórdia de mim! Me poupe das estórias malucas dessa velhinha que vive sozinha. Ela não deve ter o que fazer e inventou tudo isso.

Mas a senhora Farrel, após repreender os demônios, continuou a contar sua história:

—Irmãos, como eu dizia, o anjo me tocou, e foi como se eu tivesse novamente dezoito anos, me sentia forte e cheia de energia. Eu me levantei e fiquei de pé. O anjo então me disse:

—Prepare-se. O Deus Altíssimo, o teu Senhor quer te mostrar coisas novas e velhas, coisas que já aconteceram e coisas que ainda estão para acontecer.

—Depois o anjo me disse: — Olhe!

—Eu olhei na direção em que o anjo me apontou e eu vi esta sala onde nós estamos agora — os sofás, as cadeiras vazias e todos nós que estamos aqui agora, nesta noite... — Quando ela disse isso, a dona Cecília começou imediatamente a Glorificar a Deus. Ela falava sem parar “Glória, Glória a Deus, Aleluia”, falava em línguas e novamente começava a dizer “Gloria a Deus”.

Os rapazes, Erick e o John, não sabiam direito o que pensar. Mesmo o Erick, acostumado a tantas reuniões de orações e manifestações do Espírito Santo, nunca havia ouvido algo assim. Mas o Roger estava se remoendo em sua cadeira, desejando estar em outro planeta. Depois de alguns minutos, assim que a dona Cecília conseguiu se conter, a senhora Farrel prosseguiu:

—À medida que o anjo me apontou para onde olhar, eu olhei e vi esta sala. Então ele me perguntou: — O que você vê?

—E eu disse: eu vejo uma sala, dois sofás, muitas cadeiras vazias, uma senhora, dois jovens e um homem. O anjo tornou a perguntar:

—Você conhece esse lugar e essas pessoas?

—Não, eu não as conheço — respondi.

—Ele então disse:

—Vou te mostrar primeiro o que já aconteceu e depois o que ainda não aconteceu, mas vai acontecer. Você será usada pelo Altíssimo para edificar, exortar e consolar as pessoas que você vê nessa sala. Mas não será fácil, pois o lugar em que elas vivem é longe. Você terá de atravessar o país para entregar a Palavra do Senhor. Os demônios virão ao teu encontro, dispostos a acabar com a sua vida. Depois disso tudo, alguns daqueles que você viu na sala não acreditarão em você, e tu estarás sozinha.

—Então irmãos, enquanto o anjo ia me dizendo isso, eu ouvia dentro de mim que o Senhor não chama os capacitados, mas capacita os chamados, porque para Deus o requisito mais importante é um coração quebrantado e contrito, sincero e desejoso dele. Então eu disse ao anjo: Eu usarei as mesmas palavras que foram ditas pela serva Maria, quando o anjo Gabriel anunciou o nascimento do meu Salvador e, a minha resposta é: aqui está a serva do Senhor, cumpra-se em mim a vontade do Senhor. As palavras do profeta Isaías também são as minhas: Eis-me aqui, envia-me a mim. Aonde ele me mandar eu irei, e eu sei que o meu redentor vive e falará por mim, sou velha, mas já fui moça e nunca vi um servo ou serva do Senhor sem a provisão do meu Senhor. Estou desejosa e disponível, para fazer a vontade do meu Deus!

Ao ouvir essas palavras da senhora Farrel, O Erick explodiu... e começou a falar em línguas espirituais e a chorar de alegria ao mesmo tempo, tamanha era a presença de Deus que ele sentia. A dona Cecília também interrompeu, ao mesmo tempo, e começou a louvar e a glorificar a Deus, dizendo “Aleluia, Glória a Deus nas alturas”, e falava em outras línguas e novamente louvava a Deus. O John só chorava e não entendia direito o que estava sentindo, achava que ia ter um ataque cardíaco, porque sentia o coração disparado. Mas era bom, aliás não era apenas bom, era uma sensação maravilhosa e indescritível. Ele nunca havia sentido nada parecido. A interrupção durou vários minutos...

—Assim que o Anjo ouviu minha resposta — continuou a senhora Farrel — ele me disse:

—Então, serve do Altíssimo, eu te mostrarei quem são as pessoas que você viu naquela sala e qual será a sua missão, o porquê de você ser enviada.

Quando a senhora Farrel disse isso o Roger em seu pensamento disse: — Onde eu fui me meter! Agora é a hora do show... das profecias inventadas por essa falsa profeta. São sempre parecidas, cheias de enrolação. Ela vai falar sobre coisas gerais, que se encaixam para a maioria das pessoas. Tenho certeza de que ela vai falar sobre pessoas em crise financeira, com dívidas, sobre alguém que foi magoado por outro alguém, ou seja, aquelas coisas que todo mundo sofre e não precisa ser profeta para saber. Eu só não entendo por que as pessoas teimam em acreditar nessas bobagens. É muita ingenuidade.

Enquanto ele pensava isso, a senhora Farrel continuou:

—A primeira recomendação do anjo foi sobre você, Roger.

Quando o Roger ouviu ela falando com ele, aborreceu-se mais ainda e começou a pensar em como reagiria sem ser mal-educado. —Logo eu?! — pensou ele — eu mereço mesmo — reclamou em pensamento!

—Sobre mim — respondeu ele, sem saber exatamente o que dizer.

—Sim, Roger, sobre você— respondeu calmamente a senhora Farrel, como se soubesse o que ele estava pensando, e de fato ela sabia...

—Um anjo falou sobre mim para a senhora? — indagou o Roger, mal conseguindo disfarçar a sua incredulidade e o seu aborrecimento.

—Sim, Roger, sobre você, filho — respondeu ela de forma carinhosa e calma.

O aborrecimento na face do Roger era visível. Por mais que ele tentasse ser educado, esse tipo de situação era a que ele mais abominava dentro do mundo cristão. Porém o que ele não sabia e não esperava era que a senhora Farrel falava a verdade, ela realmente falava em nome do Senhor.

—Roger, o Senhor me revelou muitas coisas sobre você, até o que você está pensando agora.

—Até o que eu estou pensando agora! Senhor, tem misericórdia de mim! Me livra dessa velhinha maluca!!! — orou ele em silêncio.

—O Senhor me disse, Roger, que você não gosta “destas coisas”, que você ainda não foi batizado com o Espírito Santo. Por isso não gosta de revelação e do barulho dos pentecostais. Por isso, o que eu falei até agora, o Senhor me disse que não seria o suficiente para

—você acreditar, porque, para piorar a sua situação, você está muito machucado pelas feridas que foram abertas por pessoas que se diziam irmãos e irmãs e não eram, você foi e está machucado pelas ações e decepções causadas pelos falsos profetas e pelo falso pastor, um satanista que está infiltrado na Igreja do Senhor e que causou muita tristeza a você, Roger, a sua esposa e a outro servo do Deus Altíssimo, um professor seu amigo.

Visivelmente surpreso, a fisionomia de Roger havia mudado de aborrecimento para uma certa surpresa. Mas — pensou ele — essa mulher pode estar plantando verde para colher maduro. Ela vai fazer o que faz com todo mundo, tentar me emocionar para dar veracidade às profetadas de sempre, e eu não sei se o Jackson é satanista... Mas faria sentido ele ser... o professor Geoval também disse isso...

Por outro lado, quem é que nunca se decepcionou com alguém numa igreja? — disse para si mesmo, tentando manter o controle — ela está tentando me convencer, apesar de que o que ela disse aconteceu mesmo... Não, eu não posso cair nessa profetada barata. Eu sou culto, tenho formação, sou doutor em teologia, eu entendo dessas coisas... mas o professor Geoval é pentecostal, e ele é doutor e muito, muito mais culto do que eu... Ela não, essa mulher é uma falsa profeta e está tentando me emocionar... Eu... eu preciso me controlar...

Ele não consiga ordenar seus pensamentos. O pensamento dele estava sendo bombardeado por informações e emoções, levado por diversos pensamentos e argumentos, mas a senhora Farrel o interrompeu:

—Roger, o Senhor me disse que nesse exato momento você estaria pensando que eu sou uma falsa profeta e que estou tentando te emocionar, para dar credibilidade às minhas palavras. Mas para que você saiba que quem fala contigo não é apenas uma mulher, mas a boca de Deus, através da sua humilde serva, vou dizer tudo o que o Senhor me ordenou. Escute e julgue você mesmo. Roger, Deus me mostrou uma mulher que você conhece bem. Deus me mostrou essa mulher em alguma data do passado, não do presente. Era uma mulher pequena, magra e de cabelos ruivos. A aparência dela era de aproximadamente trinta anos. Ela estava sozinha no quarto da casa dela, sentada na cama e tinha nas mãos uma vasilha de plástico com óleo. Ela chorava muito e estava sozinha, tinha sido abandonada pelo marido dela. Ela orou e consagrou o óleo. Quando ela terminou a oração, ela ungiu o próprio ventre porque estava grávida e consagrou

a criança que ela estava gerando. Deus me permitiu, além de ver, ouvir o que ela disse. No secreto do quarto dela, ela disse:

—Com esse óleo, que não é apenas óleo, mas que representa o Espírito Santo do Senhor, na autoridade de mãe desta criança que estou gerando, eu a consagro desde o ventre, para o meu Senhor, meu Deus. Que o desejo do coração dessa criança, sejam os desejos de Deus, que a sua vontade, seja fazer a vontade de Deus. Que o Senhor a proteja, que o Senhor a guarde, que o Senhor tenha misericórdia dela e faça resplandecer o seu rosto sobre ela.

Que o Senhor o livre de todos os perigos. Que nenhuma praga ou maldição esteja sobre ela. Dê-lhe paz, saúde, sabedoria e prosperidade. Que o coração desta criança seja um coração obediente e contrito perante o nosso Deus. Que nos dias de provações, o Senhor a sustente e a guarde. Que esta criança cresça em graça, em estatura e em sabedoria diante de Deus e dos homens. Que honre a sua mãe e ao seu Deus. Que essa criança seja cheia do Espírito Santo por todos os dias da sua vida e que nunca se desvie dos caminhos do Senhor e que seja usado para levar muitos ao caminho do Senhor...

—Quando essa mulher terminou essa oração, ela chorou muito novamente. Depois disso eu não vi, mas ouvi uma voz forte, como que parecida como a de um trovão, que ordenou com autoridade de rei:

—A oração da minha serva foi ouvida. Eu farei que o seu pedido seja cumprido. Sua oração encontrou repouso em meu amor, e pelo amor que tenho por ela lhe dou minha Palavra, e a minha Palavra, a partir de agora são promessas que cumprirei na vida dela. Que cada palavra dela seja escrita no livro! Eu vou responder a sua oração e reverter a história dela. Porém meus planos são maiores, muito maiores do que os dela. A minha serva vai dormir antes de ver todas as minhas promessas completamente realizadas, mas quando eu a ressuscitar, eu mesmo mostrarei a ela, que foi cumprida cada palavra da oração dela ao longo dos anos e acrescentei outras bênçãos que ela nunca viu, nem ouviu, nem chegou ao coração dela, porque essa é a minha vontade, abençoar a todos quantos se aproximam de mim...

—Então a visão parou, e eu perguntei ao anjo quem era aquela mulher e quem era aquela criança e o que tudo aquilo significava. E o anjo me respondeu.

A senhora Farrel fez uma pequena pausa, olhou fixamente para o Roger e, erguendo o tom de voz e falando com autoridade, disse:

— O nome da mulher é Lauren, e a criança que ela estava gerando...é

você, Roger. Você é servo ungido do Deus Altíssimo, do Criador do céu, da Terra e de todas as coisas !

Capítulo XV

O quebrantamento e a confissão do Roger

Quando a senhora Farrel mencionou o nome da mãe do Roger e que ele era ungido do Deus Altíssimo, a senhora Farrel foi obrigada a fazer uma pausa. A presença do Senhor era tão perceptível que todos, literalmente, choravam e manifestavam expressões de louvor a Deus.

Não conseguiam se conter: uns glorificavam a Deus, outros louvavam, outros falavam em línguas e se alternavam fazendo isso. Sentiam que, se não o fizessem, iriam explodir. Parecia que era uma maneira de conseguir expressar o que cada um sentia, ao perceber a manifestação do Rei dos Reis, do Senhor dos Senhores, naquela humilde sala. Sem dúvidas, ou o céu tinha baixado naquele lugar, ou eles tinham ido para lá. Era o sentimento deles...

A dona Cecília estava de joelhos. O Erick, mais espalhafatoso, berrava e andava de um lado para o outro, falando em línguas gesticulando com as mãos. O John estava sentado, mas não aguentou, colocou-se de joelhos e percebeu que o que ele falava, ele próprio não entendia. Era um novo idioma. Percebeu que havia sido batizado no Espírito Santo e recebido o dom de falar em outras línguas... A senhora Farrel estava sentada, e o Roger não encontrava forças em seu corpo. Do sofá em que ele estava sentado, ela o viu escorregando até o chão. Chorando, ele permanecia com o rosto no chão, chorando e dizendo: —Tem misericórdia, tem misericórdia de mim, Senhor...

A aparência de Roger, no início da reunião, era de quem estava ali apenas para ser educado e, por isso, demonstrava certo constrangimento. Sentado no sofá, com as pernas cruzadas, ele mantinha aquele ar de quem está esperando, pacientemente todos os acontecimentos que deveriam acontecer na reunião de oração naquela noite, para depois sair dali o mais rápido possível. Porém, conforme a senhora Farrel foi mencionando, com detalhes, segredos que somente ele conhecia, sua postura e seus gestos educados foram esquecidos, e ele foi se dando conta de que a mulher que ela tinha visto na visão era realmente a sua mãe, que já havia morrido muitos anos atrás.

Ele sempre escondeu e nunca havia contado para ninguém que sua mãe o havia consagrado desde o ventre. Ele achava isso uma bobagem e, depois que deixou a função de pastor, acreditou que havia sido ingenuidade dele e da sua mãe. Por isso, à medida que a senhora Farrel foi dando detalhes que somente ele sabia, a própria pessoa do Espírito Santo se aproximou dele. Aquela presença do Espírito do Senhor, que ele conheceu muito bem no passado, mas fazia muitos e muitos anos que ele não sentia perto de si, tornava a ser constante — inicialmente, após a visita do professor Geoval, e agora, com a visita dessa senhora, também usada pelo Espírito Santo do Senhor.

Como todo mortal que sente a presença do Senhor, conforme a senhora Farrel ia falando, ele ia percebendo mais e mais a presença do Senhor, cada vez mais real e perceptível perto dele. Era impossível fazer de conta que nada estava acontecendo. Todos os seus sentidos estavam alterados, e ele chorava a ponto de soluçar. Seu corpo parecia uma gelatina que foi lentamente escorregando do sofá em direção ao chão, chorando, já deitado no chão, com a boca também no chão, ele repetia sem parar: — Senhor tem misericórdia de mim!

Depois de um longo período, que passou como se fossem alguns segundos, a senhora Farrel continuou:

—Depois o Senhor me mostrou a mesma mulher, mas havia passado já muito tempo, desde que a criança tinha nascido. Ela estava sentada numa pequenina igreja, e o filho dela, já adulto, estava sendo ungido diante de toda a congregação.

—O filho da mulher — disse-me o anjo — ele é pastor de almas, das ovelhas do Altíssimo... Na testa dele existe um selo de propriedade exclusiva do Espírito Santo, e o nome dele é conhecido no mundo espiritual por anjos e demônios. A cabeça dele foi ungida com óleo, simbolizando a presença poderosa do Espírito Santo na vida e nas atitudes dele.

Ele foi ungido por um servo do Senhor muitos anos atrás, numa pequena igreja no interior do Estado de New York. Mas, apesar da aparente falta de importância da cidade e da igreja, naquela noite, na noite da unção e consagração dele como pastor, naquela igreja não estavam apenas aquelas poucas pessoas. — O anjo aumentou o tom de voz e disse com autoridade:

—Naquele lugar, naquela noite, estava presente o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Estava presente o Deus Todo-Poderoso, criador do Céu e da Terra. Lá estava presente a Trindade e parte do Exército

do Altíssimo, celebrando com o Santo dos Santos a consagração do servo fiel do Senhor. E assim é, toda vez que um servo fiel se entrega ao serviço e à vontade do Altíssimo Deus.

—O Senhor me mostrou que, após a sua consagração, Roger, você se mudou para a capital do estado. Foi estudar e se tornou doutor em teologia, Roger. A tua alegria durou pouco, por causa da tua união. Quanto maior a união, maior a guerra. Quanto maior o conhecimento, maior é o sofrimento, por saber o que está acontecendo e quais as consequências que virão.

E a tua luta foi muito grande, e você esmoreceu; não por causa das lutas, mas por causa das decepções, das suas feridas que foram abertas quando você foi pisoteado pelos demônios, através dos seus mensageiros, que usaram os falsos irmãos, os lobos em pele de cordeiro que estão dentro da igreja do Senhor. Você pensou que o dia que você foi ungido foi um erro, uma precipitação, que você havia atendido a um chamado de homem e não ao chamado de Deus. Por causa disso, você tomou uma decisão: você deixou o teu ministério, mudou de bairro, porque já morava aqui na cidade de New York, e se escondeu.

Desde então, nunca mais disse a ninguém quem você é de fato. Você pensa que você é um ninguém. Você pensa que é apenas o Roger, filho de Lauren. Os demônios comemoram a sua derrota. Foi uma vitória deles, pois conseguiram calar um servo do Altíssimo.

Mas escute, servo do Altíssimo Deus, para o Senhor, para o nosso Deus, você não é apenas Roger, nem apenas filho de Lauren, para Deus não importa que seu pai tenha abandonado você e a sua família. A tua identidade só pode ser escondida na Terra. No céu, é impossível: anjos e demônios sabem quem tu és...

Aumentando o tom de voz e falando mais rápido e forte, como que se estivesse anunciando a entrada de alguém, ela disse :

—Em nome do Senhor dos Exércitos, Ele te faz lembrar quem você é, Roger: Você é filho do Deus Altíssimo. É ungido de Deus. Selado pelo Espírito Santo e chamado para ser, na Terra, Pastor de almas. E quem tocar em você tocará na menina dos olhos de Deus! Como foi dito a Josué, quando assumiu a liderança do povo, após Moisés, assim o Senhor diz a você: — Não temas. Esforça-te e tem bom ânimo, porque tu guiarás o meu povo desse lugar. Tão-somente esforça-te e tem bom ânimo, para teres o cuidado de fazer conforme toda a minha vontade e dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que prudentemente te conduzas por onde quer que andares.

Não se aparte da tua boca a minha Palavra; antes medita nela dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quanto está escrito, porque então farás prosperar o teu caminho e serás bem sucedido. Não te mandei eu? Esforça-te e tem bom ânimo. Não temas, nem te espante, porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares. Quando passares pelo vale estarei contigo, quando passares pelo fogo estarei contigo, quando andastes pelo vale da sombra da morte, a minha vara e o meu cajado te ampararam. O cair é do homem, mas o levantar é de Deus, faça todo o seu possível, porque no meu tempo, o impossível farei Eu, o teu Senhor.

—O Senhor diz que quando os homens rejeitaram as tuas ideias e o teu ministério, eles não rejeitaram apenas a você, mas rejeitaram primeiro a Deus, o Senhor, porque aquelas ideias que você teve não eram suas, mas nasceram no coração de Deus inicialmente. Ele fez que você sonhasse os sonhos de Deus. Eles rejeitaram a vontade de Deus. Assim Ele diz:

—Os meus sacerdotes se tornaram cegos e surdos, e quase não há profeta. Por isso aqueles que persistem em ouvir-me e em obedecer-me serão fortalecidos e honrados. Porém, antes, passarão por mais lutas e provações. Mas antes que fraquejem, eu os ajudarei, e os fortalecerei, e renovarei as suas forças, e eles subirão com a forças das asas da águia. Também derrubarei de seus tronos os maus pastores, que pastoreiam a si mesmos e deixam as minhas ovelhas entregues à própria sorte. Também desnudarei e revelarei a verdade sobre aqueles que se dizem meus adoradores mas são adoradores de si mesmos. O desejo deles é serem famosos; exploram a fé para tirar dinheiro do meu povo.

A minha Glória retirarei do meio deles, e aquilo que dizem ser feito em meu nome é obra do engano. A idolatria pelos sacerdotes e os falsos levitas me dá nojo, e a hipocrisia deles é vergonhosa... Assim diz o Senhor a você, Roger: Eis que Eu, Eu mesmo, procurarei pelas minhas ovelhas, e as buscarei. Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que está no meio das suas ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas e as livrarei de todos os lugares por onde andam espalhadas, no dia nublado e de escuridão.

—O Senhor revela isso a ti, Roger, para que você saiba que isso não é profetada, não é falsa profecia, mas que essa palavra é fiel e verdadeira e que vem direto do trono do Altíssimo. E tudo aquilo que o Senhor prometeu no passado à serva dele, a sua mãe, será cumprido,

porque Deus nunca falhou e não falhará jamais. O Senhor prometeu e Ele é fiel para cumprir.

Em resposta às orações e intercessões dela por ti, o Senhor tem te guardado, apesar das tuas lutas e sofrimentos. As lutas e humilhações por que você já passou e continua passando foram permitidas. O inimigo pediu para te provar e Deus permitiu, pois sabia que isso te fortaleceria e prepararia o seu caráter para os dias vindouros e para quando chegar o dia que enfrentarás os inimigos face a face, na autoridade e no poder de Deus. Assim diz o Senhor:

—Te darei uma boca erudita e confirmarei as tuas palavras, com demonstração de sinais, prodígios e maravilhas que calarão a todos. Restaurarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão sobre ela. — Pastor Roger, o Senhor Deus lhe afirma que o teu chamado é pela porta estreita. O teu caminho será árduo, como foi o caminho de todos os servos: Abraão, Moisés, Josué, Davi, Paulo e todos os outros do passado e do presente, daqueles conhecidos e também dos anônimos. Deus não te chama para ser importante, para ser estrela de televisão, nem para ser reconhecido e aplaudido pelas multidões. Assim diz o Senhor:

—Eu te chamo para chorar pelos aflitos, a se compadecer dos doentes, das viúvas, dos deficientes, dar comida a quem tem fome, a chorar com os que choram, a se comover com os enlutados, a dar roupa a quem tem frio, consolar os abatidos, fortalecer os fracos e a ensinar a viver na prática a minha Palavra e não apenas recitá-la, domingo após domingo em uma igreja.

A senhora Farrel disse isso e se calou. Instantaneamente, a dona Cecília, o John e o Erick, literalmente, gritavam palavras de louvor, como glória, glória a Deus, aleluia e, alternando, falavam em outras línguas. Nesse momento não era possível ouvir outra coisa naquela casa que não fossem palavras de louvor ao Senhor. Aquela sala estava completamente tomada pela presença do Espírito Santo, e todos estavam como que em êxtase. Parecia que o tempo havia parado, e eles estavam na antessala do céu. A senhora Farrel prosseguiu: — Assim diz o Senhor Roger:

—Volte para a sua antiga Igreja, que se define como a si mesma como igreja sede. Reconcilie-se e aceite as condições que vão impor a você... Eu não quero que você crie mais uma igreja. Não quero divisão; quero união. Não quero mais uma denominação; quero a comunhão entre os irmãos. Para isso, você se humilhará perante eles e, de fato,

—você será humilhado por eles. Mas não se esqueça de que sou Eu que exalto os humildes e abato os orgulhosos e, no tempo certo, aquele que tenta trazer impureza e abominação para dentro da Igreja do Senhor será revelado e extirpado. Mas isso não acontecerá em poucos dias. O adorador de Satanás continuará a fazer a maldade enquanto o poder e a liderança da Igreja estiver nas mãos dele. Não se deixe esmorecer, mas esforce-se e fortalece-se. Sobre o pouco tens sido fiel. Por isso, sobre o muito você será colocado. Tu serás como irmão e pai para muitos. Mas, por ora, importa continuar e intensificar a transmissão de conhecimento bíblico e o treinamento sobre esses dois jovens.

Ao dizer “esses dois jovens,” ela apontou para o Erick e o John.

—Tu, Roger, serás como rei, e esses dois rapazes serão como príncipes entre os filhos de Deus. Nada do que aconteceu foi por acaso. Deus transformou e continua a transformar todo o mal em bênçãos, mas no tempo dele, no tempo de Deus, pois Ele faz que todas as coisas cooperem para o bem daqueles que amam e obedecem a Deus.

A senhora Farrel deu alguns passos ao encontro de Erick e disse:

—Assim diz o Senhor, o Deus de teu pai e de tua mãe: — Eu conheço o teu caminho e o teu coração. Porém se arrependa e nunca mais diga que você é o último da fila. Saiba que o teu Deus inverte filas, porque, no reino de Deus, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos. Assim ele fará por você... Cuidado com os seus sentimentos. Satanás tentou, através daquela moça, que tem o espírito de Jezabel, desviar o teu coração dos caminhos do Senhor. Mas as orações da tua mãe foram ouvidas e respondidas. Por isso você não foi tragado pelo laço do passarinho.

Lembre-se de que do Senhor é que vem a mulher prudente. Você encontrará e será encontrado. Uma serva do Senhor se tornará sua amiga e amada, e vocês se unirão em amor eterno na presença de Deus e das pessoas que estão aqui e de muitas e muitas outras. Vocês se casarão com grande honra. Assim diz o Senhor a ti, Erick: — Aquilo que os teus olhos ainda não viram, os teus ouvidos não ouviram e não chegaram ao teu coração, que você não consegue nem imaginar, é o que Deus tem preparado para ti. Eu é que sei os planos que tenho para ti, planos de paz e não de mal, para te dar esperança e futuro. Tendes sido fiel sobre o pouco, sobre o muito te colocarei. Tu louvarás ao Senhor teu Deus e, através do teu louvor, muitos se converterão ao Senhor. Deus falará através de sonhos novamente com o Roger. Quando isso acontecer, ele irá avisar você, para você divulgar o sonho

e toda a administração do motivo do sonho será feita por ele.

A senhora Farrel disse isso apontando o dedo para o John e imediatamente se virou, parou de falar com o Erick e começou a profetizar sobre a vida do John.

—As tuas mãos e a tua voz também louvarão ao Senhor. Você não sabe, mas Deus o escolheu e desde o ventre de sua mãe foste separado para ser levita e tu serás sacerdote honrado. Será uma nova descoberta para ti, e tu ajudarás teus irmãos para, com a orientação do Senhor, despertar a igreja do nosso Deus, a qual está adormecida e ameaçada pela impiedade de um homem mal e cruel. Mas será sacudida e se levantará, através de vocês. Muitas lutas ainda virão, não serão apenas vitórias, mas no fim Deus triunfará e vocês junto com ele. Depois de um tempo, você, John, será obrigado a se retirar para uma terra distante daqui, mas voltará. No início será difícil para você descobrir sobre seu passado, mas o Senhor te faz lembrar, desde já, que Ele já fez novas todas as coisas.

Você já nasceu de novo. Não permita que os dardos inflamados do maligno e os espíritos acusadores o atormentem. Antes que você volte para este lugar e para estas pessoas, você precisará se fortalecer mais, porque o pecado estará à porta, aguardando na sua terra, no seu retorno, para o devorar. No tempo certo, mesmo você estando longe daqui, as respostas chegarão.

Mas será necessário ter paciência. Lembre-se de que é Deus quem dá e Deus quem tira; torna a dar, mas pode tornar a tirar. Guarde o seu coração, para que nunca mais Satanás tenha autorização para lhe roubar o que é seu. Quanto àquilo sobre o que você tem orado, a Palavra do Senhor para você é: guarde o teu coração, porque o que é impossível para os homens e para você é possível para Deus.

Quanto àqueles a quem tu és grato pela salvação da sua vida, as tuas orações subiram e receberam o sim e o amém da parte de Deus. No tempo do Senhor, tu lhes darás coisas que nem eles nem você podem sonhar hoje.

A gratidão agrada o coração de Deus, e o seu desejo de gratidão, de retribuir a quem te ajudou será atendido e será muito maior do que você pediu e imaginou. Haverá um tempo de angústia, por causa de um sentimento que nascerá e igual você nunca sentiu. Você ficará desiludido, mas tudo se transformará em bênçãos. Deus o surpreenderá também nisso! Muitas coisas ainda estão para acontecer, mas, por ora, o que você precisa saber já foi dito.

Após dizer isso, a senhora Farrel se aproximou de dona Cecília e lhe disse:

—Assim diz o Senhor a ti: — As tuas orações e o teu clamor têm subido constantemente até o trono do Deus Altíssimo. Tu também verás o cumprimento das promessas do teu Deus e as feitas também a teu marido, que já dorme no Senhor. As inquietações do teu coração sobre o teu filho em breve acabarão.

Tu verás os filhos de teu filho, e eles te alegrarão. E a mãe deles já há muito tempo foi escolhida; é serva do Altíssimo, mulher que fala língua estranha para ti, não como tu pensas, mas como Deus quer. Ela será como filha para ti. Como fez Maria, guarde tudo o que foi dito em seu coração e anime os três. Haverá muitos dias de lutas e batalhas, e, às vezes, o espírito de desânimo tentará se apoderar deles.

Os inimigos atacam, mas o Espírito Santo do Senhor já se levantou e disse “basta” a tudo isso. Muitos estão sendo chamados para lhes ajudar em orações e atitudes cristãs. A tua intercessão deverá ser diária. Convoque outras a batalharem em oração contigo. Lembre-se de que a Deus pertence a vitória final. Aleluia! — bradou a senhora Farrel e, em seguida, começou a falar em outras línguas. O mesmo aconteceu com a dona Cecília, o John, o Roger e o Erick.

Após muitos e muitos minutos, eles conseguiram, num ambiente que parecia uma “antessala do céu,” encerrar a reunião.

—Eu quero contar a minha história... para vocês — mencionou o Roger ainda emocionado e chorando.

Capítulo XVI

Jackson é avisado sobre a intervenção espiritual

—O que você quer Jackson?

—Ralf, preciso de sua ajuda. Me ajude a conseguir autorização do nosso líder espiritual para substituir a mulher, a minha atual esposa.

—O quê? Jackson, você quer trocar de esposa, nessa altura dos acontecimentos?

—É isso mesmo, Ralf. Eu já tenho alguns planos.

—E como você pretende se livrar dela, qual é o seu plano, Jackson?

—Se for permitido, eu vou sugerir aos demônios que coloquem nela uma doença que a mate rapidamente, ou envie o espírito de suicídio, ou a envolva num acidente fatal, não importa.

—Hum... entendi. Você quer que pareça um acidente do “destino”.

—Exatamente, Ralf. Para não levantar suspeitas.

—Mas ela é a filha do pastor presidente da Igreja, Jackson. Enquanto você não for o presidente eleito, não podemos correr nenhum risco.

—Então vamos matá-lo também!

—Não funciona desse jeito, Jackson, você sabe! Pessoas como ele nos dão muito trabalho.

—Eu sei...

—Precisamos de autorização para esse tipo de gente. E a dele... eu adianto a você que já foi pedida e negada várias vezes.

—E quanto à doença do pastor presidente, do Kevin?

—O máximo que conseguimos foi deixá-lo em coma, mas não temos nenhuma garantia de quanto tempo isso vai durar, você precisa ser rápido.

—Eu já tomei todas as providências, e se o meu mestre-guia me autorizar a casar com a outra, minha missão será mais fácil e rápida.

—Eu duvido que isso seja possível agora. Sua missão é se tornar o primeiro satanista a assumir a presidência da igreja pelo voto, pelos meios legais. Por enquanto, você é apenas um nome para eles. Se o pastor presidente morrer, outras pessoas irão se candidatar para assumir a presidência da denominação. Você não terá nenhuma chance.

—Eu não penso assim.

—Mas não é você quem decide. A situação do pastor em coma é favorável a nós, pois por ele estar em coma, as pessoas se compadecem e estão dispostas a votar em você por causa dele. Afinal, você é casado com a filha dele e, portanto, é da família.

—Que família... — disse com desprezo.

—Essa família é o nosso passaporte para a liderança dessa Igreja e para a execução dos nossos planos. Precisamos ter toda a influência possível para conseguirmos diminuir o zelo pela propagação da mensagem do evangelho deles, diluir a mensagem de salvação e santidade e substituí-la, aos poucos, pelos interesses dos homens — dinheiro, sucesso e realização pessoal, coisas desse tipo.

—Eu sei disso e estou trabalhando nesse sentido. E se eu ficar viúvo, as pessoas da Igreja podem ficar mais comovidas, e isso pode me eleger mais facilmente...

—Ou não, Jackson, há muito risco nisso. Mas em quem você pensou para substituí-la?

—Na Mary Thomas.

—Ela é um bom nome.

—É um excelente nome. Ela foi bem treinada e é muito experiente, sabe se comportar como uma crente, ou cristã. Ela fala, ora e canta como uma delas, e na primeira chance, ela desvia qualquer mulher ou homem do seu propósito de ser fiel ao Deus deles... Ela já mandou várias pessoas que se diziam cristãs para o nosso reino!

Eles se referiam ao reino das trevas. Os dois acharam graça e riram sobre o comentário. Enquanto o falso pastor Jackson descrevia as qualidades dela para assumir o lugar da sua esposa, alguns demônios se aproximaram de Ralf, chefe do Jackson. Apenas a potestade lhe falou à mente e relatou as últimas notícias a respeito da luta entre o Serafim e os anjos, com as pessoas da igreja do bairro de Jackson.

—Jackson, enquanto você falava, chegaram más notícias sobre a segurança da sua igreja.

—Não se preocupe, a igreja está sob minha liderança.

—Não é sobre esse tipo de segurança que estou me referindo.

—Sobre a segurança espiritual? Impossível. Aos poucos estou desfazendo todo tipo de reunião de oração, jejum, vigília ou louvor eficaz. Não há mais discipulado, a começar dos líderes até as pessoas. Todas estão sozinhas, sem amigos, sem acompanhamento espiritual, nem cobertura de oração. Não há mais relacionamentos entre os

“irmãos” da Igreja. Assim eles continuam com os velhos amigos que conheciam antes de se converterem e estes, embora devagar, corrompem os valores e bons costumes aprendidos na Igreja. Até os grupos familiares estou afetando, as reuniões são apenas teóricas, nada mais provoca mudança nas pessoas que participam, por isso, deve estar havendo algum engano.

—Então me diga se você conhece essas pessoas.

—Enquanto isso, um outro demônio se aproximou dele e foi ditando os nomes diretamente para a mente dele...

—Os nomes são: Cecília e o filho dela, Erick, uma velha de outro Estado, chamada Farrel, John e um tal de Roger.

—Não conheço nenhum deles.

—Estou sendo informado, por nosso guia espiritual, de que se trata do mesmo Roger... daquele de quem você roubou a autoria do livro.

—Então isso pode ser preocupante. Mas há anos ele não causa nenhum problema, ele foi nocauteado e está calado há muito tempo. Ele está em uma de nossas igrejas, em um bairro afastado.

—E foi lá mesmo que os problemas aconteceram.

—Problemas? Na situação em que nós o deixamos, não há como ele causar nenhum problema.

—Então me explique: por que havia um Serafim com eles?

—Um Serafim? Como isso pôde acontecer?

—É o que nós queremos saber. Quem dessas pessoas merece a proteção de um Serafim, Jackson?

—Eu não sei. Nenhuma delas trouxe algum problema até hoje... eu saberia.

—Você continua monitorando de perto as pessoas mais perigosas dos bairros também?

—Sim. Todas as pessoas que oferecem algum tipo de perigo na sede ou nas igrejas de bairro estão sob constante observação. As palavras oração, jejum, leitura da Bíblia e adoração estão, aos poucos, dando lugar para vitórias, conquistas, compra de casas, carros e outras coisas materiais. Os levitas, os músicos da Igreja, também estão expostos, e a maioria deles, depois de ficarem sem cobertura espiritual, caem, normalmente por problemas envolvendo sexo. Não há mais adoração, as músicas são executadas de maneira técnica, sem espiritualidade, sem alcançar o propósito deles. Os profetas estão sendo calados um a um, e os sacerdotes, corrompidos pela própria ganância... ou são transferidos para nossas Igrejas pequenas, no interior do país quando

não cooperam.

—Perfeito. É necessário tirar o foco deles do mundo espiritual e concentrá-los no mundo material.

—Existe alguma possibilidade de esse Roger ser o protegido?

—Pelo Serafim? Talvez... ele é muito teimoso...

—Quer dizer inegociável?

—Exatamente.

—Então é melhor você esquecer o que veio fazer aqui e voltar rapidamente para o seu lugar.

—Mas por quê? Só por causa da aparição de um Serafim?

—O espírito guia está me dizendo que fomos derrotados e humilhados por esses imbecis... Havia uma estratégia naquele lugar.

—Como assim, havia estratégia?

—A tal Farrel veio de um outro Estado, especialmente para falar com essas pessoas. Ela teve uma visão dias antes, mas não sabemos nada, sobre o que foi isso...

—Entendi a situação... Então o mais provável é que o Serafim veio para dar cobertura ao Roger! — disse o Jackson.

—Provavelmente. Nós estávamos aguardando o contra-ataque, “eles” não iriam deixar-nos assumir a presidência da igreja sem nenhuma retaliação.

—Esse Roger é muito perigoso e zeloso pelas “coisas” daquele livro... o livro dos livros, a Bíblia. Ele conhece as profecias e sabe qual é o destino que nos espera, sabe que no fim da história, seremos aniquilados.

—Nunca mais repita isso na minha frente! Seu idiota — Praguejou a potestade, mas apenas o Ralf ouviu, porque falou na mente dele, porém mandou ele repetir a mesma coisa.

—Nunca mais repita isso, na minha frente! Seu idiota — repetiu o Ralf de forma audível para o Jackson ouvir.

—Eu sinto muito, me desculpe.

—Você deveria estar mais preocupado com nossos planos, ao invés de se preocupar com quem se deita na sua cama, imbecil — disse o Ralf, repetindo o que a potestade lhe dizia à mente.

—Eu sinto muito... — desculpou-se novamente Jackson.

—Esse Roger conhece as Escrituras sim, e por isso precisamos ser cautelosos. Ele é idealista e tem projetos baseados no livro de Tiago, a tal da fé que sem obras é morta. Ele queria mover a igreja a agir em duas frentes ao mesmo tempo — na salvação das almas e no socorro

aos pobres, aos oprimidos e excluídos. Ele não quer apenas dar roupas e alimentos aos pobres, quer dar educação e formação profissional, para terem como se sustentarem sozinhos. Se ele conseguir colocar isso em prática, Jackson, vai chamar a atenção de toda a sociedade e pode provocar uma revolução, poderá ocorrer uma transformação tanto social como espiritual na cidade e, provavelmente, no país inteiro. O tão sonhado avivamento espiritual que eles desejam, certamente, aconteceria. Eles podem mudar os costumes e hábitos do país inteiro. Eles podem transformar a igreja na mais poderosa instituição não-governamental.

—E os políticos seriam influenciados pela nova maneira de agir e de ser... — comentou Jackson, com cautela. — E como os EUA são uma referência para grande parte do mundo, nossos planos poderiam ser ameaçados.

—Isso é evidente. O nosso anticristo vem há anos eliminando isso. Todas as vezes que algum líder se levantou, atrasou em diversos anos o seu aparecimento. Precisamos de alguma forma, em alguns pontos, igualar as religiões, para justificar o seu magnífico surgimento... Um só rei, uma só nação, uma única religião... A do nosso deus... Lúcifer!

—Você acredita que o Roger reúne as qualidades necessárias para assumir a presidência da igreja?

—Ele não está pronto, mas poderá ser o próximo presidente. Ele foi muito bem treinado. Ele é discípulo daquele sujeitinho atrevido, o pastor que também é professor e que há anos nos dá muito trabalho para calá-lo!

—O Geoval.

—Ele, sempre ele, Ralf. Eu estou tentando transferir ele da Igreja sede, para algum bairro, mas está difícil, ele continua sendo muito respeitado, sempre desfrutou da simpatia e do apoio do pastor Kevin e dos demais pastores que não controlamos...

—Ele realmente já nos deu trabalho demais! Sem mencionar as inúmeras pessoas que perdemos por causa da influência e das intercessões dele.

—Sim. Ele já foi humilhado, envergonhado, prejudicado de diversas formas. Tiramos toda possibilidade de crescimento profissional ou reconhecimento dele na Universidade e na Igreja e o atormentamos o quanto nos foi autorizado, mexemos na saúde dele e da família. Já oferecemos dinheiro, poder e fama, mas ele é irredutível e recusa qualquer oferta nossa e continua fiel ao Deus dele...

— Pessoas como ele me dão raiva! Ele está na lista negra dos nossos maiores inimigos!

—Se eu pudesse eu mesmo o matava! Mas nunca conseguimos autorização do Deus deles. Nisso, ele está blindado.

—E não se esqueça de que foi ele quem levou o Roger para estudar. O rapaz se destacou e se tornou um grande conhecedor das promessas bíblicas.

—Então é melhor considerarmos que ele está nos plano do Deus deles. Para piorar o quadro, ele foi treinado e tratado, ao invés de se envenenar com o próprio veneno pela falta de perdão, depois de ver você sendo promovido pelo livro que ele escreveu.

—Exatamente!

—Entretanto eles não são muito criativos. Dá para deduzir a forma de agir do reino deles. Então, talvez estejamos diante do nosso maior perigo daqui por diante.

—Você acha que...

—Que eles vão tornar esse Roger o novo Davi deles? Nós não podemos permitir isso!

—O que devemos fazer?

—Garantir a vitória do nosso Golias. Mas, por ora, apenas reunir o maior número de informações possíveis. Precisamos descobrir se estamos certos.

—E se estivermos, o que faremos?

—Vamos precisar descobrir como o Deus dele pretende levá-lo à presidência e impedir que isso ocorra.

—Esqueça esse negócio de mudar de esposa. Nós investimos muito em você e na liderança dessa igreja. Não podemos correr nenhum risco. Agora que sabemos que nossos inimigos estão tramando algo, é melhor não arriscarmos. É melhor você parar de se encontrar com a Mary Thomas, pelo menos por enquanto.

—Eu compreendo, Ralf. Vou procurar por mais notícias sobre o que aconteceu e informo assim que conseguir algo.

—Eu vou fazer o mesmo.

Eles se despediram, e o Jackson retornou à Igreja sede.

Capítulo XVII

Sonhos e frustrações

—Erick, a sua mãe me contou, porque você trabalha tanto... ela disse que o seu maior sonho é poder, um dia, dar de presente pra sua mãe a quitação desta casa.

—Ela contou, é? Sabe, John, eu acho que ela vai ficar feliz.

—Erick, você sabe que eu não estou ganhando muito dinheiro, mas no que eu puder ajudar você com isso, vou ajudar, Erick. Quem sabe um dia eu arrumo um emprego melhor, ganhando mais? Assim seremos dois para pagar as hipotecas!

—Eu agradeço muito, John, mas não se preocupe. Isso é um desejo meu e uma responsabilidade minha. Eu quero muito honrar minha mãe. E tem outra coisa, John, apesar de a Angelina ter dito que eu sou um fracassado, que nunca vou ser ninguém, que nunca vou melhorar de vida, que vou ser sempre duro pelo resto da minha vida, eu sinto no meu coração que um dia Deus vai me abençoar e muito. Eu sinto no meu coração que Deus vai mudar minha sorte, minha história. Mas isso não será para eu me exibir para as pessoas como um troféu; é justamente o contrário, é para eu abençoá-las.

—É algo que você acredita que Deus colocou no seu coração?

—Eu creio que sim, eu creio que Deus tem planos pra mim, mas eu não tenho como explicar isso... O que eu sei é que tenho que fazer sempre o melhor, tenho que ser fiel no pouco, porque assim Deus me colocará sobre o muito...

—Agora estou entendendo por que você é tão prestativo.

—Eu não sei explicar, John, acho que não faz sentido pra você e pra ninguém, mas eu gosto de ajudar as pessoas. É como se eu soubesse de algo, de um segredo que ninguém mais soubesse. Eu vejo cada pessoa como se ela fosse uma pessoa muito importante, especial. Mesmo sendo uma pessoa humilde, pobre, afinal ela é uma criatura de Deus, única, feita a imagem e semelhança Dele. Por isso eu gosto de honrar as pessoas. É como se eu dissesse olha, eu sei que você é uma pessoa muito importante... eu não consigo explicar pra você,

John, mas é como se no meu espírito eu entendesse de fato o quanto as pessoas são valiosas e por isso devem ser honradas, todas elas.

Davi honrou Saul. Jesus sofreu pelas pessoas sem distinção. Ele se submeteu a pagar o preço por todos nós. Ele honrou Deus e nos honrou também, mesmo sem merecermos. Por isso eu honro minha mãe, meu pastor, meu patrão, meus amigos, as pessoas, porque acho que Deus se agrada disso.

—Nossa, Erick! Eu acho que isso está além da minha compreensão, mas parece fazer sentido. Parece até que há algum mistério em honrar as pessoas. Será que se você honrar, você será também honrado? Será isso um princípio bíblico?

—Eu não sei. Talvez, mas eu honro independentemente disso. O que eu sei é que eu gostaria de poder voltar a estudar, John. Eu sinto não ter uma boa instrução e não conhecer melhor as coisas, para poder ajudar melhor as pessoas.

—Mas você já ajuda, olhe pra mim!

—Eu sei, mas estou falando de ajudar mais. E para ajudar eu quero estudar, quero saber, quero ter conhecimento. A Bíblia nos informa que o povo erra, peca, porque falta conhecimento! Veja o ótimo exemplo de Moisés, no Antigo Testamento, ele estudou muito antes de ser usado por Deus. Tem também o exemplo do apóstolo Paulo, no Novo Testamento. Ele também estudou bastante. Era muito culto e sábio. Ele também contribuiu de forma significativa para a evangelização das pessoas, para a expansão do reino de Deus! Você já viu aqueles mapas que mostram as viagens do apóstolo Paulo? É incrível! E ele nos ajuda até hoje, com o que ele escreveu e pelo exemplo de vida dele. Agora, como é que eu, Erick, vou poder ajudar mais? Sou limitado, tenho pouco conhecimento. Eu sei que preciso de mais estudo para poder ajudar melhor, John. Eu realmente tenho vontade de aprender, de me capacitar para ajudar melhor meus irmãos...

—Por isso você está sempre perguntando e não larga do pé do Roger...

—É. Imagine você, por exemplo, se Deus me colocasse para administrar a parte financeira de uma igreja enorme como a nossa sede. Estou falando não apenas da sede, mas de todas as Igrejas da nossa denominação. É um orçamento milionário, que tem que ser administrado com temor e sabedoria. E mesmo na vida profissional, eu não tenho, hoje, capacidade de administrar uma grande empresa, de ser um congressista ou presidente do nosso país. Hoje eu não saberia

como fazer isso. Mas se eu estudar, se me ensinarem, eu saberei!

—Você está certo. O Roger sempre diz que Deus não abençoa mais as pessoas porque elas não fazem a parte delas. Não se capacitam para receber o melhor de Deus. Há também aqueles que recebem, mas por não serem capazes de administrar o que receberam, gastam tudo, desperdiçam tudo. Deus não concorda com desperdício. Na multiplicação dos pães, Jesus mandou recolher tudo o que sobrou. Eu sei que Deus proverá todas as minhas necessidades, mas também sei que preciso fazer a minha parte, que é trabalhar!

—Eu concordo. Trabalhar também me ajuda a esquecer, eu fico pensando na Angelina... Eu tento esquecê-la, falo isso pro meu coração todo dia, mas ele não me obedece, John! — disse em tom desanimador.

—Deve ser por isso que a Bíblia diz que o coração é enganoso mais do que todas as coisas, Erick...

—Eu sei... eu sei, mas eu continuo tão triste, John...

—Dá pra ver, Erick, dá pra ver. Você precisa reagir e se valorizar mais!

—Vou pensar nisso, John, mas eu preciso ir trabalhar. Você não quer ir comigo? Nós vamos conversando e quem sabe eu me animo mais...

—Ah! Isso você precisa, veja seus olhos! Estão inchados de tanto chorar!

—Eu estou mais feio ainda do que o normal, né?

—Pelo amor de Deus, Erick, pare com isso!

—Vou tentar...

—E como você vai trabalhar assim, Erick? A sua cara está horrível e já está quase no seu horário.

—Eu sei, John, mas paciência. Você pode ir comigo, pra me fazer companhia? Você pode aproveitar e comer o petit gateau com sorvete lá do hotel que eu te prometi. O que você acha?

—Eu não sei, Erick. Vou começar a trabalhar às 19h na pizzaria. Será que consigo chegar antes do meu horário?

—Você consegue sim, e depois eu estou falando do melhor petit gateau da cidade, segundo os críticos. Saiu no jornal na semana passada. A nossa Chef é especialista em doces.

—Humm, pensando assim, acho que eu vou. Eu adoro petit gateau!

—Obrigado, John. Então vamos andando, você vai gostar de conhecer a coitada...

—Coitada de quem, Erick?

—Da nossa Chef. Eu te contei que ela não pode comer doces?

—E tem que se expressar assim?

—Desculpe. Foi mal. Eu é que sou um coitado...

—Não começa... Você não contou, não. Você apenas fez um comercial dos doces da Chef do Hotel, Erick.

—Ela é diabética, vive furando o dedo para medir a taxa de glicose no sangue. Depois se fura de novo para aplicar insulina. Dá um medo ver ela aplicando aquele negócio...

—Como você é mole, Erick...

—Ninguém é perfeito, e tem mais, John, eu já disse a ela que você é louco por petit gateau e que um dia desses ia levar você lá. Ela disse que vai caprichar no seu. Eu já acertei com o meu chefe, que antes do meu horário eu poderia pagar uma sobremesa para o meu melhor amigo.

—Poxa, muito obrigado, Erick. Vamos aproveitar então e colocar as conversas em dia. Eu quero mesmo te contar uma ideia que eu tive...

—Humm... Fiquei curioso, John. Que novidade é essa que você tem para contar para o Erick aqui, hein?

Capítulo XVIII

A influência espiritual e a tentativa de suicídio de Isabelle

Enquanto o John contava seus planos, suas reflexões e descobertas, o Erick ouvia atentamente, tentando compreender ao máximo cada palavra que ele dizia. Sem que percebessem, chegaram ao hotel em que o Erick trabalhava. Como de costume, o Erick passou em frente à entrada principal do hotel e, com rapidez, admirou a beleza da recepção daquele hotel cinco estrelas, como se fosse a primeira vez que o observava. Depois seguiu em direção a uma porta discreta na lateral do prédio, que não era nem de perto tão imponente quanto aquela recepção, era a porta de entrada dos funcionários.

No corredor, logo após a porta de entrada dos funcionários, ficava a máquina que registrava sua entrada no trabalho e sua saída. Assim que marcava sua presença, dobrando o corredor, avistavam-se duas portas. Eram os vestiários masculino e feminino onde os trabalhadores se trocavam. O Erick repetiu essa rotina e caminhou em direção a sua parte do armário de aço, que ficava trancado com um pequeno cadeado, trocou de roupas, vestiu seu uniforme de garçom para começar a rotina dele de trabalho. Ele e o John passaram novamente pela recepção em direção à cozinha e perceberam que alguma coisa estava errada. Algo estava acontecendo, por isso, o Erick, curioso, parou de andar e interrompeu o John, que notou o tumulto e perguntou:

—Nossa, que confusão, Erick! O que está acontecendo? — perguntou o John.

—Meu amigo John, eu não sei, mas que barraco, né! Parece que é alguma coisa séria. Até gente rica faz essa coisa feia...

—Você conhece essas pessoas?

—Conheço. Você está vendo aquele homem que está berrando lá na frente do balcão?

—Se eu estou vendo? Você está brincando, Erick. Parece que ele está gritando no meu ouvido!

—Ele é um hóspede aqui do hotel, John. Ele pediu comida no quarto

ontem, e fui eu que levei. Ele me deu uma gorjeta em Euro!

—Veja! Ele está nervoso, quero dizer furioso...

—Hum... deixa comigo que eu vou entender o que está acontecendo, John... Será que a confusão é por que ninguém está se entendendo? Ele não fala inglês. Ele tentou me dizer ontem alguma coisa, e não deu pra compreender... E o Paul e o gerente do hotel estão falando inglês. Será que o problema é esse? Claro! Eu sou um gênio, John! Pena que o Einstein não me conheceu. Eu poderia ter dado umas ideias bem legais para ele...

—De quem você está falando?

—Do Albert Einstein!

Com ar de reprovação, o John disse: — Já sei. Você ia dar umas dicas sobre a teoria da Relatividade para ele! — Quanta modéstia hein, Erick?

—Você não disse que eu tenho que me valorizar?

—Sem comentários, Erick...

—Mas eu acertei mesmo, John, ninguém entende ninguém lá.

—Eu não tenho a mínima ideia do que está acontecendo — respondeu o John.

—É isso sim! Ele é francês, eu acabei de lembrar. Ontem, ele me agradeceu dizendo “merci”, fazendo beicinho, assim... assim ó... Olha como ele fez, John, estou fazendo igual...

—Erick, me poupe disso...

—Desculpe-me...

—Mas e os atendentes da recepção, eles não sabem falar francês, Erick?

—O Steve não, e o Paul... — disse Erick, rindo — John, o Paul mal sabe falar inglês!

—Então como ele conseguiu esse emprego?

—Deixa pra lá, John. Essa é uma outra história.

—Mas alguém nesse hotel tem que falar francês. Esse hotel é cinco estrelas!

—Mas tem sim, o Michel. Ei, vamos checar o que está acontecendo. Vamos perguntar para o porteiro. Ele sabe tudo o que se passa por aqui... Entende?!

A alguns metros de onde eles estavam, um senhor com aproximadamente 55 anos estava vestido com roupas que poderiam ser as mesmas usadas pelos guardas de castelos ou de palácios.

—Oi Graciano, como está, tudo bem?

—Tudo e você, Erick?

—Estou ótimo mas, me diga, o que está acontecendo lá na recepção, com aquele hóspede?

—Você está ouvindo, Erick? Eles estão quase se batendo.

—Eu estou vendo Graciano, mas quero saber o porquê. O que está acontecendo?

—O que eu sei é apenas o que eu vi. Eu abri a porta para um cliente e...— o Erick o interrompeu.

—Tá bom, Graciano, já entendi essa parte, afinal essa é sua função. Pode pular as introduções e ir direto ao assunto?

—Tá certo, Erick. Você é apressadinho, hein!

—Eu sou prático!

—Que seja. A confusão começou com o hóspede, assim que ele saiu do elevador, correndo. Ele foi até a recepção, mas ele fala apenas francês, o inglês dele é daquele de bom dia, boa tarde. Quando entenderam que ele não falava inglês e era francês, foram chamar o Michel, o único funcionário da tarde que fala francês.

—Entendi, mas cadê o Michel, que eu não tô vendo?

—Taí o problema, a mulher dele está grávida...

—A mulher do francês está grávida? Ela vai dar à luz? É isso? — interrompeu o Erick todo agitado. — Então eu vou chamar a emergência, vou pedir para eles mandarem uma ambulância pra cá, agora mesmo.

— Ele pegou o telefone celular do bolso e começou a discar, mas rapidamente o John tirou o telefone da mão dele e desligou o aparelho.

—Você pode primeiro escutar o que ele está dizendo, Erick? — reclamou o John pela ansiedade do Erick.

—Não é nada disso, Erick — retrucou o Graciano — é a mulher do Michel que está grávida. Ela passou mal e ligaram para ele ir socorrê-la. Resumindo, ele saiu faz aproximadamente vinte minutos.

—É verdade! Eu lembrei agora que a mulher do Michel está grávida. É o primeiro filho deles — observou o Erick, enquanto o John continuava a desaprovar o desespero sem causa dele.

—O problema — continuou o porteiro Graciano — é que ninguém consegue entender o que é que o francês quer, porque ninguém tem a menor ideia do que ele está falando. O gerente está quase roxo, de tão vermelho. Coitado! Está tentando se comunicar, mas está difícil. O hóspede não fala inglês ou espanhol, somente francês.

—Pelo jeito, deve estar acontecendo alguma coisa muito grave — disse o Erick.

A alguns metros do porteiro e dos dois rapazes, o hóspede e o gerente continuavam tentando encontrar, sem sucesso, alguma forma para se comunicar. Mas era impossível. A cena estava ficando cada vez mais lamentável, com o francês gritando, fazendo mímicas e gestos. Porém a única informação que realmente dava para entender era que ele estava desesperado...

Enquanto o porteiro e o Erick conversavam e contemplavam o escândalo que se formava na recepção, o John permaneceu o tempo todo calado, concentrado no escândalo que não combinava com o perfil daquele hotel cinco estrelas. Ele tentou ouvir o que eles estavam falando.

—Ei, John, você acha que...

—O Erick estava falando sem olhar para o John, que estava ocupado, tentando encontrar uma maneira de ajudar. Quando ele olhou para o John, interrompeu sua frase e voltou-se, assustado, para o amigo, perguntando:

—O que está acontecendo com você, John? Você está pálido! Está se sentindo mal? Olhe para mim! Você está sentindo o mundo girar? Está tudo ficando escuro? Você acha que vai desmaiar? Não se preocupe, irmãozinho, eu vou cuidar de você. Eu estou aqui. Me diga, você quer alguma coisa, um copo de água, sentar, alguma coisa?

—Não...

—Não o quê, John? Fale comigo, você está estranho!

—Eu não quero nada, Erick...

—Então me diga logo, o que está acontecendo?

—Eu não sei, Erick...

—Há quanto tempo você está se sentindo mal?

—Erick, eu não estou passando mal! Eu acho...

—Então o que é que você tem?

—Não me pergunte como, Erick, mas eu sei o que aquele homem está dizendo.

—Quem, o Jordan, o gerente? Há, há, há — riu o Erick, achando engraçado. — Ele é meio fanhoso. Ele fala meio esquisito e engraçado né, mas todo mundo entende ele...

—Não é dele que eu estou falando não...

—Espera aí, John, você está falando do francês? John, você tem certeza?

—Eu, eu não sei! Acho que sim...

—Mas como você pode saber o que ele está falando?

—Eu não sei como eu sei, Erick. Você faz perguntas demais. Eu não sei responder, mas, mas — gaguejou o John — eu tenho quase certeza de que sei o que ele está falando.

Olhando meio desconfiado para o amigo, o Erick arriscou perguntar:

—Então me diga, o que o francês está dizendo, John?

Meio confuso e atrapalhado, o John não tirava os olhos do francês.

—Ele, ele soltou uns palavrões — respondeu o John.

—John, não precisa saber uma outra língua para entender quando alguém está falando palavrões. Me diga tudo o que você acha que já escutou...

—Erick, se eu entendi certo, o francês está realmente desesperado. Ele está pedindo socorro. Ele quer um médico ou uma ambulância, é algum problema com a filha dele!

—Filha dele? Meu Deus, meu Pai! Não é que o homem tem uma filha mesmo! — falando rápido o Erick disparou: — John, você tem certeza? Não está imaginando coisas não?

—Tenho certeza, Erick. Quero dizer, eu acho que tenho certeza. Ele quer um médico, socorro para a filha dele que está no quarto.

—Então vamos ajudá-lo! O poder para transformar a realidade está em nossas mãos! Não podemos esperar nem mais um segundo, vamos lá, John! Eu já sei o que nós temos que fazer!

—Poder? Que poder?

—O poder que Deus dá a quem tem vontade de ajudar! — O Erick percebeu que o John não entendeu e completou... — Por se importar com a dor do outro, John! Acabei de inventar isso. Você gostou? — disse achando graça e, antes que o John respondesse, o Erick disparou novamente e disse — Prepare-se, John, nós vamos ajudá-los!

—Nós? Erick, eu acho que...

Antes que o John terminasse a frase, com o ímpeto de sempre, o Erick o agarrou pelo braço e o arrastou pela recepção até onde o francês estava berrando e parou no meio, entre o francês e o gerente. O Erick interrompeu a gritaria, também gritando:

—Senhor Jordan! Senhor Jordan!

Sua gritaria chamou a atenção de todos, do francês, do gerente, dos funcionários que estavam na recepção e dos demais curiosos de plantão.

Em um dos quartos daquele hotel, a esposa do francês, esperava pela ajuda que o marido fora buscar. Ela estava apavorada e em prantos. Ela chorava desesperadamente, deitada, abraçada ao lado

do corpo da filha que estava estendida na cama, quase inconsciente. Embora estivesse deitada era fácil notar que a filha era uma moça alta, tinha cabelos curtos, rosto muito bonito e era extremamente obesa. Em pensamentos a mãe implorava:

—Deus, socorra a minha filha! Por favor, socorra a minha filha...

Ao lado delas, indiferentes ao desespero e aos clamores de ajuda da mãe, dois demônios pertencentes a uma legião de atormentadores, especialistas em suicídio e invisíveis aos olhos humanos, continuavam a influenciar a moça. A aparência deles era horrível, eram altos e fortes. Eram uma mistura de homem e dragão. Andavam como os humanos. Porém a cabeça deles e principalmente as mãos, os pés e a pele de todo o corpo, eram de dragão. Eles têm asas e caudas de espessura média e são predominantemente escuros. Cada um levava pendurado na cintura, uma larga espada negra. Um deles estava com as mãos sobre a cabeça da moça e as unhas encravadas dentro da mente dela.

—Eu fiz o que deveria fazer — disse um dos demônios à mente da moça deitada sobre a cama.

—Eu fiz o que deveria fazer — repetiu a moça, achando que aquilo era o pensamento dela.

—Ninguém me ama, se eu morrer, ninguém vai sentir a minha falta — continuou o espírito.

—Ninguém me ama, se eu morrer, ninguém vai sentir a minha falta — repetia a moça.

—Eu vou acabar com o meu sofrimento. Eu não quero mais viver, vou me matar — disse o demônio.

—Eu vou acabar com o meu sofrimento. Eu não quero mais viver, vou me matar — repetia a moça, sem perceber que estava sendo manipulada.

Na recepção do hotel, após interromper a discussão e antes que alguém falasse alguma coisa, o Erick se colocou no meio da gritaria, entre o francês e o gerente, pedindo calma com gestos aos dois. O francês e o gerente se calaram, talvez mais pelo susto de ambos do que pelos gestos. Mas o Erick não estava nem um pouco preocupado com isso; só pensava em ajudar e começou a falar se dirigindo ao gerente.

—Senhor Jordan, meu amigo aqui é o John — disse apontado para o assustado John, que estava mudo e parecia um semáforo de trânsito. A cor do rosto dele alternava entre o pálido e o vermelho, de tanta vergonha. Sempre muito reservado e discreto, de repente se viu no centro da atenção de todos. O Erick disparou a falar:

—O meu amigo sabe o que está acontecendo e vai ajudar todo mundo. Fiquem calmos. Ninguém precisa se preocupar, estamos aqui para ajudar!

Enquanto o Erick falava com o gerente com aquela autoridade do tipo “eu sei o que estou fazendo,” o francês ficou quieto, tentando entender o que estava acontecendo. Depois da conversa com o gerente do hotel, com a mesma rapidez com que interrompeu a discussão dele com o francês, ele se virou para o John e disse:

—John, pergunta para o francês, o que ele quer. — O John ficou ainda mais assustado...

—Erick, eu disse que sabia o que ele estava dizendo, não disse que sabia falar francês...

Com seu jeito desinibido e sanguíneo, o Erick tranquilizou o quanto pode o John.

—John — falou sussurrando o Erick — o pior é entender o que ele disse. Falar deve ser moleza. Agora não é hora pra timidez. Você mesmo disse que ele precisa de um médico pra filha. Enrola a língua, faz aquele beicinho de francês e fala com esse francês, porque ele precisa de ajuda, e nós estamos aqui para ajudá-lo!

Mal terminou de falar, o Erick novamente pegou o John pelos ombros, virou o corpo dele em direção ao francês e fez uns gestos, indicando para o francês, com mímica, que falasse para a pessoa a sua frente, no caso o John. Para quem estava assistindo de longe, e não eram poucos os clientes e funcionários, era uma daquelas cenas de comédia. Por mais, incrível que pareça, por puro desespero ou por interferência divina, o francês entendeu a mímica do Erick e desabou a falar para o John tudo o que estava acontecendo. Enquanto o francês desabava a falar, o gerente e o Erick olhavam atentamente para cada palavra dele, apesar de não entenderem nada.

De repente, o francês se calou e, por alguns segundos, o gerente, o Erick e o próprio francês encararam o John, na expectativa de que ele estivesse entendendo alguma coisa do que ouviu. Gaguejando, trêmulo de nervoso, o John começou a dizer em inglês para o Erick o que ouviu em francês. Que o problema era realmente a filha do francês. No meio da explicação, ele hesitou por não ter entendido alguma parte da explicação do francês, que falava muito rápido.

—Erick, teve uma parte que eu não entendi, pois ele está falando muito rápido.

—Qual parte que você não entendeu, John, repita pra mim.

—Pra quê, Erick?

—Confie em mim, John, repita o que você acha que não entendeu.

Tudo estava acontecendo depressa demais, quando o Erick pediu para o John repetir a parte que ele achava que não tinha entendido, era para ele repetir em inglês, mas o John entendeu que era para repetir a frase em francês, então disse:

—Eu não tenho certeza, Erick, acho que foi alguma coisa como: “Elle souffre de diabète et a besoin d’insuline” (ela tem diabetes e precisa de insulina).

Quando o francês ouviu o John repetindo corretamente o que ele havia dito, animou-se e, para chamar a atenção de John, também o pegou pelo braço, porque estava um pouco virado, explicando para o Erick o que havia entendido. O John viu seu corpo sendo virado de frente para o francês, que disparou a falar novamente e ainda mais rápido. O francês parou um segundo e perguntou ao John se ele estava entendendo o que ele estava dizendo. Sem se dar conta da forma espontânea como fez o gesto, o John respondeu que sim, que estava entendendo e, sem perceber, começou a falar também em francês, e a fala de ambos ficava cada vez mais rápida à medida que pareciam estar se entendendo.

O Senhor Jordan, o Erick e os demais curiosos pareciam que estavam assistindo a uma partida de tênis, movendo apenas a cabeça, ora para o francês, ora para o John. A essa altura, mesmo sendo tudo muito rápido, o Erick falou ao gerente Jordan, com aquela naturalidade e pouca modéstia que lhe eram peculiares:

—Você está vendo? Ele está acalmando o hóspede. Ele é o John, e eu sou o melhor amigo dele. Tudo vai ficar bem. Confie em mim!

A conversa estava tão rápida que ambos, o francês e o John, falavam como se de fato tivessem poucos minutos para salvar o mundo. Sem que ninguém entendesse o que estava acontecendo, o francês começou a chorar e a soluçar, sem, contudo, parar de falar. Interrompendo as explicações do Erick ao gerente, o John virou-se para o Erick e perguntou:

—Erick, você me disse que a Cheff de doces daqui do hotel é diabética. Você mencionou que ela toma insulina, não foi?

—Sim, John. Todos os dias ela mesma aplica. Todos da família dela são diabéticos e... Parecendo o Erick, movido pela urgência da situação, o John interrompeu-o e disse:

—Então corra até a cozinha e pergunte se ela tem insulina. Se ela

tiver peça uma emprestada porque a filha dele está desmaiada no quarto, precisando de insulina... e leve para o quarto deles o mais rápido que puder.

—Entendido. É pra já — sem nenhuma cerimônia, o Erick saiu correndo em direção à cozinha, de repente, parou se virou e, já de longe, gritou:

—Esqueci, qual é o apartamento dele?

—Eu não sei — respondeu o John.

—1014 — respondeu o gerente.

Capítulo XIX

Demônios repreendidos pelo poder do nome de Jesus

O gerente, que ouviu atentamente o motivo do desespero do francês, interfonou na cozinha e pediu para falar com a Cheff. Quando o Erick chegou na porta da cozinha, ela já estava com a insulina na mão e reforçou a informação de que ele deveria subir até o décimo andar e ir até a suíte 1014.

—OK! Eu já sei — respondeu o Erick — estou indo pra lá correndo, quero dizer voando, quero dizer vou de elevador...

Enquanto o Erick foi buscar insulina, o John, o francês, o gerente e um mensageiro foram para o quarto onde a moça estava. O francês foi o primeiro a entrar no quarto e o John, o último. Os dois demônios olharam as pessoas entrando e não se incomodaram. Mas assim que o John colocou os pés no quarto, imediatamente os dois demônios encararam o anjo que o acompanhava.

—O que você está fazendo aqui? — disse um dos demônios ao anjo.
— Ela não tem proteção de vocês e está usando o livre arbítrio dela. Você não pode fazer nada. Então, dê o fora daqui!

—Enquanto o remido pelo filho do Altíssimo estiver aqui, eu também estarei.

—Então, fique parado onde está. Você não pode fazer nada, entendeu? — reafirmou o demônio.

—Eu não recebo ordens de vocês — respondeu o anjo. — O que eles quiserem fazer para ajudar a moça, eles farão. Apesar de limitado, o poder da escolha, da decisão humana é um direito deles.

—Deles? Eu só vejo um remido. Mas não importa. Ninguém tem poder aqui! Apenas, nós! — esbravejou um dos demônios.

Enquanto os demônios tentavam intimidar o anjo, o Erick corria contra o tempo. Ao chegar ao andar, de longe ele avistou onde era o quarto do francês. E era fácil. Na porta estavam o gerente do hotel, um mensageiro e, com um aspecto bastante abatido, o John. Ao chegar perto da porta, o Erick já foi anunciando enquanto entrava no quarto:

—Já cheguei, está aqui, está aqui! A insulina está aqui.

—Erick, entregue-a ao francês! — disse o John.

Quando os demônios ouviram o Erick anunciando e viram que ele estava trazendo insulina, e avistaram junto dele outro anjo, agiram rapidamente. Um demônio disse ao outro:

—Eu vou manter os anjos ocupados. Você, derrube a insulina da mão dele e dê um jeito de derramá-la no chão.

—Pode deixar comigo. Não vão ser esses idiotas que vão atrapalhar os nossos planos. Vou dar um jeito de destruir essa insulina, custe o que custar — respondeu o outro demônio.

Assim que o Erick entrou no quarto e viu a triste situação da moça deitada na cama e o desespero da mãe dela, orou em pensamento.

—Oh Deus Pai, tem misericórdia dessa moça. Em nome de Jesus, não deixe ela morrer, nem ter nenhuma consequência... — Em seguida, repreendeu a doença — Enquanto repreendia, ele ouviu a orientação do Espírito Santo: — “Há demônios. Repreenda os demônios, Erick”. — Imediatamente ele disse baixinho: Eu repreendo, em nome de Jesus, todo demônio que estiver neste quarto. Saia daqui, agora!

Os demônios não obedeceram à ordem, mas não foi por causa do Erick, pois ele estava em santidade e apto a expulsá-los. Os demônios acharam que conseguiriam matar a moça, antes de serem obrigados a sair. Por isso, quando o Erick estendeu a mão para entregar a insulina ao francês, um dos demônios pulou, dando impulso ao voo certo, em direção à insulina. O outro demônio com a espada na mão, voou gritando, com cara feia, em direção aos dois anjos, tentando impedir a ação deles.

Instantaneamente, após a oração do Erick, os anjos receberam autorização divina e partiram para o ataque. Um anjo desembainhou a espada, que imediatamente se tornou como brasas vivas e enfrentou o demônio que estava com a espada negra na mão. O outro anjo saltou com tanta força e velocidade na direção do outro demônio, que seu corpo se tornou como uma bola gigante de fogo e encontrou seu oponente, ainda no ar, a poucos centímetros de conseguir alcançar a mão do Erick, que tentava entregar a insulina para o francês.

O anjo, voando em altíssima velocidade, aproveitou o descuido do demônio, que esqueceu de proteger sua retaguarda enquanto tentava interceptar a insulina. Foi mais do que suficiente para o experiente guerreiro celestial aproveitar sua posição e a distração do inimigo e jogar o próprio corpo sobre o do demônio. Para aumentar o impacto, o

anjo utilizou os dois pés para atingir as costas do demônio. A velocidade e o impacto da batida causaram um barulho muito forte e jogaram o demônio longe que, depois de atravessar paredes, caiu rolando e blasfemando do lado de fora do prédio.

Ele se recuperou, abriu as asas negras e começou a voar em direção ao quarto. Atravessou novamente as paredes e viu o anjo pisando com um pé na asa do outro demônio que estava caído e, com a mão, segurava a espada flamejante na garganta do demônio. Enquanto olhava para ver o que tinha acontecido, o demônio que tinha retornado, sentiu o fogo da espada do outro anjo queimando a garganta. O anjo, com autoridade e muito sério, disse:

—Ordens, são ordens! Vocês ouviram a ordem do servo do Deus Altíssimo. Vocês foram repreendidos em nome de Jesus, aquele que foi morto, mas ressuscitou e vive para todo sempre! Agora, fora. Saiam daqui!

O anjo não esperou. Num movimento brusco mas preciso, o anjo pegou o demônio por uma das asas e o jogou para longe. Novamente o demônio se viu atravessando as paredes e só parou quando estava do lado de fora do prédio. Em segundos, o outro demônio também chegou cambaleando, pela força com que foi arremessado.

—Não foi uma boa ideia não obedecer à ordem para sair quando fomos repreendidos... — resmungou um deles. Os demônios não tinham mais o que fazer.

Sem a interrupção maligna, o francês teve tempo suficiente para alcançar a insulina que estava na mão do Erick. Após receber a insulina, o francês deu alguns passos até a cama onde sua filha estava deitada, com aspecto de quem já estava convalescendo. Ele se abaixou em direção à filha, que continuava em companhia da mãe. Ele apontou para o local já higienizado pela mãe, com álcool, para aplicar a insulina, afastou o braço da filha, que não oferecia nenhuma resistência, e com a ajuda da esposa, rapidamente aplicou a insulina no abdômen dela. Ela estava salva.

De longe, os demônios viram que a insulina tinha sido aplicada e gritaram:

—Malditos intrusos! Vocês estragaram os nossos planos!

—Moço idiota! — Isso não vai ficar assim! — prometeu o outro demônio, olhando para o Erick, que não tinha a mínima ideia do que tinha acontecido no mundo espiritual. Depois, os demônios voaram até o último andar daquele prédio e ficaram lá parados, como se fossem

dois abutres, tentando entender o que havia acontecido.

Ao lado da cama, a mãe chorava com a cabeça da filha no colo. A cena era comovente. A reação que a insulina provocou foi visível, dava para observar como, em pouco tempo, ela ia melhorando. O francês, agora completamente mudado, tinha uma expressão de alívio na face.

—Merci, merci — era só o que ele conseguia dizer, antes de abraçar o John.

O Erick, ainda agitado, analisava tudo o que tinha acontecido e depois ficou observando a filha do francês deitada na cama e pensou:

—Meu Deus do céu, como essa moça é gorda! Ela é enorme! Eu sei que não é legal ficar reparando nos outros, mas tadinha, ela é muito, muito gorda mesmo! Ela é gigante! Acho melhor eu pensar em outra coisa, pois o que eu estou fazendo é muito feio... Vou falar com o John.

O quarto continuava cheio de pessoas. Agora mais tranquilo, o francês continuou a conversar calmamente com o John.

O francês começou a explicar que a filha era diabética do tipo dois e que os níveis de açúcar alteraram rapidamente, por isso ela começou a passar mal. Ele afirmou que não sabia explicar por que a filha não comentou que precisava comprar mais insulina. — O resto da história vocês já conhecem — traduziu o John.— Ele correu até a recepção para pedir ajuda. Ele já estava muito nervoso, não conseguia se comunicar e ninguém falava francês. Até que o Erick chegou e vocês providenciaram a insulina. Como vocês devem estar percebendo, ele não para de agradecer e se desculpar pelo escândalo na recepção.

Como sempre, muito afoito, o Erick disse:

—John, fala pro francês aí que nós entendemos os motivos dele, e que é sempre um prazer para mim, quero dizer, para nós ajudar as pessoas.

O John repetiu em francês as palavras do Erick. Quando ele terminou, o Erick foi logo dizendo:

—Fala pra ele também que se ele precisar de mais alguma coisa é só chamar na cozinha. Diga também que posso servir de guia na cidade e posso também...

—Pelo amor de Deus, Erick — interrompeu-o John — dá um tempo! O homem não tem cabeça para essas coisas agora...

—É, foi mal. Desculpa aí. Você tem razão. Não fala nada pra ele não...

—Mais atento, agora, aos mínimos detalhes, o francês perguntou ao John o que o Erick havia dito. Com olhar de reprovação, o John disse

para o francês apenas que o amigo gostava muito de ajudar as pessoas e que às vezes exagerava. Meio contrariado e sem graça, o John contou ao francês que o Erick queria ajudar e, se caso o francês precisasse de qualquer coisa, era só pedir a ele, que ele se oferecia, sem cobrar nada, para ser guia na cidade, buscar encomendas, comprar insulina, etc. e tal.

Ao ouvir as explicações do John, o francês achou graça, deu uma risadinha e falou que já tinha notado que o Erick era um pouco agitado. Depois disse que estava muito agradecido pela generosidade de todos e que se precisasse fazia questão de chamar o Erick, mas que, por ora, tudo o que ele queria era levar a filha para um hospital, assim que ela melhorasse um pouco, por precaução.

—Claro, nós vamos providenciar um taxi para o senhor.

O gerente interrompeu a conversa entre o John e o francês:

—Por favor, qual o seu nome? — perguntou o gerente do hotel para John.

—John, senhor. Meu nome é John.

—OK, John. Diga a ele que nós aceitamos as desculpas dele e pedimos também que ele aceite as nossas. Explique a ele que nosso funcionário que fala francês também teve uma emergência médica e precisou sair antes do horário.

Após as explicações, tudo ficou bem. O gerente se prontificou para mandar comprar novas insulinas para o hóspede e para a Chef. Todos se despediram e saíram do quarto. Em poucos minutos, tudo voltou ao normal. Pelo menos a rotina do hotel voltou ao normal. No elevador, o gerente agradeceu ao Erick e ao John.

—Erick, muito obrigado por me ajudar nessa situação com esse hóspede. Eu realmente já estava desesperado. Eu não estava entendendo nada do que o francês dizia. Eu fico muito grato pela sua atenção e pela ajuda do seu amigo. Se você quiser pode ir tomar um café por minha conta com seu amigo. Volte só daqui a uma hora. OK?

—Valeu chefe! Hum...mas será que podemos trocar o café por aquele delicioso petit gateau que eu pedi autorização para trazer meu amigo, para comer aqui? O John é o amigo que eu queria trazer aqui. O senhor está lembrado?

—Ah, agora me lembro do seu pedido. Ainda bem que eu autorizei hein, Erick! Porque senão não estaríamos aqui agora. Pode ir e avise na cozinha que toda a sobremesa que vocês conseguirem comer é cortesia da casa.

—Valeu chefe! Quero dizer... muito obrigado, senhor Jordan. E o senhor já sabe né, se precisar de ajuda...

—Eu sei, eu sei— repetiu o senhor Jordan — se eu precisar de ajuda ou se alguém, em qualquer lugar do planeta precisar de ajuda, basta falar com você. Eu já entendi, Erick.

—É isso mesmo, senhor. Se precisar de mim é só cham...

—Erick — interrompeu de novo o gerente — eu não quero ser mal-educado, mas vá logo levar seu amigo para comer a sobremesa.

—OK, já entendi. Então até daqui a pouco.

—OK, até. Mais uma vez obrigado, John, muito prazer em conhecê-lo.

—O prazer foi meu, senhor Jordan.

Enquanto iam caminhando em direção à cozinha do hotel, o Erick disparou a falar e a gesticular:

—Ei, John, você arrasou, hein! Aquilo foi demais!!! Massinceramente, cara, eu fiquei na dúvida, será que você fala francês ou o Senhor Deus te deu o dom de falar francês e de interpretação de línguas? E tudo ao mesmo tempo?! Que demais! Aquilo que você fez foi incrível! Aquela moça quase morreu!

—Quem quase morreu fui eu, de vergonha, Erick. Você precisa ser sempre tão afoito? Precisava me arrastar pelo braço? — disse em tom enérgico.

—Não, não e não, meu amigo! Você está confundindo as coisas. O que eu tive foi rapidez de raciocínio e vontade para ajudar. E se não fosse daquele jeito, você não iria. Eu conheço bem você! Você é tímido! — disse rindo, achando engraçado a preocupação tardia do amigo.

—Eu percebi a sua rapidez! E se eu não tivesse conseguido falar em francês, como é que nós iríamos fazer?

—Hum... sabe que eu não tinha pensado nisso?

—Mas eu pensei!!!

—Ei, não fique bravo! Tudo terminou bem, graças a Deus! E a você, John!

—Graças a Deus! Eu não tenho mérito nisso, porque eu, realmente, jamais iria falar com ele, se você não tivesse dado uma mãozinha...

—Você é quietão hein John?! Mas você é engraçado! Aliás, por falar em coisa engraçada, eu nunca tinha visto você tão interessado numa moça. Você ficou apaixonado pela filha do francês... Eu vi. Foi amor à primeira vista? Dava até pra ver os coraçõezinhos saindo dos seus olhos... — e começou a rir novamente, percebendo o John embaraçado

e um tanto desconcertado. O John tentou desviar a conversa:

—Não teve nada disso... E me faça um favor, Erick...

—Claro, John, pode falar. Do que você precisa?

—Que você fique quieto!!! Você não para de falar um minuto. Meu Deus do céu, como você consegue!

—Ficou bravo, hein...! É sinal que é verdade. John, você notou como ela é bonita? Que rosto lindo. Ah, claro que você notou, mas... você notou também como ela é, assim, um pouquinho grande, quero dizer... enorme? Cara, ela deve pesar uns 200 kilos!

—Pelo amor de Deus, Erick! Pega leve, cara! A moça quase morreu, e você aí falando do peso dela...

—Me desculpe. Foi mal. Acho que você tem razão. Isso que eu falei não foi legal. Você está certo, John. Mas não é que eu fiquei reparando. É que... você sabe, você lá, enrolando a língua e fazendo beicinho pra falar francês... — Após falar ele mesmo achou graça do que tinha dito e riu.

—Ahahahahah...sobrou tempo, John, para prestar atenção em um monte de outras coisas... inclusive em você, suspirando por ela!

—Eu não suspirei coisa nenhuma, Erick. Mas eu concordo com você que ela é bonita sim. Eu acho que eu nunca vi uma moça tão bonita em toda a minha vida. Quero dizer, eu acho que não! Essa situação de não saber nada do meu passado é horrível!

—É, deve ser — concordou o Erick.

—Mas você tem razão, ela é bem gordinha.

—Gordinha? Põe gordura nisso, John. Eu assisti, outro dia, um programa na televisão sobre obesidade mórbida, e ela se enquadra direitinho. Eu não sei como aquela cama não quebrou...

—Já entendi, Erick. Não precisa ressaltar ainda mais a gordura da moça. Coitada. Ela deve ter um monte de problemas. Você notou como ela estava abatida? Eu tive a impressão de que ela está com mais problemas do que a gente pode imaginar.

—Isso eu não sei não. Mas eu nunca vi você tão interessado numa moça antes.

—Interessado? Que conversa doida é essa, Erick? Eu estava interessado era em saber se ela iria ficar bem...

—Hum... acho que você gostou dela — insistiu e sorriu novamente provocando o John.

—Vamos mudar de assunto, Erick. Quando você quer ser inconveniente, você sabe muito bem!

—Desculpe-me, desculpe-me, só falei o que eu achei. Você sabe que eu sou muito sincero. Aí, quando eu vi você olhando pra ela, os seus olhos começaram a brilhar e começaram a sair aqueles coraçõezinhos de desenho animado dos seus olhos, aí eu pensei...

—Erick, eu pedi para mudar assunto. Você se lembra? Ou não consegue?

—Desculpe-me de novo. Então, mudando de assunto e falando da mesma coisa, como é que foi essa coisa de você falar francês? O que foi isso, John? Cara você foi demais, você salvou a moça!

—Eu, eu não sei, Erick. Ainda estou nervoso e um pouco assustado com tanta coisa que aconteceu em tão pouco tempo.

—Pare de gaguejar, John. Eu sei de uma coisa, John, precisamos contar isso para o Pastor e para o Roger. Vou ligar o mais depressa possível — disse já digitando o número de telefone do Pastor. — Está ocupado. Vou tentar o Roger. — Está chamando John...

—Roger? É o Erick. Tudo bem com você? Preciso te contar uma bênção. É uma coisa impressionante. Você não vai acreditar. Você está sentado?

Capítulo XX

Enquanto o Erick falava ao telefone celular com o Roger, contando o que havia acontecido e como o John falou francês, a alguns metros dali, os dois rapazes eram observados e medidos milímetro por milímetro pelos dois espíritos atormentadores que foram expulsos do quarto.

—Quem são esses dois? — perguntou o demônio do suicídio, que tentou matar a filha do francês.

—Eu não sei — respondeu o outro demônio — mas podemos descobrir isso agora mesmo, aqueles dois ali em cima podem nos dar as respostas.

Os dois “ali em cima” eram outros dois demônios, cuja principal responsabilidade é ficar ao redor das pessoas e registrar tudo o que a pessoa faz, desde o despertar até dormirem. Fazem parte da grande multidão de testemunhas contra os servos do Altíssimo. Embora sejam demônios sem poderes, são extremamente importantes para a organização deles.

Como não existe nenhum outro que é onisciente e onipresente, além do Deus Altíssimo, o reino das trevas precisa desse trabalho para conhecer os pontos fortes e principalmente os pontos fracos das pessoas, para, nos momentos oportunos, usar as informações ou repassar essas informações para outro demônio mais graduado, a fim de agir contra a própria pessoa, seu cônjuge, amigo, pai, mãe, irmãos, enfim a tantos quantos for possível causar alguma confusão. São conhecidos como espíões, ou demônios do círculo, porque ficam ao redor das pessoas comprometidas com Deus. Não se aproximam muito, porque ao redor fica o anjo acampado, protegendo a pessoa. O demônio que havia apontado a presença dos dois espíões fez um gesto com as garras e, imediatamente, os dois estavam dando seus relatórios.

—O rapaz mais baixo, que trabalha aqui no hotel como garçom, chama-se Erick. Eu o acompanho desde o seu nascimento. O nome dos seus pais... — antes que ele terminasse de falar, foi bruscamente interrompido.

—Vamos ao que interessa, espião idiota. Diga-me, eles são fiéis ao

Altíssimo?

Mudando imediatamente a maneira de descrever os fatos, o outro demônio espião, com medo, começou a falar.

—Os dois são de fatos selados pelo Espírito do Altíssimo. São fiéis. O que se chama Erick não era muito comprometido com o Altíssimo, até que uma série de coincidências e fatos não muito explicados o transformou. Os dois são disciplinados por um ex-pastorzinho do subúrbio.

—Maldição! — Blasfemou o demônio. — Eu odeio esses pastorezinhos de subúrbio ou de igreja pequena. Como eles têm poucos membros nas igrejas, ao invés de ficar se vangloriando do seu sucesso e do seu ministério, ficam lendo e decorando as profecias, orando e ensinando outros a orar e se ocupando em visitar e ajudar as pessoas.

—Você disse que a maneira como todos eles se conheceram não foi bem explicada. Por que você acha isso?

—Porque eles se encontraram de forma muito rápida. O Erick sempre foi espiritualmente morno, nunca deu trabalho, até aparecer esse pastor Roger. E o que eles chamam de John não era convertido até se conhecerem. Ele é um milionário francês e reside em Paris, mas eles não sabem, porque ele perdeu completamente a memória. Mas o maior mistério é a presença constante daqueles dois... — Enquanto falava, apontou para os dois anjos que acompanhavam o Erick e o John. Os anjos eram altos, fortes e ágeis. Eles demonstravam não gostar de muita conversa e seus olhares eram duros, eram guerreiros treinados em proteção de ungidos fiéis.

—Esses anjos — relatou um dos dois demônios espiões — chegaram assim que os dois rapazes se conheceram. A mãe de um deles é uma intercessora. As orações dela são cruéis para a nossa organização. Ela, juntamente com o Roger, dificulta o nosso trabalho. Ele lê e ensina as pessoas lerem e viverem conforme os mandamentos, além de orar e jejuar com frequência. Vocês ficaram sabendo do vexame que os nossos guerreiros sofreram numa luta contra um Serafim?

—Sim. Todos souberam, porque a notícia se espalhou por toda a região!

—Esses dois guerreiros estavam lá naquele combate. E não saem de perto dos rapazes. Estão sempre ao redor, acampados. Nós temos sido obrigados a respeitar a distância e ficar apenas ao redor deles.

—Já tentaram ultrapassar os limites de distância?

—Já, mas imediatamente fomos forçados a recuar.

—Estranho — balbuciou o demônio — muito estranha essa proteção celestial.

—Mas qual a ligação deles com essa moça imbecil que nós íamos matar?

—Deve estar acontecendo alguma coisa maior que nós não sabemos, mas precisamos descobrir...

—A nossa potestade está investigando — informou o outro demônio espião, com má vontade, e perguntou: — Podemos ir embora?

—Sumam da minha vista — respondeu o outro demônio.

Capítulo XXI

As aflições do justo e a esposa do pastor Kevin

—Alô! — Era a Déborah, esposa do pastor e professor Geoval, ligando para a esposa do pastor Kevin.

—Irmã Claire? Sou eu, a Déborah! A paz!

—A paz, irmã Déborah.

—Estou ligando para saber como está o nosso pastor presidente?

—Do mesmo jeito, irmã Déborah. Sem nenhuma alteração.

—O médico foi até aí para consultá-lo ontem?

—Ele veio sim. Mas não achou nada diferente. Disse que ele está estável e pediu para tomar os mesmos cuidados de sempre.

—Sei... fazer a fisioterapia, passar óleo ou hidratante no corpo todo, para evitar a formação de escaras.

—Eu tenho pedido a Deus que ele não desenvolva essas escaras. São feridas tão cruéis e geram infecção, e a infecção debilita o sistema imunológico dele, que já está fraco.

—Eu fico imaginando tudo o que se passa na sua cabeça e no seu coração...

— Além de todas as demais coisas...

—Como os filhos, os netos e a Igreja.

—É isso mesmo.

—Você já deve saber que estão pensando em eleger o Jackson para presidente?

—Sim, eu sei. Acho até natural, afinal ele já assumiu como pastor presidente interino. Você está gostando do trabalho dele?

—Se você não se importar, eu prefiro falar sobre isso pessoalmente.

—Eu já entendi o que você quer dizer. Só perguntei porque percebi que alguma coisa nele mudou, depois que assumiu o cargo.

—Nele e na Igreja. Eu acho que precisamos orar sobre isso também!

—Meu Deus! O que será que está acontecendo? Eu não consigo entender.

—Nem eu, querida, nem eu. Mas vamos confiar no Senhor. Eu esqueci de perguntar, mas me lembrei. Ele não vai precisar voltar para

o hospital, não é?

—Não. Graças a Deus ele não vai precisar voltar para o hospital. Vai poder continuar aqui em casa, porque ficar em hospital é horrível.

—Por melhor que seja o hospital.

—Exatamente.

—E você, como você está?

—Estou bem, mas, sinceramente, não entendo por que Deus permite que meu marido passe por tudo isso. Ele sempre foi tão fiel e dedicado a Deus e à obra. Mas, apesar disso, aquele versículo não sai da minha cabeça...

—Qual?

—Aquele que diz: “Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os meus caminhos, os teus caminhos”. Mas, sinceramente, não consigo me consolar...

—Não se culpe por pensar assim. Qualquer pessoa, no seu lugar, pensaria a mesma coisa.

—Talvez ele esteja na mesma situação de Jó.

—Se for isso, ainda me restaria uma esperança, porque, no final da história de Jó, ele se recupera. Mas quem olha para o Kevin não acredita que ele possa se levantar dessa cama algum dia...

—Eu continuo orando por ele e por você. Tente não se entregar. Nós não sabemos quanto tempo essa luta vai durar...

—Obrigada. Eu tenho certeza que são as orações, suas e dos irmãos, que estão me sustentando. Senão eu já teria me entregado.

—Eu imagino que sim. Quando você quiser conversar, não hesite em me ligar.

—Eu agradeço, querida! E a sua família, Déborah, como está?

—Todos estão bem, graças a Deus! O Geoval está me deixando preocupada. Mas você sabe como ele é, não é mesmo?

—Mas o que está acontecendo com ele, Déborah?

—Ele está convicto de que um novo tempo está chegando e, junto, muita luta virá. Por isso tem jejuado muito, e eu fico preocupada porque, na idade dele, todo excesso é perigoso!

—Em qualquer idade o excesso é perigoso.

—Você tem razão...

—Mas novo tempo pra quem? Para vocês?

—Não, não é para nós. Segundo o que ele me disse, é para a nossa Igreja!

—Então, irmã, ore ainda mais por nós... porque em todas as lutas

que a Igreja enfrenta, nós ficamos no meio dos bombardeios...

—Certamente. O dia-a-dia de um pastor não é fácil! Talvez seja ainda mais difícil a nossa responsabilidade como mulher e esposa de pastor... Temos que estar bonitas, bem vestidas, a casa em ordem, sempre inabalável emocionalmente, ter tanto conhecimento bíblico quanto nosso marido. E o marido precisa estar tranquilo para fazer o que a Igreja quer, e nossos filhos têm que lidar com a carga de ser exemplo em tudo em todo o tempo.

—Por isso, precisamos estar preparadas para poder ajudá-los. Apesar de sermos iguais a todas as demais, somos cobradas o tempo todo e recebemos pouco ou nenhum apoio... às vezes somos criticadas. As pessoas acham que nós e a nossa casa nunca enfrentamos nenhum problema! — Mas nós sabemos muito bem que não é bem assim...

—E como sabemos!

—Mas... querida, preciso desligar. Só liguei para saber se o pastor e você estão bem, na medida do possível, é claro. Um beijo, que Deus a abençoe. Fique em paz!

—Outro beijo pra você. Que Deus a abençoe também, a paz.

Capítulo XXII

Quem é fiel no pouco, será fiel no muito.

—John, eu preciso falar com você! — disse o Erick, animado e ansioso para saber como o John iria reagir com as novas notícias.

—OK, Erick, pode falar.

—Eu tenho uma coisa pra te contar! E eu acho que você vai gostar muito de ouvir. Quer saber o que é?

—Não tenho certeza, Erick. Mas se eu disser que não quero saber, você promete não me contar de qualquer maneira?

—É claro que não! Vou te contar de qualquer jeito. Eu fiquei muito ansioso para te contar, porque acho que você vai achar muito, muito legal.

—Erick!

—O que foi, John?

—Já que você vai contar, querendo eu ouvir ou não, pode me fazer o favor de me contar logo, sem muito detalhe? Está parecendo que eu estou ouvindo locutor de rádio, narrando jogo de futebol, que fica enrolando o tempo todo.

—Desculpe, John. Já entendi. É o seguinte, eu estava aqui em casa, depois do almoço. Eu estava um pouco cansado porque tinha trabalhado demais. Aí eu recebi uma ligação do hotel. O hotel está lotado. Sabe, John, está acontecendo uma convenção, e aí você já viu, né, hóspede pra todo lado, um pede uma coisa, outro pede outra coisa...

—Erick, você não vai descrever toda a rotina de trabalho do hotel antes de me contar o que aconteceu, ou vai? Poxa, você deveria ser escritor!

—Nossa, que ideia brilhante! Como eu nunca tinha pensado nisso? Você me deu uma grande ideia. Hum...você acha mesmo que eu tenho jeito pra coisa, John? Não, não responda. Eu acho que gostaria de ser escritor. Imagine comigo esta cena: eu chego a algum lugar, e uma pessoa começa a conversar comigo... Pode ser num hotel! Preenchendo os dados do cliente. Quando a pessoa da recepção do

hotel me perguntasse: “Qual a sua profissão”? Eu tiraria os óculos do bolso, faria uma pose, colocaria os óculos na ponta do nariz e, com o maior charme de intelectual, eu diria “eu sou escritor”! E tem mais... eu teria chance de conhecer o Max Lucado! Ele é escritor, eu também seria... ele poderia me dar umas dicas, sobre como escrever sob a inspiração de Deus. Sobre como ele consegue expressar o amor de Deus daquele jeito, que toca mesmo a gente! O que você acha John? Depois que eu e ele formos grandes amigos, eu apresento você para ele! O que você acha?

—Eu ouvi direito? Você vai ser amigo de quem, do Max Lucado? — perguntou e respondeu o John, ao mesmo tempo, desanimado com a empolgação do Erick. Ele se deu por vencido. — Eu desisto, Erick, desisto! Você é um sonhador, não um escritor. Não precisa me contar mais nada, Erick, você nem usa óculos!

—Desculpe-me, desculpe-me. Eu me empolguei. Vou falar do seu jeito. O francês mandou perguntar pra você, se você pode ir passear com a Isabelle. Isso não é demais?!

—Com quem?

—Com a filha dele.

—Como é que é?

—É isso mesmo que você ouviu. Ele quer saber se você pode ir passear com a filha dele, que se chama Isabelle.

—Conhecendo você, como eu conheço, Erick, acho que ele falou um pouquinho diferente, e você, imediatamente, fez a sua interpretação pessoal. Estou certo?

—Hum... Você é inteligente, hein, John... Como é que você acertou?

—Como? Porque eu sou seu melhor amigo. Aliás, seu único amigo. Você não tem irmão, então somos “meio” que irmãos, frequentamos a mesma Igreja, temos o mesmo discipulador, porque eu moro na sua casa, dormimos no mesmo quarto, e eu tenho vontade de chamar sua mãe de minha mãe... acho que é só por isso, Erick.

—Eu ia fazer um comentário, mas como acho que você vai ficar bravo, vou deixar pra lá!

—Graças a Deus. Glória a Deus nas alturas por isso! Eu realmente acredito em milagres, depois de ouvir você dizer isso, Erick!

—OK, OK, eu vou falar mesmo assim. O francês se lembrou de que eu me ofereci para ajudar em qualquer coisa e perguntou se eu poderia ser guia turístico da filha dele. Ela quer conhecer os lugares onde os turistas não vão, que só os moradores da cidade conhecem,

essas coisas. Pronto, falei.

—Eu sabia que essa conversa estava estranha. Duas perguntas: Onde eu entro nisso? E por que você achou que eu gostaria tanto de saber disso?

—Ora, John, do jeito que os seus olhinhos brilharam naquele dia — falou rindo, provocando o John — os seus olhos brilhavam, quando você olhava pra ela, naquele dia no hotel, né, parecia coisa de filme romântico...

—Pode parar, Erick.

—OK, OK, me desculpe.

—Mas onde entro nisso, Erick?

—Elementar, meu caro John! Você fala francês, eles já te conhecem. Apesar de você não ser tão bonito como eu, você é muito educado e inteligente, as moças gostam de você... E eu já descobri o nome dela pra você.

—Erick!

—OK, já entendi. Tenho de ser direto, sem rodeios. Eu falei para o francês que ia ser difícil pra mim, por causa do idioma, e sugeri você. Se eu estiver certo, você vai ficar me devendo essa pro resto da sua vida!

—Não vou nem comentar essa sua última fala. Mas ela deve falar inglês também, o idioma não deve ser o motivo principal.

—Isso eu não sei. Ele disse que se você puder, basta dizer quanto você vai cobrar e quando você pode começar, porque parece que ela está com bastante tempo livre, sem compromisso o dia inteiro. Você me entende?

—Se eles estão de férias, a ideia é não fazer nada, não é, Erick?!

—Eles não estão de férias. Estão procurando apartamento para comprar. Eles vão morar aqui em New York. O pai dela é diretor de uma empresa francesa e foi transferido para cá.

—Eu não sabia disso. Mas eu gostei da ideia. Eu vou sim, eu preciso ganhar um dinheiro extra. Assim, com mais dinheiro, eu posso ajudar mais... você pagar as despesas daqui de casa, Erick.

—Não se preocupe com isso, John.

—Mas eu me preocupo. Gostaria de ajudar mais. Se eu tivesse documento, poderia arrumar um emprego melhor, mas eu vivo como se fosse um imigrante ilegal. Mas todos os trabalhos que aparecem eu faço, você sabe disso.

—Sei, John. Mas a minha ideia, nesse caso, tem um outro objetivo.

Mas é assim que se fala, John!

—Eu não estou entendendo. O que você quis dizer?

—Nada, nada.

Depois de alguns segundo de silêncio, que pareceram uma eternidade para ele, cutucando o John no ombro, o Erick dispara:

—Quem sabe vocês não se apaixonam? Você já pensou na história? Rapaz misterioso salva moça e depois eles se apaixonam, se casam e vivem felizes para sempre! Que história linda de amor! As moças gostam de história românticas, John — disse o Erick, achando engraçado.

—Santo Deus, tem misericórdia de mim! Dê-me paciência, muita paciência. Que mente criativa, Erick! Pelo amor de Deus, me deixe fora das suas histórias malucas!

—OK, OK... depois não se esqueça de me agradecer. Ah! E de me convidar para ser seu padrinho de casamento!

Capítulo XXIII

Sonhar, trabalhar e esperar em Deus

Depois de um determinado tempo, o Roger convocou o Erick e o John para uma conversa.

—Obrigado, rapazes, por vocês terem vindo. Eu vou explicar rapidamente por que pedi para vocês virem aqui.

O John deu um pequeno cutucão no Erick e cochichou:

—Aprenda a ser assim, OK?

—John? — perguntou o Roger — algum problema?

—Não. Está tudo bem, desculpe-me pela interrupção.

—Vocês se lembram quando a senhora Farrel disse que eu ia ter um sonho? Pois bem, eu tive esse sonho, ele aconteceu e...

O Erick foi logo interrompendo:

—Nossa, que demais! Você viu anjos? Viu demônios, foi levado até o terceiro céu como Paulo, viu as ruas de ouro, a cidade celestial, a nova Jerusalém, viu...

E, antes de terminar, o John e o Roger falaram juntos:

—Erick!

—OK, OK, me desculpem... pode continuar!

—Obrigado, Erick. O sonho era, ou melhor é sobre uma música.

—E como é a música? — perguntou o John.

—É uma música muito bonita, dividida em duas partes e um refrão.

Na primeira parte, há uma angústia na voz de quem está cantando e a levada, o ritmo é lento. Quem canta está representando todos os demais cristãos, perguntando onde está o Deus de Elias e por que não vemos mais os milagres, sinais, prodígios e as maravilhas de Deus.

—Nossa! Isso é fantástico! — comentou o Erick. — E a outra parte, como é?

—Na segunda parte da música, ocorre justamente o contrário. A levada é mais rápida, e é uma outra pessoa quem canta. Nesta segunda parte da música, Deus responde à pergunta feita na primeira parte com outra pergunta. Ele questiona onde estão os Elias de Deus, dispostos a carregar sua cruz e deixar ser usados para manifestar na Terra o poder,

o amor e as maravilhas de Deus, a pregar a mensagem da cruz e fazer a diferença, como fez Elias.

—Oh, glória a Deus! — disparou o Erick...

—É realmente impressionante, Roger — comentou o John.

—Mas não acabou ainda. Depois disso, há um refrão cantado por muitas vozes, representando as multidões de cristãos, atendendo ao chamado de Deus. A letra é parecida com a do profeta Isaías, no capítulo seis, quando ele disse o famoso “eis-me aqui, usa-me a mim,” e depois há uma espécie de narração dos acontecimentos que acontecem depois disso: conversões, curas de pessoas e de ministérios, restituições e restaurações.

—Nossa que demais! Isso vai ser uma bênção para as pessoas! — disse o Erick.

—Com certeza! — concordou o John. — Muito obrigado por nos convidar para contar sobre o seu sonho e sobre a música Roger. Nós vamos orar para você cumprir os propósitos que Deus te deu, com essa revelação.

—Eu, na verdade... espero um pouco mais do que isso — respondeu o Roger.

—Como assim? — perguntou o John.

—No sonho, eu não estava sozinho. O que eu posso contar para vocês é a parte em que vocês apareciam...

—Nós aparecíamos no seu sonho? — perguntou o Erick, bem entusiasmado. — Isso é demais!

—Mais do que isso. Eram vocês dois que estavam cantando. Eu também tocava junto com vocês, mas só cantava junto com vocês no refrão.

—Nós três? Cantando? Nossa, que demais! Mas e o John? Ele não toca nenhum instrumento.

—Será então que eu devo aprender, Roger? — perguntou John.

—Eu não sei, John, mas, pelo sim, pelo não, como não sabemos quase nada a seu respeito, eu pedi para vocês virem aqui na igreja, para testarmos uma coisa...

—Que coisa? — perguntou o Erick.

—No sonho, você tocava o teclado, John. Você já experimentou tocar um teclado?

—Não, nunca. O único instrumento que eu tentei tocar, que eu me lembro, foi o violão do Erick, mas não consegui.

—E ele não leva o menor jeito pra coisa viu, Roger...

—Tudo bem, John, mas será que você se importaria de sentar aqui no teclado e tentar ver o que acontece?

—Tudo bem. Aqui. E agora o que é que você quer que eu faça?

—Toque as teclas, sem se preocupar como. Quem sabe você se lembra de algo, como falar francês...

Sussurrando para o Roger, o Erick disse:

—Roger, se ele tocar com a mesma fluência que ele falou francês, ele é o novo Mozart.

—Contenha-se Erick, eu não sou surdo.

—Me desculpe... — Virando-se para o Roger, o Erick sussurrou: — Ele falou isso, Roger, porque o Mozart era surdo.

Com toda a paciência do mundo, o Roger explicou:

—Erick, surdo era o Beethoven!

—Não era o Mozart? Você tem certeza? Ih, foi mal! Me desculpe...

Enquanto isso, o John tentava um contato com o teclado. Apertava as teclas como quem pensa que está apertando alguma coisa quente, que vai lhe queimar os dedos. As notas não soavam harmoniosamente. O som era horrível.

O Roger achou melhor dar algumas instruções básicas sobre os acordes ao John e a maneira de usar as mãos no teclado. Após as explicações, o John, sentiu-se como se estivesse andando novamente de bicicleta, após anos sem pedalar. O Roger ficou surpreso e muito satisfeito, pois certamente o John, no passado, havia tocado e muito aquele instrumento musical. Depois dessa nova descoberta sobre o John, ele disse:

—Pessoal, eu vou mostrar para vocês como é a música que o nosso Deus nos deu de presente. Vou tocar e cantar para vocês ouvirem. Depois que vocês aprenderem, podemos tentar tocar e cantamos juntos. Tudo bem?

—Perfeito — responderam os rapazes bastante animados.

Depois de várias horas juntos, o Roger achou melhor encerrar aquele ensaio.

—Pessoal, por hoje está ótimo. Foi melhor do que eu imaginava. Você surpreendeu, John! Eu não tenho dúvida de que você estudou música no passado. Não seria possível fazer o que você fez, apenas com o que eu te mostrei. Acho que tudo está se cumprindo. E você Erick é um talento e tanto. Você pegou bem a levada e a estrutura da música. Eu quero saber a opinião de vocês sobre as vozes. Eu acho que você, questionando onde está o Deus de Elias nos nossos dias ficou

perfeito, Erick, e o John fazendo a resposta, Deus respondendo com a pergunta “onde estão os Elias de Deus,” ficou ótimo. O que vocês acham?

—Eu gostei bastante, Roger — comentou o John. — Confesso que estou surpreso com tudo e muito animado...

—Eu também estou, Roger, mas acho que não é justo eu e o John cantarmos, pois foi você que teve o sonho. Do jeito que nós ensaiamos, se a música agrada, e eu tenho certeza de que vai agrada, nós, eu e o John vamos acabar nos destacando, e não será justo com você...

—Eu agradeço a sua preocupação, Erick, mas de graça recebemos e de graça devemos dar. No reino de Deus, as coisas funcionam assim, é o oposto do mundo. A música não é minha, é de Deus. Além disso, a orientação que recebi no sonho é que eu devo tocar; cantar apenas no refrão, e assim eu vou fazer, eu escolho obedecer.

—Sendo assim, acho que está certo.

—Eu também acho — concordou o John.

—Se estamos de acordo, quero que vocês pensem no que a profecia dizia, no que diz respeito ao Erick fazer a divulgação e você, John, a administração. Eu não sei direito ainda o que significa administração, mas creio que você deve ser bom nisso, John.

—Ah, isso ele é viu, Roger. Ele me obrigou a fazer uma planilha para controlar as minhas despesas. E não é que funciona! Agora todo mês sobra dinheiro. Estou guardando no banco, fiz uma poupança.

—Que bom! Eu penso que, de alguma forma, não sei se rapidamente ou se daqui a muito tempo, essa música abrirá muitas portas para pregarmos a Palavra de Deus e despertarmos nossos irmãos sobre a mensagem dessa música.

—Será que isso é possível? — perguntou o John.

—Será possível, se isso for mão de Deus, e eu creio que é. Se eu estiver certo, logo seremos convidados; mas antes, precisamos nos consagrar. Devemos nos lembrar da nossa responsabilidade como levitas de Deus. Eu quero incentivá-los a orar mais, ler mais a Bíblia e jejuar mais. Quero também combinar com vocês que, salvo alguma situação específica, nunca subiremos a um púlpito sem estarmos em jejum...

—Roger, você quer resgatar o ministério dos levitas?

—Não sou eu que quero isso, Erick, é o Senhor. Infelizmente, em muitos lugares, a música virou apenas entretenimento nas nossas igrejas. E os músicos estão abandonados à própria sorte, sem nenhum

apoio, sem discipulado, sem pastoreio.

—O que significa que são alvos fáceis dos ataques dos demônios...

—Exatamente, John. Você aprende rápido!

—É porque tenho um bom professor..

—Obrigado, meu irmão, mas eu não tenho dúvidas de que estamos nos metendo em algo muito maior do que podemos imaginar. Por isso devemos ter cuidado e permanecermos unidos. A minha sugestão é que não exista segredo entre nós. Devemos compartilhar nossas alegrias, tristezas, provações e tentações, como temos feito até agora no nosso grupo familiar. E tudo o que dissermos aqui fica entre nós e Deus. Combinado?

—Combinado.

—Sim, combinado.

—Uma última coisa. Não podemos deixar de ser humildes. Não podemos permitir que, se a música for um sucesso, esse “sucesso” suba a nossa cabeça. Não podemos esquecer que foi Deus quem deu a música. É ele quem exalta ou abate as pessoas... Vocês entendem o que estou dizendo?

—Claro que sim... — responderam os rapazes.

—Ótimo! Nós já fizemos bastante para o primeiro ensaio. Então, antes de sairmos, vamos orar?

—Vamos!— responderam os rapazes.

Capítulo XXIV

Os sonhos e planos de Isabelle para uma nova vida

—Você vai sair, filha? Aonde você vai, Isabelle?

—Eu vou sair sim, mãe. Vou ao cinema. Está passando um filme legal. Eu quero assistir.

—Que bom. O John vai com você?

—Vai. Foi ele que me falou sobre o filme, e eu achei interessante. Por quê?

—Por nada. Talvez... porque vocês têm saído bastante juntos, não?

—É, temos sim. Ele é muito legal, mãe, e uma ótima companhia. Ele é inteligente, bem informado, agradável e conversa sobre tudo.

—Como assim?

—É que ele é uma pessoa simples, mora num bairro afastado, mas, conversando com ele, dá a impressão de que ele estudou, cursou uma Universidade, que viajou para outros países, que teve acesso a coisas e lugares que uma pessoa com a condição social dele normalmente não tem acesso.

—Entendi...Talvez ele tenha aprendido por meio da internet.

—É. Talvez.

—E ele tem namorada?

—Não, ele não tem não.

—Ele é gay?

—Mãe, eu não estou entendendo a sua curiosidade! Mas ele não é gay, não. Aliás, eu sempre percebo quando saímos juntos, o quanto as mulheres olham e se jogam para cima dele! Devem ficar pensando: “nossa, se essa baleia”, no caso eu, “consegue conversar com esse rapaz tão bonito, eu também consigo.”

—Então vocês estão namorando?

—Não! Ele é apenas meu amigo. Por que você disse isso?

— Porque você disse que estão saindo juntos!

—Foi a maneira de dizer, mãe. O John não quer nada comigo, aliás quem vai querer namorar uma baleia?

—Filha, não diga isso, você é tão linda!

—Linda e gorda!

—Não diga isso, filha! Mas... as moças olham desse jeito que você mencionou para o John?

—E como olham. Elas não têm vergonha nenhuma. Outro dia, no banheiro de uma lanchonete, uma moça teve a coragem de perguntar se ele era meu irmão.

—Por quê?

—Porque ela ficou interessada nele e deduziu que a baleia aqui não poderia ser a namorada dele. Isso acontece com mais frequência do que eu gostaria.

—Credo, Isabelle! Não se menospreze. E, aliás, a sua cirurgia para redução do estômago é daqui a dois dias. Como você está se sentindo? Está ansiosa?

—Não, não estou ansiosa, pelo menos não tanto quanto eu imaginava. Eu me sinto bem, e o John tem me ajudado muito. Ele é uma pessoa muito agradável. Acho que foi uma das melhores coisas que me aconteceram, depois que o Jean Pierre rompeu o nosso noivado...

—Eu e o seu pai gostamos muito do John também, filha. Ele parece ser uma rapaz sério, responsável, bonito e muito educado. Acho que qualquer moça deve mesmo ficar impressionada com ele. O seu pai sempre elogia o John, acho que pelo que aconteceu naquele hotel.

—Eu devo isso a ele. Foi ideia do papai chamar o John para ser meu guia turístico. Foi muito bom, eu estou me distraindo e não estou sentindo tanta ansiedade como eu imaginava.

—Nem depressiva, como naquela época.

—Mãe, eu estou notando onde você quer chegar!

—Então, vamos ver se você acertou. Diga-me, o que você notou?

—Você quer, pela centésima vez, saber se, naquele dia que eu passei mal lá no hotel, eu fiquei sem insulina de propósito!

—Você tem coragem de dizer que não foi?

Ela negou novamente, mas não se sentia bem mentindo para a própria mãe. Mas, por outro lado, confessar que queria se matar seria muito pior. O melhor a fazer agora era mudar de assunto.

—Mãe, acho que estou atrasada. Preciso terminar de me arrumar.

—Claro, querida. Precisa de ajuda?

—Com esse meu tamanho, infelizmente preciso. Graças a Deus, logo isso vai acabar!

—Aliás, foi o John quem convenceu você fazer a cirurgia de redução de estômago?

—Não foi ideia dele, mãe. A ideia foi minha. Eu já disse isso para você e para o papai milhões de vezes. Ele apenas me disse que o Roger, um amigo dele, tinha feito a cirurgia anos atrás e está feliz com os resultados. Depois eu pensei que poderia fazer também.

—Claro que sim, querida, já falamos sobre isso antes.

—Sim, já falamos inúmeras vezes, mas a senhora parece não estar convencida de que sou eu que quero fazer essa cirurgia, não é?

—Não se trata disso, filha. Mas é que você está diferente, eu não sei explicar, mas, alguma coisa aconteceu com você. Você ainda sente muito a falta do Jean Pierre, seu ex-noivo?

—Eu ainda não quero falar sobre isso, mãe. Ser traída e trocada como eu fui é muito doloroso, mas ele vai ser meu novamente.

—Como assim?

—Eu vou reconquistá-lo, custe o que custar, mãe, eu vou me casar com ele.

—Filha, talvez seja prudente pensar nisso apenas como uma possibilidade e não como alvo na vida.

—Talvez mãe. Mas eu estou atrasada e não quero deixar o John me esperando. Como ficou essa blusa, está combinado tudo? Blusa, sapato e bolsa?

—Você está linda como sempre, filha!

—Como é bom ter mãe! Mas eu preciso ir. O John já deve estar lá embaixo me esperando. Eu já vou, tchau.

—Tchau.

Elas se beijaram e a Isabelle saiu.

Capítulo XXV

**Os demônios conseguem até atrasar... mas jamais
parar as obras de Deus!**

Durante toda a noite, o Roger mal conseguiu dormir. Estava preocupado e muito ansioso, consultou o relógio inúmeras vezes, até que finalmente o dia amanheceu. Era uma manhã chuvosa, mas ele não titubeou, colocou seu casaco, se despediu da esposa e caminhou decidido em direção ao metrô. Ele ia se encontrar com o professor Geoval, para pedir conselhos.

Chegou antes do horário combinado e ficou esperando o sábio professor, sentado na praça de alimentação da Universidade onde ele trabalhava. Assim que ele chegou, cumprimentaram-se. O professor pediu dois cafés para eles e ali mesmo, sentados na praça de alimentação, ele ouviu o Roger contar com detalhes tudo o que havia acontecido com ele, desde que o professor Geoval tinha ido visitá-lo. Quando ele começou a contar sobre o sonho e a música, o professor o interrompeu pela primeira vez:

—Desculpe interromper, Roger. Mas como foi esse sonho?

—Eu sonhei que estava em um local comum, com roupas comuns, mas quando as pessoas chegavam perto de mim, eu orava e chegavam anjos e eles transformavam o lugar, que se tornava como... algo parecido com um hospital, tudo era muito branco. Minhas roupas também se transformaram e ficaram brancas, muito brancas e brilhantes, todo o local brilhava muito.

—Entendi... e o que aconteceu depois?

—As primeiras pessoas que apareceram doentes foram o Erick, depois o John. Eu passava óleo sobre as feridas deles e depois aparecia uma espécie de luz no local machucado, e as feridas iam sendo fechadas. Eu ouvi uma voz dizendo que era para entregar a eles instrumentos musicais e dizia para eles tocarem e cantarem, e eles foram fazendo o que eu dizia.

—E depois?

—Depois disso, eles ficaram na minha frente e começaram a tocar

e a cantar. Eu também tocava, mas cantava apenas o refrão. Eu via anjos e demônios que lutavam e pessoas que oravam. À medida que as pessoas oravam, os anjos avançavam sobre os demônios e começaram a aparecer na minha frente uma fila de pessoas. No sonho, eu ouvi um anjo me dizer:

—Os primeiros da fila são os levitas. No início serão poucos, mas depois serão muitos, tantos que serão como a areia do mar, que não é possível contar. Unja-os com o óleo do Espírito e cure as suas feridas; zele por suas vidas, ajude-os a voltar as suas funções e nunca permita que fiquem sozinhos, sem pastoreio. Foram feridos e serão novamente atacados; mas alguém precisa ficar na brecha por eles.

—Depois que ele me disse isso, eu olhei novamente para a fila e ela havia aumentado. Eram muitas, muitas e muitas pessoas. Eu não sei dizer quantas, talvez milhões. Eu perguntei ao anjo se todos eram levitas. Ele disse que não, mas que eram outros pastores, missionários, obreiros e demais servos fiéis do Altíssimo, que foram feridos em combate e abandonados. Alguns estavam desviados. Muitos estavam com feridas emocionais, por terem sido abandonados ou traídos e isso causava mais dor, do que as feridas de combate. — “Também sobre estes estenda as suas mãos e unja-os com óleo para que sejam curados. Eles precisam decidir perdoar”. — falou-me o anjo. Então eu lhe disse que não conseguiria fazer isso sozinho, pois era muita gente! E ele me respondeu:

—Não se preocupe. Faça o que o Senhor te manda, com todo o empenho. Faça o melhor possível. Seja fiel. Nunca faça nada de maneira relaxada! Ele te capacitará e mandará outras pessoas para ajudá-lo. Mas você será o primeiro a ser atacado. Não se espante com o que Deus irá fazer através de você, mas ocupe-se em manter seu coração puro diante dele. A mão do Senhor está sobre você e Ele confirmará as tuas palavras com milagres, curas e maravilhas. Ninguém poderá resistir àquilo que o Altíssimo fará por meio do seu ministério.

—Estou impressionado! — interrompeu o professor.

—E eu, assustado, professor.

—E depois disso, aconteceu mais alguma coisa?

O Roger explicou como foi a conversa que ele teve com o Erick e o John, inclusive sobre a grata surpresa de confirmar que o John sabia tocar teclado, conforme fora revelado no sonho.

—Realmente impressionante! Mas eu continuo sem saber por que você precisa da minha ajuda— disse o professor.

—Porque, após contar para os rapazes, o Erick e o John, eles ficaram animados, muito animados na verdade, achando que vão mudar o mundo. Confesso que eu também fiquei! Porém, alguns dias depois que eu contei sobre o sonho aos dois rapazes, eles me procuraram para dizer que haviam sido demitidos do emprego. Eu fiquei assustado e disse que eu entendia o que estava se passando com eles. Eles pensaram que eu tinha alguma resposta brilhante para eles, mas se frustraram com a minha resposta.

—Mas por quê? O que foi que você respondeu a eles?

—Que eu entendia o que eles estavam sentindo, porque eu também havia sido demitido! Eu estava animado, achando que tínhamos sido escolhidos, ungidos e enviados. Mas agora estamos desanimados...

—Você contou para mais alguém sobre o seu sonho?

—Apenas para a minha mulher.

—Então, provavelmente os demônios ouviram e perceberam a gravidade de tudo isso e repassaram as informações e conseguiram deixar vocês três desempregados.

—Mas, de qualquer forma, professor, se por causa de um emprego, nós nos sentimos assim, como vamos poder enfrentar forças malignas?

—Nós não podemos, Roger! Nenhum de nós, por melhores que sejamos. Sozinho é impossível. A nossa força vem do Senhor, das orações e da comunhão com os demais irmãos. E quando estamos fracos, Deus nos torna fortes!

—Eu sei de tudo isso, mas agora, no momento que preciso colocar isso em prática, estou desanimado. Estou péssimo, professor, e tenho que encorajar os rapazes, eu não entendo como posso ser forte, se estou fraco!

—Por causa da dependência, Roger. Quando estamos fracos, estamos literalmente dependentes de Deus. Quando estamos fortes, achamos que fazemos o que fazemos porque somos capazes!

—Isso faz sentido... — choramingou Roger.

—Talvez o caminho não seja o que você pensou. Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos, lembra? E os pensamentos de Deus são mais elevados do que os nossos. Talvez Deus tenha permitido isso para vocês terem mais tempo. Que história impressionante! Os três foram demitidos no mesmo dia. Vocês trabalhavam para a mesma empresa?

—Não, cada um de nós trabalhava em um lugar diferente. E o John, coitado, como não tem documento, faz “bico”, e ele estava tão contente

porque havia conseguido um emprego modesto, mas estável, e estava ajudando o Erick com as despesas da casa deles, trabalhando como entregador de pizzas! Às vezes, eu acho que talvez eu esteja ficando maluco. Preciso de ajuda, pelo amor de Deus! Eu não tenho a quem pedir ajuda, a não ser a Deus e ao senhor...

—Eu vou ajudá-lo, filho! Você fez muito bem em vir falar comigo. E quanto à música, você teve o cuidado de escrevê-la em um papel?

—Sim, tanto a letra quanto os acordes.

—Ótimo. Faça então como o Senhor lhe ordenou. Ensaie a música com os rapazes, grave-a e peça para o Erick fazer a divulgação da música, conforme você foi instruído.

—Eu já fiz isso. Mas sobre a divulgação, professor, nós não temos nem ânimo, nem dinheiro para isso...

—Roger, a Palavra de Deus diz que quando estamos fracos é que estamos fortes. Não me interprete mal, mas eu acho “educativo” vocês se sentirem assim, porque, quando acontecer o que Deus falou, vocês não vão se vangloriar. E talvez o Senhor tenha permitido que os demônios tenham roubado o trabalho de vocês, para que vocês tenham tempo integral, para se dedicarem à música. Talvez o sustento de vocês venha daí. “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus.” Você concorda?

—O senhor acha isso possível?

—Tenho convicção. Mudando de assunto, mas ainda falando de coisas ruins, me diga, você já foi falar com aquela serpente?

—Com o Jackson? Ainda não — respondeu desanimado.

—Pois então vá e logo.

—Professor, eu confesso ao senhor que, em meu coração, tinha planejado criar uma nova igreja, uma nova denominação. Eu seria o pastor começaria essa nova igreja e uma nova história para mim. Mas não tenho tido paz nisso. Sinto que Deus não quer que eu provoque uma divisão, pelo contrário, quer usar o dom de liderar, que Ele me deu, para me usar para promover a comunhão e a união dos irmãos...

—Eu concordo com isso. Devemos permanecer unidos em comunhão e não separados por causa da denominação. Você sabe o que precisa fazer, Roger, esqueça essa ideia. Você deve enfrentar seus problemas. Fugir deles não é uma solução. A primeira atitude deve ser pedir a autorização do Jackson, para fazer tudo corretamente, sem afrontar a autoridade que ele tem, enquanto ele está na função de autoridade máxima da nossa Igreja.

—Eu vou precisar de muita oração, professor. Apenas a dona Cecília e as mulheres do grupo familiar dela estão intercedendo por nós.

—Eu vou pedir para as irmãs da Sede intercederem por você. Fique tranquilo, você vai ter toda a cobertura de oração de que precisar. E por falar nisso, vamos orar! Vamos pedir a direção do Espírito Santo para as estratégias daqui para frente, sobre o dinheiro para a gravação da música, a divulgação e também sobre o registro dos direitos autorais! Eu... sinto orientação do Espírito Santo, para ser o primeiro a contribuir financeiramente para essa nova obra de Deus...

—Professor, eu não posso aceitar mais dinheiro do senhor. Eu ainda nem paguei aquele dinheiro que o senhor me emprestou! — disse Roger com tristeza e vergonha.

— Lembre-se, filho, de que o trabalho de Deus, feito do jeito de Deus, sempre terá a provisão de Deus! Eu não emprestei, Roger. Eu simplesmente entreguei. Fiz como o Senhor havia me orientado a fazer. Espero que tenha sido útil.

—Útil? Eu tinha tantas prestações em atraso, que já estava quase perdendo o meu apartamento. Eu sou muito grato a Deus e ao senhor, professor. Espero um dia poder lhe retribuir tanta generosidade!

—Não se preocupe com isso. Deus tem me abençoado muito, filho!

—Muito obrigado, professor!

—Agradeça ao Senhor. Agora vamos orar. Senhor, nós te louvamos por todas essas coisas e pedimos a sua direção...

Capítulo XXVI

Erick e a divulgação da música

Após a conversa com o professor e pastor Geoval, o Roger se animou. Os dias seguintes foram calmos, sem nenhuma outra surpresa. Passados vários dias, o Erick, ligou para o Roger.

—Oi, Roger, aqui é o Erick. Você está me ouvindo bem? A ligação está ruim.

—Sim, estou, Erick. E você?

—Estou ótimo, aliás, explodindo de alegria!

—Que bom! O que foi que aconteceu? Arrumou uma namorada ou arrumou um emprego?

—Nem uma coisa, nem outra, Roger, mas Deus proverá!

—Estou gostando de ouvi-lo! Mas o que foi então que te deixou tão feliz?

—Roger, você nem vai acreditar. A minha mãe foi até a casa de uma irmã da igreja, numa reunião de oração. O John foi ao cinema com a Isabelle. Eu fiquei aqui em casa, sozinho e meio triste, sem fazer nada. Aí eu fiquei pensando: Como pode? Se uma profeta de Deus fala que eu ia fazer a divulgação, é porque sou eu que tenho que fazer isso.

—OK, Erick, estou entendendo. Mas qual foi a descoberta que te deixou feliz?

—Foi o seguinte, Roger. Depois de pensar nisso, eu revolvi entrar na internet e navegar um pouco, para me distrair, e aí eu resolvi ver uns vídeos evangélicos de pregação, de testemunhos e... do que mais?

—Como assim, do que mais, Erick?

—Roger, pense comigo. O que é que as pessoas acessam na internet, além de pregações e testemunhos?

—Hum... notícias, informações?

—Roger, pelo amor de Deus!

—Desculpe-me, Erick, mas eu acesso a internet para pesquisar, ler e enviar e-mails. Estou um pouco desatualizado... todo dia tem alguma coisa nova na internet!

—OK, OK, entendi. Não tem problema, deixa que eu respondo por

ocê! A resposta certa é música. Roger, as pessoas, aliás, milhões de pessoas acessam a internet para ouvir músicas. Entendeu?

—Entendi, mas o que isso tem a ver com a sua alegria?

—Tudo, Roger, tem tudo a ver com a minha alegria. Por isso estou te ligando, para contar o que está prestes a acontecer, Roger. Assim que eu desligar esse telefone eu vou postar a filmagem da gravação da música, da nossa música na internet. Em seguida, vou nos cadastrar nas redes sociais, no Facebook, no Orkut, no Twitter, nos sites de busca. Vou fazer um blog para nós na internet, criar um e-mail para contato, informando que podemos tocar em outras igrejas, outros ministérios, que estamos disponíveis e que podemos viajar e alcançar o mundo inteiro, para fazer a obra do Senhor. E depois, vamos esperar para saber quantos convites vamos receber. Gostou da minha ideia, Roger? Eu sou um gênio, não é, Roger? Roger? Você ainda está aí, alô, alô?

—Eu estou aqui sim, Erick...

—E você ouviu o que eu disse, ou você perdeu alguma parte? Porque eu posso repetir...

—Não, Erick, eu não perdi, nenhuma parte. Mas pelo amor que você tem em Deus, ouça com atenção o que eu vou te falar agora. Eu te peço, em nome de Jesus, não faça nada, afaste-se desse computador, desligue-o da energia elétrica e tranque essa filmagem numa gaveta.

—Credo, Roger, você está me assustando!

—Garanto que você não está nem dez por cento tão assustado quanto eu!

—Mas por quê? Aconteceu alguma coisa?

—Não, apenas a sua descoberta. Apesar de ser uma coisa simples, isso foi uma revelação de Deus. Mas, repito, não faça nada, nadinha ainda, Erick.

—Mas por quê, Roger?

—Porque antes de fazer tudo isso que você disse, eu preciso registrar a música, porque se você divulgar a música, outra pessoa pode fazer isso antes de nós, e daí adeus aos direitos pela música. Também preciso pedir autorização, Erick, da Igreja Sede. Sem fazer isso, eu estarei desobedecendo a autoridade que está acima de nós. Portanto, se você colocar isso na internet e a nossa liderança na igreja descobrir, nós estamos em apuros, entendeu? Isso é muito sério!

—Entendi, Roger, entendi. Deixa comigo, vou ficar calminho por aqui. Assim que estiver tudo OK, me avise...

—Eu aviso, Erick, te dou minha palavra que aviso!

—Então tá, Roger. Era apenas isso que eu tinha pra te contar. Acho que vou ligar para o John, para contar pra ele. Tchou. A paz!

—A paz, Erick!

Capítulo XXVII

John reconhece o que sente por Isabelle

Enquanto o Erick, falava com Roger pelo telefone, o John estava na casa da Isabelle.

—John, começou a nevar — disse Isabelle. — O que você acha de pedirmos alguma coisa para comer e assistirmos um filme aqui em casa, ao invés de irmos ao cinema?

—Por mim, tudo bem, Isabelle!

—Hum... pensando bem, acho que eu tive uma ideia ainda melhor. Que tal você me ensinar a fazer aquele bolo que você aprendeu com a dona Cecília?

—Se você quiser se arriscar a passar mal!

—Por quê? O bolo é gostoso!

—O bolo é delicioso. O problema é que quem vai fazer o bolo sou eu!

—Hum... modesto, hein? Acho que você está querendo arrancar uns elogios... John!

—Não é nada disso, Isabelle!

—Não se preocupe, porque eu vou elogiar bastante você. Aliás, eu já elogio tanto você, que minhas amigas não acreditam que eu e você não somos namorados. Não é um absurdo? Ninguém compreende a amizade entre duas pessoas que não são do mesmo sexo...

—É...— comentou o pobre John, tentando disfarçar a tristeza. — Como eu gostaria que nós fossemos namorados...— lamentou em pensamento.

—John, depois que colocarmos o bolo para assar, você me conta aquela história bíblica, do cara que trabalhou anos para casar com a moça que ele amava. Como era mesmo o nome dele?

—Jacó.

—E tem mais! Eu quero ouvir novamente aquele exemplo de fidelidade. Não consigo lembrar, agora, o nome dela...

—Rute. É Rute, Isabelle.

—Ela mesmo! O que você acha? Você me conta de novo as duas

histórias?

—De novo?! Que tal uma nova história?

— Acho que não... eu gosto dessas duas. São tão lindas!

—Tá bom. Mas é a última vez. Combinado?

—Combinado. A última vez, hoje! — ela sorriu fazendo graça. Ele sentiu o coração disparar...

Capítulo XXVIII

**Aqueles que se humilham, serão exaltados! A difícil
tarefa de Roger: retratar-se pelo que não fez.**

Humilhar-se diante do Jackson era tudo o que o Roger não queria fazer. Ele desejava nunca precisar fazer isso, entretanto, lá estava ele, esperando para fazê-lo. Ele estava na sala de espera do gabinete do Pastor Jackson e a qualquer instante seria convidado a entrar no que ele considerava a cova dos leões. Apesar do Roger estar sentado num confortável sofá, ele estava completamente desconfortável com a dura tarefa que tinha pela frente. Em pensamentos ele orava, até que, de repente, a secretária do Pastor Jackson, que tinha a mesa dela naquela mesma sala o chamou.

—Por favor, me acompanhe, senhor Roger.

A secretária caminhou na frente do Roger e parou ao chegar em frente à porta do luxuoso gabinete pastoral do Pastor Jackson. Ela bateu na porta e entrou no escritório.

—Pastor Jackson, com licença, este é o senhor Roger, que agendou esse horário com o senhor.

Quando o Roger entrou na sala, imediatamente sentiu uma sensação ruim e percebeu que os pelos do braço dele estavam arrepiados. Sentiu uma opressão maligna horrível e não era sem causa, ou por mero nervosismo da parte dele. Apesar de não ser possível aos olhos humanos enxergar o que aquela sala escondia, era possível, pelo dom de discernimento de espíritos, saber que havia espíritos demoníacos naquela sala. Eles eram horríveis e a aparência deles era muito diferente, uma da outra. Havia demônios espalhados por toda sala. Alguns demônios estavam pendurados no teto da sala, de cabeça para baixo, como se fossem morcegos; outros rastejavam pelas paredes e pelo chão, como se fossem cobras; outros flutuavam de um lado para o outro.

Todos os espíritos demoníacos eram predominantemente escuros, mas alguns tinham traços vermelhos, laranja ou verde escuro, que mesclavam com a negritude de suas peles e roupas também escuras.

Quando eles viram o Roger entrando na sala, os demônios reagiram; sabiam que estavam invisíveis aos olhos do Roger, mas, mesmo assim, os demônios que pareciam morcegos abriram suas asas e bocas, de onde apareceram dentes enormes, como se fossem vampiros, e tentavam intimidá-lo. Os espíritos que pareciam cobras desceram das paredes e, colocando metade do corpo para cima do chão, quase encostaram na face dele, abriram suas bocas, ameaçando-o com as garras, como se fosse atacá-lo, sem se importar com os anjos que acompanhavam o Roger. Os anjos estavam atentos e visivelmente mal humorados, porque os demônios sabiam que eles não poderiam atacar enquanto não ocorresse autorização divina. Os demônios iriam aproveitar a situação para debochar...

Os outros demônios também se aproximaram deles. Analisavam o Roger, de cima a baixo. Quem conseguisse enxergar no mundo espiritual, iria ver que a sala estava muito escura, quase sem luz e cheirava a enxofre. Apesar de não conseguir ver os demônios que estavam na sala, o Roger sabia que estava rodeado por eles. O ambiente era muito pesado e angustiante, como se ele estivesse em um daqueles filmes de terror. A opressão que ele sentia lhe causava pavor e era tão horrível, que ele começou a sentir medo, muito medo. Ele se esqueceu de repreender os demônios.

Mas os pensamentos dele foram interrompidos pela voz do pastor Jackson.

—Ora, ora, ora — disse o Jackson que, como sempre, se vestia muito bem, com roupas caras. Ele sempre se orgulhou da própria beleza e há muito tempo usava apenas ternos importados, normalmente os italianos. Ele examinou detalhadamente o Roger, da cabeça aos pés, sem se levantar da cadeira. O Roger estendeu a mão para cumprimentá-lo, mas o Jackson se recusou a estender a mão e, depois de alguns instantes, o Roger constrangido recolheu o braço.

—Eu já sabia, Roger, que você havia se submetido à cirurgia de redução de estômago. Você realmente emagreceu bastante. Nem parece mais aquele animal gordo de antes. As pessoas não confundem mais você com um... nojentto porco gordo?

—Isso talvez seja uma ofensa, para os porcos — respondeu Roger, calmo e escolhendo as palavras com cautela, para não ofender o Jackson.

O Jackson, deu um soco na mesa, com raiva e disse gritando:

—Cale a boca seu verme. Idiota miserável. Quem você pensa que

é? — As palavras eram carregadas de um ódio mortal. O que provocou um susto na secretária, que estava voltando para a sala dela e não estava acostumada com esse tipo de reação dele. Mas o Roger já tinha presenciado essa demonstração da fúria dele em outras ocasiões, por isso já estava acostumado. Uma coisa era o amável e querido pastor Jackson que se exibia para a multidão, para as pessoas, mas, nos bastidores, ele era outra pessoa muito diferente. Ele era incapaz de sentir amor. Ele odiava tudo e todos. O que o alimentava era a sede pelo poder.

—Eu pensei, Roger, que tivesse entendido errado quando a minha secretária pediu para agendar um horário para atendê-lo. Quem diria que você teria ousadia para voltar aqui! Roger Vilche, ex-pastor da nossa igreja, e, se não me falha a memória, um caluniador. Você nos abandonou após acusar o pastor-presidente da igreja, no caso eu, de roubar a autoria do seu livro! O que você quer dessa vez, Roger? Você não tem vergonha na cara? Você não sabe que não é bem-vindo aqui?

O Roger também olhou demoradamente para ele, mas orava em pensamento sem cessar. Aquele medo que ele sentiu ao entrar na sala não havia desaparecido, e agora, ele também sentia ira. Um nervoso misturado com raiva começou a consumir o Roger. Encarar o Jackson novamente não estava sendo fácil. Por causa dele, a vida do Roger se transformou num caos total. Sem trabalho, sem dinheiro, sem identidade, as convicções e a autoestima dele foram seriamente abaladas.

O Roger e a esposa precisaram aprender a viver pela fé. Passaram falta de tudo, até conseguir um humilde, mas digno trabalho, antes de ser despedido... Também teve que aprender a passar pelas milhares de livrarias da cidade de New York e ver o livro que escreveu, estampado como Best Seller, mas trazendo o nome de outra pessoa como autor... Jackson Daniel. Por isso tudo, estar naquela sala e conversar cara a cara com ele era tudo o que ele não queria.

Sua vontade era de fuzilar aquele homem. Mas ele estava ali como servo, atendendo à ordem do Senhor. Tinha que ser humilde. Estava ali para pedir perdão e se retratar com sua antiga igreja, apesar de ser inocente e ter sido injustiçado. Ele estava ali e tinha que ir até o fim. — Senhor, dá-me forças, porque eu acho que não vou aguentar... — orava em espírito. É muita humilhação, não permita que ele roube minha paz, nem meu domínio próprio — pediu ele.

—Eu não abandonei a Igreja — disse Roger — fui “convidado” a me

retirar, para não dizer expulso. Mas isso não importa mais. Eu quero paz, Jackson. Eu vim aqui para pedir perdão e me retratar pelos erros que a Igreja pensa que eu cometi no passado.

—Você quer paz e perdão? Que bonitinho — disse com ironia. — E o que mais? Orar pela paz mundial? Você acha que me engana? O que você está tramando, Roger?

Suas palavras estavam carregadas de ódio e desprezo. Em cima da cabeça e dentro do corpo do Jackson, vários demônios disputavam a chance de lhe transmitir mais ódio. Os demônios olhavam atentamente para o anjo que acompanhava o Roger, mas tanto os demônios quanto o anjo sabiam que não era a hora nem o lugar para um desafio.

—Não estou enganando ninguém, Jackson. Eu não estou tramando nada, não vim para fazer chantagem ou para pedir para assumir ministério. Eu não sou mais pastor, desde que você me demitiu. Você sabe disso. Quero me retratar pelos meus erros. Estou aqui porque além de me retratar, pretendo me dedicar à música e quero pedir sua autorização para gravar um CD com músicas e poder visitar outras igrejas e, apenas nessas visitas, com a sua permissão, compartilhar alguma palavra com os irmãos, mas tudo debaixo da benção e da sua autoridade.

—Tudo debaixo da benção — repetiram o Jackson e os demônios com sarcasmo.

Imediatamente, um dos demônios, o guia espiritual do Jackson, por meio do pensamento, falou com ele.

—Cuidado, tenha muita cautela, controle sua raiva. Perceba o jogo dele. É o jogo do nosso inimigo. Eles são previsíveis. Sempre chegam com essa conversa que querem pedir perdão e depois tentam nos vencer. Lembre-se da luta envolvendo aquele Serafim... ele estava lá! Talvez esse imbecil ainda não saiba que será o escolhido para liderar, no futuro, a sua igreja. Sonde-o, pergunte e extraia tudo o que você puder. É melhor mantê-lo por perto, onde podemos controlá-lo, e não longe daqui. Mas não deixe ele frequentar a sede. Se ele vai ser o nosso maior inimigo, ele deve ficar longe daqui, mas perto o suficiente para que possamos controlá-lo. Ele disse que não quer ser mais pastor. Contrarie-o. Provoque o quanto puder. Vamos nos divertir um pouco... Force-o a ser pastor da Igreja onde ele está.

O Jackson gostou da sugestão.

—Sim, tudo debaixo da sua benção — repetiu o Roger.

—E o que mais você quer, Roger?

—Preciso apenas da sua concordância e de uma carta me autorizando a visitar, cantar em outras igrejas evangélicas e, se for convidado, a pregar. Peço que me autorize a fazer a gravação do CD, se eu conseguir.

—Então, implore a mim, Roger — ele riu da desgraça e da humilhação a que submeteu o Roger.

—Eu imploro, Jackson — disse o Roger, após reunir o máximo de força para não explodir.

—Pastor Jackson! — corrigiu-o Jackson. — E peça uma nova chance também...

—Eu imploro, Pastor Jackson, dê-me uma nova chance.

O Jackson deu gargalhadas... todos os demônios também davam gargalhadas e debochavam dele... Um demônio se aproximou e provocou um dos anjos, que levou a mão até a espada enquanto pensou:

—Eu vou deixar esses demônios em pedaços...

Sírius, o outro anjo disse:

—É preciso ter calma. Não podemos fazer isso agora, guarde sua espada. Não temos autorização...

Os demônios continuavam a zombar e a se divertir diante da inércia dos anjos...

—Assim está melhor — continuou Jackson, a falar. — E por que eu acreditaria em você, Roger?

—Porque quem aqui nesta sala, Jackson, — Roger se corrigiu — quero dizer pastor Jackson, quem tem motivos para duvidar de alguém sou eu e não você. Contudo, o que passou, passou. Eu quero recomeçar.

—E por que eu permitiria isso? Todo o poder está em minhas mãos, Roger... — disse olhando fundo nos olhos de Roger, que podia sentir o cheiro de enxofre dos demais demônios que estavam espalhados por aquela sala, os quais também se aproximaram dele, para intimidá-lo. Na verdade, além dos demônios que habitavam no Jackson, todos os demônios que estavam na sala também o encaravam.

—Você conhece a minha resposta, pastor Jackson: “você não teria nenhum poder sobre mim, se de cima não fosse te dado”.

—E foi-me dado mesmo, Roger. Você não imagina quanto poder eu tenho, idiota. Posso fazer o que eu quiser, imbecil! — respondeu com arrogância.

—Eu sei, Jackson. Por isso, estou aqui.

—Para permitir o que você me implora, eu quero um motivo que me convença, Roger. Pense em alguma coisa. Será que é possível dessa

sua cabeça oca sair alguma coisa?

— Isso é fácil. Basta dizer que vim aqui me humilhar e pedir perdão a você. O seu ego é grande Jackson. Para me humilhar, Jackson, você vai permitir. Para provar que quem manda é você, que você é um vencedor e eu sou apenas um perdedor. Para provar que eu não passo de um idiota, perdedor. Enquanto você cresce e projeta sua imagem, como grande líder espiritual da nação e passa as férias no Caribe, eu luto para poder pagar a hipoteca do meu minúsculo apartamento e tenho que economizar até na hora de fazer compras no supermercado. Você vai permitir, para mostrar que você é um sucesso e o vencedor, e eu não passo de um bobo idealista que queria despertar a nossa igreja desse evangelho parcial, morno, para experimentar a plenitude do evangelho, o avivamento e o poder de Deus. E você será ovacionado quando disser que me perdoou e me deu uma nova chance... para eu me retratar e não ser considerado mais um desviado dos caminhos do Senhor, como pensam os irmãos daqui da sede.

— Isso seria um bom motivo — concordou Jackson, com desdém, e continuou a provocá-lo. — Aliás, eu soube que você está desempregado, Roger. Está passando por dificuldades? — ele saboreou cada palavra e fez questão de ver o rosto do Roger mudando de cor, por causa daquela declaração.

— Estou passando por muitas dificuldades, é verdade. Eu cheguei a imaginar que você poderia estar por trás da minha demissão, Jackson, mas depois pensei melhor e cheguei à conclusão de que você nem lembrava mais que eu existo.

— Você quase acertou, Roger.

— Então, eu estava certo?

— Você não é muito inteligente, Roger. Na verdade, é um lerdo. Todos os três. Ah, ah, ah — ele debochou da desgraça de Roger.

— Por que você fez isso? — respondeu sentindo os nervos à flor da pele e o coração disparar de raiva. — Os rapazes não mereciam isso!

— Vou te dar um aviso: mexer comigo pode ser muito perigoso. Eu sou muito poderoso. Até quem está perto de você pode sofrer... Roger! Você se lembra do que fiz ao seu amigo Geoval?

— “Senhor, socorre-me, socorre-me depressa, Senhor!” Vou perder o controle! — suplicava Roger em pensamentos, enquanto o Jackson se divertia com a situação. Entretanto, ele ouviu em seu coração: “Deus abate os soberbos, e minha é a vingança, diz o Senhor” — e tornou a sentir que estava no controle de suas emoções...

—Desde quando você se interessa por música, Roger?

—Sempre toquei, mas não tinha muito tempo. Mas depois que deixei a Igreja sede, e agora que perdi meu emprego, o que mais tenho é tempo. Por isso resolvi mudar...

—Hum, eu sei que você está aprontando alguma coisa, Roger, mas prefiro ter meus inimigos por perto. Para provar a você que eu sei o que você está tramando, vou mantê-lo por perto. Você pode tocar sua musiquinha, gravar, se apresentar, e até pregar, mas de acordo com as condições que vou impor e que você será obrigado a obedecer.

—E quais são elas?

—Primeiro você vai ter que assumir a igreja onde você frequenta.

Sem perceber, o Roger arregalou os olhos, não acreditando no que estava ouvindo e falou:

—Como assim, assumir a igreja?

—Eu esqueci que você é burro, seu raciocínio é lerdo... É simples, você vai ser o pastor de lá.

O Roger suspirou profundamente — Era só o que me faltava. — Por que, Deus, por que o Senhor está permitindo tudo isso? Eu devo ter muita coisa para aprender, só pode ser essa a explicação — pensou.

—Mas por que devo ser o pastor de lá? Eu não quero um ministério.

—Isso não é problema seu. Quem manda sou eu. Você esqueceu? E tem mais: nem eu, nem a igreja vamos ajudar na gravação desse seu CD e não vou autorizar nenhuma propaganda ou divulgação em nossas igrejas. Você não terá nenhum dinheiro, apenas a miséria do salário de pastor, mais nada além do que manda a lei trabalhista. Ainda que ocorra uma “interferência divina” — disse com desprezo — e aquela igreja cresça, todo o dinheiro arrecadado virá para cá. Outra coisa, você não poderá pregar aqui na sede. A exceção será se a liderança da igreja autorizar e, como a liderança sou eu, eu nunca vou fazer isso. Está entendido?

—Se eu disser que não concordo, vai adiantar alguma coisa?

—Não! Mesmo que você me implore.

—Sendo assim, eu não tenho escolha.

—Então já que você aceitou, saia da minha sala e da minha frente, porque eu tenho mais o que fazer. A minha secretária fará sua carta, e quando ficar pronta ela te avisará. Estou muito ocupado, vou conceder uma entrevista na TV, sobre o meu livro... você quer um exemplar do livro autografado por mim, Roger? — disse em tom sarcástico. Já foram vendidas mais de dois milhões de cópias do livro. Isso significa

que, se de cada livro vendido eu recebesse apenas um dólar, e posso garantir que recebo mais do que isso, já seriam mais de dois milhões de dólares... talvez esse dinheiro fosse útil para você, Roger...

— Desfrute tudo que você pode, Jackson, porque a Bíblia afirma que há tempo para tudo: há tempo para chorar, mas também há tempo para rir, Jackson, tudo tem início e fim!

—Quanta sabedoria! Pena que ela não lhe ajuda a sair da pobreza, Roger. Já eu vou ligar para o piloto do meu helicóptero. A entrevista será fora de New York, numa outra cidade.

—Jackson, quem ama coisas, não ama pessoas... Você podia ter usado parte do lucro do livro para ajudar as pessoas!

—Você prefere pessoas... porque é um idiota, um imbecil! Eu posso desfrutar de tudo o que o dinheiro pode dar, inclusive o helicóptero.

—Helicóptero comprado com o dinheiro da igreja, suponho.

—A igreja agora é minha, imbecil! Portanto é meu dinheiro! E, como meu empregado, você deve me obedecer, senão vai ser despedido. Agora que você entendeu, responda a minha pergunta, fracassado: como você vai voltar para casa, Roger?

—De metrô lotado! E, antes que você pergunte, não tem ar condicionado, nem a vista panorâmica do “seu helicóptero”, mas me faz entender a realidade e as necessidades do dia-a-dia das pessoas...

—Que romântico! Ou devo dizer patético? Você devia ser escritor! Ah, esqueci, você é, ou melhor, foi — disse novamente com ironia.

— Um dia, talvez, eu me de ao luxo de andar de metrô, para lembrar como é ser pobre. Agora, saia da minha frente e da minha sala, seu verme!

Após ser expulso da sala, o Roger passou pela secretária do Jackson, quase correndo. Ele saiu em busca de um lugar para chorar e desabafar com Deus. — O banheiro — pensava ele — preciso ir para o banheiro. — Ele entrou no banheiro, trancou a porta e, imediatamente, o corpo dele deslizou até o chão, até ficar de joelhos. Encostou o rosto no chão frio do banheiro e, numa mistura de ira, choro, desabafo e perguntas, em pensamentos, disse algumas poucas palavras para Deus:

—Por quê...? Por que, Senhor... tanta humilhação? Por que o Senhor permite isso? — não ouviu nenhuma resposta. Ele parou de perguntar e continuou a chorar... por muito tempo... Sírius estava na frente de Roger, e o outro anjo atrás dele. Enquanto ele chorava, invisíveis aos olhos de Roger, os anjos abriram as asas, que inflaram e ficaram enormes. Quando as asas começaram a se abrir, o espaço do banheiro

mudou. Parecia que não existia mais parede ou barreiras... Como que se eles estivessem em outra dimensão, as paredes desapareceram e, de repente, os corpos dos anjos começaram a brilhar e o brilho foi aumentando até ficarem como o brilho das estrelas... tudo em volta brilhava muito... e, no centro, estava o Roger, ajoelhado, chorando, sem ter a mínima ideia do que acontecia. Mas, em meio a aflição que ele sentia, ouviu algo sendo dito a ele, por meio do coração... e o Roger começou a perceber o Espírito Santo falando com ele...

—Filho... — a voz era carinhosa e consoladora. Entre outras coisas, ele ouviu a parte do capítulo cinco do Evangelho de Mateus. — Você não entende agora, Roger, mas essa tribulação, no futuro, vai ser recompensada... Por causa da tristeza que lhe causaram e que você está sentindo, eu vou retribuir com alegria... por isso está escrito: felizes os que choram, porque serão consolados, felizes os humildes... felizes aqueles que aspiram por ser justos e bons, porque eu farei justiça... no tempo certo... o reino dos céus foi a dado a vocês...

O Roger começou a se sentir amado e depois aliviado pela paz de Deus, que excede qualquer entendimento. Ele ainda ficou muito tempo ajoelhado no chão frio daquele banheiro. Depois, quando achou que já tinha forças, respirou fundo... agradeceu a Deus por ter conseguido se manter controlado, por ter feito o que Deus queria que ele fizesse e por ter saído daquela cova de... demônios! Apesar de tudo o que passou, ele se levantou e foi para casa aliviado.

Capítulo XXIX

Isabelle e a cirurgia para emagrecer

—Isabelle! Eu não posso acreditar no que você me disse! Você vai fazer tudo isso, para conquistar o amor de uma pessoa? É necessário emagrecer, ficar com o peso ideal, para ter um namorado? Isso é amor? Vale a pena tudo isso?

—John, não seja injusto comigo. Não é apenas isso. Eu quero ter qualidade de vida. Eu não consigo fazer coisas básicas, como amarrar meu próprio tênis. E tem a questão de saúde, os que fazem essa cirurgia, em muitos casos, são curados da diabete tipo dois. E você sabe muito bem como eu sofro com isso.

—Eu sei Isabelle, mas o que me preocupa é a sua motivação. Essa sua obsessão em reconquistar seu ex-noivo.

—Então você está enganado. Eu tenho a tendência de resolver todos os meus problemas emocionais com a comida: eu como sem parar. John, você já notou, nos filmes, que quando as mulheres ficam deprimidas elas pegam um pote “enooooorme” de sorvete?

—Não, não notei, mas vou prestar mais atenção daqui pra frente.

—Pois preste! Quando ficamos deprimidas, a maioria de nós, mulheres, pensa logo em açúcar!

—Entendi. Mas, voltando ao seu plano, depois da redução de estômago, após você emagrecer, você vai fazer outra cirurgia para retirada da pele excessiva e, por fim, vai fazer mais uma cirurgia para colocação de próteses nos seios. É isso mesmo?

—Isso mesmo!

—Desculpe-me, mas, isso é loucura! Por que tudo isso? Com todo o respeito, você é tão bonita, não precisa de tudo isso para arrumar um namorado — disse isso e sentiu o rosto ruborizar. Já estava ficando difícil para ele esconder o quanto a achava inteligente, simpática e linda... Ele precisava admitir, mesmo contra a própria vontade, que ele estava completamente apaixonado. O que começou como um trabalho de guia pela cidade, evoluiu para uma linda amizade. Eles se tornaram amigos inseparáveis, mas, para ele, não parou por aí...

—Mas o que eu tenho a oferecer? — pensou John — eu não sei nem quem eu sou, quem eu fui, não tenho profissão e não sei se já tive. Não sei se tenho família, porque, se eu tivesse parentes, eles já tiveram tempo suficiente para me encontrarem. E se por acaso eu for casado? Será que eu era uma boa pessoa? Não! Realmente não dá para tentar nada com a Isabelle. Ser amigo dela já parece ser um milagre... E depois, ela está apaixonada por outra pessoa. É um amor impossível. Quem vai se interessar por alguém como eu?

—John, você sabe que eu não quero um namorado — respondeu ela, interrompendo os pensamentos dele. — Eu quero reconquistar o amor da minha vida... meu ex-noivo. São coisas diferentes.

—Eu não entendo você, parece algo irracional...

—Desculpe-me John... Talvez seja difícil para você entender o que eu sinto. Apenas quem está apaixonado sabe o que eu sinto. Aliás, John, você já se apaixonou por alguém?

Surpreso diante da pergunta, ele sentiu novamente o rosto esquentar. Ele pensou: devo estar com o rosto vermelho de vergonha e, sem saber o que dizer, respondeu gaguejando:

—Queeem? Eeeu?

—Sim, você.

—Meu Deus — pensou ele, me ajude a sair dessa situação. Devo estar parecendo um tomate...

—Hum, pelo jeito foi muito mais do que uma paixão! Quer me contar?

—Como eu vou contar que estou assim por causa dela, que ela é a minha paixão e talvez o meu amor? — pensou ele. — Eu não me lembro de nada sobre o meu passado... — disse ele, tentando disfarçar, para que ela não percebesse os sentimentos dele.

—Você tem certeza? Não quer me contar quem foi o amor da sua vida?

—Isabelle, pelo amor de Deus!

—Então, se você quer mudar de assunto, vamos falar da minha cirurgia! Estou tão empolgada! Você pode ser meu acompanhante no hospital?

—O quê?! Você tem coragem de me pedir isso?

—Tenho. E pedi porque tenho certeza absoluta de que você não vai me dizer não.

—Mas é o que eu tenho vontade de fazer! Eu deveria dizer não, não e não! — ele cruzou os braços, aborrecido.

—Mas não é o que os amigos fazem! Então... posso falar com a minha mãe?

—Mas ela não vai querer ficar no hospital com você?

—Durante o dia, sim, mas à noite eu prefiro que ela fique com meu pai. Ela já tem uma certa idade, e eu sei que para você não seria um problema.

—Claro que não. Pode contar comigo sempre...

—Eu sei e sempre conto. Mas, mudando de assunto, o que você vai fazer amanhã?

Capítulo XXX

Roger comunica que foi nomeado Pastor

Depois de orar muito junto com a Kendra, o Roger chamou o Erick e o John, para conversarem e explicar tudo o que tinha acontecido. Tudo com exceção das partes que não convinham aos rapazes conhecerem sobre Jackson. Contou que havia conseguido as autorizações de que eles precisavam, mas a condição foi que, daquele dia em diante, ele era oficialmente o pastor daquela pequena igreja.

—E o que vai acontecer com o pastor Robert? — perguntou o John.

—Ele foi promovido e transferido para a igreja sede.

—Nós podemos ajudar em alguma coisa?

—Podem. Eu chamei vocês aqui também por isso. Além de falar sobre a minha nomeação, quero saber se posso contar com vocês para realizar a única convicção que tenho até agora.

—Claro que sim, Roger, pode contar com a gente. Não é John? — disparou o Erick.

—Obrigado rapazes. Eu realmente vou precisar de vocês. Eu não quero e não estou fazendo críticas ao pastor Robert. Cada um tem a sua maneira de trabalhar para o nosso Deus.

—E qual vai ser a sua, Roger?

—Eu estou orando e contando com a orientação do Espírito Santo. O que eu recebi do Senhor até agora é que devemos ampliar o que está sendo feito através do grupo familiar para toda a igreja. Precisamos conhecer as pessoas que estão entre nós, saber quais são suas necessidades e ajudá-las, na medida do possível. Quero que vocês me auxiliem a visitar os nossos irmãos e a manter um relacionamento próximo com eles. Quero conhecer os nomes, as famílias, seus problemas e até coisas mais simples, como a data de aniversário de cada um. E se o número de pessoas aumentar e eu não conseguir fazer isso sozinho, quero a ajuda de vocês e daqueles que o nosso Senhor levantar.

Por meio do grupo familiar, vamos trabalhar da seguinte forma: quando uma pessoa não for ao culto, ou faltar à reunião do grupo

familiar, alguém precisa — ele parou e respirou fundo, quase chorando, com a voz embargada — alguém precisar notar! Alguém precisa sentir a falta, sentir a ausência dessa pessoa e telefonar para perguntar se aconteceu alguma coisa, se ela precisa de alguma coisa e dizer que a ausência dela foi sentida. Dizer que ela é amada, que ela é importante para Deus e para nós! Precisamos investir em relacionamentos entre os nossos irmãos, e podemos contar com o grupo familiar para isso, além de treinar pessoas para se tornarem líderes de futuros grupos que nascerão e depois, futuramente, tornarem-se pastores, se for essa a vontade de Deus. O que vocês acham?

Como sempre, o Erick se adiantou:

— Roger, eu não entendo nada sobre pastorear pessoas, mas uma coisa eu sei. Se todas as vezes que eu faltei nos cultos e nas reuniões de grupo familiar, se alguém tivesse sentido a minha falta, ou feito metade do que você está propondo, eu não... — ele refletiu e achou melhor mudar de assunto, mas ficou clara a decepção que ele trazia na voz. — Deixa prá lá! Eu sei de uma coisa, Roger: A nossa igreja aqui no Bronx não vai conseguir abrigar todo mundo, se você colocar isso em prática.

— Não serei eu. Seremos nós e o Espírito Santo, que nos conduzirá. Além das pessoas que, creio, o Senhor irá acrescentar. Vocês experimentaram o que Deus pode fazer através de outros irmãos e da comunhão do grupo familiar, portanto, vocês serão os próximos líderes. Também quero ensinar a todos que a fé sem obras é morta, que precisamos de oração, mas precisamos igualmente de ação. Quando alguém começar a frequentar as reuniões do grupo familiar, pretendo envolvê-la com o trabalho do grupo, antes mesmo de ela dominar os assuntos bíblicos. Assim, ela vai se sentir incluída e útil e não vai se dispersar facilmente.

— Isso é muito inteligente. Normalmente as pessoas ficam anos sem fazer nada na Igreja, até alguém achar que ela já está pronta. Mas se as pessoas puderem participar, ainda que de atividades menores, vai ser muito bom. Pode contar conosco — disse o Erick.

— Será uma benção para mim, poder ajudar, Roger. Pode contar comigo também — afirmou o John.

Os dias se passaram. Diante de tantas novidades e tantos desafios, eles estavam sem tempo. Visitar as primeiras pessoas foi difícil. As pessoas que frequentavam a Igreja não estavam acostumadas com esse tipo de atenção, afinal elas não tinham nenhuma atenção. Mas

depois das primeiras visitas, os comentários sobre o Roger já ter sido pastor auxiliar na Igreja Sede e ser doutor em Teologia geraram muita... fofoca. Mas, de alguma forma, o interesse das pessoas foi despertado e o culto que acontecia apenas no domingo, e era sempre com poucas pessoas, agora estava sempre muito lotado, a ponto de Roger ser obrigado a realizar dois cultos no domingo à noite.

A participação nos grupos familiares multiplicou-se inúmeras vezes. Uma pessoa convidava outra, e os contatos do visitante — e-mail e números de telefones — eram, logo na primeira reunião, entregues para o líder de um grupo familiar, que se encarregava de entrar em contato com a pessoa durante a semana. O Roger distribuía algum tipo de função para todos os integrantes do grupo familiar, desde que eles aceitassem. Em pouco tempo, a reunião do grupo familiar tornou-se modelo para as demais igrejas dentro da denominação.

Antes de iniciar o culto no domingo, Roger, Erick e John aproveitavam para ensaiar as músicas, pois eles também faziam o louvor antes da pregação.

—Roger, posso te falar uma coisa... — pediu o Erick.

—Pode ser depois do ensaio das músicas?

—Eu acho que pode. Mas, pensando bem, se eu falar agora, você poderia ir pensando sobre o que me responder, até o ensaio acabar...

—OK, já entendi o recado! O que você quer falar, Erick?

—É bem rapidinho. Sabe aquele blog na internet, que eu criei, e o cadastro que fiz nas redes sociais para as pessoas mandarem recados ou comentários sobre a música?

—É claro que eu sei, Erick. Aconteceu alguma coisa? O site travou, deu algum problema?

—Não, não deu problema nenhum... quer dizer... Talvez esteja começando a dar um pequeno, quero dizer, um problema médio ou... talvez, um problema grande sim...

—Erick, pare de enrolar e fala logo o que você quer com o Roger — pediu o John.

—OK. É que... com todas as atividades que tivemos, eu não tive tempo de acompanhar como estavam os acessos. E hoje faz exatamente uma semana, sete, dias desde que eu coloquei a música no You Tube. Eu acabei de verificar o Facebook, Orkut, Twitter, You Tube, nosso e-mail para checar quantas pessoas tinham acessado...

—Ah, Erick, apenas isso? Eu achei que fosse alguma coisa mais séria — disse o Roger, pegando o contrabaixo e começando a afinar

as cordas, parecendo não mais se importar com o resto da conversa.

—Erick, eu conheço bem você! Não é apenas isso que você quer contar. Fale logo — pediu o John.

Ao ouvir o John fazer esse comentário, o Roger ergueu os olhos na direção dos dois, para conferir se o Erick queria mesmo dizer mais alguma coisa. Fazendo mistério ele comentou...

—De fato, John, você está certo. — Ele fez um pouco mais de charme, empostou a voz, como se fosse um locutor de rádio e continuou: — Eu tenho a grata satisfação de anunciar aos senhores que as medidas tomadas em relação à divulgação da nossa música, quero dizer, da música do Roger, que nós tocamos, demonstrou ser correta e...

—Erick! — interrompeu o John de forma enérgica — Sem enrolação!

—OK, OK, vou falar. Vocês precisam ter mais paciência. Um momento tão importante como esse merece um pouco de formalidade, mas tudo bem, vou falar diretamente, sem rodeios. Hum... pensando bem, acho que vocês não vão acreditar no que eu vou dizer, mas preciso dizer, vocês acreditando ou não então...

O Roger abaixou os olhos, rindo novamente, achando graça da dificuldade do Erick em ser objetivo, e voltou a prestar a atenção na afinação do contrabaixo.

—Erick! — fale logo — repetiu o John, sabendo que ele tinha algo importante para dizer.

—OK, o negócio é o seguinte: Nós estamos oficialmente convidados para cantar em outra igreja, aliás, corrigindo, igrejas, porque são vários convites ao mesmo tempo, eu não contei quantos...

O Roger parou com a afinação do contrabaixo e se levantou...

—Você tem certeza do que está dizendo? — perguntou o enérgico John.

—Certeza absoluta, senhores. Como eu estava dizendo, antes de vocês me interromperem, talvez por pura ansiedade disfarçada, a estratégia de gravarmos um vídeo da música e colocar a gravação na internet foi um sucesso. Aliás, foi o vídeo mais visto na semana, o campeão de acessos. Vocês estão passando bem? Credo! Vocês estão com umas caras estranhas... Se vocês quiserem eu posso fazer uma oração por vocês... trazer um copo de água...

—Eu quero conferir isso — respondeu John, enquanto caminhava até o computador do Erick.

—Erick, isso é muito sério — disse o Roger.— Você sabe o nome da igreja que nos convidou?

—Todas não, apenas as mais conhecidas. Recebemos vários convites para cantarmos nas igrejas deles! Tem igreja que eu nunca nem ouvi falar. Tem convite até da Renovação Carismática...

O Roger começou a chorar, emocionado, sentindo a confirmação do Espírito Santo, depois falou: — Precisamos nos organizar. Primeiro vamos orar, agradecendo e pedindo calma e sabedoria. Nada de euforia! — bastante eufórico e falando rapidamente.

—Eu concordo — respondeu John.

—É. Acho bom a gente orar logo então, porque, pelas minhas contas, acho que vamos precisar de muito, mas muito tempo mesmo, para atender a todos os convites para cantar a nossa música em todas essas igrejas que estão nos convidando.

Parecia que o Roger e o John haviam combinado de falar juntos: — Por quê?

—Porque a quantidade de perguntas sobre a possibilidade de cantarmos nas igrejas não para de aumentar. Vejam os números na tela... — disse, apontando para o seu computador em cima da mesa.

—Nossa... eu estou achando tudo isso tão legal! — exclamou o Erick.

—Isso é muito sério, Erick! — advertiu John.

—Vamos precisar ser cautelosos — disse o Roger recompondo-se. — Acho que primeiro devemos responder aos convites, solicitando que o pastor responsável pela igreja que fez o convite envie formalmente o pedido e, depois, acho que devemos aceitar primeiramente os convites aqui de New York, por ser mais fácil a nossa locomoção. O que vocês acham?

—Acho prudente... o que vocês acha, John?

—Eu concordo!

—Então vamos começar a responder a esses convites! — disse o Erick, entusiasmado.

—Erick! — repreendeu-o o prudente e sensato John.

—O que foi, John?

—É melhor nós orarmos antes. Lembra?

—Foi mal! Me desculpem. Então vamos orar...

Capítulo XXXI

Dois anos depois...

John e a declaração de amor à Isabelle

Ao longo do tempo, todos os planos de Isabelle foram alcançados. Ela se submeteu à cirurgia para redução do estômago, cumpriu todas as exigências médicas pós-operatórias, seguiu uma dura rotina de exercícios e demais exigências que ela mesma se impôs.

Isabelle já podia comemorar. O grande alvo dela, o ex-noivo, ficou muito “interessado” em voltar a sair novamente com ela. E não era compaixão dele. Ela estava linda, parecia artista de cinema: jovem, alta, rosto perfeito, corpo perfeito, roupas, sapatos, cabelo, maquiagem perfeitas para o padrão dela. Ela estava usufruindo com maestria do poder financeiro que tinha à disposição, graças à posição do pai dela, para ajudar na composição do personagem dela. Ela realmente, agora, chamava a atenção das pessoas pela beleza. Entretanto, nenhum dos motivos que incentivou o ex-noivo a voltar era amor. Mas ela estava feliz. Faltava apenas reatar o noivado.

Dentro de poucos minutos, Isabelle iria realizar o que mais desejava na vida: reatar o noivado com seu ex-noivo. Eles combinaram de se encontrarem em um badalado e caro restaurante de New York. Ela disse ao Jean Pierre que preferia que se encontrassem no restaurante, ao invés de ele ir buscá-la em casa. O que ela não disse a ele era que ela preferia ir até lá com o John, porque ele a acalmava, e ela estava muito ansiosa. Depois ela obrigou o John a ir com ela até a porta do restaurante, mas ele... foi contrariado.

Tudo estava perfeito. A noite prometia ser inesquecível. Ela estava deslumbrante: cabelos longos e soltos, sapatos altos, um belíssimo colar e um vestido preto que realçava a pele excessivamente clara do rosto dela, que a deixava iluminada. Contudo, no caminho até o restaurante, o John, que deveria acalmá-la, conseguiu irritá-la e muito, depois que decidiu convencê-la a mudar de ideia sobre o noivado. Eles pararam do outro lado da rua, em frente à porta do restaurante, para não chamar a atenção das pessoas. Eles estavam discutindo.

—Isabelle, pelo amor de Deus! Desista dessa loucura! Não reate o noivado com aquele cara. Isso é uma tragédia anunciada, não vai acabar bem!

—John, você ficou louco? Eu amo o Jean Pierre. Amo! Sempre amei e foi por causa do amor dele que eu consegui emagrecer sessenta e cinco quilos. Você testemunhou isso. Eu fiz uma cirurgia para redução de estômago, reeducação alimentar, acompanhamento psicológico, outra cirurgia para retirar o excesso de pele causado pela obesidade, exercício físico que eu sempre odiei fazer, e, por fim, a colocação do silicone. Você me ajudou nisso e sabe muito bem que foi o meu amor pelo Jean Pierre que me deu forças e perseverança para continuar e não desistir. E se hoje eu sou o que sou, foi por causa do amor que sinto pelo Jean Pierre.

—Não! — respondeu John. — Não concordo! Isabelle, você fez tudo isso por você mesma, pela sua coragem, pela sua determinação, pela sua autoestima, porque percebeu o que estava acontecendo com você, com a sua saúde. Por causa das suas crises de diabetes...

—John, sinceramente, eu não sei onde você quer chegar. Mas eu não estou gostando dessa nossa conversa.

—Estou tentando dizer que você vai sofrer novamente, se reatar esse noivado!

—Eu sei que ele mudou, John. Aquilo foi no passado.

—E como você pode ter certeza disso? Quando ele voltar a sair com suas amigas?

—Você está me ofendendo! Aquilo foi no passado, eu sei que ele mudou...

—Desculpe-me... eu não tinha essa intenção. Mas eu não consigo me conformar. Você não vai mudar de ideia, vai?

—Sobre o noivado? Você está brincando, John? Nós já estamos em frente ao restaurante, e o Jean Pierre já está lá me esperando! Eu só preciso atravessar essa rua para realizar o meu sonho! Eu esperei por esse momento por três longos anos. Você sabe o que é esperar por três longos anos por essa noite, por esse momento, John?

—Não, Isabelle. Eu não sei o que é isso, mas... — Ele fez uma pausa, respirou fundo, pensou e depois reuniu toda a coragem e disse:

—Sendo assim, eu... eu... Vou então aproveitar para lhe falar algo importante para mim, antes de você dizer sim ao pedido dele.

—Tomara que seja mesmo importante, John...

—É importante, quero dizer, é importante para mim, não para

você...

—Pode ir falando, então!

—Me dê um segundo, porque não é fácil para mim.

—Deve ser mais fácil do que dizer toda essa bobagem que você disse até agora...

—OK,OK, eu vou dizer, mas antes quero combinar uma coisa com você, Isabelle.

—Depende. O que é que você quer combinar?

—Eu não quero falar mais com você, enquanto você estiver noiva do Jean Pierre.

—John, por favor, isso é ridículo! Você está parecendo criança.

—Por favor digo eu, Isabelle, isso é muito importante para mim.

—Então tudo bem. Não fica nada combinado, eu não aceito isso.

Agora me diga, o que é que você quer me falar?

Gaguejando e mudando o tom de voz, ele tentou falar: — Eu, eeuu...

—Fala logo, John! Porque eu pretendo ficar noiva, ainda nesta noite, esqueceu?

—Não, eu não esqueci não. É que é bastante difícil...

—Então não diga! Eu vou entrar no restaurante! — Ela deu um passo em direção ao restaurante e ele a segurou pela mão.

—Não! Pare, por favor. Eu preciso dizer, senão vou explodir.

—Então... fale! — Ele respirou fundo e despejou de uma vez:

—OK. Isabelle, eu... eu não sei o que aconteceu, nem quando aconteceu, mas eu acho que confundi as coisas. Eu sempre gostei muito de ser seu amigo, de conversar com você, passear com você, ir ao cinema, ir àquelas festas chatas da empresa do seu pai que você me fazia ir com você e etc. Você está entendendo?

—Eu não estou entendendo nada, explique-se melhor.

—Eeeuu não sei o que foi que aconteceu, nem quando aconteceu, mas aconteceu...

—Aconteceu o quê? Pelo amor de Deus, John! O que foi que aconteceu?

—Eeeuuu acho que misturei, confundi, eu não sei, também estou confuso...

—Mas misturou e confundiu o que, John?

Ele abaixou a cabeça, fechou os olhos, sentia seu coração disparado e seu rosto quente. Sem conseguir olhar para ela, ainda com a cabeça baixa, ele disse:

—Eu confundi sua amizade com... aaamor...

—O quê? — Perguntou ela, achando que tinha ouvido errado.

—É exatamente isso que você ouviu. Eu misturei amizade com amor...

—Eu acho que não estou entendendo aonde você quer chegar John... qual é seu plano?

—Eu não quero chegar a lugar nenhum, Isabelle. Só quero falar, porque se eu não falar, acho que vou explodir. Não era assim que eu tinha planejado, mas acho que é a minha última chance.

—Tinha planejado...? Chance...? Para dizer o que, John? Quer fazer o favor de se explicar?

—Que, quee euuu estou apaaaaixonado por você... Que eu amo você! Sempre amei! Pronto falei!

—O que? — Ela não acreditou em nada do que ele disse e ainda ficou brava. — Você, John? Apaixonado por mim?

—É, Isabelle, eu estou completamente apaixonado por você...

—John, pare com isso — Isabelle estava convicta — se você quer me convencer a não reatar o noivado, mesmo sendo impossível, você poderia ser mais criativo, dizer apenas: — estou apaixonado por você! — ela repetiu o que ele disse, com desprezo e ironia. — Isso não convence ninguém! Você não consegue mentir, John.

—OK. Isabelle, eu não preciso ser criativo, apenas sincero. — Ele parou de falar, olhou fundo nos olhos dela e depois disse calmamente:

—Eu amo você, Isabelle!

—Ah, ama é? — Ela indagou nervosa, porque esperava sinceridade e outra resposta dele. — E desde quando você percebeu isso? Há dois minutos atrás? Foi depois que eu disse que me recuso a mudar de ideia e que vou reatar com o Jean Pierre? — ela não acreditava em nada do que estava ouvindo.

—Eu não sei exatamente quando eu percebi, Isabelle — agora o tom de voz era triste — mas foi antes da sua cirurgia. Foi o Erick que percebeu primeiro e me alertou. O que eu sei é que eu não consigo parar de pensar em você, Isabelle! Quando o telefone toca eu torço para que seja você. Sinto necessidade de falar com você, eu sinto a sua falta. Eu paro qualquer coisa para poder falar com você, porque nada no mundo é mais importante, quando você me chama!

Já aconteceu várias vezes de... eu arrumar uma desculpa para te ligar, para saber como você está... Para falar com você e apenas... ouvir o som da sua voz. Eu penso em você em todo o tempo e, por mais que

eu tente, eu não consigo evitar, você não sai da minha cabeça nem do meu coração... Eu tento esquecer você, mas não consigo... quando vejo alguém interessado em você ou querendo chamar sua atenção eu fico inseguro e com ciúmes. Eu sei que isso é muito bobo pra você, mas é assim que eu me sinto.

Eu sei que estou fazendo tudo errado, mas eu não suporto mais. É maior do que eu, esse sentimento... A sua voz, o seu sorriso, o seu olhar, o seu perfume, a sua forma de ser... Eu sei, eu misturei amizade com amor. Eu sinto muito... e, por isso quero que você entenda, eu não quero mais ser seu amigo enquanto você for noiva... eu... eu, vou sofrer demais... Então não me ligue e nem me procure. Eu não vou mais falar com você... Eu espero que Deus te abençoe e te proteja, Isabelle. Eu quero que você seja feliz Isabelle, com quem seu coração escolher... seja quem for, mas eu... eu nunca vou esquecer você... eu nunca vou esquecer tudo o que passamos juntos, ser seu amigo foi mais do que um presente, foi algo especial... que me faz querer ficar ao seu lado, para sempre... até mesmo quando você está nervosa... — ele conseguiu brincar.

Ele segurou, por instantes, as mãos dela enquanto continuava a olhar fixamente nos olhos dela e disse baixinho, quase sussurrando:

— Isabelle, eu amo você... não se esqueça, eu amo você... Adeus! — Ele se despediu, beijou as mãos dela olhando fixamente nos olhos dela pela última vez e foi embora.

Ela ficou hipnotizada. Não sabia o que pensar. Quando conseguiu reagir era tarde.

— John... John! Volte aqui... volte aqui... — gritou ela, parada sozinha na calçada e ficou seguindo o John com os olhos até vê-lo desaparecer, depois de virar o primeiro quarteirão. Após dizer adeus, ele saiu correndo e chorando, sentiu-se o pior entre os piores! Só parou de correr quando teve certeza de que não podia mais ser visto por ela.

— Agora ele foi muito criativo — pensou Isabelle. — Ele realmente caprichou na declaração! Por um momento eu até esqueci que estava nervosa com ele... e que ele é apenas meu amigo, quando ele disse tudo aquilo... Ele disse que me ama, de maneira tão carinhosa, foi tão fofo! — Que ator! — Ela se recompôs. — Como os homens são levianos! Ele disse que me ama, como se fosse a coisa mais simples do mundo. Por que ele mentiu? Por que ele fez isso? Para me deixar nervosa. Sim, é isso. Ele quer me deixar nervosa e estragar minha noite. Ele mentiu para me deixar com pena dele e ganhar tempo, para eu não reatar o

noivado e pensar melhor... mas o John faria isso? Sim, faria. Não, ele não faria. Tenho certeza! Tenho certeza? Tenho, sim tenho. Tenho? Ele mentiu... Mas o John nunca mente... sempre há a primeira vez... eu não esperava isso dele! Preciso parar de pensar nisso, essa conversa me deixou irritada... é isso que ele quer... eu não vou ficar nervosa.

Ela atravessou a rua e entrou no restaurante. Jean Pierre, que já havia chegado, foi buscá-la na porta, todo sorridente... Mas ela não parava de pensar na conversa com o John...

Capítulo XXXII

Isabelle conta ao pais, a decepção com John

Após o jantar de noivado, a Isabelle retornou para casa e encontrou sua mãe sentada no sofá da sala, assistindo à televisão.

—Isabelle! Ela chegou — anunciou gritando a mãe dela, chamando o marido...

—Me mostre o seu anel de noivado, filha!!! — Erguendo o braço direito, a Isabelle exibiu o anel.

—Que lindo, ele comprou outro anel. Parabéns! Tudo aconteceu da maneira que você disse que ia acontecer. Venha aqui e me dê um abraço, filha. Você merece, querida. Tanto esforço, tanta luta, mas você conseguiu. Parabéns! — A mãe da Isabelle esperava ver a filha gritar, dar pulos de alegria, mas nada, nenhuma manifestação de alegria. — Alguma coisa está errada — pensou ela. Então, pela primeira vez ela prestou mais atenção na filha do que no anel de noivado.

—Filha, você está chorando, querida, está emocionada? Eu entendo. Você lutou tanto para chegar até aqui. Mas você conseguiu, você disse que ia reconquistá-lo e olhe para a sua mão! Ele colocou novamente um anel de noivado em seu dedo.

—Eu não estou chorando de alegria, mãe. Estou furiosa! Estou chorando de nervoso, de raiva!

O pai da Isabelle entrou na sala e ouviu parte da conversa.

—Calma, menina. Que nervosismo é esse? Aconteceu alguma coisa errada? — perguntou o pai dela.

—Errada? Vocês não imaginam a minha decepção!

—Então, o que aconteceu? Foi alguma coisa que ele disse? Ele impôs alguma condição para vocês reatarem o noivado, foi isso? Sente-se aqui e me conte o que aconteceu.

—Eu não quero sentar, não quero falar, não quero nada. Aliás, se tem uma coisa que eu quero muito, é falar com o John. Pensando bem, eu não vou falar, vou matá-lo, vou fazer ele engolir a raiva que eu estou sentindo...

—Isabelle, por favor, me diga o que está acontecendo, eu já estou

preocupada!

Sem conseguir conter o nervoso e as lágrimas, chorando e gaguejando, a Isabelle disse:

—Mãe, a senhora sabe o quanto eu me mateei pra para chegar nesse dia. Eu queria tanto reconquistar o Jean Pierre. Cirurgias, dietas, exercícios...

—Sim, querida, eu sei do seu esforço para reconquistar o amor do Jean Pierre, mas você ficou linda, olhe para você, até parece essas modelos de capa de revista!

—Então, depois de tudo isso, na noite que eu achei que seria a noite mais linda e importante da minha vida... acabou assim...

—Assim como, Isabelle? Conte pra mim, o que aconteceu, querida?

—Eu vou contar, ahahah. — Ela continuava a chorar e muito nervosa. Após se recompor um pouco, o suficiente para falar, ela contou o que aconteceu: — Eu achei melhor ir com o John até o restaurante, porque eu estava ansiosa. Eu gosto de conversar com ele... ele sempre me deixa calma, segura. A senhora está entendendo?

—Sim, querida, vocês são amigos desde que chegamos aqui em New York, há alguns anos. Mas me conte o resto da história, isso eu já sabia.

—Nós fomos para o restaurante, eu e o John. Em todo o caminho, ele ficou tentando me convencer a não reatar o noivado com o Jean Pierre, e quando nós chegamos em frente ao restaurante... antes de entrar no restaurante, nós brigamos... discutimos feio, mãe, a gente teve uma discussão horrível!

—Você e o John brigaram? Isso é quase impossível! Mas discutiram por que, Isabelle?

—Ele estava estranho. Eu nunca o vi assim. Eu perguntei o que ele tinha, e ele me falou que precisava me falar uma coisa.

—E ele falou o que era?

—Falou. Ele disse que eu não devia reatar o noivado, que o Jean Pierre não é uma boa pessoa e que logo eu vou sofrer novamente por causa dele.

—Eu sempre gostei desse John! — interrompeu o pai da Isabelle.

—Querido, por favor, a menina está sofrendo!

—Desculpe-me, mas eu concordo com o John — tornou a falar o pai dela.

—Conte, querida, o que mais aconteceu?

—O pior mãe...

—O que ele disse mais?

—Que o Jean Pierre não me ama e que ele só quer reatar o noivado comigo porque agora eu estou magra, bonita e porque ele quer forçar uma promoção na empresa com o papai.

—Esse John é mesmo muito inteligente. O Jean Pierre não tem caráter... — disse o pai dela.

—Pai, eu estou sofrendo, você não está percebendo?

—Me desculpe filha...

A esposa dele fez cara de reprovação, pela falta de sensibilidade do marido, apesar de pensar a mesma coisa. Depois perguntou à filha:

—Mas por que você ficou tão nervosa com ele, filha? Ele disse mais alguma coisa?

—Disse sim, mãe, e foi o que mais me deixou nervosa... Ele mentiu, ele inventou até uma paixão!

—Como assim, Isabelle? Ele inventou que o Jean Pierre tem outra pessoa?

—Não, o John me disse, mãe, que precisava me falar uma coisa, mas na verdade ele queria me fazer desistir de reatar o noivado. Como ele não sabia mais o que fazer ou dizer, porque não conseguiu me convencer, ele apelou para o amor.

—Como assim, apelou para o amor? O que foi que ele disse?

—Que... que ele me... ama!

—O quê? O John disse isso, que ele ama você? — perguntou a mãe dela.

—Que notícia excelente! — deixou escapar o pai dela novamente — eu sempre gostei desse rapaz!

—Notícia excelente? Eu estou sofrendo, pai! Era a minha noite especial, inesquecível! E não foi! Por culpa dele. Mãe, ele estragou a minha noite, minha noite de noivado! Eu estou furiosa! Muito furiosa!

—Desculpe-me, filha, — disse o pai dela — mas conta o resto com detalhes, porque agora me interessei... bastante!

—Albert, por favor — falou com rispidez a esposa dele. — Fale filha, porque você está nervosa...

—Eu estou nervosa porque o meu amigo, o meu melhor amigo, inventando uma coisas dessas? Eu fiquei tão decepcionada com ele, que não conseguia parar de pensar nisso e mal conseguia ouvir o que o Jean Pierre falava. Eu tinha vontade de ir atrás do John e falar tudo o que está entalado na minha garganta. Mãe, o resto da noite foi horrível. Eu não sei direito o que foi servido no jantar, o que escolhi de

sobremesa. Eu não me conformava com a atitude dele!

Em alguns momentos eu tive de me concentrar para conseguir ouvir o que o Jean Pierre me dizia. Eu pensava que o John fosse meu amigo e que fosse ficar feliz com a minha felicidade, mas não. Ele, justo ele, a pessoa que eu mais gostei de conhecer nos últimos anos, conseguiu transformar minha noite de noivado em um fiasco! Vocês imaginam o que foi que eu disse, quando o Jean Pierre perguntou, na hora de me dar o anel, se eu aceitava voltar a ser noiva dele?

—Acho que não...

—Eu achei que ele estava perguntado se eu queria voltar um outro dia, naquele mesmo restaurante... eu respondi que não, que queria conhecer outro!

—Uma resposta até que apropriada para aquele sujeitinho — disse o pai dela. A esposa dele novamente pediu para ele se conter!

—Mas por que você não vai procurá-lo, filha? Assim vocês conversam e tudo se resolve — aconselhou a mãe.

—Eu já tentei, mas ele disse que enquanto eu estiver noiva do Jean Pierre ele não quer falar mais comigo. Entende a minha situação? Meu melhor amigo fazendo joguinho de ciúmes comigo!

Mas ele vai ter que falar comigo, ah, vai! Vou ligar para ele. Mesmo que ele não atenda, eu vou na casa dele, porque, se eu não falar tudo o que está preso na minha garganta, acho que eu vou ter um infarto.

Enquanto dizia isso, Isabelle pegou o telefone e ligou para o John, que cumpriu a palavra e não atendeu à ligação.

Capítulo XXXIII

A Interferência espiritual no comando da Igreja

Nos dias que se passaram, o John procurou se ocupar o máximo possível, para não ficar remoendo o remorso por ter declarado seu amor à Isabelle. Pensava que havia sido um erro, uma demonstração de fraqueza dele. Ele procurou o Roger para conversar antes do ensaio começar.

Depois dessa conversa, enquanto o Roger, Erick e o John ensaiavam as músicas que estavam tocando, pela milésima vez, ao redor deles, os três anjos que os acompanhavam, conversavam entre si. Vésper era um dos três anjos-guerreiros. Tinha cabelos um pouco longos e ligeiramente encaracolados; o rosto dele era de um homem com aparência aproximada de trinta anos, semblante sereno e seguro. Seu traje era de linho puro na cor branca e, no peito, algumas listras amarelas. Os pés eram calçados com uma espécie de sandália que era trançada até a canela, mas não eram amarrados, pareciam fundidos na perna. Na cintura, havia um cinturão largo de ouro puro onde repousava sua longa e larga espada pendurada. Aliás, todos os demais anjos da mesma hierarquia tinham as vestimentas bem parecidas.

Tinha braços compridos e fortes. Das costas saíam suas duas asas, direita e esquerda, que, quando estendidas, tinha cada uma a mesma medida do corpo, ou seja, cada asa aberta media dois metros e meio e, quando abertas, as duas asas atingiam cinco metros.

—Vésper... — chamou Sírius, um daqueles três anjos-guerreiros — você já sabe quando os três rapazes vão poder cantar na Igreja da Sede?

—Já sei, sim, Sírius. Sei inclusive quais são as novas ordens do Altíssimo para os nossos próximos passos.

—Ótimo, então! E quais são? — perguntou Prócion, o outro anjo.

—As informações que me foram dadas é que o tempo de permissão dos demônios para provarem o servo de Deus se acabou para esse período. E o pastor presidente da Igreja deles fez o trabalho conforme os nossos inimigos pediram.

—Você está falando do pastor presidente interino? — indagou Sírius.

—Exatamente — concordou Vésper. — O coração do Jackson está em aliança com nossos inimigos e com as coisas deste mundo. Ele está fazendo concessões e alianças com pessoas sem escrúpulos e diretamente influenciadas pelo quartel general dos nossos inimigos.

—Como temos visto ao longo da história, o objetivo deles é desmoralizar a Igreja do nosso Senhor e das pessoas que anunciam o Evangelho — comentou Prócion.

—Resumindo, é basicamente isso — disse Vésper. — A ideia central dos nossos inimigos, dessa vez, é fazer com que todas as pessoas acreditem que todo pastor ou líder cristão é um charlatão, que está interessado apenas no dinheiro que a Igreja recebe.

—Assim, as pessoas, ao longo do tempo — disse Sírius — não acreditarão mais em Deus, muito menos na mensagem do Evangelho. Não acreditarão que necessitam de um salvador. Que necessitam se arrepender e mudar de vida. As pessoas estão sendo induzidas a adquirir bens, posses materiais, como solução para todos os problemas.

—Porém, o Filho do Altíssimo decretou, há muito tempo, que as portas do inferno não vão prevalecer sobre a Igreja. E nós teremos uma dura tarefa, dessa vez — lembrou Vésper.

—Então... Haverá interferência divina, homens e mulheres fiéis avançarão contra o império das trevas!

—Sim, Sírius e, com a autorização do Altíssimo, nós também entraremos em ação!

—Mas na hora certa, na hora de Deus, sob a orientação de Deus — comentou Prócion.

—Sim, mas vamos precisar de reforços, porque, apesar de ter acabado o tempo que foi dado aos demônios, para tentar derrubar o servo do Altíssimo e alcançar a liderança da Igreja, eles vão procurar, de qualquer forma, causar confusão, principalmente ao Roger.

—Na sua opinião, quando isso acontecerá, Vésper? — perguntou Sírius.

—Logo, Sírius, será logo. Os três rapazes serão autorizados a cantar na sede daquela Igreja, no próximo feriado. Eu acredito que os ataques começarão nessa data.

—No feriado da independência deles, no dia 4 de julho? — perguntou o Sírius.

—Uma data muito apropriada, vocês não acham?

—Achei perfeita. O dia da independência dos Estados Unidos—

comentou o anjo Vésper.

—Então Vésper, nos diga tudo o que devemos fazer — pediu Sírius.

—OK. Vou explicar como nós e os demais anjos irão executar os planos do Altíssimo. Tudo irá acontecer no próximo feriado prolongado, como eu já disse, pois é costume do pastor presidente interino ir para alguma praia no Caribe, nos feriados, com a esposa dele.

—Com o avião particular que ele comprou com o dinheiro dos dízimos e das ofertas do povo de Deus — interrompeu o Prócion.

—Infelizmente. E, no entanto, em todos os últimos meses não houve dinheiro suficiente para atender às famílias pobres, que já estavam cadastradas pela Igreja, para receber cesta básica e artigos de primeira necessidade — observou Vésper.

O Sírius, inconformado, disse:

—Eu fiquei sabendo disso e da situação dos missionários, que também estão sofrendo. Estão com suas famílias vivendo em outros países e, novamente, ficaram sem ajuda financeira. Muitos estão questionando se foram chamados ou não por Deus para essa honrosa missão. Estão sem salário e sem ajuda, porque a igreja matriz precisava “honrar” os compromissos assumidos... e ninguém tem coragem de perguntar que compromissos são esses. A estratégia do inimigo está dando certo. Logo muitos missionários vão pedir para retornar e abandonar os trabalhos.

—Lamentavelmente, tudo isso e muito mais que vocês não sabem também é verdade.

—Vamos voltar a falar sobre o plano. O que devemos fazer?

—Todos nós teremos muito trabalho no dia em que o Roger e os rapazes irão cantar na Igreja Sede. O Jackson vai para o Caribe e os demais pastores também vão viajar, estarão longe de New York, e, como é tradição nessa denominação, ficarão apenas dois pastores responsáveis na Igreja Sede — explicou Vésper.

—É verdade — disse Prócion — eles sempre viajam, e apenas dois pastores auxiliares ficam responsáveis pela Igreja e pela pregação dos cultos no domingo.

—Estou entendendo o plano, faz sentido. — disse Sírius. — Por isso, vamos aproveitar essa data. O Jackson não vai estar na Igreja e todos os demais pastores auxiliares também estarão de folga. Vamos aproveitar esse descuido deles e agir. E o que acontecerá em seguida? Qual é o plano?

—Vou contar, Sírius, eu vou contar. Foi decidido pelo nosso Rei dos Reis, há muito tempo que será nesse tempo que Roger voltará para a

Igreja Sede.

—No momento, isso está fora de cogitação para o Jackson. Por que ele vai permitir a volta do Roger? — interrogou Prócion.

—Há várias respostas para essa pergunta. Inicialmente, o Jackson pensa que quem manda é ele, mas como vocês sabem, toda autoridade vêm do Deus Altíssimo. Na minha opinião, o Jackson vai ser obrigado a permitir a volta do Roger, por meio daquilo que o Espírito Santo fará sozinho e também através do próprio Roger. Está decretado, há muito tempo, que o Roger será restabelecido definitivamente para o lugar de ungido do Altíssimo Deus, para iniciar o processo que irá trazer cura, restaurar e levantar a verdadeira liderança da igreja. As pessoas e os ministérios também serão abençoados pelas mudanças, conforme os planos de Deus.

—Certamente eles nem sonham com isso. Tanto o Roger quanto o Jackson não tem ideia do que está para acontecer — lembrou Sírius.

—É verdade, eles não tem ideia do que vai acontecer. Os planos de ambos serão alterados, em função dos propósitos de Deus — informou Vésper — por isso o Senhor está nos revelando com antecedência o que vai acontecer. Ele me disse que o tempo do pastor presidente interino está chegando ao fim, e como foi com Saul, assim será com ele. Os próximos acontecimentos, que vão acontecer no culto do feriado, vão gerar grandes mudanças nos rumos da Igreja e das pessoas.

—Ótimas notícias! — comemorou Prócion. — Explique como deveremos agir.

—É um plano simples, mas eficiente. O pastor auxiliar, que ficará responsável pela pregação no culto do domingo do feriado, vai sofrer uma acidente com seu carro.

—Provocado pelo inimigo? — perguntou preocupado o anjo Prócion.

—Exatamente. Como esse pastor auxiliar é fiel ao nosso Deus, os demônios pediram e já conseguiram a autorização do Altíssimo para prová-lo. Vão tocar na saúde dele.

—E, de certa forma, mesmo sem saber, nossos inimigos irão contribuir para os planos do Senhor.

—Isso eu não sei ainda, Sírius, não perguntei, mas é o que parece que irá acontecer.

—Então, diga-nos o restante.

—Vou contar, Prócion, e vocês vão gostar do que vão ouvir! No domingo do feriado, no dia do culto em que esse pastor auxiliar deveria pregar na igreja sede, no caminho da casa do pastor auxiliar

até a igreja, esse pastor vai sofrer uma acidente com seu carro.

—Como os demônios conseguiram a autorização, os anjos acampados não poderão impedi-lo. Correto?

—Correto. Os anjos que o acompanham não poderão revidar e o caminho para os demônios está garantido. Eu não sei qual será a extensão, a gravidade do acidente. Sei apenas que ele será hospitalizado, ficará internado no hospital e completamente impossibilitado de ir à igreja pregar.

—Então quem irá pregar? — perguntou Sírius.

Como que respondendo à pergunta com o olhar, o Vésper sorriu e apontou para o Roger e disse:

—Ele! O ungido do Senhor, o ungido do Deus Todo-Poderoso!

—O Roger? — Prócion e Sírius perguntaram admirados e ao mesmo tempo.

—Se a unção do Espírito Santo vier sobre o Roger, como tem acontecido, o inferno vai tremer! — disse Sírius. — Mas sempre ficam dois pastores de plantão nos feriados, justamente para qualquer imprevisto. O que irá acontecer com o outro pastor auxiliar? — perguntou Prócion.

—E o Roger não está autorizado a pregar na igreja sede. Ele certamente se negará a desobedecer a ordem do Jackson. Quem vai convencê-lo? — perguntou Sírius.

—Será tudo muito rápido e muito, muito intenso.

—Então, por favor, explique!

—Com prazer, Sírius. O plano é simples. Acontecerá da seguinte forma: São dois pastores de plantão. Um pastor irá sofrer um acidente de carro e o outro não poderá pregar. Esse outro pastor auxiliar virá para o culto, mas não poderá pregar.

—Mas por que o outro pastor não poderá pregar? — perguntou Prócion.

—Por causa da voz dele, quero dizer, pela falta de voz dele! Ele vai perder a voz. Ele vai ficar rouco, mas apenas por alguns dias, depois voltará ao normal.

—Parece perfeito! Os dois pastores não terão condições físicas para pregar!

—E também não poderão ser responsabilizados por autorizarem o Roger a pregar. Mas, então, quem irá autorizá-lo a pregar? Isso não será um problema? — lembrou o Prócion.

—É um problema, mas já temos a estratégia — explicou Vésper. — Quando chegar a informação de que o pastor que ia pregar se acidentou,

o outro pastor, o que estará rouco, chamará todos os presbíteros e diáconos da igreja para encontrarem alguém para pregar no culto da manhã. O pastor rouco vai reunir em uma sala, antes de começar o culto, os presbíteros, os diáconos e — o anjo Vésper fez uma pausa que demonstrou satisfação, depois continuou a explicar — ele chamará as irmãs do grupo de intercessão, para explicar o que aconteceu e depois orar e buscar direção de Deus sobre quem deve ser usado para pregar naquele culto.

—Se vai ter oração, vai ter poder... teremos interferência divina! — exclamou Sírius.

—O pastor rouco, o Wilson será orientado pelo Espírito Santo, desde o recebimento da notícia do acidente do outro pastor, para chamar o Roger para pregar. Infelizmente, por medo da reação do Jackson, ele não vai atender à orientação do Espírito Santo. Mas vai chamar o Roger para orar com eles e, no final, as irmãs da intercessão confirmarão que é o Roger que deve pregar naquele culto.

—Então serão elas que vão decidir que é o Roger que deve pregar?

—Não exatamente — confirmou Vésper.

—Desculpe-me, mas eu não entendi — observou Sírius. Como elas poderão decidir? Apenas os pastores podem decidir quem pode e quem não pode pregar.

—Apenas o Deus Altíssimo decide isso — corrigiu Vésper.

—Sabemos disso, mas o que estou tentando dizer é: como as irmãs do grupo de intercessão poderão decidir quem vai pregar? Elas não têm autoridade para isso — lembrou o anjo Sírius.

—Você tem razão, Sírius, me desculpe, vou ser mais claro — respondeu o Vésper. — O pastor rouco já terá sido orientado por meio do Espírito Santo, porém ficará com medo da reação do Jackson, quando ele souber. Como o pastor não terá coragem, durante a oração que eles vão fazer para escolher quem deve pregar, o Espírito Santo falará com duas irmãs do grupo de intercessão que Deus escolheu o Roger para ser o pregador daquela manhã.

—Certamente as irmãs vão falar — comentou Sírius, rindo.

—Certamente as irmãs vão falar — concordaram Vésper e Prócion, também rindo.

—Quando Deus dá uma orientação ou uma mensagem para as irmãs do grupo de intercessão, elas obedecem prontamente! — ressaltou Prócion.

—Mas eles não vão pensar em telefonar para o Jackson e pedir a orientação dele?

—Vão pensar nisso, mas não vão ligar porque eles têm medo do Jackson e, no fundo, todos eles querem ouvir o Roger pregar. Por isso, vão preferir encontrar uma solução e não incomodá-lo em sua estada no Caribe com a família.

—Então o pastor rouco, o Wilson, quer envolver as demais pessoas da Igreja, presbíteros, diáconos e as irmãs da intercessão, na decisão de deixar o Roger pregar no lugar dele, para se justificar perante o Jackson? — perguntou o Sírius.

—Você acertou — respondeu Vésper.

—Então, como será a participação das senhoras da intercessão? — perguntou o anjo Prócion.

—Inicialmente, o Wilson, o pastor rouco, pensará em dar orientação para aumentarem o tempo do louvor e depois abrir um tempo para as pessoas contarem seus testemunhos, apenas para enrolar e consumir tempo do culto.

—Assim não sobrarão muito tempo para a mensagem e para o pregador da noite, que mal terá tempo para ler alguns versículos e orar pelo povo — comentou Prócion.

—Mas ele vai mudar de ideia, depois que eles orarem — completou Sírius.

—Você acertou, Sírius. Todas as pessoas que eu mencionei vão orar. — disse Vésper.

—E depois? — interrompeu Sírius — O que acontecerá depois?

—Como eu disse, o pastor Wilson chamará todos os diáconos, presbíteros e seminaristas que estiverem presentes antes do culto, inclusive o Roger, e se reunirão com as irmãs do grupo de oração, para explicar a situação. E, quando eles começarem a orar, o Espírito Santo dará uma visão do Roger pregando no culto a uma irmã do grupo de intercessão, e falará no coração, para a confirmação disso, para outra irmã do grupo.

—Já imagino o que acontecerá depois disso — afirmou Sírius. — Quando eles terminarem a oração, o pastor Wilson vai perguntar se alguém recebeu alguma orientação de Deus.

—As irmãs da intercessão não hesitarão em cumprir a ordem do Senhor — deduziu Prócion.

—Vocês estão certos. Mas com receio de desobedecer a Deus, por causa da ordem do Jackson, o Roger tentará se esquivar da pregação.

—Ele fará isso, com receio de desobedecer a Deus? — perguntou Sírius.

—Sim, e isso criará uma outra circunstância. O pastor Wilson vai

dizer que alguém precisa pregar no culto, que estará prestes a começar. Ele vai perguntar claramente se alguém foi orientado por Deus, durante a oração, para pregar no lugar dele — explicou Vésper. — Todos dirão que não e não estarão mentindo. Tantos os presbíteros, como os seminaristas e diáconos não irão receber nenhuma orientação. E eles já respeitam e reconhecem o que Deus está fazendo por meio do Roger e dos dois rapazes.

—Então, ninguém se prontificará a pregar!

—Mais do que isso, Prócion. Todos eles vão dizer, quando interrogados, que sentem ser a vontade do Espírito Santo que seja o Roger o pregador daquela manhã. E será o Espírito do Senhor que colocará isso no coração deles. Enquanto eles estiverem falando, o Espírito Santo vai falar com o Roger. Mas, ainda assim, ele vai tentar argumentar o contrário. Porém o pastor Wilson encerrará a questão, afirmando que ninguém deles tem dúvidas de que Deus já decidiu. O pastor Wilson dirá que têm autoridade sobre ele naquela manhã e que o Roger deve obedecer à orientação do Espírito Santo e fazer a pregação, pois ele vai fazer tudo debaixo da orientação de Deus.

Depois, sem esperar a resposta de Roger, ele vai pedir para todos se calarem, para orar, agradecer a Deus e pedir a benção para o Roger durante a pregação. E, durante a oração, o Espírito Santo convencerá o Roger de que tudo isso é mão de Deus.

—Então, pelo que você está nos contando, o Espírito Santo não vai revelar isso com antecedência ao Roger? — perguntou o Sírius.

—Não. Ele conhece muito bem o Roger. Pelo bem-estar do Roger, é melhor ele descobrir apenas quando for acontecer. Entretanto nós vamos ter muito trabalho. Enquanto tudo isso for acontecendo, nós estaremos encarregados de garantir a tranquilidade para a pregação da Palavra do Altíssimo...

—As informações que os demônios terão é que, nesse dia, o Roger e os rapazes vão apenas cantar, louvar e adorar ao Altíssimo. Quando eles descobrirem o que vai acontecer, eles vão fazer tudo o que puderem para frustrar os planos do Altíssimo.

—Então vamos bloquear e não permitir nenhum tipo de tumulto ou imprevisto de última hora, provocado pelos nossos inimigos! — lembrou Sírius.

—Certamente os demônios vão revidar, para tentar impedir a manifestação do poder de Deus, impedir que as pessoas sejam alcançadas, salvas, curadas e a liderança restaurada.

—Você está certo. O Senhor me disse que vai salvar muitas pessoas

nesse culto. Os demônios nos atacarão de todas as formas.

—Nós estaremos preparados? — Indagou Prócion

—Preparados e com ordens para lutar tanto quanto seja necessário —disse Vérper.

—Quem vai liderar o exército celestial?

—Kaus Australis, o corajoso general.

—Um Serafim, eu devia ter imaginado! — Respondeu Sirius empolgado — Eu não quero perder essa oportunidade por nada!

—Então... Agindo Deus, quem impedirá? Os três anjos bradaram em uníssono. Eles observaram os rapazes e o Roger indo embora e disseram:

—Vamos acompanhá-los, vamos embora!

Eles se despediram e cada um foi ao redor de seu protegido, o Roger, o Erick e o John.

Capítulo XXXIV

Isabelle e o noivo

—Você gostou desse restaurante, Isabelle? — Antes que ela pudesse responder, ele continuou a falar. — Eu gosto muito desse restaurante e, por isso, escolhi vir aqui. Que bom você também ter gostado, porque se você não gostasse, seria uma pena... você teria que aprender conviver com isso, porque vamos comer aqui muitas vezes.

—Novamente sem esperar pela resposta dela, ele chamou o garçom. A Isabelle se esforçou para acreditar no que tinha acabado de ver e ouvir. Ela não se lembrava ou nunca tinha se dado ao luxo de perceber o quanto ele era egoísta e grosseiro...

—Isabelle, eu não via a hora de te encontrar, estava louco para te ver. Assim que terminarmos nosso jantar, vamos sair daqui... eu quero levá-la a um lugar muito especial...

—E que lugar é esse?

—É um motel espetacular que eu descobri bem perto daqui, você vai gostar...

—E com quem você estava, quando você conheceu esse motel? Aliás, quantos outros lugares como esse você conheceu?

—Isabelle, não seja ingênua. Enquanto nós estávamos separados, eu conheci muitas mulheres!

—Você quer dizer transou com muitas mulheres! Que eu me lembre, nós não precisamos estar separados para você transar com outras mulheres, Jean Pierre.

—Isabelle, que surpresa! Eu nunca vi você me responder assim. Você sempre foi tão doce, tão compreensiva, tão passiva... O que deu em você?

—O que deu em mim? Você deve estar brincando!

—Isabelle, tudo isso são águas passadas. Não vamos mais falar do passado, e sim do nosso futuro.

—Nosso futuro? O que, por exemplo? — perguntou ela, sentindo-se incomodada e indignada.

—Que tal falarmos do que você vai fazer nos finais de semana, depois

do nosso casamento, para me agradar, hein? Vai ser muito romântico! Eu acordo e vejo você entrando no quarto com uma bandeja, indo para a cama, cheia de coisas de que eu gosto. Eu acordo, como, e, depois, você sabe, né... nós fazemos amor e eu durmo novamente. O que você acha?

—Que eu vou vomitar! Que horror! — pensou ela, em voz alta. — É essa a vida de casada que eu vou ter?

—Hã! A comida não está boa? Você está se sentindo mal?

—A comida está ótima. Eu não estou me sentindo bem, mas é por causa de outra coisa. Fale mais sobre o “nosso” futuro.

—OK, vou falar. — Fazendo pose de conquistador, ele disparou: — Eu sei que as mulheres gostam de sonhar e imaginar como vai ser o futuro ao lado do príncipe encantado...

—No meu caso, está parecendo mais sapo do que príncipe — pensou Isabelle.

—Eu já decidi algumas coisas para nós, Isabelle.

—Você decidiu, sozinho, algumas coisas sobre nós?! Posso saber que coisas são essas?

—Pode sim. Eu decidi que não quero ter filhos, porque criança dá muito trabalho. Elas são pegajosas, irritantes, ficam doentes, choram por qualquer coisa, enfim... eu quero aproveitar ao máximo todos os dias da minha vida. Então... quero liberdade para fazer o que eu quiser, na hora que eu quiser!

—Como é que é? — perguntou ela. — Quem ele pensa que é? Com quem ele quer compartilhar a vida? Com ele mesmo? Onde eu estou nesses “planos para o futuro”?

—Como é que é o que, Isabelle? Que parte você não entendeu?

—Você decidiu que não quer ter filhos? Você perguntou a minha opinião sobre isso?

—Isabelle, eu não preciso perguntar. Eu prometi fazer você feliz. Basta você confiar em mim e tudo vai dar certo. Eu tenho ótimos planos para o futuro.

—Qual futuro, Jean Pierre, o meu, o seu ou o nosso futuro?

—Isabelle, você está agressiva. Eu gostava mais de você quando o seu prazer era ver o meu prazer. Lembra-se disso? Era você mesma quem repetia isso sem parar!

—A última vez que eu ouvi isso, logo depois você me lembrou que eu era gorda, feia e culpada pela sua falta de interesse por mim e... rompeu o noivado comigo. Lembra-se?

—Não, não me lembro não... Mas agora você mudou, Isabelle. Você está com um corpo perfeito, linda, atraente e me desperta muitos desejos... pecaminosos — disse com deboche.

—Meu Deus! Será que é apenas isso que ele enxerga, um corpo, quando olha pra mim? — ela pensava enquanto olhava para ele tentando encontrar respostas. Por fim disse:

— Jean Pierre, se você não se lembra, eu faço um sacrifício, para lembrá-lo! E têm outra coisinha muito importante meu amor... que você precisa saber, aquela Isabelle que você conheceu... MORREU!

Capítulo XXXV

Um caso de Amor Impossível

—Ei, John, tenha ânimo, amigo! — disse Erick. — Logo a Isabelle vai perceber que não gosta daquele riquinho arrogante e vai terminar tudo com ele, hein?! O que você acha?

—E depois o que acontece, Erick? Ela vem me procurar dizendo que eu sou o amor da vida dela?

—É isso mesmo. Na sequência, ela diz que se converteu ao Senhor Jesus e depois vocês vão se casar e vão ser felizes para sempre!

—Sei... e depois disso ela vem morar aqui na sua casa — desabafou o John, inconsolável com a situação. — Porque eu não tenho dinheiro nem para alugar um apartamento. Aí, você iria dormir na sala e, eu e a Isabelle ficaríamos morando na sua casa e dormindo no seu quarto?

—Sabe que eu não tinha pensado nisso. — respondeu Erick, pensativo.

—Erick, eu e a Isabelle... é um caso de amor impossível. Pense comigo: eles já foram noivos, e a Isabelle morre de amores pelo cara. Se ele pedir para ela se jogar da ponte do Brooklim, ela só vai perguntar de qual lado da ponte ela deve saltar...

—Caramba! A Isabelle é tão inteligente, não dá para acreditar no que o amor faz com as pessoas — suspirou o Erick com ar de quem estava filosofando.

—Eu não chamo isso de amor, mas de obsessão. E tem mais, o noivo dela é executivo, bem - sucedido, ele dá segurança... é o tipo de cara que toda mulher sonha para se casar...

—Humm... eu não acho que ela pensa assim. Os pais da Isabelle são mais ricos do que ele, acho que isso não é decisivo, quero dizer, importante para ela. Se fosse, ela nem teria amizade com você. E eu posso dizer isso porque eu sei o que é uma pessoa interesseira. Você se lembra da Angelina...

—Infelizmente lembro. Mas, de qualquer forma, Erick, olhe pra mim, eu não sei nem quem sou eu! Que tipo de segurança eu posso dar pra ela ou para qualquer outra mulher? Eu não tenho passado e

quem sabe se terei um futuro? Aliás, eu não tenho nem documentos! Tenho que trabalhar de forma ilegal, porque nem documentos eu tenho. Então, eu já sou bem crescido para acreditar em romances com final feliz. Na vida real é tudo diferente... Nem família eu tenho...

—Ei, mas que pessimismo, cara! Vou te contar uma coisa: se a minha mãe ouvir você se lamentando desse jeito, ela vai ficar muito brava. E eu não gosto de ver a mãe brava. Ela fica uma fera! Você sabe que ela já te adotou, né?

—Me desculpe, Erick. Eu não estou bem e não queria dizer isso. Estava apenas me lamentando por ninguém da minha família, dos meus parentes, ter me achado.

—Ah... entendi! Eu não sei se você teve família, mas você sabe que agora nós somos a sua família, e, no caso, eu sou seu irmão. Como eu também não tenho irmão, eu sou o seu único irmão. Aliás, sou o melhor irmão do mundo. O que você acha?

—Que você está certo. Eu vou agradecer pelo resto da minha vida o que você e a sua mãe fizeram e ainda fazem por mim... Eu estou reclamando, na verdade, é sobre quem eu sou, ou sei lá... sobre quem eu fui. Eu não tenho identidade.

—É, deve ser triste mesmo ser você... Será que você não é órfão? Isso explicaria as coisas. Mas, pelo menos agora, você tem fé!

—Graças a Deus, Erick, graças a Deus. Em alguns momentos eu achei que eu não iria suportar e... já faz quase três anos.

—É. O tempo passa muito rápido.

—John, você não vai mudar de ideia e atender às ligações da Isabelle?

—Não, Erick, não vou, não. Eu não quero mais falar com ela. Acho que é uma maneira de me poupar do sofrimento. Acho que foi melhor ter acontecido assim. Ela não é convertida e isso iria gerar problemas no futuro. Então... foi melhor assim... Você entende o que eu estou dizendo?

—Entendo, você está certo em se preocupar com o “jugo desigual”, mas acho que você deve falar com ela, apesar disso.

—Nem por ordem presidencial — ele suspirou e, com a voz chorosa, disse: — Ouvir a voz dela desestrutura todas as minhas convicções e, olhar para os olhos dela... põe fim a todas as minhas decisões. Então, não é não. É melhor assim.

—Se estas são as palavras de um homem apaixonado, o que eu posso dizer?

—Eu já falei pra você ir até a esquina e ver se eu estou por lá?

—Hum... ficou triste ou nervoso?

—Não sei — ele suspirou novamente. — Deixa pra lá... Já está tarde, vou tentar dormir. Quem sabe pego no sono e esqueço disso tudo também. Já que eu não me lembro de nada, eu poderia esquecer também que eu me declarei para ela, você não acha?

—Antes fosse tão fácil assim...

Capítulo XXXVI

Homenagem às famílias das vítimas do “Onze de Setembro”

—Pessoal, tenho duas notícias, uma boa e uma triste — disse o Erick ao Roger e ao John.

—Então, conte primeiro a boa notícia, Erick?

—OK. A notícia boa, Roger, é que nós recebemos um convite do prefeito de New York para cantar.

—Quanta honra!

—Mas o motivo é triste... — afirmou Erick.

—E qual é?

—É para cantar em homenagem às vítimas do atentado de 11 de setembro...

—Que Deus abençoe as famílias dessas vítimas inocentes... — disse Roger.

—Nós nem chegamos ao meio do ano ainda! Por que será que eles já fizeram o convite?

—Certamente, Erick, porque eles são organizados. Precisam fazer tudo com antecedência e planejamento — respondeu John.

—Ah, claro... — disse Erick.

—E aonde vai ser? — perguntou Roger.

—Próximo ao local da tragédia. Eles vão dar mais informações sobre a programação e o horário depois, se aceitarmos. Por enquanto eles querem saber se estamos disponíveis na data.

—Ainda que não estivéssemos, em respeito às famílias, daríamos um jeito.

—Eu concordo com você.

—E, por coincidência, tínhamos reservado essa data para descansarmos, já que nos últimos meses nós não paramos.

—Eu bem que gostaria de um bom descanso, mas prefiro fazer a minha parte.

- Então, se todos estão de acordo, posso confirmar?
- Pode.
- Deve!

Capítulo XXXVII

Isabelle com problemas de saúde

—Mãe, falta muito para chegarmos ao consultório médico?

—Acho que não. Você está ansiosa?

—Quem, eu? Não, nem um pouco. Eu esqueci de perguntar, alguém me ligou, enquanto eu estava fora de casa? Acabou a bateria do meu celular.

—Se “alguém” significa uma certa pessoa chamada John... não, ninguém ligou. Mas se alguém significa seu noivo, ele já ligou duas vezes. Quer usar o meu celular, para ligar para ele?

—Ah... acho que não. Eu ligo para ele depois...

—Quem viu e quem vê, em filha?! Em outros tempos, se o Jean Pierre telefonasse, você parava o mundo para ligar para ele e, agora, toda vez que ele telefona, você parece não ficar muito animada...

—Não, eu fico sim. Eu estou bem animada com a notícia de que ele ligou... só não quero que ele fique convencido, achando que vou morrer, se não retornar uma ligação dele, como antes...

—É mesmo? E por que será que eu não acredito nisso?

—Talvez eu não esteja sendo convincente o bastante! Apenas isso.

—E quando é que você vai levar o seu noivo lá em casa?

—Eu não sei, mãe. Eu quero fazer as coisas de outra maneira desta vez. Antes ele não saía de casa, mas agora não quero mais isso. Quero fazer as coisas de maneira diferente. Afinal, não quero mais o relacionamento com antes, acho que amadureci.

—Se você prefere assim, eu respeito sua decisão.

—E o John, você já conseguiu falar com o John?

—Não consegui. Ele se recusa a falar comigo.

—Você já foi até a casa dele? É sempre melhor do que falar pelo telefone.

—Eu já fui, mamãe, várias vezes mas ele não quer conversar.

—Ele continua afirmando o mesmo motivo de sempre, para não conversar com você?

—Infelizmente. Ele diz que para ele é difícil, que ele está sofrendo...

e quer que eu respeite esse momento difícil dele!

—Mas que bonitinho! Sofrendo por amor!

—Que amor nada, mãe! Eu nunca pensei que o John fosse capaz de uma coisa dessas! Eu estou decepcionada com ele! É por isso que ninguém confia mais nas pessoas.

—Eu não penso assim. A última vez que vocês assistiram a um filme, lá em casa, depois ele fez o bolo de milho para você. Não foi? Com quem ele aprendeu a fazer aquele bolo?

—Foi com a dona Cecília, a pessoa que o recolheu, cuida dele e quem ensinou ele a cozinhar. A receita daquele bolo é passada de geração em geração na família dela.

—Ela o considera como filho, então, não é?

—Considera sim, mãe. Eles têm uma tradição, os filhos devem passar a receita do bolo para a próxima geração!

—Hum... então ele está encarregado de ensinar a receita para a futura esposa dele e para os filhos, é isso?

—Sim, foi o que eu disse, mãe. Onde você quer chegar?

—Em lugar nenhum, é que estou com saudade do John. Quem iria esquecer de uma pessoa gentil como o John? Sem falar que ele é bonito, educado e romântico. Acho que ele vai ser um ótimo marido, se achar uma mulher que sonha em construir uma família, ter filhos e dividir a vida.

—Ter filhos... — repetiu Isabelle, pensativa.

—O que foi, Isabelle?

—Eu me lembrei agora, o Jean Pierre disse que não quer ter filhos...

—Mas e você? Você não quer ter filhos?

—Isso nunca me incomodou, mas depois de ouvir o John falando sobre os sonhos dele de família, filhos... eu fiquei um pouco confusa...

—Acho que estamos chegando ao consultório...

Capítulo XXXVIII

Jackson é pressionado e permite a apresentação do Roger na Igreja Sede

A reunião estava acontecendo na luxuosa sala do pastor Jackson, e ele, como o pastor presidente interino da denominação, estava sentado na ponta da mesa de reunião. Participavam da reunião mais de vinte pastores auxiliares. O Jackson, pretendendo encerrar a reunião, que já durava quase duas horas, disse:

—Vocês têm algum outro assunto a ser discutido, ou podemos encerrar essa reunião?

—Falta apenas mais um assunto, presidente Jackson.

—Então me digam logo, porque tenho outro compromisso e não quero me atrasar. Sobre o que se trata?

—Bem, pastor Jackson... — disse um tanto quanto desconcertado o pastor Wilson, enquanto com os olhos buscava apoio dos demais pastores auxiliares, antes de prosseguir falando. Apenas o pastor Geoval confirmou também, com um aceno de cabeça, que ele deveria ir em frente. Então ele orou, respirou fundo e prosseguiu: — Os membros da nossa igreja, pastor Jackson, e até os nossos principais pastores e líderes de ministérios estão aguardando ansiosamente a resposta sobre o pedido de uma apresentação em nossa sede... dos Elias de Deus!

—Elias de Deus? Que diabos é isso? — indagou, dando a entender que não sabia de quem eles estavam falando, porque tinha ordens dos demônios para retardar, tanto quanto possível, a apresentação deles na sede daquela Igreja.

—É o novo apelido dado aos nossos irmãos do Bronx... do pastor Roger! Por causa daquela música que pergunta onde está o Deus de Elias, e Deus responde, perguntando, onde estão os Elias de Deus!

—De novo esse assunto! Quantas vezes eu já disse a vocês que não quero vê-los aqui na sede? Faz pouco tempo que ele se retratou. Não é prudente apresentá-lo ao povo da igreja. Não sabemos se ele vai ter outra recaída, e, se isso acontecer, as pessoas podem se escandalizar.

—Nós sabemos disso, presidente! Mas os irmãos estão pedindo há bastante tempo e não temos mais desculpa para dar, e a música é a mais cantada em todas as igrejas evangélicas da cidade!

O pastor Geoval entrou na conversa e perguntou:

—O senhor já ouviu a música, presidente?

O Jackson não esperava tanta ousadia! Com um olhar fulminante, olhou diretamente para os olhos do Geoval e, em pensamentos, praguejou. Porém ele e os demônios que o acompanhavam sabiam que era preciso ter cautela.

—Não, eu não conheço a música... — respondeu o Jackson, mentindo e tentando mostrar, inutilmente, que estava calmo. — Então o Roger e aqueles dois rapazes estão sendo chamados de Elias de Deus? — perguntou apenas para medir o entusiasmo deles.

—Estão, senhor! — respondeu o pastor Junior. — A música é uma bênção e está tocando em todas as emissoras de rádio e é uma das mais acessadas na internet. É um enorme sucesso. Além de cantar, o Roger está pregando nas igrejas que visita. Durante o louvor, ele é apenas um integrante, não aparece muito. São os rapazes que cantam, mas, depois, quando começa a pregar... é uma bênção!

—Por quê?

—Porque Deus os tem usado para abençoar muitas pessoas! Há diversos testemunhos de que, em todos os lugares e igrejas onde eles já cantaram, Deus confirmou a palavra deles com sinais, curas e maravilhas. Dizem que a presença do Espírito Santo de Deus transformou as igrejas onde eles já cantaram e ele pregou. E nós estamos, literalmente, sendo pressionados pelos irmãos da nossa igreja para trazê-los aqui na sede, já que eles são da nossa igreja, da nossa denominação.

—Então o Roger está se tornando conhecido? Está, digamos... ficando famoso?

—E como está, senhor. O pastor Roger é um orgulho para nós!

Diante da expressão zangada, do pastor Jackson ao ouvir isso, o pastor Junior, se adiantou a dizer:

—O senhor também é um orgulho para nós, pastor Jackson. O senhor também é famoso. O seu livro é um sucesso!

—E como surgiu essa ideia de chamá-los de Elias de Deus?

—O apelido “pegou” porque, em todas as igrejas onde eles vão, as palavras deles são confirmadas com os sinais, prodígios e maravilhas. Há relatos até de paralíticos que voltaram a andar, surdos que voltaram a ouvir, cegos e doentes curados, oprimidos, deprimidos e inúmeros

outros... Eles são... os Elias de Deus, daí o apelido!

Era visível o aborrecimento do Jackson, enquanto ouvia as explicações, e ninguém sabia como ele iria reagir. Todos tinham muito medo dele. Porém, o Jackson, orientado pelos demônios, achou mais estratégico deixá-los cantar na Igreja sede e, assim, eles não teriam que lidar com isso novamente, durante muito tempo.

—Então vamos agradecer o nosso povo — respondeu Jackson, querendo mostrar simpatia e resolver aquele problema. — Vamos escolher uma data para eles se apresentarem aqui na sede. Deixem-me ver... já sei, dia quatro de Julho.

—Mas, senhor, é o nosso feriado mais importante — protestou o pastor Junior. — A maioria das pessoas irão viajar, a Igreja vai estar quase vazia!

—Isso não é problema meu, cada um com os seus problemas! Se o povo quer uma data, eu dou uma e será essa. Mas vou impor uma condição. Como se trata de um feriado, eu não vou estar aqui e não quero ninguém que não seja da nossa equipe de pastores da sede pregando na minha ausência. Portanto eles vão apenas cantar. Vocês entenderam?

—Perfeitamente, senhor.

A resposta foi desnecessária, pois o Jackson não esperou resposta. Levantou-se, despediu-se e foi embora muito contrariado, por não ter conseguido prorrogar mais a vinda do Roger, para cantar na sede. Mas depois que ele saiu, os demais pastores comemoraram a autorização.

Capítulo XXXIX

Isabelle relata os sintomas dela ao médico

A mãe da Isabelle tentou, sem sucesso convencer a filha de que procurar um cardiologista era um exagero, mas não adiantou. Elas chegaram no consultório do médico e, em pouco tempo, foram atendidas. Após as apresentações, o médico disse:

—Em que posso ajudá-la, senhora?

—Doutor, não é a minha mãe que precisa de ajuda, sou eu!

—Me desculpe. Você pode por favor, relatar quais são os sintomas que você está sentindo?

—OK. Eu estou sentindo umas dores estranhas no coração, por isso, resolvi procurar ajuda médica.

—Você agiu corretamente, quanto mais rápido procurar ajuda, melhor. Você já havia sentido isso antes?

—Nunca.

—E essa dor irradia para outros membros, para o braço ou a clavícula?

—Não, a dor não irradia e também não sinto nada na clavícula ou no braço.

—Sente algum tipo de dormência?

—Não.

—Você sente falta de ar e inchaço nas pernas?

—Não.

—E quando você percebeu essas “dores” no coração?

—Há aproximadamente uns quarenta dias atrás. Após uma discussão, eu comecei a me sentir estranha e, desde então, eu não consigo mais me sentir normal.

—O que você define como “se sentir estranha”, o que quer dizer?

—Que eu me sinto bem na maior parte do tempo, porém, de repente, começo a me sentir mal e, às vezes, demora muito para passar. Às vezes, melhora após eu dormir, outras vezes, mesmo depois que eu acordo, eu continuo a me sentir estranha.

—Compreendo. Relate exatamente quais são os sintomas que você

sente, quando passa mal.

—É um mal-estar. Começa com um mal-estar geral, depois eu sinto o coração disparando, uma taquicardia. Às vezes, tenho vontade de comer até não aquecer mais, apesar de não conseguir comer muito. Outras vezes não quero nem beber água. Sinto também uma ansiedade horrível, e as minhas mãos começam a transpirar sem parar. E o meu humor muda terrivelmente. Acho que está comprometendo inclusive minha relação com meu noivo. Eu não tenho a menor tolerância com ele. Tudo o que ele faz ou fala, parece estupidamente errado, e eu discuto muito com ele.

—Compreendo. Você tem algum familiar com os mesmos sintomas, ou algo parecido?

—Não, ninguém.

—Você está tomando algum remédio? Você já teve algum problema cardíaco?

—Não, nunca tive problema cardíaco. Eu tomo diariamente apenas vitaminas.

—Alguém na sua família tem problema cardíaco?

—Não, ninguém.

—Como estão seus exames de sangue, colesterol, triglicérides, glicose?

—Estão todos ótimos.

—E quando foi a última vez que você fez exame de sangue?

—Eu faço a cada seis meses, porque eu tinha obesidade mórbida e fiz a cirurgia para redução de estômago, e meu médico tem acompanhado de perto meus exames de sangue.

—Então, pela sua aparência, você deve ter emagrecido bastante.

—65 kgs.

—Parabéns pelo emagrecimento. E não se preocupe, nós vamos descobrir o que você tem. Vou pedir para você realizar vários exames. Quando eu receber o resultado dos exames, chamo vocês novamente e voltamos a conversar. Está bem? Você tem mais alguma pergunta?

—Não, doutor. Muito obrigada.

Capítulo XL

Pastor Geoval oficializa o convite ao Roger

O professor Geoval foi incumbido de avisar o Roger, sobre o “convite” da Igreja Sede para eles cantarem. E, por telefone, comunicou o que tinha acontecido. Após o susto, o Roger compreendeu que apenas Deus poderia ter feito aquilo e, apesar dos inúmeros compromissos que eles já tinham assumido para cantar em outras Igrejas, na data escolhida eles estavam com a agenda livre.

O que mais preocupou o Roger foi a informação de que o professor Geoval não poderia estar no culto, porque o médico do Geoval tinha se convertido e iria se batizar na mesma data da apresentação. A esposa do médico já era convertida, então ele decidiu ficar na mesma igreja dela, que era de outra denominação. E, segundo o médico, a conversão dele “ocorreu pela influência do Geoval,” por isso era o convidado de honra e não podia faltar.

Mas após a insistência do Roger, o professor Geoval concordou que avisaria o médico e, logo após terminar o batismo, ele sairia do culto para tentar chegar a tempo e presenciar o que Deus iria realizar na Igreja Sede, além de ajudar em oração. O professor Geoval concordou, apesar de ter achado inútil, pois até ele chegar, o louvor já estaria acabado!

—Professor, nós acreditamos em milagres e na interferência divina! Então, apenas me prometa que o senhor irá tentar chegar!

—OK, filho. Se é importante para você, eu prometo. Mas quando eu chegar, o louvor terá acabado, acredito que vou conseguir chegar no meio da pregação, não há como eu chegar antes.

—Mesmo assim professor, prefiro que o senhor esteja lá! Eu agradeço muito e... por favor ore por nós!

—Vou continuar a orar, filho! E não se esqueça... Agindo Deus, quem impedirá?! Prepare-se, consagre-se, filho. Você e os rapazes! Depois nos falamos. Um abraço...

—Obrigado, professor Geoval. Eu e os rapazes já estamos nos consagrando antes de subir em qualquer púlpito. Eu vou avisar os rapazes sobre o convite, agora mesmo!

—Realmente — pensou o Roger — agindo Deus, quem impedirá?!

—Ele contou as novidades à Kendra e oraram juntos, agradecendo a Deus pela oportunidade, pediram sabedoria e direção. Depois,

telefonou para avisar o Erick e o John.

Capítulo XLI

O Diagnóstico médico da Isabelle

Alguns dias após a consulta com o médico, os exames da Isabelle ficaram prontos. Ela e a mãe voltaram ao cardiologista, para conhecer os resultados e saber qual era o diagnóstico médico.

—Eu pedi para chamá-las, porque os seus exames ficaram prontos, Isabelle.

—Eu estou ansiosa, doutor, os exames mostraram alguma coisa? — perguntou a Isabelle.

—Não se preocupe, Isabelle, os seus exames não me preocupam.

—Que ótima notícia, doutor. Então, o que é que eu tenho?

—Antes de responder isso, eu preciso checar algumas informações com você. Eu anotei, como você deve ter percebido, tudo o que você me relatou quando você esteve aqui.

—Sim eu percebi. Os médicos normalmente fazem isso.

—É verdade, é uma rotina para não esquecermos de nenhum dado importante. Por isso, eu gostaria que você me falasse sobre o tipo de discussão que você teve, pois, segundo o que você me disse, os sintomas começaram após a discussão.

—Ah, agora vamos mexer na ferida... — disse a mãe da Isabelle, com um sorriso enigmático.

—Mamãe, por favor! — queixou-se Isabelle e se explicou: — Era um dia muito importante para mim doutor. A discussão ocorreu no dia em que eu e meu noivo reatamos o nosso noivado...

—Compreendo, o noivado é um passo importante — disse o médico.

—No meu caso, foi muito mais do que isso, doutor. O meu noivo havia rompido comigo há três anos, e o motivo, segundo ele, era porque eu estava cada vez mais gorda, e ele não se sentia atraído por mim. Eu compreendi que a culpa por meu noivo não sentir mais nada por mim era minha e, mesmo sem ser mais noiva, jurei que eu iria arrumar o que eu estraguei.

Como eu parecia uma baleia de tão gorda, porque eu era obesa mórbida, procurei um especialista e fiz a redução do estômago. Fiz

tratamento psicológico e nutricional. Depois de dois anos, fiz uma nova cirurgia, para retirada do excesso de pele depois que eu emagreci, e, por fim, coloquei prótese de silicone. Os meus esforços deram resultados, e eu consegui chegar onde estou.

—Compreendo... — estranhou o médico. — E você fez tudo isso para reconquistar seu noivo?

—Fiz por mim, porque era a única forma de reatar meu noivado. Acho que foi só por isso que eu fiz o que fiz e não por mim... Eu me sentia culpada por ele não me amar mais. Afinal, quem é que quer amar uma mulher gorda e horrível como eu era? Eu tinha estragado minha felicidade e a dele, por causa do meu peso que eu não conseguia controlar. Então eu é que tinha de mudar isso.

—E quando você emagreceu, o seu noivo voltou a amar você instantaneamente, como se nada tivesse ocorrido?

—Foi quase isso. Eu acho que com mais intensidade. Ele nunca tinha me visto com o corpo que tenho hoje.

—Isabelle, com todo o respeito, com a sua altura, peso e beleza que você tem agora, você poderia ser modelo. Você tem uma beleza privilegiada. Qualquer rapaz se interessaria por você. Você fez ou faz algum acompanhamento psicológico?

—Eu comecei, mas não continuei...

—Entendo. Mas eu não compreendi como foi a discussão, que desencadeou esses incômodos que trouxe você até aqui.

—Desculpe-me, doutor. Eu estou um pouco nervosa e não estou conseguindo ser muito objetiva. A discussão foi por um motivo bobo e sem sentido.

—Eu não diria isso — a mãe dela parecia querer revelar algum segredo.

—Mamãe...— repreendeu-a Isabelle. — Então, doutor, o que o senhor acha que eu tenho?

—Antes de responder a sua pergunta, Isabelle, quero fazer um pequeno teste com você. Por favor, me responda se você notou algumas das coisas que eu vou mencionar. Responda às perguntas considerando o período após a sua discussão. Você entendeu, posso começar?

—Pode sim.

—OK. Você já percebeu que você ficou mais dispersa do que o normal e um pouco esquecida?

—Sim, já percebi isso.

—Às vezes, esquece as horas, o que ia dizer, o que ia fazer?

—Sim... isso acontece o tempo todo!

—Às vezes, você dispara a falar e fala tanto que as pessoas não aguentam; outras vezes fica tão calada que as pessoas ficam preocupadas?

—Sim... isso também acontece — ela ficou surpresa com as perguntas, mas confiante de que o médico iria acertar no diagnóstico, por isso ficou muito animada. O médico prosseguiu com as perguntas.

—Você já notou que, às vezes, você sente uma alegria sem motivo aparente e uma vontade de rir quase incontrolável, mesmo quando está no meio da rua?

—Sim, já passei por boba algumas vezes...

—Quando o telefone, ou celular ou o interfone da sua casa toca, o seu coração dispara?

—Sim, dispara.

—Em algumas situações você começa a gaguejar?

—Não. Até que enfim uma resposta negativa. Eu nunca gaguejo.

—OK. E quando você está em casa, você checa seus e-mails e as redes sociais, na internet com muita frequência?

—Eu diria a cada cinco minutos — disse a mãe da Isabelle.

—O senhor já sabe o que eu tenho, doutor? — perguntou Isabelle, estranhando a última pergunta.

—Eu creio que sei — ele fez uma pausa e continuou — Isabelle, eu tenho uma filha com a sua idade, e ela está apresentando os mesmos sintomas que você...

—Eu tenho o mesmo problema que a sua filha, doutor... Que curioso. Mas o senhor pode me dizer o que é que nós duas temos?

Fazendo ar de suspense, o médico parou de falar, olhou para a mãe de Isabelle com um olhar de cumplicidade e disse.

—A senhora já sabe o que eu vou dizer? Já sabe qual é a minha conclusão, não é? — perguntou o médico para a mãe dela.

—Tenho certeza — respondeu a mãe dela, segura do que falava.

—Doutor David, a resposta, por favor — reclamou a Isabelle.

—OK. Isabelle, os seus exames estão ótimos. Fisicamente você não tem nada. Então, analisando as circunstâncias e as suas respostas, elas sugerem que os sintomas que você está sentindo são sintomas do... — ele fez uma pausa, olhou para mãe dela, depois olhou novamente para ela e disse finalmente — amor, são sintomas do amor, Isabelle. Você está apaixonada!

—O quê? — perguntou Isabelle, surpresa e depois incrédula com o que ouviu.

—Isabelle, eu não posso dar um diagnóstico final, mas é uma suspeita. Aconselho que você procure um psicólogo. Mas, ao que parece, por aquilo que você me relata, o amor é a suspeita, e muito evidente pelos sintomas que você está sentindo, no entanto precisa ser confirmada.

—Amor?! — disse Isabelle, inconformada. O semblante dela demonstrava o quanto ela achou absurdo o diagnóstico do médico.

—Exatamente! Como eu já disse, os seus exames físicos estão perfeitos. Não há o que investigar, mesmo levando em conta seu histórico de vida e também o histórico familiar. Então, fica descartado qualquer problema físico. Examinei também seu intestino. Às vezes, os gases dão a falsa sensação de que estamos com dor no coração. Mas também não é isso.

Isabelle tentava entender como aquele médico, tão respeitado como ele era, poderia estar afirmando aquela bobagem. Com muita educação ela disse:

—Doutor, com todo o respeito, eu acho isso um absurdo! É contrário à razão...

—Eu concordo com você, Isabelle. O amor é um absurdo e completamente contrário à razão — respondeu o médico com ar filosófico.

—Eu não estou filosofando, estou discordando, doutor!

—Discordando? Do que, Isabelle?

—De tudo! O problema da sua filha é amor? Ela está apaixonada?

—Ela está. Por isso fiz as perguntas a você, baseado nas reações da minha filha, e você respondeu sim para todas elas. Lembra-se?

—Lembro! E também lembro que não foram todas as respostas, eu não gaguejo. Não concordo!

—Não concorda com o quê?

Muito agitada e nervosa, por ter perdido tanto tempo entre exames e consultas para ouvir aquilo, Isabelle respondeu:

—Não concordo com esses sentimentos, não... quero dizer com meus sintomas, não... quero dizer... eu fiquei confusa, eu quero dizer que não concordo com o seu diagnóstico, doutor. Isso não tem nenhuma lógica! — ela tentava argumentar, mas percebia que não estava sendo nem objetiva, nem convincente.

—Realmente, Isabelle. O amor não tem nenhuma lógica. Mas não

se culpe, Isabelle, é muito comum casais, às vésperas de ocasiões importantes, brigarem, inclusive às vésperas do casamento e terem discussões horríveis. Isso ocorre com muita frequência entre os casais. Eu concordo com você que o amor, as nossas emoções e a paixão não cabem dentro da nossa lógica e dos nossos sentidos. Se os seus sintomas realmente começaram a aparecer após a discussão, eu acho que essa discussão com o seu noivo foi usada pelo seu emocional para aflorar os sentimentos que você nutre por ele! Mas não posso afirmar isso. Trata-se apenas de uma dedução. Sugiro que você procure ajuda de um psicólogo.

—Doutor David, com todo o respeito, o senhor está completamente errado, isso é impossível!

—E por que você têm tanta convicção de que não é isso?

—Essa é uma resposta fácil, porque não foi com o meu noivo que eu discuti. Foi com outra pessoa!

—Não foi com seu o noivo? Então me desculpe, Isabelle, pensei que tinha sido com ele.

—Não, não foi. Foi com um amigo. O senhor tem alguma outra explicação, doutor?

—Um pouco mais que um amigo — interrompeu a mãe, tentando dar uma dica para o médico.

—Mamãe, por favor!! Não comece.

—Um amigo? — estranhou o médico.

—Ele é ou era, um grande amigo, doutor, o nome dele é John... — sem perceber, a voz dela começou a mudar de tom enquanto ela o descrevia. — Ele é uma pessoa muito querida, muito educado, inteligente, divertido. Todo mundo gosta dele.

—Infelizmente não podemos dizer o mesmo do noivo dela — suspirou a mãe.

—Mamãe, a senhora está irreconhecível hoje!

—Me desculpe, filha — acho que o meu emocional está se manifestando também — disse ela rindo.

—Como eu dizia, doutor, esse meu amigo sempre me ajudou muito, e nós sempre nos demos muito bem...

—Ele salvou a vida dela, doutor, — interrompeu a mãe dela — assim que nós chegamos aqui em New York.

—Mamãe... — a Isabelle estava cada vez mais nervosa e se agitava na cadeira.

—Eu conheci o John logo que chegamos na cidade. Eu não estava

bem e...

—Ela estava depressiva, doutor. Ela tentou se matar — disse novamente a mãe.

—Eu estava triste — corrigiu Isabelle, de maneira enérgica. — Estava péssima pelo final do meu noivado — ela alterou o tom de voz, demonstrando ter ficado incomodada com a observação da mãe — e ansiosa, porque eu não sabia o que ia fazer, que rumo ia dar à minha vida, que estava completamente sem sentido após o término do meu noivado.

—E esse John ajudou você a superar isso? — perguntou o médico, que agora, estava curioso.

—Ele salvou a vida dela, doutor, duas vezes — disse a mãe, transformando o John numa espécie de herói.

—Mamãe, por favor! — Reclamou novamente a Isabelle.

—O John me ajudou sim. Foi ele inclusive que me despertou para a ideia da cirurgia de estômago. Ele contou que um amigo dele havia feito a cirurgia e estava muito satisfeito com o resultado. Quando ele disse isso, a esperança renasceu em mim e eu percebi que poderia usar a cirurgia para conseguir resgatar o meu amor.

—E quanto à discussão? — interrompeu o médico tentando ser objetivo. — Por que você discutiu com esse seu amigo... o John?

—A discussão foi na noite em que eu reatei o meu noivado, um pouco antes. Eu combinei com meu ex-noivo de nos encontrarmos direto no restaurante, porque eu queria ir com esse meu amigo, o John, até o restaurante para irmos conversando. Eu estava muito ansiosa e ele me acalma. Ele é uma pessoa muito agradável e sempre consegue me deixar tranquila, segura. Eu me sinto bem perto dele.

—E por que vocês discutiram? O que aconteceu? — perguntou o médico, um pouco impaciente.

—Bem... basicamente porque o John não queria que eu voltasse a ficar noiva, porque ele achava que eu ia sofrer e que o meu noivo não é uma pessoa confiável. E como nem ele nem eu mudávamos de ideia, acabamos discutindo muito.

—Apenas isso? — indagou o médico

—Não foi só isso não, doutor, agora vem a melhor parte... — interrompeu a mãe da Isabelle, de novo, com uma certa expectativa e mistério na voz.

—Mãe, isso não tem melhor parte!

—Você não contou para o médico o real motivo da discussão com

o John, querida...

Antes que a Isabelle esboçasse qualquer reação, o médico perguntou:

—Mas foi antes ou depois dessa parte da conversa, que a sua mãe comentou, que você começou a sentir-se mal?

—Foi... um pouco... depois — respondeu sem graça.

—E o que foi que esse John disse, que a sua mãe acha tão importante?

—Uma mentira e nenhuma mentira merece credibilidade, doutor. Só a minha mãe acredita na mentira que ele disse.

—Eu e o seu pai não achamos que é mentira. E foi depois do que o moço disse que você ficou assim, Isabelle... desequilibrada — disse tentando provocar as emoções da filha.

—Mamãe, estamos num consultório médico, lembra? É ele quem deve dizer o que eu tenho.

—Desculpe-me, Isabelle, mas eu notei que você ficou um pouco nervosa, depois que você começou a contar o motivo da discussão. Se você não quiser falar mais, eu respeito a sua privacidade.

—Não, doutor, posso contar sem nenhum problema — disse olhando para a mãe. — Eu e o John discutimos muito, depois que ele disse que meu noivo não merecia todo o esforço que eu tinha feito para reconquistá-lo, e que se ele me amasse de verdade, não teria se separado, nem dito que a culpa era minha.

—Hum... — balbuciou o médico — parece que esse rapaz tem bom senso.

—Mas não foi apenas isso que o rapaz disse, doutor. O que a desequilibrou, doutor, foi outra coisa que a Isabelle não contou ainda — provocou novamente a mãe dela.

—Mãe, pare, por favor! Eu não sou e não estou desequilibrada — resmungou a Isabelle.

—Está sim, você mesma insistiu em procurar um médico.

—Eu não estou e para mostrar como ele não desequilibrou nada, eu vou contar o que ele me falou — disse confiante, mas bastante alterada. Um tanto desconcertada, a Isabelle bem que tentou e se esforçou, mas não conseguiu explicar o que começou a sentir. Após uma breve pausa, ela tentou escolher as palavras, mas não conseguiu. Ela ficou em silêncio por alguns instantes, lembrando como o John disse aquilo e, sem perceber, ela tentou falar, mas parecia que as palavras não saiam. Por fim, percebeu que as palavras não saíram com o som correto...

—Eeeellle ddisse qqque mmme aaaaaama.

Ela sentiu um calor absurdo, percebeu sua face pegando fogo e algumas lágrimas escorrendo pelos seus olhos.

—Ora, ora... agora alguém está gaguejando e chorando — comemorou a mãe...

—Eeeeu nnnão estou chooorando. Éééé porquee eestou neervosa. É ddddddiferente!

—Acalme-se, Isabelle — aconselhou o médico, enquanto oferecia lenço descartável a ela. — Então esse foi o motivo da discussão de vocês, e depois disso surgiram os sintomas — disse o médico, que ficou curioso pela história dela. Com ar de conselheiro disse:

—Isabelle, eu acredito em você. Mas, de fato, as suas reações provam o quanto esse John “mexe” com as suas emoções. Ele deve ser mesmo muito importante para você. Mas se vocês são tão amigos, vai prevalecer a amizade que vocês tinham, e vocês vão acabar se entendendo no final.

—O problema, doutor, é que o John disse que, enquanto ela continuar noiva, ele não vai falar mais com ela, doutor — confidenciou a mãe...

—Mamãe! — reclamou novamente a Isabelle.

—Doutor, do jeito que o senhor entendeu, ficou parecendo outra coisa — reclamou a Isabelle — Eu amo meu noivo, mas os sintomas que estou sentindo não têm nada a ver com a discussão com o John! O que me aborreceu muito, quando nós discutimos, foi a atitude dele e não o que ele me disse! Eu conheço o John, ele é meu amigo, eu sei que ele não me ama, ele gosta de mim, como amiga, apenas isso...

—Isabelle, se você me permite a intromissão, acho que vale a pena fazer uma última pergunta — disse o médico. — Naquela noite, como você se sentiu quando o seu noivo disse que amava você?

—Isso é um pouco embaraçoso, doutor. — Ela estava desconcertada. E não sabia explicar o que estava acontecendo com ela, nem porque aquela consulta médica havia tomado aquele rumo. E agora tinha que enfrentar essa pergunta embaraçosa. — Eu não preciso responder isso — pensou ela — mas, por outro lado, eu nunca tinha pensado nisso e, e se... não... isso é impossível... o médico interpretou tudo errado, isso é um absurdo. — Ela tentava pensar em algo sensato para responder, mas as palavras lhe fugiam da mente e ela ficava cada vez mais confusa. Por fim, tentou explicar:

—Doutor, isso é muito complicado. Eu, eu sempre fui muito obesa e... nunca despertei nenhuma atração nos rapazes, nunca, em toda a

minha vida, ninguém se apaixonou por mim. Por isso... por isso... eu nunca tinha ouvido alguém dizer que me amava antes — desabafou Isabelle.

—Você nunca ouviu isso, nem do seu noivo? — perguntou o médico.

—Nem dele — respondeu envergonhada. — Nós começamos a sair e depois a namorar, depois ficamos noivos, mas nunca houve essas declarações...

—Compreendo. Então, esse seu amigo John foi a primeira pessoa a dizer que ama você... o John foi a primeira pessoa, em toda a sua vida, a fazer uma declaração de amor a você. Entendi certo?

Após respirar fundo, Isabelle, mesmo sentada, se afundou na cadeira em frente à mesa do médico, parecendo uma adolescente, se limitou a responder:

—Foi...

—Isabelle, me desculpe, mas eu interpreto os fatos por aquilo que você me diz. Eu não conheço você, nem a sua história de vida. Sei apenas o que você me contou, e talvez você não consiga perceber... mas você contou a sua vida e muitos detalhes do seu amigo, que eu já sei que se chama John, e ele parece ter bom senso, sempre está por perto quando você precisa, te acalma, te faz rir e ainda desfruta da simpatia, aparentemente, dos seus pais...

—O John, doutor, é um ótimo rapaz, muito educado, bonito, quer ter filhos e sabe cozinhar! — apressou-se a mãe dela, em aumentar as qualidades dele. — Isabelle nem tentou reclamar da intromissão da mãe desta vez.

—OK, entendi. Então o John desfruta da simpatia do seu pai e da sua mãe e ele está apaixonado por você! Acho que todas as moças que eu conheço fariam qualquer loucura para estar no seu lugar... E do seu noivo, você não me contou muita coisa, não mencionou nem o nome dele e...

Isabelle, interrompeu o médico.

—O nome do meu noivo é Jean Pierre! — o médico não se importou e continuou:

—Como você me procurou, Isabelle, estou tentando ajudá-la e, por isso, o meu conselho é que você procure uma psicóloga. Ela está preparada para ajudá-la a compreender o que de fato está acontecendo com você.

—O senhor acha mesmo que é necessário?

—Acho, Isabelle. Como eu lhe disse, seus exames não apontam nenhuma irregularidade. Então é preciso saber se você está bem emocionalmente.

—Emocionalmente? O senhor está achando que eu estou louca?

—Não, Isabelle, acalme-se, por favor. Do ponto de vista médico, posso garantir, pelos exames realizados, que você está ótima. De qualquer forma, se você sentir alguma coisa diferente, estou a sua disposição.

—OK. Obrigada, doutor, até logo. — Isabelle levantou-se e caminhou até a porta.

—Muito obrigada também, doutor David, foi um prazer conhecê-lo — disse a mãe de Isabelle.

—Obrigado. O prazer foi meu.

—Eu ainda não mencionei, mas achei o senhor um profissional muito competente, doutor, vou recomendá-lo para todas as minhas amigas — observou a mãe da Isabelle.

—Muito obrigado, senhora.

Capítulo XLII

4 de Julho, o grande dia chegou!

O Roger, o Erick e o John chegaram com muita antecedência na igreja sede, que ainda estava vazia. Na verdade, eles não chegaram sozinhos. Os anjos que acampavam ao redor deles e mais o grande exército de anjos, destacados especialmente para aquela manhã, também vieram com antecedência.

Os rapazes chegaram cedo porque seriam os responsáveis pelo louvor e queriam ter certeza de que tudo estaria em perfeita ordem quando o culto começasse. Repassaram o som, conferiram os microfones, afinaram os instrumentos e as ordem das músicas que haviam ensaiado.

Os anjos eram responsáveis pela “ordem espiritual” durante o culto. Eles sabiam que teriam que enfrentar as trevas que viriam contra eles, com fúria e toda espécie de artimanhas. Kaus Australis, o Serafim mais temido pelas trevas veio liderar os anjos. Ele explicou detalhadamente as estratégias e ordens que recebeu do Altíssimo. Todos estavam preparados e a postos, esperando pelos ataques inimigos.

O Erick estava eufórico, achando tudo muito legal. Já o John percebeu que o Roger estava bastante apreensivo e que eles tinham uma responsabilidade enorme naquele culto. De fato, o Roger estava preocupado. Voltar à sede remexeu muitas lembranças do Roger. Ele só não estava mais nervoso porque não imaginava que seria ele que iria pregar no culto daquela manhã de feriado, nem o que Deus iria realizar naquele lugar. Achava que estava lá apenas para louvar ao Senhor, o que já era uma responsabilidade muito grande.

No mundo espiritual, a agitação estava intensa. Os demônios souberam com antecedência que o Roger e os rapazes iriam cantar, mas se limitariam a apenas isso, pelos cuidados que o Jackson havia tomado de proibir o Roger de pregar na sede. Ao redor de toda a Igreja, no céu, pairando no ar, havia um incontável exército de grandes anjos guerreiros, atrás deles havia outro grande número de anjos que ficariam ao redor das pessoas, depois que elas recebessem a salvação.

Tudo aconteceu exatamente como os anjos foram informados. Quando o Wilson, pastor auxiliar, encerrou a oração para escolher quem seria o escolhido por Deus para pregar naquela manhã, o Roger estava apavorado.

—Meu Deus, tenha misericórdia de mim! — clamou o Roger — O que eu devo fazer? O que devo pregar? Que texto bíblico devo ler? Eu não sei o que fazer, por favor me ajude... Eu não sei o que o Senhor vai fazer...

Ele transpirava e percebeu que o coração dele batia acelerado quando ouviu o Espírito Santo, falar com ele:

—Acalme-se, Roger. Quando chegar a hora, abra a sua boca e Eu colocarei as palavras que você deve dizer. Inicie a pregação lendo II Crônicas no capítulo 7, versículos 13,14 e 15. Durante a pregação, eu vou lhe dar orientações. Não fique impressionado, siga as minhas orientações e não tenha medo. Agora vá. O Erick veio chamar você porque o culto já vai começar.

Antes que o Roger tivesse qualquer reação, sentiu a mão do Erick sobre o ombro dele, chamando-o.

—Roger, onde você estava? O culto já vai começar! — Percebendo a fisionomia preocupada do Roger, ele perguntou:

—Meu Deus! Que cara de espanto! Você está se sentindo bem? Quer tomar um copo de água ou alguma coisa?

—Erick, ore por mim, meu irmão... não, pensando melhor, clame por misericórdia. Acabei de saber que o pregador do culto... serei eu.

—Meu Deus! — exclamou o Erick, muito animado — que ótima notícia, Roger! Esse culto vai ser uma benção, meu irmão, eu nem vou dizer que a igreja está lotada, para você não ficar nervoso... ops... desculpe, já falei...

Antes que o Roger esboçasse algum comentário, o Erick disse:

—Roger, agora precisamos ir, não podemos atrasar o início do culto... senão eles vão ficar bravos.

O Roger caminhou atrás do Erick, até o púlpito. Assim que eles subiram no púlpito para iniciar o louvor, o Erick contou rapidamente para o John que o Roger iria pregar, mas não deu mais nenhuma explicação. Pegou o violão, foi para o microfone e iniciou o louvor.

Os demônios foram pegos de surpresa e não gostaram da notícia. Foram diretamente até a potestade informar o que haviam ouvido. Depois de receber a informação, a potestade blasfemou muitas vezes e parou apenas para enviar vários demônios em busca de ajuda. Eles

saíram desesperadamente em busca de reforços, na tentativa de ofuscar ao máximo a investida dos filhos de Deus. Não contavam com a possibilidade do Roger pregar.

Quando os rapazes iniciaram o louvor e a adoração, vários anjos que não eram anjos de luta, mas sim integrantes do coral celestial, posicionaram-se entre o Erick e o John. Eles estavam apenas um pouco acima deles e flutuando nos ares. Os anjos esperaram a ordem para começar a cantar. Sem se darem conta, as pessoas ouviam a voz dos anjos cantando e ministrando junto com os três rapazes... Depois de alguns instantes, as pessoas começaram a sentir a doce presença do Espírito Santo. O ambiente estava sublime e maravilhoso...

O ambiente, as pessoas e o próprio local pareciam estar diferentes, embora fisicamente todos continuassem iguais. Havia um amor diferente que se expressava naquele lugar. As pessoas não sabiam explicar, mas se sentiam amadas e constrangidas por esse amor. Jesus Cristo era inexplicavelmente real para as pessoas que estavam ali.

Os demônios estavam certos em buscar reforços, pois os anjos vieram dispostos a guerrear a mais antiga de todas as guerras: a disputa pelo coração das pessoas. De um lado amor, salvação e vida eterna com Deus. Do outro lado, ódio, condenação, choro e ranger de dentes por toda a eternidade no lugar preparado para Lúcifer e seus demônios, o inferno, e finalmente o lago de fogo, conforme está escrito no Apocalipse, capítulo 20, versículos 11 a 15.

Foi logo no início do louvor que os demônios começaram a atacar e, durante alguns instantes, os demônios avançaram em direção aos anjos, tanto nos que estavam dentro da Igreja, como naqueles que estavam do lado de fora dela. Os espíritos malignos chegaram de todos os lados, de cima e de baixo, vinham ferozes, praguejando e blasfemando contra o Altíssimo, contra Jesus Cristo, contra o Espírito Santo e contra os salvos e remidos pelo sangue de Jesus. Com o que tinham de mais infernal, enfrentaram os anjos e queriam forçar a barreira criada pelos anjos, para alcançar as pessoas. Foi uma batalha feroz e violenta. Mas os filhos de Deus estavam em espírito de oração, louvando, adorando e invocando o nome mais precioso do Universo: o nome de Jesus.

Os demônios usavam toda força e os poderes das trevas de que dispunham no momento. Os anjos estavam tendo muito trabalho para garantir as condições para os servos de Deus serem usados pelo Espírito Santo, para falar sem interrupções e as pessoas serem alcançadas pela

mensagem do Evangelho. Os anjos sabiam que não seria nada fácil e estavam preparados. Por isso, tudo estava acontecendo conforme o planejado.

Sem conseguir quebrar a barreira formada pelos anjos, os demônios, após várias tentativas, sem êxito, foram rapidamente vencidos e recuaram. Contudo os anjos sabiam que os demônios haviam feito esse primeiro ataque apenas para testar a quantidade de guerreiros celestiais e quais eram as barreiras que haviam sido armadas. Portanto sabiam que, a qualquer momento, uma nova batalha iria começar, e essa sim seria intensa. A potestade estava furiosa, praguejava e blasfemava sem parar. Ele não se conformava por não ter percebido com antecedência que era evidente que o Roger e os rapazes não iriam apenas cantar nesse culto. Se ele ao menos desconfiasse que o Roger iria pregar, ele teria convocado todo o inferno para não permitir isso.

A todo instante, chegavam mais e mais demônios de várias partes da cidade e se juntaram para o novo ataque. O tempo estava passando rapidamente. Os rapazes desceram do púlpito assim que o louvor terminou, e foi uma benção. Enquanto outro membro da Igreja informava pelo microfone do púlpito a programação da semana para as pessoas, o Roger orava em pensamentos. Os anjos estavam alerta porque sabiam e esperavam, a qualquer momento, um novo ataque dos espíritos malignos, o qual, dessa vez seria ainda mais cruel, mais violento e decisivo.

No mundo físico, após o louvor, muitas pessoas estavam quebrantadas e choravam pela primeira vez; outras após muitos anos; outros voltaram a sentir o que já estava esquecido num passado distante: o coração bater mais forte, a adrenalina sendo descarregada no organismo e a certeza de estar na presença poderosa e inconfundível de Deus, algo que apenas quem já experimentou consegue entender o que é e como é isso. Muitas pessoas falavam em outras línguas, conforme se descreve nos livros de Atos e Coríntios.

Contudo existia a expectativa em muitas pessoas de verem acontecer, na sede, o mesmo que se relatava que já havia acontecido em outras igrejas, quando os Elias de Deus cantavam e o Roger pregava: os sinais prodígios e maravilhas. Até o encerramento do louvor, não havia acontecido nenhuma cura ou qualquer outra manifestação sobrenatural, exceto a própria presença do Espírito Santo do Senhor, o que por si já devia bastar a todos. Mas algumas pessoas ansiavam por essa demonstração de poder e tinham esperança de que isso

acontecendo até o final do culto.

Quando terminou o aviso da programação, o pastor Wilson fez sinal para o Roger ir para púlpito, era o momento da pregação, da mensagem de Deus para as pessoas. Ele se levantou, pegou o microfone e caminhou até o centro do púlpito. Instantaneamente, três enormes anjos voaram até ele e ficaram em posição de guarda ao redor dele. Um ficou à esquerda do Roger, outro à direita e outro ficou parado no ar, um pouco acima da cabeça dele. Estavam ali para garantir que mesmo que algum demônio rompesse a barreira dos anjos, ali ele seria aniquilado. O Roger, sem saber o que acontecia no mundo espiritual, não disse nada ao chegar ao púlpito, se ajoelhou, colocou o rosto no chão, falou rapidamente com Deus e se levantou. As pessoas olhavam para ele, e não diziam nada... esperavam ansiosas pelo que iria acontecer. Em determinado momento, o Roger se levantou e disse:

— Irmãos, a paz do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Por favor, abram suas Bíblias em II Crônicas, no capítulo 7, versículos 13, 14 e 15, e, juntos vamos ler a Palavra de Deus.

Ele aguardou alguns segundos, até as pessoas abrirem as Bíblias, e depois começou a ler com voz ousada:

— Assim diz a Palavra do Senhor: “Quando Eu cerrar os céus, e não houver chuva, ou ordenar aos gafanhotos que consumam a terra, ou enviar a peste entre o meu povo, se o meu povo — ele fez uma rápida pausa e repetiu — se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então, Eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra. Agora estarão abertos os meus olhos e atentos os meus ouvidos à oração deste lugar...”

Após ele dizer isso, a igreja explodiu em manifestações de louvor e gratidão a Deus. Uns pediam misericórdia; outros, perdão; outros exaltavam o grandioso nome de Deus e seu poder; e muitos falavam em outras línguas, conforme o Espírito Santo os inspiravam a falar. O Roger precisou esperar novamente alguns minutos, até que toda a igreja se calasse, para que ele pudesse voltar a pregar. Então ele continuou:

— Assim diz o Senhor: — Vinde a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados e eu os aliviarei...

A cena se repetiu. Após ele dizer isso, a igreja explodiu em manifestações de louvor a Deus. A maioria das pessoas falava em outras línguas, conforme o Espírito Santo as inspirava. O Roger precisou esperar novamente, mais alguns instantes, até que toda

a igreja se acalmasse para que ele pudesse voltar a pregar. Depois, o Roger, inspirado pelo Espírito Santo, explicou o que os versículos bíblicos lidos diziam e falou ao povo o que o Espírito Santo queria. No final da pregação, o Roger fez um convite individual às pessoas que tinham consciência de que a vida que elas tinham não era a que Deus escolheu para elas e que precisavam de ajuda, precisavam de salvação para a alma, para o espírito, para o corpo e para a família...

—Deus que fazer novas todas as coisas na sua vida — ele disse. — Deus quer mudar sua história de vida! Ele quer que você desfrute da vida que Ele escolheu para você! Venham até aqui quem quiser essa nova vida. Você precisa se libertar das trevas e nascer de novo. Você se tornará filho de Deus! Quem quiser beber da água da vida, venha até aqui, vamos orar por você...

No mundo espiritual, esse era o momento que os demônios tinham combinado para atacar. Já que era impossível impedir a pregação e a mensagem da Cruz, era possível evitar que as pessoas se rendessem ao Filho do Altíssimo. Os demônios já haviam recebido os reforços de outras legiões, que vieram apressadamente de outras regiões, e outros continuavam a chegar a todo instante.

Combinaram que, quando o Roger convidasse as pessoas para se libertar das trevas e nascerem de novo, eles atacariam de todos os lados, impedindo as pessoas de se levantarem. Muitos demônios estavam dentro da Igreja, durante todo o culto, porque tinham direito legal de permanecerem na igreja enquanto as pessoas que eles possuíam estivessem lá. Algumas dessas pessoas, os demônios as dominavam quase que pela vida inteira delas.

Eles não estavam dispostos a abrir mão das pessoas e, de todos os lugares na Igreja, os demônios avançaram em direção aos anjos. Alguns demônios se apossaram do corpo dessas pessoas escravizadas que ficaram, literalmente, endemoninhadas e, nessa condição, quando as pessoas são manipuladas pelos demônios, adquirem força descomunal. As pessoas endemoninhadas começaram a gritar e fizeram um grande alvoroço para chamar a atenção das pessoas e desviar a atenção do chamado para a conversão. Alguns começaram a tirar a própria roupa do corpo. Dos quatros cantos da igreja e do meio da Igreja, manifestaram-se pessoas endemoninhadas.

Os diáconos e presbíteros que estavam de plantão, há muito tempo não expulsavam demônios e não estavam preparados. Alguns deles, por não estarem em retidão como deviam, foram ridicularizados quando

tentaram expulsar os demônios que se manifestavam nas pessoas. Foi uma confusão. De cima do púlpito, o Roger percebeu o que estava acontecendo, e o Espírito Santo o orientou a convocar rapidamente as irmãs do grupo de intercessão da Igreja. Foi o que ele fez, convocou e orientou as irmãs do grupo de oração e intercessão para irem de encontro com as pessoas endemoninhadas para repreender e expulsar individualmente de cada pessoa os demônios.

As irmãs da intercessão, acostumadas com a situação, não pensaram duas vezes! Imediatamente várias mulheres se levantaram dos diversos lugares de onde estavam sentadas. Havia algumas moças, mas a maioria eram mulheres maduras. Cada uma foi até a pessoa endemoninhada que estava mais perto. Elas repreendiam os demônios em nome de Jesus, e eles saíam blasfemando. Quando algum demônio teimava em não obedecer à ordem, imediatamente o anjo ao redor da irmã retirava o demônio pelo pescoço, ou por alguma outra parte do corpo, e o jogava longe dali, como se fosse uma bola. Enquanto isso, o Roger, orientado pelo Espírito Santo, explicou para as pessoas que assistiam, apavoradas, o que estava ocorrendo e acalmou o burburinho que se formou.

Mais pessoas começaram a manifestar possessão. Alguns diáconos e presbíteros mais velhos estavam em combate e também repreenderam e expulsaram vários demônios que haviam possuído as pessoas.

Devido à confusão provocada pelas pessoas que manifestaram possessão demoníaca, o Erick e o John, passaram apenas a tocar uma mesma música e cantavam baixinho e suavemente. Estavam atentos àquilo que Deus estava fazendo e a qualquer pedido do Roger, que estava dirigindo o culto, ou melhor, sendo dirigido pelo Espírito Santo. A preocupação deles como músicos era não atrapalhar o que estava acontecendo, tocando uma música com letra, ritmo ou volume do som inadequado para aquele momento.

No mundo espiritual, a formação para o ataque dos demônios produziu algo como uma nuvem escura e maligna que descia sobre a Igreja, na tentativa de impedir o agir de Deus nas pessoas. Os demônios, ferozes e implacáveis, traziam nas mãos suas espadas negras e afiadas, dispostos a acabar com a ação e a unção do Espírito Santo. Os anjos revidavam aos ataques com as espadas desembainhadas em chamas vivas, voando e atacando os demônios. A batalha pelo coração das pessoas recomeçava mais uma vez: os demônios, interessados em não deixar as pessoas escaparem do inferno; e os anjos, incumbidos

de garantir que as pessoas ouvissem a mensagem, para serem transformadas de criaturas em filhos do Deus Altíssimo.

Desta vez, os demônios conseguiram reunir um exército quase incontável e estavam dispostos a tudo. A chegada dos demônios que vieram reforçar o ataque lembrava uma fumaça negra que vinha do céu, a aparência física no céu mudou, ficou escuro dando a impressão que uma tempestade estava a caminho. Muitos dos demônios que chegaram eram da mesma legião daqueles espíritos descritos no capítulo nove de Apocalipse. A aparência deles era assustadora e causava muito medo. Pareciam gafanhotos, aparelhados para a guerra, tinham no peito couraças vermelhas como fogo, azuis como safira e amarelas como enxofre. Eles cavalgavam e os cavalos tinham poder na boca e nos rabos. As cabeças dos cavalos demoníacos pareciam leões, e da boca dos cavalos com cabeça de leões saía fogo, fumaça e enxofre. O cheiro era insuportável. Os cavalos tinham rabos que eram semelhantes a uma serpente. A cabeça da serpente ficava na ponta do rabo e era usada pelos cavalos para ferir os inimigos.

Sobre a cabeça dos demônios semelhantes a gafanhotos, havia como que umas coroas semelhantes ao ouro. O rosto deles eram como rostos de homens, os cabelos como cabelos de mulheres, e os seus dentes eram como de leões. Alguns tinham couraças que pareciam de ferro. O ruído das asas deles era como o ruído de muitos cavalos quando correm ao combate. Tinham rabos semelhantes aos dos escorpiões e, na ponta dos rabos, agulhões, pontas de ferros afiadas para ferir. A chegada deles trouxe escuridão e opressão sobre as pessoas.

Chegaram atacando, dispostos a lutar ferozmente e tentavam devorar quem estivesse no caminho. Os demônios praguejavam tentando intimidar os guerreiros de Deus. Eram incontáveis: demônios de todos os tipos e hierarquias, com suas asas negras e escamosas, exalando enxofre. Lutavam por toda parte. Havia anjos e demônios combatendo nos ares: no chão, nas paredes e no teto, pouco acima das cabeças das pessoas que estavam na Igreja. A luta era intensa. Os demônios avançavam e começaram a ganhar uma certa vantagem, porém mais anjos apareceram, como se fossem relâmpagos. Nova quantidade de demônios também apareceu; a batalha estava equilibrada. Porém mais e mais anjos apareciam dos quatro cantos. Todos experientes, fortes e armados com suas espadas que pareciam ser de fogo. Seus rostos tinham expressões duras e muita, muita disposição para o combate. Eles são inteligentes e organizados.

Apesar do reforços, a potestade demoníaca — que até aquele momento acompanhava e instruía de longe a disputa por aquelas dezenas de almas — percebeu o avanço perigoso dos guerreiros celestiais e compreendeu que precisava agir imediatamente, pois, em instantes, poderia ser tarde demais. Os demônios não iriam permitir aquele saqueamento de almas do inferno bem debaixo dos olhos deles. Sabendo que era o único que poderia reverter a situação, a potestade abriu suas longas asas negras, que inflaram e ficaram enormes, e, com a enorme espada negra na mão, voou direto em direção ao seu alvo, o Serafim Kaus Australis que estava liderando a missão dos anjos celestiais.

Entretanto, antes de chegar ao Serafim, a potestade ouviu alguém mencionando o nome dele e, em pleno voo, parou ao reconhecer aquela voz. Era uma voz tão forte e diferente que se assemelhava a um trovão. Não houve tempo para nem um único ataque da potestade. A palavra de Deus declara que onde duas ou três pessoas estiverem reunidas em nome de Jesus, Ele estará lá. E havia muitas pessoas reunidas naquele lugar, as quais invocavam o nome de Jesus e clamavam por libertação e salvação, como está registrado em II Samuel 22 : 6 – 13 e no Salmo 18:10:

As cordas do inferno me atingiram e laços de morte me envolveram. Na minha angústia invoquei ao Senhor, clamei ao meu Deus. Do seu templo ele ouviu a minha voz e o meu clamor chegou aos seus ouvidos. Então a terra se abalou e tremeu, os fundamentos do céu se moveram, abalaram-se porque ele se irou. Fumaça subiu de suas narinas, e um fogo exterminador de sua boca, que incendiou os carvões. Ele abaixou os céus, e desceu; havia escuridão debaixo de seus pés. Ele montou num Querubim, e voou; foi visto sobre as asas do vento... brasas de fogo se acenderam, pelo brilho de sua presença...

Os anjos estavam orientados a não perder tempo. O Querubim que veio acompanhando o Senhor Jesus e que, portanto, estava desde o início do culto flutuando no ar, muito acima do teto daquela igreja, numa distância suficiente para não ser visto, de longe assistia tudo. Ao perceber a potestade voar em direção ao Serafim, o Querubim identificou a intenção da potestade e voou mais rápido do que a velocidade da luz. Parou próximo de onde a batalha estava acontecendo e disse à potestade:

—Dark, não se atreva a isso. Volte para o seu lugar!

O tom grave, o volume e a força impactante da voz do Querubim chamaram a atenção de todos: anjos e demônios. Por alguns instantes, os demônios recuaram. Pararam de lutar para observar a mais alta hierarquia angelical e conferir se a potestade iria recuar, o que era provável, ou se continuariam a lutar, o que seria uma loucura.

—Maldição! — gritou a potestade, e parou também no ar, após reconhecer aquela voz. A potestade estava no meio do caminho de onde pretendia ir, ou seja, até o Serafim, que era o seu alvo.

A potestade olhou em direção àquela voz que falara com ele e viu uma espécie de nuvem imensa, que parecia estar em chamas ardentes, com relâmpagos e faíscas, cercada por uma luz tão brilhante que ofuscava os olhos dele. Do meio da nuvem, que parecia arder em chamas, ele viu quatro vultos que pareciam seres viventes. Tinham a aparência de homem, mas cada um tinha quatro cabeças e quatro asas... — Eu sabia. É um Querubim! — pensou a potestade.

A percepção dos seres espirituais é completamente diferente dos humanos. A potestade sabia quem estava falando com ele e reconheceu sua hierarquia. Apenas Lúcifer poderia enfrentar outro Querubim. Percebeu que não havia mais o que fazer ali. Imediatamente, ordenou que todos os demais demônios batessem em retirada. Humilhados, apenas assistiram de longe o que o Espírito Santo fazia e a enorme perda de almas que teriam.

—Estou em apuros... Vou precisar relatar o que aconteceu ao principado — disse a potestade, que depois praguejou e blasfemou o quanto conseguiu. — O principado vai querer me enviar para o abismo, pessoalmente. — Depois se afastou, ordenando aos demônios a também se afastarem, dando fim àquela missão fracassada.

No mundo físico, dezenas de pessoas se converteram e muitas que já haviam se convertido a Jesus no passado, mas que haviam fraquejado e se desviado ao longo do caminho, por causa das aflições da vida ou lutas provocadas pelos ataques malignos, voltaram novamente a ter comunhão com Deus.

No céu, diversos nomes foram instantaneamente escritos no livro da Vida, à medida que a pessoa se arrependia e confessava Jesus Cristo como Senhor da vida dela ou se reconciliava novamente com o seu Senhor. Os demônios que acompanhavam as pessoas foram expulsos; laços malignos, quebrados. Anjos eram convocados para garantir a segurança dessas pessoas e, imediatamente, cada anjo acampava ao redor, ao lado do novo filho do Altíssimo.

O culto terminou logo depois. Porém o Roger continuava na parte de cima do púlpito. Muitas pessoas choravam, algumas continuavam ajoelhadas orando; outras estavam abraçadas umas às outras. Durante o culto, ninguém ficou indiferente, olhando para baixo, para os lados com o pensamento em outros assuntos, com sono ou consultando o relógio para saber quanto tempo restava para o culto acabar. Todos foram tocados pela presença do Espírito Santo, inclusive aqueles que não foram à frente do púlpito.

Após as orações, as pessoas que tinham ido à frente do púlpito começaram a voltar aos seus lugares. Elas se sentiam diferentes e completamente renovadas. O Erick e o John continuavam apenas a tocar suavemente seus instrumentos musicais. Assim que todos retornaram aos seus lugares, o Roger disse:

—Irmãos e irmãs, estamos dentro do horário, para encerrar o culto. O Espírito Santo nos ensina a fazer tudo com ordem e decência, por isso, quem precisar ir embora, vá sem constrangimento, o culto está encerrado. Que o Senhor continue a abençoá-los mais e mais. Se alguém permanecer na igreja, eu peço, encarecidamente àqueles que ficarem, que ouçam com atenção. Eu tenho algo muito sério para dizer da parte do Deus Altíssimo, por isso, peço, por gentileza, que vocês façam silêncio e ouçam o que o Espírito Santo do Senhor vai dizer.

O Roger esperou alguns segundos, para dar tempo àqueles que quisessem ir embora poderem sair. Nos primeiros bancos da Igreja, permanecia sentada a Dona Catherine, esposa do pastor Kevin, o presidente de fato daquela Igreja. Apesar da quantidade de pessoas que estavam na Igreja, ninguém foi embora, ninguém foi ao banheiro, até as crianças se calaram. Todos ficaram em absoluto silêncio, nem parecia que estavam dentro de uma Igreja pentecostal. Mesmo as pessoas mais afoitas e as avivadas se calaram.

Obedecendo à ordem do Espírito Santo, o Roger começou a falar. Sua voz era ousada, firme e destemida. Ele irradiava confiança e autoridade. O Espírito Santo lhe concedia autoridade e Unção de Profeta, por conseguinte, ele apontou o dedo para uma mulher e, em alto e bom tom, disse:

—Dona Catherine, ouça o que o Espírito Santo do Senhor, lhe diz!

Quando ele disse o nome da esposa do pastor Kevin, todos ficaram mais quietos ainda. Parecia que se uma única moeda caísse em meio àquela multidão, o barulho produzido poderia ser ouvido a quilômetros de distância dali. Não era por menos, pois a muito tempo todos se

perguntavam por que Deus estava permitindo que uma pessoa tão boa e querida sofresse, como estava sofrendo o pastor Kevin e toda família dele. Mas o profeta não estava nem um pouco intimidado pelo clima que se apoderou daquele lugar. Ele continuou e disse: — Assim diz o Senhor:

— Catherine, eu sou o Senhor que te chama pelo teu nome! Vós a quem sustentei, desde o ventre de sua mãe e a levei desde o seu nascimento, até na vossa velhice eu serei o mesmo, mesmo estando os seus cabelos brancos, eu a carregarei. Eu sou o Senhor que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho em que deves andar. Pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de modo que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas, ainda que ela se esquecesse, eu, todavia, não me esquecerei de ti. Veja! Nas palmas das minhas mãos gravei o teu nome... Sou Eu que visto os céus de escuridão e ponho-lhe pano de saco. Eu sou aquele que te consola! Quero que você saiba que o meu servo, teu marido, não está abandonado nem foi esquecido!

Eu sou o Senhor que te toma pela mão direita e te diz: Eu te ajudo, Eu te esforço. Sou Eu que formo a luz e as trevas, Eu faço a paz e crio o mal. Mas os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os meus caminhos são os teus caminhos — diz o Senhor. — Assim como os céus são mais altos do que a terra, assim os meus caminhos são mais altos do que os vossos caminhos. Assim como desce a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, mas regam a terra e a fazem produzir e brotar e dar semente ao semeador e pão ao que come, assim é a Palavra que sai da minha boca. Ela não volta vazia, mas, antes, faz o que me apraz e prosperará naquilo para o que a envie.

O meu servo, teu marido, se alegra em fazer a minha vontade e, através dele, estou fazendo algo novo que está saindo para a luz. Mas por causa das tuas orações e das orações que se fizeram por ele, abreviei esse tempo de angústia. Por isso, enxuga as tuas lágrimas! Coma e beba, porque estás há dias jejuando em segredo pelo teu marido. Assim diz o teu Senhor: o choro, pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã! Prepare o seu coração, porque, na madrugada desta noite, antes de amanhecer o dia, despertarei o meu servo do sono...

Ao dizer isso, a Igreja explodiu! Todo o silêncio foi rompido com sons de pessoas gritando “Glória a Deus”, “Aleluia”. Muitas pessoas louvaram ao Senhor e outras tantas falavam em outras línguas... algumas choravam de alegria... Depois de algum tempo, o Roger

continuou a falar.

—Assim diz o Senhor, irmã Catherine: — Nesta madrugada, Eu despertarei o meu servo, e ele acordará, abrirá os olhos e para confirmar, que não é coincidência o que digo, ele dirá que sente fome e que tem vontade de tomar sopa, mas será uma sopa específica. Daquela sopa que ele tomou pela primeira vez na casa da sua mãe, na noite em que ele te conheceu... quando vocês eram ainda jovens e solteiros. Escute filha minha, assim diz o Senhor, o teu Deus: agindo Eu quem impedirá? No culto do próximo domingo, neste mesmo horário, você estará sentada nesta mesma cadeira onde você está agora, e, ao seu lado, haverá uma cadeira e nela estará o meu servo, ainda em processo de recuperação, mas orando, louvando e agradecido por ser achado digno de padecer por mim. No culto do próximo domingo, haverá tantas pessoas nesse lugar, que não haverá lugar para elas. Muitas tentarão entrar, mas não conseguirão. Por causa do testemunho do meu servo, que percorrerá a Terra, muitos se converterão e outros se reconciliarão... — Assim disse o Senhor, o teu Deus!

Após dizer isso, o Roger diminuiu bruscamente o tom de voz e, num tom suave e tímido disse: — Irmã Catherine, isso digo eu, e não o Senhor. Se o seu marido não acordar desse coma profundo nesta madrugada, não foi Deus que falou, e eu não sou servo do Altíssimo Deus. Sou um mentiroso, um enganador e um falso profeta.

Voltando-se para a multidão, ele disse:

—Que o Senhor Deus continue a abençoar a todos. O que foi dito aqui era o que o Senhor me mandou entregar a essa amada Igreja. Que Deus os abençoe. O culto desta manhã terminou. A Paz do Senhor, irmãos e irmãs! Voltem em paz para as suas casas.

Imediatamente, os músicos começaram a cantar, o Erick e o John já haviam deixado seus lugares no púlpito, e os músicos da Igreja Sede já estavam a postos. Enquanto algumas poucas pessoas saíam da igreja, a grande maioria continuava dentro do templo, umas orando; outras chorando; outras falando em línguas; e muitos falando uns com os outros sobre tudo o que havia acontecido. Foi uma manifestação e demonstração do poder de Deus que muitos nunca haviam presenciado igual. Outros se recordavam de algo parecido num passado distante.

Mas a pergunta de muitos Tomés, das pessoas que duvidaram, era: — Será que foi Deus mesmo quem disse tudo aquilo para a esposa do pastor? Será mesmo que ele irá acordar do coma?

O pastor e professor Geoval saiu da outra Igreja, logo depois que o

batismo do médico terminou. Ele chegou na Igreja Sede no meio da pregação do Roger e presenciou com atenção tudo o que aconteceu no culto, dali em diante. No final, assim que o Roger desceu do púlpito, avistou o Geoval e caminhou até ele, porém se aproximaram muitos diáconos, presbíteros, irmãos e irmãs que vieram para cumprimentar o Roger e abraçá-lo.

Um pequeno grupo de anciões aliados do Jackson diziam que o Roger tinha se exaltado e imaginado coisas, e que foi irresponsabilidade deixá-lo pregar. Outros já falavam da repercussão das pessoas e da fúria do pastor Jackson, quando ele fosse comunicado sobre o que ocorrera. Alguns também pensavam em como consolar a pobre senhora Catherine, se o marido dela não acordasse do coma, e já imaginavam uma maneira de interpretar de outra forma o que fora dito no culto, para explicar e justificar aos irmãos da Igreja.

Entretanto mais e mais pessoas se aproximavam do Roger, para cumprimentá-lo, e, logo que conseguiu, o professor Geoval abraçou o Roger que, devido à tensão, começou a chorar. O Geoval o consolou:

—Filho, o que o Senhor fez através de você é maior do que nós podemos imaginar!

Ainda chorando, o Roger disse:

—Professor, eu ainda estou com as minhas pernas bambas. Eu tremia tanto que pensei que fosse desmaiar. O senhor percebeu como eu tremia?

—Não, filho. Eu não percebi. Ninguém viu isso. Para nós que ouvíamos, você parecia um gigante. E mesmo que atirassem em você com um canhão, você ficaria ileso, tamanha era a unção que estava sobre você.

—Não era o que eu sentia...

—Isso não importa. Você está convicto de que foi o Senhor que fez isso?

—Estou professor. O que aconteceu foi tão forte e poderoso que eu nunca mais vou esquecer, por toda a minha vida. Deus foi me dizendo, professor, o que eu tinha de falar para a Igreja durante a pregação, e depois eu tive uma visão...

—Eu tenho certeza disso — afirmou o professor e também pastor Geoval.

Abaixando o tom da voz e quase sussurrando, o Roger confidenciou, falando apressadamente e um pouco agitado.

—No fim, quando o Espírito Santo me mandou falar para a irmã

Catherine, Deus me mostrou até as horas em que o pastor presidente vai acordar. Deus me mostrou o pastor Kevin no quarto em que ele está. Lá tem um criado mudo, e em cima tem um relógio. Eu vi até isso, professor. Ele vai acordar às 4h40min dessa madrugada!

—Roger, acalme-se, filho. Aconteceu muita coisa e em pouco tempo. É melhor nós irmos embora, mais rápido do que de costume. Eu pensei nisso antes de o culto terminar. Já falei com sua esposa, e ela concordou. Ela já falou com a mãe do Erick também e, se você concordar, chame os rapazes e vamos embora.

—Concordo sim, professor, vou chamar o Erick e o John e vamos embora... Vou apenas agradecer a liderança pelo convite e me despedir.

—OK. Estamos aguardando você.

Um grupo de mulheres, íntimas da senhora Catherine, discutia sobre o que deviam fazer. Elas estavam divididas. Algumas achavam que o Roger era um profeta de Deus e queriam ir para a casa da esposa do pastor Kevin, para acompanhar e assistir ao milagre acontecer. Outras, dizendo-se prudentes, afirmaram que, caso não acontecesse nada, a senhora Catherine iria ficar frustrada e iria precisar de ajuda. Após falarem muito, chegaram à conclusão de que precisavam ir todas para a casa dela, para se alegrar, caso se confirmasse a palavra do profeta, ou, se o caso se revelasse uma farsa, consolar e apoiar a Catherine.

Alguns homens, maridos dessas mulheres, também combinaram de ir à noite com elas até a casa da irmã Catherine. O número de ligações telefônicas feitas após o culto era incalculável. Os irmãos, conectados às redes sociais, rapidamente espalharam as novidades... As pessoas que estavam no culto ligavam para todos que faltaram, para contar o que havia acontecido. Ligavam também para amigos e parentes evangélicos de outras denominações que acreditavam em milagres. Aquele culto da manhã deixaria muitas pessoas sem conseguir dormir naquela noite.

Havia muita coisa em jogo. Se o pastor acordasse do coma, Deus seria louvado, as pessoas seriam fortalecidas em sua fé e a igreja voltaria a ser local de salvação e esperança. Porém, caso a profecia não se cumprisse, muitas pessoas seriam feridas, algumas abandonariam a fé e muitas se desviariam. Seria um duro golpe para a fé, para as pessoas e para a Igreja. Muitos já pensavam em expulsar o Roger da Igreja e processá-lo...

No entanto as pessoas tentavam se aproximar do Roger, que percebeu e viu o perigo. As pessoas estavam eufóricas e agindo como

se o Roger fosse um novo apóstolo Pedro ou Paulo. Aquilo não era bom. — Toda a glória seja dada a Deus — repetia ele, não se deixando levar pelas honras que estava recebendo...

—Eu não quero ser idolatrado. Preciso sair daqui o mais rápido possível — disse ele, e assim o fizeram.

Apesar de estar a certa distância da Igreja, a potestade observava, parada no ar, atentamente, tudo o que aconteceu e concluiu que já era hora de ir embora. Deu ordens aos demais demônios e todos se precipitaram num voo rasante, deixando um rastro como que de fumaça negra para trás, em direção ao asfalto e depois às profundezas da Terra, até chegarem ao local em que habitam e se reúnem para as tramas diabólicas contra os filhos de Deus. Imediatamente as “nuvens negras” que anunciavam uma terrível tempestade desapareceu. Apareceu o sol radiante e o lindo céu azul embelezado com curiosas nuvens brancas.

Após concluírem com êxito todas as ordens que receberam do Deus Altíssimo, os anjos subiram ao céu, voando e provocando um imenso rastro luminoso nos ares, como se fossem cometas. Ao chegarem, dirigiram-se até o trono do Todo-Poderoso. Pararam em frente a sete castiçais de ouro. No meio dos sete castiçais, estava Jesus, vestido até os pés com uma roupa comprida e cingido pelo peito com um cinto de ouro. A sua cabeça e os cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os seus olhos eram como chama de fogo. Os seus pés eram semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha; e a sua voz, como a voz de muitas águas.

Ele tinha na sua mão direita sete estrelas, e da sua boca saía uma aguda espada de dois fios. O seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece. No manto que ele usava e na coxa dele estava escrito: Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ele se levantou e recebeu os anjos. Ao vê-lo, todos os incontáveis anjos que chegaram se aproximaram, se curvaram e abaixaram as cabeças em reverência e obediência. Apenas o anjo Gabriel, um dos primeiros a se ajoelhar, ergueu a cabeça e disse:

—Aqui estamos, Senhor Jesus, Filho do Deus Altíssimo, as suas ordens foram completamente cumpridas!

Com um sorriso e com gestos amorosos, Jesus respondeu:

—Levante-se, Gabriel, você e todos os demais. — Instantaneamente todos se levantaram e outros anjos que não haviam participado daquela missão, também se juntaram a eles — Agradeço a lealdade de

todos vocês e o ótimo trabalho que fizeram na minha Igreja. — Disse Jesus: — Muitas almas foram salvas da condenação do pecado e do inferno. O que aconteceu hoje, a escolha e decisão que cada pessoa fez hoje, terá repercussão por toda a eternidade... aquelas pessoas foram transformadas em filhos e filhas de Deus, por isso... alegrem-se!

E todos os anjos, juntos, alegremente bradaram:

—Agindo Deus, quem impedirá?!

Conforme relata Lucas no capítulo 15, versículo 10, houve grande alegria diante dos anjos por causa do grande número de almas arrependidas e salvas naquela manhã.

Capítulo XLIII

John é levado pelos agentes do FBI

—Alô, alô? Isabelle, é você? — perguntou Erick, bastante ansioso do outro lado da linha.

—Oi, Erick, sou eu. Tudo bem? — disse a Isabelle após reconhecer a voz do Erick pelo telefone.

—Mais ou menos, Isabelle. Desculpe-me por ligar em pleno feriado, mas eu estou telefonando por causa daquela nossa conversa. Lembra?

—Sim, é claro que eu me lembro! Você conseguiu convencer o John a falar comigo?

—Eu sinto muito, mas não consegui. Mas creio que se você quiser tentar, pela última vez, a hora é agora! Você pode vir aqui agora?

—Agora? Por quê? Aconteceu alguma coisa, Erick? A sua voz... você parece tenso... Aconteceu alguma coisa?

—Aconteceu sim, Isabelle. Hoje, depois do culto, nós fomos almoçar com um pastor auxiliar lá da sede, que é amigo do Roger, e depois viemos para casa. Na verdade, nós acabamos de chegar em casa. O telefone tocou e era o pessoal do FBI. Eles ligaram para avisar que eles têm informações sobre a identidade do John. Eles estão vindo para cá agora. Eu nem falei com o John ainda. Desliguei o telefone e liguei para você.

—Mas isso não é uma notícia boa?

—Deveria ser, mas, da mesma forma que você notou, pelo meu tom de voz, que alguma coisa estava errada, eu também percebi, pelo tom de voz dos agentes do FBI, que alguma coisa ruim vai acontecer!

—OK, Erick. Eu já entendi. Eu vou chegar aí o mais rápido que eu puder. Agradeço por me avisar, até daqui a pouco.

O Erick desligou o telefone e ouviu a campainha tocar.

—Triiiiiim, triiiiiim, trimm...

—Erick, a campainha está tocando você pode atender?

—Pode deixar, mãe, eu vou ver quem é. — Ele abriu a porta e deu de cara com os agentes do FBI.

—Posso ajudar?

—Aqui é a residência dos Garcia?

—Sim, é aqui.

—Você é o John?

—Não, por quê?

—Somos do FBI. Ligamos agora há pouco, sobre a identidade do John.

—Nossa! Vocês são rápidos mesmo! Não faz cinco minutos que vocês me ligaram! Foi eu que atendi a ligação de vocês.

—Nós já estávamos aqui perto.

Olhando por cima dos ombros dos agentes federais e percebendo a quantidade de carros parado na porta da casa dele, o Erick perguntou:

—Nossa! Todos esses carros aí fora estão acompanhando vocês, é?

—Estão. Apenas por precaução. Pode chamá-lo? Precisamos falar com ele.

—Claro, vocês podem entrar se quiserem.

—Ei, John — disse o Erick gritando. — Tem um pessoal do FBI aqui e mais um pequeno exército lá fora. Eles querem falar com você.

Rapidamente o John apareceu.

—Boa tarde. Eu sou o John.

Sem muita cerimônia, os agentes foram logo dizendo:

—Como você já sabe, somos do FBI, e, a partir de agora, sua segurança está sob a responsabilidade do governo americano.

—E o que isso significa?

—Significa que você vai nos acompanhar até um lugar seguro.

—Isso significa que vou ser preso?

—Significa que vamos levá-lo para um lugar seguro.

—E se eu me recusar a ir?

—Temos ordem para levá-lo. Mas você tem opção, pode escolher a forma — respondeu com ironia o agente do FBI.

—Isso não me parece uma opção.

—Talvez não seja.

—Eu sou algum bandido, criminoso, procurado pela polícia ou algo do tipo?

—Para sua maior segurança, as informações sobre a sua identidade serão fornecidas apenas em local seguro, como eu já disse. Pode arrumar sua mala se quiser, contanto que seja rápido.

—Fazer minha mala? Devo pegar minhas coisas? Por quê? Eu não vou voltar? Vou ficar preso?

—As respostas serão fornecidas em local seguro. Agora, seja breve.

Se você for arrumar suas coisas, vamos acompanhá-lo enquanto vai “fazer sua mala”.

O John foi para o quarto, e o agente do FBI o acompanhou. A dona Cecília e o Erick foram atrás dele. Preocupada com o que estava acontecendo, a dona Cecília, como uma mãe preocupada com o filho, abraçou o John e lhe disse:

—Meu filho, fique em paz. O Senhor irá te guardar em todos os seus caminhos. Lembre-se, não foi por isso que temos orado todos esses anos, para que eles conseguissem localizar a sua família e você encontrar os seus familiares? A sua mãe, seu pai, seus irmãos, alguém deve estar ansioso esperando por você filho... — ela disse chorando.

—Depois de tantos anos, eu já tinha me esquecido disso, dona Cecília... A senhora, o Erick, o Roger e o grupo familiar são a minha família agora. E também tem o fato de eu ter medo de descobrir que eu fui algum criminoso ou algo assim...

—Não pense nisso, filho. Meu coração de mãe e de serva do Senhor me diz que Deus tem algo novo para você, filho. Não fique triste. E não importa o que venha acontecer, nós estaremos sempre aqui e você pode sempre contar conosco. Aconteça o que acontecer, nós amamos você menino... e vamos ficar orando por você. Seja forte e corajoso! Aconteça o que acontecer. Lembre-se sempre, filho, que você é um Garcia para nós! Você é parte da nossa família também, e um Garcia não desiste nunca. Promete não se esquecer disso?

Os olhos deles foram inundados pelas lágrimas. Eles se abraçaram e, por alguns minutos, choraram juntos.

—Filho, eu sei que não é o momento e que você não quer falar dela, e que as circunstâncias não ajudam, mas se for ela quem Deus preparou para você, o noivado dela vai acabar, ela vai se converter e vocês vão ficar juntos... mas se não for ela, Deus vai preparar uma pessoa para você, alguém que vai alegrar o seu coração... Então entregue esse assunto ao Senhor. OK?

O agente do FBI os apressou.

— John... — disse o Erick — se você precisar de ajuda, sei lá, né, de alguma coisa, advogado, dinheiro, você sabe que eu sou meio duro, mas eu tenho aquela poupança que você me ajudou a fazer, e se precisar de mais eu arrumo para você, eu peço emprestado com algum amigo, vendo meu carro, meu violão, peço um empréstimo no banco, eu sei lá o que, mas alguma coisa eu faço!

Interrompendo o Erick, o John disse:

—Eu sei Erick, eu sei que você é capaz de fazer qualquer coisa, e sou muito grato. Muito obrigado, meu amigo, você foi e é um verdadeiro irmão pra mim. Aproveite a minha ausência... para controlar melhor os seus gastos do jeito que eu te ensinei, OK? — disse para quebrar um pouco o clima de despedida e tristeza...

—OK, pode deixar, amigo!

—Por favor, cuide do meu grupo familiar por mim! Diga que eu os amo.

—Claro, John. Pode deixar.... eles já sabem disso!

—Antes de ir, eu... eu... quero agradecer por tudo o que vocês fizeram por mim. Agradeçam ao Roger também. Eu estou muito grato a Deus por ter sido acolhido por vocês, quando eu não tinha pra onde ir... Eu fui muito feliz aqui nessa casa, com vocês. Aliás, sou muito feliz por causa de vocês... Eu não sei se vou poder ver vocês novamente... algum dia, então eu quero aproveitar para dizer que... eu amo muito vocês!

Os três se abraçaram e choraram. A cena era comovente. Até os agentes do FBI ficaram constrangidos. Era difícil imaginar o que iria acontecer. Mas era necessário descobrir quem era o John. Descobrir inclusive seu nome verdadeiro. Após se despedirem, o John foi levado pelos homens do FBI até o carro. O Erick e a dona Cecília também saíram, acompanhando o John até o último instante. Tudo o que o Erick e a mãe dele conseguiram foi ver o John de longe, chorando, quando ele entrou no carro dos agentes do FBI em um furgão escuro que, rapidamente, desapareceu após virar uma rua.

Pouco depois que os carros pretos dos agentes do FBI se afastaram, levando o John embora, a Isabelle chegou. Ela correu em direção ao Erick e à dona Cecília, que ainda estavam na calçada, esforçando-se inutilmente para conter as lágrimas. Vê-los foi comovente e, sem perceber, ela começou a chorar também...

—Eles disseram alguma coisa sobre ele e para onde o levaram?

—Não, Isabelle, não falaram nada. Disseram apenas que precisavam levá-lo...

—A única coisa a fazer agora é orar — disse a mãe do Erick.

Frustração e pena era o que a Isabelle sentia. Não conseguiu falar com o John e agora não sabia se iria poder vê-lo novamente. Por outro lado, uma dúvida lhe ocorreu: será que o John é um criminoso? Afinal, ele foi levado pelos agentes do FBI. Poderia ser ele uma pessoa perigosa? Um assassino ou traficante? E de que parte da cidade ou do

país ele é?

—Eu vou tentar avisar o Roger... ele ainda não sabe — disse o Erick, interrompendo os pensamentos dela. — O telefone dele está desligado. Ele deve estar orando...

O Erick conseguiu falar com o Roger e explicou tudo o que tinha acontecido e combinaram de se reunirem mais tarde, na casa da dona Cecília, para orarem em favor do John.

Capítulo XLIV

O dia seguinte após a profecia sobre o pastor Kevin

—Alô? A paz! Roger, sou eu, pastor Geoval, tirei você da cama? — Ele estava feliz.

—Não, Professor Geoval. Eu acordei cedo para orar e ler a Bíblia. O senhor parece animado...

—E estou, filho! Você imagina por quê?

—Tem alguma coisa a ver com o que Deus falou ontem no culto?

—Alguma coisa? Você está brincando! Você não está curioso?

—Na verdade estou sim, professor. O senhor passou mesmo a madrugada na casa do pastor Kevin?

—Passeisim, filho, e foi uma bênção. Estávamos aproximadamente umas trinta pessoas, dentro do apartamento do pastor Kevin. No início, quase todos estavam confiantes que era Deus que havia dito que ele iria despertar do coma.

—Então algumas pessoas não acreditaram?

—Por incrível que pareça, não. Diziam que estavam receosas e que poderíamos estar sendo ingênuos, deixando um novato pregar na igreja sede e causar um grande tumulto com uma profecia que, dificilmente, iria se cumprir.

—Que eu saiba, é por isso que existem as profecias. Deus avisa com antecedência o que ainda vai acontecer...

—Eu concordo, mas deixe-me terminar: À medida que as horas foram passando e nada acontecia, a ansiedade e a adrenalina de todos começou a diminuir. Lá pelas três da manhã, algumas pessoas começaram a cochilar no sofá. Ainda bem que o apartamento deles é grande, e isso não foi um problema. Quando o relógio marcou quatro da manhã, éramos apenas seis pessoas que estavam acordadas e, depois de mais meia hora, éramos apenas quatro pessoas acordadas: eu, minha esposa, a Ruth, que é aquela senhora líder das mulheres intercessoras da Igreja, e a irmã Catherine, esposa do pastor Kevin.

—E a esposa do Pastor Kevin, ela acreditou que foi Deus que falou com ela no culto?

—Não apenas acreditou, mas também colocou a fé dela em ação. Assim que nós chegamos ao apartamento dela, ela foi para a cozinha e nos mostrou que já tinha preparado a sopa para ele, o que deixou algumas pessoas apreensivas. Os Tomés. Depois ela pediu comida por telefone para todos nós, que comemos, oramos e depois ficamos conversando. O tempo foi passando e as pessoas foram dormindo. Ficamos em quatro pessoas acordadas, como eu já disse.

Como você havia me dito que Deus tinha mostrado a você até o horário em que o pastor Kevin iria acordar, eu fiquei firme e, quando o relógio marcou 4h39min, eu acho que parei até de respirar... e fiquei olhando fixamente para ele e... um minutinho depois, os olhos dele piscaram. Depois ele virou um pouco a cabeça, primeiro para um lado e depois para o outro, respirou fundo, tornou a piscar os olhos, abriu os olhos e, finalmente, falou!!!

—Deus seja louvado, glória a Deus! — disse o Roger.

—Deus seja louvado mesmo. Quando nós vimos ele com os olhos abertos e conversando, foi uma emoção forte, muito forte mesmo. A esposa dele o abraçou e começou a chorar, e a outra irmã que estava acordada conosco começou a falar em línguas, no melhor estilo pentecostal que você pode imaginar...

—Eu posso imaginar!

—Pois é. Não foi preciso chamar ninguém. Em segundos, todos os dorminhocos acordaram e se espremeram no quarto, até não caber mais ninguém... Foi impressionante...

—Eu gostaria de ter visto isso!

—Na verdade, com todo o barulho que nós fizemos, demos um mau testemunho para os vizinhos. Mas como todos eles sabiam da situação dele, do pastor Kevin, acho que vão perdoar nossos excessos, quando souberem como tudo aconteceu — brincou o pastor Geoval.

—Mas e o pastor Kevin?

—Ah, eu ia me esquecendo de falar sobre isso. Ele tossiu um pouco depois que ele voltou do coma. A esposa dele não parava de beijá-lo e abraçá-lo. Depois de um bom tempo de louvor, agradecimento e adoração, aquele... aquele lugar foi tomado pela presença divina, Roger. Parecia que estávamos no céu, tamanha era a presença de Deus naquele quarto. Todo mundo falando em línguas, adorando, louvando... foi maravilhoso. E, depois que conseguimos nos controlar, o pastor Kevin, com o humor que sempre foi uma característica dele, disse:

—Eu sempre achei que o quarto de dormir fosse um lugar reservado,

mas... com tantas pessoas aqui, acho que eu estava errado... Todos riram muito!

—Que bênção! Deus é maravilhoso mesmo!

—Se é! E sabe o que ele disse depois de algum tempo?

—Que tinha fome?

—Exato! Ele disse que estava com fome e que tinha sonhado que estava tomando a sopa predileta dele... aquela...

—Santo Deus! — disse o Roger, sentindo a visitação do Espírito Santo...

—Roger, quando ele disse isso, nós quase explodimos novamente, de tanto louvar ao Senhor novamente...

—Quantas notícias boas, professor!

—Mas nem tudo são notícias boas, filho. Assim que tudo se acalmou, a esposa dele começou a ligar para os filhos e filhas. Isso significa que, logo, todos estarão na cidade, para visitar o pai, inclusive a esposa do Jackson e ele, logicamente. Eles estavam em uma praia no Caribe, mas já avisaram que amanhã, até a hora do almoço, estarão aqui. Ele vai ficar furioso quando souber tudo o que aconteceu...

—Eu tenho certeza disso.

—Eu também.

—Um novo tempo começa, filho, e com ele novas batalhas. Você está consciente disso?

—Sim, estou.

—Você está consciente também de que Deus o usou poderosamente e que você será, inevitavelmente, convidado para voltar para a Igreja sede, e que isso o coloca, indiretamente, na liderança da nossa Igreja?

—O senhor acha que o Jackson deixaria isso acontecer?

—Ele não. Mas o que aconteceu ontem foi a mão de Deus agindo através de você, Roger. O que aconteceu ontem será lembrado para sempre na história da nossa Igreja. Você talvez não percebeu ainda, mas a fama que o seu livro proporcionou ao Jackson, entre os nossos irmãos da Igreja, funcionou até ontem. Agora, você é a pessoa mais amada da Igreja, você não percebeu o assédio dos nossos irmãos sobre você ontem?

—Sim, e lembrei de Jesus. Nos últimos dias dele em Jerusalém, em um dia, o povo gritava “hosana nas alturas,” e cinco dias depois, gritavam “crucifica-o, crucifica-o”! Por isso, não me empolgo com a animação do povo. Fiquei atento para que os “elogios e cumprimentos” não subissem ao meu coração na forma de um orgulho perigoso...

—Muito bem, filho. Esse tipo de orgulho provocou a queda de

Lúcifer. Mantenha o seu coração simples e puro diante dos homens e de Deus. Somente assim o Senhor continuará a usá-lo para restaurar nossa Igreja, nossos líderes, nossos irmãos e desmascarar aquele homem iníquo do nosso meio!

—Eu não estou tão certo disso, professor.

—E por que não?

—Porque mesmo o pastor Kevin se restabelecendo, ele já tem uma idade avançada: E o senhor sabe, né... o Jackson vai ficar mesmo como presidente, de um jeito ou de outro!

—Ei, Roger! Você está parecendo mesmo o profeta Elias, mas agora pela fragilidade, porque mesmo depois de ele vencer sozinho os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, foi se esconder na caverna, por causa da ameaça de uma única pessoa, a perversa chamada Jezabel!

—Me desculpe, professor.

—Escute, filho, o que eu vou lhe dizer: com a volta do nosso presidente, o Jackson vai ter que consultá-lo antes de tomar qualquer decisão importante. O conselho e a diretoria farão a mesma coisa. Antes ele decidia tudo sozinho, porque quase todos acreditavam que a unção estava sobre ele. Por isso, foi fácil para ele desestimular as campanhas de oração, de jejum, diluir o estudo da Palavra de Deus, quase acabar com a ajuda aos missionários e tantas outras coisas. Mas agora vai ser diferente... e, se você está de pé, procure uma cadeira onde você estiver e sente-se!

—Por quê? O senhor está me assustando!

—Não se preocupe. Ontem, depois que o pastor Kevin acordou e passou a euforia inicial, ele quis saber o que havia acontecido com ele e saber desde quando ele estava em coma.

—Nossa, que disposição a dele!

—É maior do que você pensa, Roger. E sabe o que aconteceu depois? Nós contamos, de forma resumida, um pouco do que aconteceu, desde quando ele entrou em coma, até o culto de ontem de manhã! E os irmãos não pouparam nenhum detalhe. Eles demoraram dez minutos para informá-lo dos principais acontecimentos da Igreja, durante o tempo em que ele esteve em coma, e quase uma hora para contar como Deus havia se manifestado no culto e usado o pastor que estava pregando, para profetizar que ele iria acordar naquela madrugada!

—Isso não me parece muito prudente...

—É compreensível o entusiasmo deles, Roger. Há muito tempo não víamos a mão de Deus operando tão fortemente entre nós.

—E como o pastor Kevin reagiu às notícias?

—Muito bem. Ele perguntou quem era o pastor que estava pregando e que foi usado pelo Espírito Santo para pregar...

—E contaram a ele?

—Era inevitável ele não saber que era você.

—Ele não ficou surpreso em saber que o ex-pastor auxiliar dele, que foi praticamente expulso do ministério, estava sendo usado por Deus?

—Não. Ele disse mais uma coisa! Ele disse que Deus havia dito a ele que o autor do livro, o seu, que ele acha que é o genro dele, o Jackson, iria ser o novo líder de toda a Igreja, e que se o Senhor estava usando você dessa forma, você precisa estar ao lado do Jackson, para ajudá-lo na liderança! Ele quer falar com você.

—O senhor não pode estar falando sério!

—Eu sempre falo sério, Roger!

—Desculpe-me, professor. Mas como será isso? Eu sei que não tenho nenhuma capacidade ou chance para enfrentar o Jackson, nesse momento, assim tão de perto, professor...

—Deus não chama os capazes, mas capacita os chamados, Roger. Quem nos capacita é o Senhor.

—Professor, eu não vou insistir nesse assunto com o senhor. O que eu sei é que, de qualquer forma, eu estou bem encrencado! O Jackson vai pedir minha cabeça numa bacia! Vou ser o novo João Batista!

—Não tem problema, filho. Nós vamos precisar orar e jejuar ainda mais. Precisamos falar com a Dona Cecília e pedir para ela tentar conseguir mais pessoas para ajudar na Intercessão e também pedir orientação do Espírito Santo, para nos dar as estratégias corretas.

—Eu concordo, professor, e, pelo jeito, a batalha espiritual agora é que vai começar...

—Eu também acredito nisso!

—Como eu sou ingênuo! Eu achei que agora ia ser tudo tão tranquilo... eu ia ficar no meu cantinho sem incomodar ninguém, apenas fazendo a obra de Deus! Agora o Jackson vai querer me matar, e o pior... matar aos pouquinhos...

—Não apenas ele, filho, mas principalmente os principados e potestades. A nossa luta não é contra a carne e o sangue, ou seja, contra as pessoas. Lembra?

—Lembro... e me lembro também das palavras de Salomão, quanto mais a gente sabe, mais a gente sofre! O conhecimento traz uma dose de sofrimento...

— Mas a ignorância dói muito mais... Ânimo, meu rapaz! Essa luta não é nossa, é do nosso Senhor, e com Ele nós saltamos muralhas!

— Louvado seja Deus, professor. Eu dou graças a Ele pela sua vida. Eu não sei o que seria de mim sem a sua ajuda... e seus conselhos.

— Agradeça ao nosso Deus, filho...

Capítulo XLV

John finalmente descobre quem ele foi

Os dias se passaram rapidamente e, no entanto, ninguém conseguia notícias do John. As tentativas de informação através do FBI esbarraram sempre na reposta-padrão deles: que se tratava de informação confidencial e que, portanto, não podia ser fornecida. Assim continuava o mistério e a falta de informação sobre o John e o paradeiro dele. Entretanto o John estava bem, pelo menos fisicamente, pois emocionalmente ele estava abalado.

O John não estava mais em New York. Ele foi levado da casa do Erick para o escritório central do FBI e permaneceu o resto da tarde respondendo a um longo e cansativo interrogatório para os Agentes Federais. Mas, no final da noite, ele foi levado ao aeroporto e colocado em um avião, junto com outros agentes da Interpol e alguns agentes franceses, com destino à capital da França.

Eles desembarcaram no aeroporto Charles de Gaulle, a vinte e cinco quilômetros de distância de Paris. Um forte esquema de segurança havia sido montado: havia vários carros e algumas motocicletas da polícia e, evidentemente, muitos policiais esperavam por ele no aeroporto.

Todo o esquema de segurança foi montado para garantir que, mesmo depois de tanto tempo, as autoridades francesas, em colaboração com o governo americano, repatriassem um cidadão francês e o devolvessem à família em total segurança. O John não estava preso.

Ainda no aeroporto de Paris, ele foi novamente interrogado e orientado a não revelar detalhes do que tinha acontecido com ele. Foi também proibido de ter qualquer contato com seus amigos nos EUA, nos próximos noventa dias, para dar tempo para encontrarem mais alguma pista que ajudasse a esclarecer quem teria sido o autor do atentado de que ele foi vítima, e ter certeza de que ele não corria mais nenhum perigo.

O encontro com os familiares dele foi... estranho. O John tinha esperança de que, ao reencontrar a família dele, ao menos algumas

pessoas, ele iria reconhecer. Infelizmente, ele não recordava de ninguém. Ele precisou ser apresentado a cada pessoa da família e aos demais parentes, que haviam se reunido e feito um jantar em comemoração ao retorno dele.

O John se esforçava para entender o que havia acontecido com ele e, principalmente, como tudo aconteceu. Aos poucos, no decorrer dos dias e, ao se deparar com pessoas, rever fotografias e filmagens da família, sua memória começava a dar algum sinal de que talvez iria cooperar com ele. Se ele pudesse escolher, algumas coisas ele optaria por continuar sem saber, mas era necessário ter informações sobre o passado. Quando ele descobriu o tipo de pessoa que ele era, ficou frustrado e deprimido.

Ele era uma pessoa vazia, sem valores e “conteúdo”. Sua maior característica era o orgulho e a arrogância. Ele vinha de uma família tradicional: muito rica e influente na França. Ele trabalhava pouco e ganhava muito, desfrutava do melhor que o dinheiro podia oferecer. Não, ele não se conformava em saber que ele era assim. Mas as fotos, gravações e conversas com os familiares não deixavam margens para dúvidas. Descobriu que, antes, ele bebia muito, fumava muito e, entre outras coisas, não falava há muito tempo com o pai dele. A família dele estava sempre em último lugar... ele vivia de aparências e estavam à beira de um colapso.

Antes ele não se importava com nada, achava que tudo era substituível, inclusive as pessoas... Ele não queria acreditar e se envergonhava, agora, de quem ele foi. Ele procurou por alguma coisa de que ele pudesse se orgulhar, mas não encontrou nada. Ele percebeu que os empregados da casa dele tinham medo dele; descobriu que, antes, ele os tratava com desdém e sempre foi muito arrogante e mal-educado.

Nesse contexto, apesar de estar cercado de pessoas, ele se sentia sozinho e deslocado naquele mundo. Num final de tarde, sentado em um banco no centro do lindo jardim da casa dele, de frente para uma fonte que jorrava muita água, seus olhos contemplavam a fonte, depois passou a admirar a própria casa onde morava. A casa, na verdade, era uma mansão, com diversos empregados, num dos endereços mais caros de Paris.

—É por isso que ninguém acredita — pensou ele — que eu mudei, que não sou mais quem eu fui, que eu trabalhei, em New York, como ajudante de demolidor de construção, jardineiro, garçom e entregador

de pizza entre outras coisas. Todos serviços simples, trabalhos destinados informalmente aos imigrantes sem documentos. Eu morava numa casa pequeninha, tão simples e humilde! Mas... como eu era feliz na casa da dona Cecília, repartindo o minúsculo quarto com o Erick. O Erick... meu amigo e meu irmão! Que saudade de todos eles...

Ele descobriu que os amava mais agora, que estava longe, do que quando estava lá com eles. Ele começou a comparar o tamanho da sala da casa dele com a casa em que ele morava em New York e ficou inconformado. A casa inteira da dona Cecília cabia dentro da sala da casa dele. E o quarto dele era maior do que o apartamento inteiro do Roger! Ficou frustrado com quem ele era: um pobre coitado, apesar de, financeiramente, ser muito rico!

Em meio a lembranças, ressentimentos e perguntas sem respostas, sem saber explicar, o John sentiu vontade de observar a fonte que jorrava água, e de repente, notou algo diferente. Pela primeira vez, desde que retornou para sua família, o John ouviu aquela doce e suave voz falar com ele, sobre o versículo 37 e 38, do capítulo 7, do Evangelho de João. Era a voz do Espírito Santo: — Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. — O coração do John disparou, e olhos dele se encheram de lágrimas... enquanto ele continuava a ouvir.

—Eu vim lembrá-lo, filho — disse o Espírito Santo — que você não é mais a pessoa que eles disseram. Você nasceu de novo! E eu estou fazendo novas todas as coisas na sua vida...

—Obrigado Senhor... — foi tudo o que ele conseguiu dizer e desabou a chorar...

—Você não está sozinho, filho, eu estarei sempre com você.

—Obrigado, Senhor, mas eu não entendo... tudo o que aconteceu, a vida que eu tinha antes... por que tentaram e quase conseguiram me matar, por que eu sofri tanto, por que a minha verdadeira família demorou tanto para me encontrar... o meu pai eu até entendo, mas e a Amelie?

—É natural querer entender tudo o que aconteceu com você, filho. Você já sabe que precisa acertar muita coisa por aqui, inclusive com o seu pai... Quanto as suas perguntas, filho, elas serão respondidas, mas no tempo certo. Antes, você precisa aprender comigo a ter paciência. É difícil, mas eu vou te ajudar e te ensinar. É por isso que eu chamo a paciência de fruto do Espírito! Devagar, uma a uma, suas perguntas serão respondidas. A vida é complexa para vocês, mas, como em um

quebra-cabeça, as peças irão se encaixar e você vai entender. Vocês não devem acelerar determinadas coisas...

—Eu não compreendo, Senhor, mas aceito a sua direção em minha vida...

—Você ainda terá muitas surpresas, filho, e nem todas serão boas. Mas quero falar agora sobre seus desejos. Sobre as respostas as suas orações!

—Minhas orações, Senhor, quais? Foram tantas! — disse o John.

—Você não se lembra, filho, do que me pediu em oração? — respondeu o Espírito Santo. — Vou refrescar sua memória: encontrar sua família, ajudar as pessoas que ajudaram você e aquele outro assunto que ainda machuca você... A Isabelle. Mesmo que vocês se esqueçam e nem se lembrem mais... Eu, nunca esqueço. O amor que sentimos por vocês é incompreensível, não foi o que você pensou, filho?

—Foi...

—E você já se deu conta do quanto você era abençoado antes de quase morrer?

—Eu não entendia assim, Senhor. Achava que minha vida era insuportável! Nada tinha valor pra mim. Eu queria me separar, ficar longe deles. Eu também pensava que a riqueza da minha família tinha a ver somente com a capacidade da minha família de ganhar dinheiro, por isso somos ricos, e pensava que os pobres existiam porque eram pessoas acomodadas... preguiçosas.

—Mas agora você não pensa mais assim!

—Graças a Deus! Quero dizer graças ao Senhor...

Ele ficou constrangido com o que falou e comentou:

—Quero dizer... graças ao Senhor também, Espírito Santo...

—Não fique embaraçado, filho. Quando você agradece ao Pai, agradece a mim também... Mas, vamos voltar a falar sobre os seus desejos, seus pedidos feitos em oração... Já ajudamos você a encontrar sua família. Agora vamos responder as outras orações! Você nos pediu dinheiro para ajudar o Erick e a mãe dele com as despesas da casa, principalmente com as prestações do pagamento da hipoteca da casa deles. E sei que você gostaria de ajudar o Roger também...

—Você ainda quer ajudá-los?

—Santo Deus! Por isso eu voltei para essa casa e descobri que tenho tanto dinheiro, tanta fartura!

—Não. Não apenas por isso filho amado. — respondeu calmamente

o Espírito Santo. — Você precisava voltar para sua família por vários motivos. Depois falaremos sobre isso. Mas você me pediu, várias vezes em oração, que eu lhe ajudasse a ganhar dinheiro, para você poder ajudar o Erick com as despesas da casa dele... você se lembra?

—Era o que eu mais queria fazer, Senhor! Eu me lembro sim.

E se lembrava mesmo. O Espírito Santo concedeu uma rápida visão do passado ao John. De repente, ele se viu novamente no quarto do Erick, de joelhos, pedindo a Deus ajuda para ganhar mais dinheiro, afim de ajudar o Erick com as despesas da casa... Ele também se lembrou das orações e dos pedidos a favor do Roger. Ele era grato ao Roger por ter salvado a vida dele. O Espírito Santo voltou a falar com ele.

—As suas orações para ajudar o Erick e o Roger são respondidas nesse momento, filho. O que você pediu pode ser realizado e pode ser feito além do que você havia pedido, pensado ou imaginado. Você se lembra também do que eu havia dito, através da minha filha, da senhora Farrel?

—Sim, Senhor, eu me recordo.

—Eu sempre cumprio todas as minhas promessas, filho. Eu nunca falhei e jamais falharei. Eu cumprio minhas promessas. Agora, a oportunidade e a decisão estão na sua mão. Agora, a escolha é sua. Faça o que você quiser fazer — disse o Espírito Santo. As lágrimas brotaram dos olhos do John. Ele se ajoelhou, agradeceu ao Espírito Santo e chorou... chorou muito.

Após algum tempo, ele tentou se recompor. Seu coração batia apressadamente, e os olhos dele estavam inchados de tanto chorar. De longe, uma empregada da casa observou o comportamento dele diante da fonte e estranhou. Ela foi até a cozinha comentar o que tinha visto. Ele não notou. Por alguns momentos, o John se sentiu tão ansioso quanto o Erick. Olhou para o relógio, conferiu o fuso horário para ter certeza de que poderia falar em New York. Correu para dentro da casa, encontrou o computador e o ligou. Procurou o número de telefone de que ele precisava em um site de buscas. Sorriu de felicidade ao encontrar o número da agência bancária que ele queria e telefonou... — Adeus hipoteca imobiliária! Pensou ele.

Enquanto ele estava ao telefone, a Amelie se aproximou e esperou. Depois que ele desligou, começaram a conversar. Apenas à noite ele iria lembrar que ainda não podia ter feito o telefonema para os EUA... Os noventa dias ainda não tinham terminado. Contudo, depois da ligação, ele estava contente e falante.

—Você fala tanto dos seus amigos americanos, que me deixou curiosa. Eu gostaria de conhecê-los!

—Eu só falo de vez em quando Amelie, mas penso o tempo todo neles. Eles são simples, mas amáveis, generosos e muito importantes para mim. Tudo o que eu sou depois do “acidente” eu devo a eles.

—Então você não deve fazer outra coisa a não ser pensar neles! — disse achando graça da própria piada.

—Eu tenho fotografias deles. Você quer ver?

—Claro que sim! E você ainda me pergunta?

—Você é engraçada, Amelie. Eu gosto muito desse seu jeito extrovertido. E tem ainda o fato de você me fazer lembrar do Erick.

—Por quê? Ele é tão legal como eu?

—É. Ele é tão legal quanto você. Inclusive sofre do mesmo mal...

—Mesmo mal? Eu não estou doente! O que você quer dizer?

—Que vocês ainda não conhecem o significado da palavra modéstia!

Os dois riram. Enquanto conversavam, o John caminhou até um armário próximo, puxou a gaveta e procurou o envelope onde estavam as fotografias. A Amelie se aproximou dele e o abraçou por trás. Ela ficou alguns instantes abraçada a ele. Quando ele se virou, ela o soltou, ficando ao lado dele. Porém a Amelie percebeu que, discretamente, ele tirou uma fotografia e a deixou dentro da gaveta.

—Aqui estão as fotografias! Olhe. Essa é a dona Cecília. Esse cara engraçado aqui, como você pode notar, é o Erick. Nem na fotografia ele consegue ficar sem fazer alguma graça. Ficou engraçado ele fazendo pose com os óculos na ponta do nariz. E o pior é que eu fui o culpado disso.

—Por quê? — perguntou a Amelie.

—Porque eu havia dito que ele devia ser escritor. Ele adorou a ideia e, quando fomos tirar a foto, ele pegou os óculos do pai dele para fazer essa pose.

—Quer dizer que ele não usa óculos?

—Não. Olhe essa outra foto! Ele está sem óculos.

—Ele é um rapaz bonito...

—Ele faz muito sucesso com as mulheres, porque ele é muito atencioso e, às vezes, as mulheres confundem as coisas, as irmãs, nas igrejas estão sempre por perto dele...

—E a namorada dele, não sente ciúmes?

—Ele tinha namorada, mas não tem mais. Ele era apaixonado por uma moça que se dizia convertida, frequentava a igreja e tudo o mais.

Mas ela tinha um espírito estranho... quero dizer, um comportamento estranho. Depois descobrimos a verdade: era tudo mentira.

—Ele ainda gosta dela?

—Infelizmente, eu acho que ficou algum sentimento, mas penso que logo que ele se apaixonar por outra pessoa isso fica resolvido. Ela o prejudicou muito, você não imagina o quanto. Ela o desprezava! Ela provocou muito sofrimento, ela acabou emocionalmente e até espiritualmente com ele. Coitado, ficou tão abalado!

—Mas por que ela fez isso?

—Porque o Erick é pobre e filho de imigrantes mexicanos, gente humilde. Ela dizia que queria namorar um homem rico, que ele não servia para ela, que ele não tinha condições para se relacionar com ela, que ele não tinha uma profissão... Enfim, segundo ela, o Erick não serve nem para ser varredor de rua. Mas o pior é que ela dizia isso, mas depois se jogava para cima dele. Ele ficou completamente apaixonado e, quando ela percebeu, começou a tentar manipulá-lo.

—Manipular de que maneira? — perguntou Amelie.

—Ela começou a insinuar maneiras como o Erick poderia ganhar dinheiro, sem precisar trabalhar tanto... dinheiro fácil. Como ele se recusou, ela tentou fazer ele usar drogas com ela. Talvez esperasse que ele se viciasse e conseguisse manipulá-lo de verdade, possivelmente tentasse fazê-lo traficar. Aí não teve jeito, ele terminou com ela... mas ele ficou péssimo, dava dó de ver...

—Nossa, que coisa horrível. Por que ela fez isso, o que ela queria afinal? Ela não trabalha?

—Por que eu não sei. Eu desconfio que ela queria ganhar dinheiro de forma ilícita. Ela é muito ambiciosa. Ela trabalha em uma loja de roupas, é uma loja de grife, lá na quinta avenida em New York. É uma loja apenas pra gente que não tem dó de gastar dinheiro. A esperança dela é que algum cliente se encante com ela. Entendeu?

—Entendi direitinho... Ela quer subir na pirâmide social através disso...

—Você sabe o nome da loja que ela trabalha? Será que eu conheço? — perguntou Amelie.

—Conhece sim. Eu esqueci o nome agora. Deixe-me lembrar...É uma dessas lojas famosas. Daqui a pouco eu lembro e falo o nome. Eu brincava com o Erick que se um dia, eu ganhasse bastante dinheiro, eu ia comprar um terno para ele lá, apenas para ver a cara de espanto dela.

—É uma loja masculina, então?

—Não. Eles vendem roupas masculina e feminina...

—Hum... interessante...

—Nossa. Você está com um olhar de quem está longe daqui, Amelie.

—Me desculpe, mas eu estava pensando...

—Em quê?

—Você não acha que essa ex-namorada do seu amigo merece uma lição?

—Ah! A vida se encarrega disso, Amelie!

—É, talvez você tenha razão... Isso é engraçado, antes você não tinha dinheiro para comprar um terno na loja que ela trabalha. Agora pode comprar até o prédio dessa loja, se você quiser, querido.

—Posso, mas não devo. O Erick é uma pessoa simples e generosa, e nós não gostamos de atitudes de vingança. Prefiro deixar Deus agir na vida daquela moça.

—Meus Deus! Quem diria?! Parece que estou conversando com outra pessoa...

—Eu mudei, Amelie. Eu amo Deus e não sei mais viver sem Deus e sem minha família...

—Presumo que você está se referindo aos seus amigos dos EUA e não a nós. Você ainda... não sente nada por mim? Não se lembra da nossa vida, da nossa história?

—Me perdoe, Amelie, mas eu ainda não consigo... me lembrar da nossa família com o mesmo sentimento. Deve ser estranho para você me ouvir dizendo isso. Me perdoe. Aos poucos eu me lembro de alguma coisa aqui, outra ali, mas é tudo muito vago ainda. Eu preciso de mais tempo...

—Não se preocupe. Eu amo você, todos nós amamos muito você. Eu prometo que vou ter paciência e esperar você não apenas se lembrar, mas sentir o mesmo por mim e por nossa família, querido. Você é muito importante para mim... e para a nossa família. Eu senti muito a sua falta... — Ela o abraçou e eles permanecem assim por um bom tempo. Depois de se recuperarem das emoções, a Amelie disse:

—Mas me diga, e essas outras fotos? Quem são essas pessoas?

—Esse é o Roger. Ele é como um pai ou irmão mais velho para mim! Ele era um mistério no início.

—Um mistério como você?

—Pior, porque eu me esforçava para lembrar do meu passado.... e o Roger se esforçava para esquecer do passado dele... Mas agora

está tudo bem. Ele é responsável pelo nosso discipulado e também é o nosso líder espiritual. Ele nos discipulou e depois nos treinou através do grupo familiar. Agora eu sou responsável por um dos muitos grupos familiares da nossa igreja.

—E são muitos?

—No início não. Mas agora são muitos. Nós temos o compromisso de demonstrar a nossa fé em Jesus através de nossas obras, nossa prática e ações práticas. Aí as coisas acontecem: as pessoas são cuidadas de verdade, nós nos importamos com elas, não estamos lá apenas para dar ensino bíblico, nós as pastoreamos por meio desse pequeno grupo. É uma bênção! As pessoas se entregam ao Senhor, e as famílias delas são transformadas. O grupo acaba crescendo rapidamente. É um desafio, mas é maravilhoso ver o que Deus faz por meio dessas reuniões.

—Nossa, pela sua paixão, deu vontade de conhecer um. E quem está cuidando do seu agora?

—O Erick. Eu pedi isso a ele, antes de vir embora. Eu sou apaixonado mesmo pelo grupo. Aprendemos a amar as pessoas de verdade. Essa paixão pelas pessoas eu também devo ao Roger, ao exemplo dele.

—Nossa, o cara é bom, hein!

—Ele é um verdadeiro ungido de Deus. E ainda tem aquela música de que eu falei ontem pra você. Nós formamos um trio. O Erick divulgou o vídeo do nosso ensaio na internet e foi impressionante. Em pouco tempo nós ficamos conhecidos no país inteiro e não conseguíamos atender a todos os pedidos para ir cantar nas igrejas. Depois, até para grandes eventos nós éramos convidados. Ficamos conhecidos e ganhamos até um apelido: somos os Elias de Deus.

—Nossa, que legal! — foi tudo o que ela conseguiu dizer. Ela mal conseguia ouvir. Estava, na verdade, intrigada e muito mais interessada na fotografia que ele escondera na gaveta.

—Quer ver o vídeo na internet?

—Quero, mas, primeiro, quero ver as outras fotos.

—Tudo bem, vou te mostrar. Essas aqui são do nosso grupo familiar...

Ela o interrompeu e, escolhendo a maneira e as palavras certas, com cuidado disse:

—Você me contou sobre o romance do Erick, mas não contou nada sobre você. Conhecendo-o como eu o conheço, espontaneamente, você jamais me contaria o que eu quero saber. Então acho que eu vou facilitar as coisas para você, perguntando: Você se relacionou com alguém?

—Quem? Eu? Não, imagine! — Ele ficou visivelmente assustado, não esperava uma pergunta tão direta e delicada como aquela.

—Não? Então, por que você guardou uma foto na gaveta? Eu notei, enquanto nós conversávamos. Será que você está me escondendo algo?

—Por favor, não imagine besteiras, Amelie!

—Eu posso jurar que tem alguma mulher naquela foto e que ela não está nessas que você me mostrou! Você está me escondendo alguma coisa, tenho certeza! — Ela falava com convicção.

—Eu não estou escondendo nada...

—Sendo assim, você vai me mostrar a foto da gaveta?

—Claro, sem problemas — concordou visivelmente contrariado. Abriu a gaveta e entregou a foto guardada.

—Ah, eu disse que tinha alguma mulher nessa história.— Ela fez uma análise minuciosa de todos os detalhes daquela fotografia. — Tem uma pessoa aqui, que não está nas outras fotografias. Quem é a moça sorridente que aparece abraçada com você na fotografia? Você pode me dizer?

—Ela não estava abraçada apenas comigo. Todos na foto estão de braços dados.

—Eu notei, querido. Mas apenas ela olha admirada para você. As demais pessoas olham para frente, para o fotógrafo. Você não percebeu, não é? Vamos, me diga. Quem é ela?

—Era uma amiga.

—Era? Não é mais?

—Não... não somos mais amigos...

—E ela é da família do Erick também?

—Não, ela não é.

—Como ela se chama?

—Isso não é importante, Amelie.

—Talvez não seja importante para você, mas para mim é! Qual é o nome dela?

—Isabelle.

—Você acha ela bonita?

—Um pouco...

—Um pouco? Eu sei quando uma mulher é bonita ou apenas “bem produzida,” e ela é realmente muito bonita.

—Então, por que você perguntou?

—Quería saber a sua opinião. Onde vocês se conheceram?

—Eu... prefiro não falar dela. Nós não somos mais amigos...

—Não são mais “amigos”? Mas a sua voz denuncia alguma coisa a mais... Parece que ela era mais do que amiga...

—Por favor, Amelie! Vamos mudar de assunto.

—Você teve alguma coisa com ela? Ela foi sua namorada? Não me esconda nada, por pior que seja.

—Não, ela não era minha namorada! — disse um tanto irritado. — Se eu tivesse tido um relacionamento com ela, ou com qualquer outra pessoa, eu teria contado. Agora, por favor, vamos mudar de assunto...

—Claro... Podemos falar do Erick?

—Podemos... O que você quer saber? — ele estava irritado.

—Ainda não sei... e do Roger? Podemos falar dele?

—Podemos sim... Por quê? — perguntou constrangido.

—Hum... e da dona Cecília, podemos falar também?

—Podemos, Amelie, e você pode me falar, por que todo esse rodeio? Aonde você quer chegar?

—Eu acho que você está com saudade deles de verdade, não está? Você anda tão triste. Eu tenho notado você calado, mal conversa, não come direito, está sempre longe das pessoas, até de mim. Os seus pensamentos estão sempre distantes, e você não sai mais de frente da fonte do jardim, parece até que está pensando em alguém... alguma mulher eu diria. Não será nessa tal Isabelle?

Ele sentia o rosto queimar. — Devo estar com o rosto vermelho — pensou.

—Por favor, Amelie! Pare com isso! Você é realmente muito parecida com o Erick. Talvez seja irmã gêmea dele! Meus Deus, que imaginação fértil vocês têm!

—O que eu posso fazer se tudo parece tão óbvio?

—Nada é óbvio, a não ser a sua imaginação!

—Quando você pretende visitá-los?

—Vai demorar um pouco. Somente depois que os documentos ficarem prontos. Os meus e os da dona Cecília. Mas, pelo menos, logo poderei ter contato com eles, pois está acabando o prazo de noventa dias sem contato com ninguém nos EUA.

—O embaixador vai conseguir regularizar os documentos dela?

—Ele não, mas alguém do Departamento. Ele disse que deve ter acontecido algum problema, mas que ele já falou com o responsável pelo departamento, e eles estão checando, para saber o que de fato aconteceu.

—Quando você for visitá-los, eu gostaria de ir junto. Posso ir junto com você, ou vai inventar alguma desculpa para eu não ir?

—Eu não sei... Talvez seja melhor você ficar... Eles são pessoas simples, talvez você os deixe acanhados.

—Mas eu faço questão! Eu quero ir junto com você!

—Então você não está pedindo, está se convidando...

—Eu quero conhecer seus amigos... Você não acha que eles vão gostar de mim?

—Claro que sim. Todos vão gostar de você!

—Inclusive a Isabelle?

—Prefiro não responder. E, de qualquer forma, você não vai conhecê-la. Ela é noiva, você não precisa ir até os EUA para procurar o que não vai achar — respondeu contrariado novamente.

—O quê? Ela é noiva?! Então, eu já sei o que aconteceu...

—Por favor, Amelie! Pare com isso.

—Eu quero conhecer essa Isabelle — ela estava decidida.

—Faça como quiser, Amelie. Eu não me importo. — Ele estava impaciente.

—Estranho... Porque parece que você se importa bastante. Você... sente saudade dela?

—Me recuso a responder. Que coisa doentia, Amelie!

—Sei... Você acha que eu não conheço você?

—Conhece, mas nem sempre! Você também se engana... Todo mundo se engana!

—É, eu me engano... em algumas raras exceções. Você não conhece o universo feminino... Nós temos percepção querido... E eu tenho certeza de que há alguma coisa a mais entre você e essa moça, e você está me escondendo!

“Senhor, aquela paciência que o Senhor falou que ia me ensinar... — orou ele, após a resposta da Amelie... — eu estou precisando urgentemente dela, agora! Por favor, me ajude.”

Capítulo XLVI

A estratégia dos demônios contra os servos de Deus

Nas profundezas da Terra, onde a temperatura é insuportável aos seres humanos, devido ao calor infernal, a potestade chamou um demônio e iniciou as instruções.

—Precisamos alinhar nossas estratégias de acordo com os últimos acontecimentos e interferências que sofremos, provocadas pelos nossos inimigos — disse a potestade.

—O que devemos fazer? Vamos atacar as pessoas, o Roger e o Geoval ou aqueles anjos guerreiros? — perguntou o demônio.

—Não. Nem uma coisa nem outra. Precisamos mudar as estratégias. Quero montar astutas ciladas para pessoas que serão alvos mais fáceis, as esposas deles. Para isso, primeiro precisamos de informações para investir nossos ataques nas esposas deles. Vamos atacá-las com fúria e de todas as formas possíveis e imagináveis. De maneira sutil e não sutil.

—As esposas deles? Elas são tão inofensivas! Não seria mais estratégico buscar reforços?

—Não. Isso seria admitir a derrota. Eu preciso de um plano muito bem elaborado para convencer o nosso Principado de que o que está acontecendo aqui foi uma interferência nível sete dos inimigos, mas que, com o meu plano, temos condições para reagir e garantir que nada sairá do nosso controle. Por isso, quero que você convoque todos os dominadores, as forças espirituais e os nossos demais líderes dos lugares por onde aqueles intrometidos passaram e causaram problemas.

—Devo chamar todos os chefes responsáveis por cada bairro atingido pelo ministério daqueles três, ou somente o responsável pela cidade?

—Chame todos. Precisamos reunir todo o nosso pessoal da liderança, para conseguir o máximo de informações sobre cada um daqueles três. Convoquem os demônios do círculo também. Quero saber qual é o ponto fraco de cada um daqueles três, onde podemos

atacá-los e fazê-los cair. Mas quero, principalmente, informações sobre os familiares delas, quero relatório completo sobre a esposa do pastor Roger e a do Geoval. Quero saber todas possibilidades de atacá-las! Quero informações sobre complexos, traumas, sonhos não realizados, frustrações, ex-namorados, pecados cometidos, qualquer pequeno detalhe ou falhas, desajuste em qualquer área no relacionamento conjugal. Quero saber tudo sobre elas. Se conseguirmos enlouquecê-las, elas estarão em nossas mãos. Eles dizem que a mulher sábia edifica a casa e a tola a destrói com as próprias mãos. Então, vamos incentivar e trabalhar para que elas, sem perceberem, desestremem as próprias famílias.

—E como vamos fazer isso?

—A denominação deles não valoriza e não se preocupa com a esposa do pastor. Nenhuma delas foi orientada ou treinada pela Igreja, antes ou depois de se casar, sobre as lutas e ataques que sofreriam da nossa parte, por se unir a um pastor. E, para facilitar ainda mais a nossa vantagem, a igreja “cobra” ou espera que a esposa de pastor e os filhos deles sejam sempre perfeitos... eles não podem errar nunca!

Na maioria das vezes, elas ficam esquecidas, lutando sozinhas. Então, vamos fazer disso um trunfo para nós. Vamos intensificar nossos ataques nessas coitadas. Quero saber tudo sobre elas, não se esqueça de nada! Do que elas gostam, do que não gostam, se trabalham fora, a possibilidade de atormentar a vida profissional delas e até provocar a demissão delas. Talvez possamos plantar doenças, perturbações, confusões.

Vai depender do tipo de autorização que vamos receber para tocar na vida delas, nessas áreas. E, por falar nisso, peça para já pedirem as malditas autorizações. Eu acho um absurdo ter que pedir autorização deles para poder fazer isso... — reclamou o demônio, referindo-se à mesma autorização solicitada por eles para afligir a vida de Jó, conforme descrito na Bíblia, no livro de Jó, no capítulo primeiro.

—Mas se as esposas não atuam diretamente em nenhum ministério da Igreja, elas não representam nenhum perigo, por isso, não são importantes — afirmou o demônio.

—Só um burro, diria isso. Não é à toa que você não é o chefe. Aprenda uma coisa: guerra é guerra! Elas estão no centro do nosso alvo e serão atacadas! — o outro demônio se encolheu, com medo da potestade, que, sem se importar, começou a esfregar uma mão na outra, como se estivesse se deliciando com toda a maldade que iria

provocar. — Elas serão atacadas sem piedade, seremos agressivos e agiremos de forma progressiva. Elas podem parecer inofensivas, ou sem importância, podem não receber honra pelo que fazem, mas depois da oração e do pastor, são elas que devem ser atacadas...

—Por quê?

—Porque quando elas cumprem a tarefa delas, o pastor pastoreia... ou seja, ele vai cuidar bem da Igreja e vai ter muita oração, intercessão, jejum, etc... Enfim, ainda que elas não atuem em nenhum ministério da Igreja, se elas não estão desajustando a famílias delas, elas já estão atrapalhando. Precisamos provocar morte nas famílias. Morte física, espiritual e emocional.

—Mas, então, não é mais fácil e rápido usar a armadilha padrão, para desestruturar a família, oferecendo a cada um deles sexo, dinheiro, poder ou fama?

—Vamos usar essas armadilhas, mas, no momento certo, não agora. Como você mesmo disse, se estivéssemos diante de uma situação padrão, isso seria mais do que suficiente. Mas o que está em jogo é algo muito maior e nossos inimigos têm estratégias. E com eles, nós já fizemos isso e não deu certo. Lembra?

—Lembro. Nós já tentamos com o Geoval e com o Roger e não deu certo. O último que tentamos foi com o tal do Erick. Nós tentamos com uma das moças que estão a nosso serviço. Quase conseguimos apanhá-lo, mas a mãe dele tem o péssimo hábito de orar por ele todos os dias e...

—Eu sei o final da história. E, por isso, quero focar nossos esforços iniciais em destruir a esposa do pastor. Atingindo ela com nossos ataques, atingiremos o marido dela e os filhos. Os membros da igreja virão no pacote de graça, como consequência. Se os nossos ataques nas emoções dela funcionarem, poderá afetar a harmonia do casal e se os desentendimentos aumentarem e não forem resolvidos, vão acumular até afetar e talvez minguar, a vida sexual deles e depois disso, ai sim — a potestade deu um sorriso maligno — o pastor será um alvo fácil para uma boa armadilha envolvendo sexo.

De tempo em tempo, enviaremos mulheres para tentá-lo e se elas conseguirem... provocará uma impiedosa queda da autoridade espiritual dele, e depois ele será descoberto, envergonhado e expulso da Igreja e do nosso caminho. Hum... talvez eu deva considerar a hipótese de não deixar a notícia espalhar, porque poderíamos chantageá-lo... Vou decidir isso depois que convencer o nosso principado. De qualquer

forma, quero atacar os filhos deles também. Para eles, penso em usar primeiro lugar a desobediência, uma rebeliãozinha maligna, suficiente para abrir brechas para as más companhias, depois as bebidas, a drogas, o sexo e a morte, muita morte... Vamos roubar, matar e destruir.

—Então... como devemos agir?

—Precisamos ser astutos como a serpente... a ideia é ser sutil e, de posse das informações, apenas esperar o melhor momento para atacá-los.

—E as alianças políticas com nossos aliados e a lavagem de dinheiro obtido pelo tráfico? O senhor vai continuar a usar o Jackson para “regularizar” o dinheiro?

—Por enquanto, vamos deixar como está. Ainda temos tempo, e eu preciso me concentrar para a conversa que vou ter com o nosso principado. Ele está furioso com o que aconteceu aqui. Enquanto isso, vamos esperar e descobrir o que o pastor Kevin pretende fazer.

—Ele pediu para chamar o Roger para conversar. Certamente vai levá-lo para a liderança.

—Isso é mais do que evidente! Por isso, quero todos reunidos aqui amanhã à noite!

—Pode deixar, senhor, estarão todos aqui.

Capítulo XLVII

Erick recebe notícias sobre o John

Com exceção do telefonema para a agência bancária que o John fez, de Paris, para New York, ele obedeceu às ordens recebidas e não entrou em contato com ninguém, apesar da vontade que tinha. Contudo o prazo terminou e ele pode finalmente ligar para falar com o Erick. A dona Cecília estava saindo da casa dela, quando ouviu o telefone tocando.

—Erick, o telefone está tocando! Atenda por favor. Eu estou atrasada. Assim que terminar a reunião de oração eu volto pra casa, tchau.

—Pode deixar, mãe! Tchau. Eu tenho certeza que deve ser a Isabelle, ligando pela décima vez, hoje, para perguntar sobre alguma notícia do John — pensou o Erick.

—Alô!

—Erick? Que legal ouvir sua voz!

—John?! Como é bom falar com você, John!!! John, me conte logo, onde você está? Você está bem? Você está preso? Você era bandido? Você já sabe qual vai ser sua condenação? Você está precisando de dinheiro, de advogado, de roupa, de comida de alguma coisa? Olha, eu já guardei mais um dinheirinho na poupança, porque achei que você fosse precisar. Como eu faço para mandar pra você?

—Calma, Erick, eu não estou preso, mas não posso responder muita coisa por enquanto. Como você está? E a sua mãe? Eu estou com muita saudade de todos vocês...

—Estamos todos bem. Ela acabou de sair, foi à reunião de oração. Se ela estivesse aqui, já teria arrancado o telefone da minha mão. John nós estamos orando todos os dias por você. Você está bem? Me conte tudo o que aconteceu com você, depois que os agentes do FBI o levaram daqui de casa. Eles te torturavam? Fizeram alguma maldade com você?

—Não, Erick. Eu fui muito bem tratado por eles!

—Ah, já sei, então! Você é órfão! Coitadinho... É por isso que a sua família nunca veio buscar você! Me diga, quando eles te contaram

que você é órfão, que nunca teve família, o que você sentiu? Você foi criado num orfanato? É tão triste né! Eu mesmo conheço uma pessoa que descobriu, depois de adulto, que era órfão. Tadinho ele ficou tão chateado e...

—Erick, eu lamento interromper você. Por incrível que pareça, eu estava sentindo falta dessas suas conversas intermináveis, mas eu ainda não quero falar muita coisa. Mas posso afirmar que não sou criminoso e não fui criado num orfanato. Liguei para avisar que estou bem e pedir para você me fazer um favor.

—Pode falar, John, qualquer coisa que você precisar, é só pedir! E o dinheiro, como te falei já está reservado para te mandar. Como é que eu faço pra enviar?

—Eu agradeço, meu amigo, e agradeço muito. — O John achou nobre a atitude do Erick. Extremamente nobre para uma pessoa pobre como o Erick, além de ser engraçado, pelo fato de o John ser rico, muito rico. — Ele continuou: — Graças a Deus, Erick, não estou precisando de dinheiro. Mas como disse, preciso de um favor.

—Qualquer coisa, John. O que você precisar eu faço. Qual é o favor que você precisa?

—Daqui a dois dias, Erick, no sábado, eu poderei ir visitar vocês...

—Nossa, John, que legal! Estou tão feliz, não vejo a hora de contar isso pra todo mundo!

—Eu também! Eu já marquei as passagens e queria que você reunisse a “nossa família”. E não se esqueça de chamar o Roger! Aí em casa, quero dizer, na sua casa... Que tal marcarmos para todos estarem aí no dia sete, às 19 horas? O que você acha?

—Acho ótimo, cara! Eu mal posso esperar. Tenho tanto coisa pra te contar... Tem muita coisa acontecendo por aqui. Como é que eu vou fazer para esperar até sábado? Meu Deus, ainda faltam dois dias, eu já estou ansioso! Olha, você lembra do último dia que nós cantamos lá na igreja sede?

—Sim, não vou esquecer nunca. O Roger profetizou que, naquela noite, o pastor presidente ia acordar do coma!

—É isso mesmo... E você soube o que aconteceu no outro dia?

—Não, não fiquei sabendo, não...

—Nossa, você precisa saber! Foi fantástico! Não, não, fantástico é pouco. Foi maravilhoso! Não, maravilhoso também é pouco para o que aconteceu. Foi... foi divino! Isso mesmo, John, foi divino...

—Então me conte o que aconteceu?

—O pastor presidente acordou, exatamente do jeito que o Roger profetizou!

—E a sopa, teve também o lance da sopa?

—Se teve, meu irmão! A obra foi completa. Do jeito que Deus falou, aconteceu.

—Que bênção! Deus é maravilhoso mesmo. E o Roger, como ele está?

—Ihhh, tá numa luta, John! O que eu vou falar é altamente confidencial... Alguém pode estar nos ouvindo, então eu vou falar baixo e em código... O coisa ruim... pegar no pé de Roger...

—Erick... você está assistindo filmes demais! Você está cuidando bem do meu grupo familiar?

—Claro que sim, meu irmão, estão todos na bênção de Deus, e o grupo tá crescendo. Eles pediram para, se caso você ligasse algum dia, avisar que eles também estão orando por você e que eles te amam... Alô? John? Você está ouvindo?

—Estou, Erick. Eu fiquei um pouco emocionado, mas estou bem... Agradeça a todos por mim. Mudando de assunto, para eu parar de chorar, você está administrando direito as datas e os horários dos convites dos Elias de Deus?

—Não tão bem como você! Mas estou me esforçando. É muito legal aquela planilha que você usa para controlar as coisas. Eu estou me sentindo o rei das planilhas. Agora, tudo eu quero colocar em planilha. Estou controlando tudo. É muito legal!

—E o Roger? Como ele está diante das lutas que você mencionou?

—Na base da oração. Ele está bem. O Roger é muito ponderado. Tanto ele como eu continuamos vivendo apenas das ofertas que estamos recebendo.

—Eu sei. Eu mesmo já fui muito abençoado por essas ofertas... E quem vocês colocaram no meu lugar para tocar e cantar?

—No seu lugar? Você está brincando né, John? Você é mesmo engraçado, cara! Não tem ninguém no seu lugar, não, meu irmão! Porque, como você mesmo falou, o lugar é seu, né... E o Roger me disse que Deus falou com ele, em oração, assim que eles te levaram embora, que aquele lugar é seu... que você iria voltar. Cara! Olha aí outra profecia se cumprindo, você me ligando para avisar! E falando nisso, você vai voltar pra ficar?

—John! John! Você está me ouvindo? Será que a ligação caiu? Alô!
O Erick percebeu que a ligação não havia caído, quando ouviu o amigo chorando do outro lado...

—Oh, John! Não chora não, meu irmão! Você pensou que a gente tinha esquecido de você, é? O Roger disse, inclusive, que vamos ter que priorizar o ministério e vamos trabalhar em tempo integral para Deus. Eu estou tão animado com isso! Ele está esperando você voltar para colocar tudo em ordem. Os grupos familiares não param de crescer, e a igreja, que já era pequena, parece ainda menor com tantas pessoas participando dos cultos.

—Eu estou muito emocionado, Erick. Acho melhor nós desligarmos. Manda um beijo para todo mundo, viu, e um grande abraço... Não se esqueça do horário...

—Ei, John, não desliga não... Eu preciso te falar da Isabelle...

—Desculpe-me, Erick, mas eu não quero falar sobre isso.

—Mas é que...

—Não quero falar, Erick. Por favor, não insista... Eu vou desligar. Mande um beijo para todos aí, principalmente para a dona Cecília! Tchau.

—OK... tchau...

“A Isabelle vai me matar quando eu contar pra ela que falei com o John e não consegui contar pra ele que ela rompeu o noivado... Hum... Eu posso compensar isso convidando ela para vir aqui no sábado. Quando ele chegar, aí ela mesma conta pra ele. Eu sou muito inteligente.” — Pensou o Erick.

Capítulo XLVIII

O retorno do John e o reencontro com Isabelle

Apesar do John ter ficado um pouco contrariado por causa da ida da Amelie para os EUA, eles deixaram Paris na noite anterior ao sábado. Chegaram no início da manhã e, por exigência da Amelie, hospedaram-se em New York, em um luxuoso hotel, perto do Central Park. Depois de descansar um pouco, ela disse ao John:

—Eu vou fazer algumas compras. Você quer ir comigo, querido?

—Não. Estou exausto! Se você não se importar, Amelie, eu prefiro dormir um pouco. Na noite anterior, eu estava ansioso e não consegui dormir e não consegui dormir no avião também.

—OK, sem problemas. Eu vou fazer algumas compras e algumas coisas estratégicas também. Então, acho que vou demorar...

—Coisas estratégicas?

—É, vou comprar presentes para o Erick... o terno, naquela loja onde trabalha a tal da Angelina.

—Amelie... Você não vai aprontar nada, vai?

—Claro que não, querido... quero dizer, acho que não... Pode ficar tranquilo, vou apenas comprar o terno para o Erick. Eu jamais iria fazer qualquer coisa errada, eu nem conheço essa moça... apesar de não gostar dela — pensou calada.

—Eu não estou muito convicto disso. Você não precisa saber a numeração de roupa que ele usa, para comprar o terno?

—Não precisa, eu quero voltar na loja com seu amigo, para trocar o terno — disse rindo.

—Eu desconfiava que você estava mal-intencionada. Você quer alfinetar a Angelina, não é?

—Eu? De jeito nenhum, só quero ver a cara dela quando vir o ex-namorado dela, trocando os presentes que vão custar o que ela ganha em seis meses de trabalho.

—Eu não concordo com isso, Amelie. Acho isso errado.

—Eu não penso como você, querido!

—Você já sabe onde ir?

—Sim. Vou passear e fazer compras na quinta Avenida. Eu já sei exatamente o que eu quero lá. Bem, eu já vou. Beijos querido!

—Beijos.

O John finalmente conseguiu dormir. Era contraditório, mas, apesar de todo o barulho na cidade de New York, ele conseguiu dormir e bem, parecia estar de fato em casa. Depois de horas de sono, acordou renovado.

A Amelie demorou. Passeou e fez as compras do jeito que ela queria. Voltou para o hotel com um certo ar... diferente. Como o John suspeitava, ela tinha aprontado algumas coisas. Ela tinha comprado presentes para todos: para a dona Cecília, para o Erick, para o Roger e a esposa dele, conforme o John havia pedido a ela.

Ainda faltava algum tempo antes das sete horas da noite, horário combinado entre o Erick e o John. A ansiedade para o reencontro era grande de ambos os lados.

Para o John, a alegria do seu retorno só não era completa e perfeita por causa da Isabelle. Isso lhe trazia tristeza, saber que a Isabelle não estaria lá e, mesmo que estivesse, ele não saberia como encará-la. Confessar seu amor por ela já havia sido difícil, mas ainda mais difícil seria olhar para ela e saber que eles nunca poderiam ficar juntos! — O que mais me tortura é saber que ela é apaixonada por um canalha... — pensou ele. Depois tentou pensar em outra coisa: — Espero que todos gostem da Amelie e que ela não apronte nenhuma situação constrangedora. — Ele estava preocupado porque a Amelie se encaixava muito bem no perfil de mulher rica... era uma perfeita madame! O que não combinava com a simplicidade da família do Erick.

Na casa da dona Cecília, não havia ninguém atrasado. Todos chegaram antes do horário, para esperar a volta de uma pessoa tão querida e amável como o John. Certamente, pensavam todos, ele vai dizer tudo sobre quem ele é, inclusive qual é o verdadeiro nome dele. Seria difícil chamá-lo por outro nome.

A expectativa era grande, o John tinha comprado presentes e preparado algumas surpresas para eles, mas o Erick e sua mãe, também haviam preparado uma infinidade de comidas que ela sabia que o John gostava, inclusive o famoso bolo de milho. Apenas um pequeno detalhe estava tirando a paz do Erick. Ele convidou a Isabelle para ir até a casa dele no sábado, depois de contar a ela que o John iria chegar no sábado, e agora estava apreensivo. Assim que a Isabelle chegou, em sua crise de ansiedade, o Erick começou a roer as unhas. Aproveitando

que a dona Cecília e a Kendra, a esposa do Roger, estavam na cozinha, arrumando os últimos detalhes da comida, a Isabelle se prontificou a ajudar e foi para a cozinha também.

Percebendo o nervosismo do Erick, o Roger perguntou:

—O que está acontecendo, Erick?

—Nada! Nadinha. Eu estou muito bem Roger. Não é nada de mais...

—Erick, eu conheço você. Assim que eu entrei aqui, eu notei que você estava nervoso. Pode falar.

—Sabe o que é, Roger, eu estou mesmo muito nervoso. Eu tentei falar sobre a Isabelle para o John, quando ele me ligou, mas ele não quis ouvir. Você sabe como ele é teimoso, né. Mas depois eu pensei melhor e achei que ele ia gostar de vê-la aqui e a convidei. Mas depois eu pensei melhor e... duas coisas podem acontecer...

—Duas coisas? Que coisas são essas, Erick?

—A primeira é que eu esqueci que o John pode ser casado ou comprometido, sei lá né. E a segunda coisa é que ele pode ficar bravo comigo...

—Se ele for casado, eu acho que ele vai ficar muito bravo com você!

—E agora, Roger? O que é que eu faço? Eu não posso pedir para a Isabelle ir embora...

—Você devia ter pensado nisso antes de convidar a moça, Erick.

—Você está certo, Roger. Que tal eu pegar o violão pra nós cantarmos? Assim eu me acalmo, pelo menos um pouco. O que você acha?

—Eu tenho uma ideia melhor.

—Você tem uma ideia, Roger? Graças a Deus! E qual é, hein?

—Que tal você orar?

Meio desanimado com a resposta, o Erick, disse:

—Acho que talvez seja a única coisa a fazer...

—Eu também acho.

O Erick mal terminou a frase e eles ouviram a campainha tocar: Trim, trim...

Com o ímpeto de sempre, o Erick esqueceu suas preocupações e saiu correndo em direção à porta gritando:

—É o John! Ele chegou, ele chegou! — o Erick abriu a porta sorridente, abriu os braços para abraçá-lo, mas não fez nada. De repente, sentiu suas pernas congelarem e ele ficou parado parecendo uma estátua, sem conseguir falar. Achou que iria morrer. O que ele temia aconteceu. O John não veio sozinho, ele estava acompanhado. Era uma mulher

muito bonita e muito bem vestida.

—Meu Deus, me ajuda! Eu sou um idiota! — pensou Erick — eu estou bem encrencado! Eu não devia ter convidado a Isabelle. Essa mulher deve ser esposa do John, ou algo parecido... Aí meu Deus! Me ajuda... — O John estranhou a reação do Erick, que ficou paralisado após abrir a porta, mas a saudade era tanta que não ligou. Aproximou-se dele, abraçou-o e disse:

—O que aconteceu com você? Ficou tão emocionado em me ver que perdeu a voz? Eu disse que você fala sem parar, assim vou passar por mentiroso!

Ainda abraçado ao Erick, o John primeiro ouviu a dona Cecília gritando o nome dele e depois a viu. Ela vinha da cozinha. O John deixou o Erick e abraçou fortemente a dona Cecília. Ela e o John ficaram abraçados por um bom tempo. Ela o beijou várias vezes e, juntos, choraram...

O Erick, completamente desconcertado e achando que tinha feito a pior besteira da vida dele, pediu para a acompanhante do John entrar... Ela ainda estava parada ao lado da porta, até o Erick convidá-la para entrar. Era uma mulher jovem, alta, ligeiramente magra, com cabelos castanhos claros e compridos. As roupas dela denunciavam bom gosto e alto preço pago pelas roupas com corte perfeito. Mas, sem nenhuma dúvida, o que mais chamava a atenção, ao olhar para ela, era sua beleza. Ela era linda. Uma beleza privilegiada. Depois de olhar para ela, o Erick, pensou:

—Acho que preciso orar mais. Acho que o John ora mais do que eu... A Isabelle é linda, e essa é tão linda quanto ela ou mais... e eu aqui jogado para as traças... Pelo menos meu amigo John não tem do que reclamar. Deus tem sido bom com ele. Mas... e agora? O que vai acontecer com a coitada da Isabelle? Ai, Senhor... tem misericórdia...

A Kendra também veio da cozinha em direção à sala para cumprimentar o John. Porém a Isabelle achou melhor permanecer na cozinha um pouco mais e respirou fundo. Ela repassou mentalmente as palavras iniciais de tudo o que queria falar ao John, antes de ir para a sala. Foi o tempo necessário para o John cumprimentar o Erick e a dona Cecília. Quando a Isabelle saiu da cozinha e entrou na sala, o sorriso dela se apagou imediatamente, porque, ao entrar na sala, Isabelle, além de ver o John, também viu a mulher que o acompanhava... Foi o suficiente para ligar os fatos: o John era comprometido! — Meu Deus pensou ela — será esposa ou namorada dele? Não importa... eu não

devia estar aqui!

O Roger se aproximou do John e o abraçou. Foi nesse momento que o John viu a Isabelle, enquanto abraçava o Roger. A dona Cecília se aproximou da moça que estava com o John e a cumprimentou. A Kendra fez a mesma coisa. Timidamente, sem saber se esperava para cumprimentar o John ou se saía correndo e se jogava da ponte mais próxima, a Isabelle decidiu não fazer nada. O John, em pensamentos, desabafou: — Ah Isabelle! Como você é linda!

O coração dele parecia ter recebido uma descarga elétrica. Sentia o coração bater forte e já não ouvia o que o Roger lhe falava enquanto o abraçava. Cumprimentou a Kendra, com os pensamentos na Isabelle. Ele sentia o próprio rosto queimando. Em instantes, as lembranças do tempo em que ele e a Isabelle eram amigos repassaram em sua memória, como se fosse um filme. Momentos maravilhosos, tão intensos e felizes. Ele não percebia, mas os olhos dele não conseguiam se desviar dos olhos da Isabelle, que demonstrava a mesma coisa. De onde estava, a Amelie também acompanhava tudo com olhos atentos e não teve dúvidas. Estava certa. O John teve alguma coisa com essa Isabelle e, com certeza, ele sentia algo por ela. Para ela, era perceptível a sintonia e o sentimento que ambos tinham um pelo outro. Ou estaria enganada? Refletiu ela, procurando ter cautela.

Ele parece apaixonado por ela! E ela? Também parece estar apaixonada por ele! — analisava Amelie. — Meu Deus, como eles se olham! Deve ser isso! Mas ele nunca confirmou, sempre mudava de assunto e dizia que isso era um assunto encerrado. Mas encerrado por quem? Por ele? Provavelmente não, e ela demonstra claramente que está interessada nele. Ele me contou que “eles não são mais amigos”, mas eu não me convenci de que era apenas isso. E se ela não quisesse nada com ele, certamente não estaria aqui. Ou estaria? Só há uma maneira de descobrir a verdade, e vou resolver isso logo! — Decidiu a Amelie.

Como é bom ver você novamente, Isabelle — pensou o John. — Ver seus olhos brilhantes e cheios de vida, seu sorriso lindo, e ouvir novamente o som da sua voz... que sempre serão como a mais linda melodia pra mim... Pena que apenas carinho não basta para quem está apaixonado. Uma frustração lhe amargou o estômago, quando se lembrou da última vez em que ele falou com ela, na noite em que ele se declarou para ela... e ela foi comemorar o noivado com... é melhor esquecer isso, deixar pra lá — pensou ele com um olhar carregado de

tristeza.

De repente, todos na sala pararam de conversar e se concentraram para saber como seria a reação do John diante da Isabelle. A expectativa era grande. Sem se aproximar, sem estender a mão ou fazer qualquer gesto, ele disse a ela a certa distância:

—Oi, Isabelle. Controlando o tom de voz, para não demonstrar o quanto estava emocionado.

Se não fosse a presença daquela mulher desconhecida na sala — pensou a Isabelle — eu correria até ele, e o abraçaria, e diria tudo o que eu venho ensaiando... mas e agora? O que fazer? Como devo me portar? Devo cumprimentá-lo e ir embora?

—Oi, John! Estou feliz em vê-lo! — disse ela, de forma tímida, de longe, e também tentando disfarçar suas emoções.

—Eu... eu não sabia que você viria... Isabelle — disse o John.

—Você não parece muito feliz em me ver, John... então, por favor, não fique aborrecido, eu já vou embora. Eu praticamente me convidei para vir aqui, quando o Erick me contou que você viria...

—Ah! Eu sabia que o Erick estava metido nisso! — O John falou olhando feio para o Erick que se encolheu e pensou:

“Ferrou, estou em apuros!”

—Não fique bravo com o Erick, John, a culpa é minha, eu me convidei para vir! Eu não quero estragar a sua volta. Queria apenas saber como você está. Agora já sei... eu já vou embora.

—Não, não precisa ir embora. Eu não estou bravo, apenas surpreso.

—Acho que devo ir sim, John. Eu não quero atrapalhar nada... mas, se for possível — sem perceber, ela olhou para a Amelie — eu preciso muito falar com você... é muito importante. Eu preciso esclarecer algumas coisas que aconteceram e, depois disso, prometo que nunca mais vou te procurar, nunca mais... eu prometo.

Depois que ela disse isso, a Amelie pensou: “Ah! Agora, não resta nenhuma dúvida. Tenho certeza. Ela é apaixonada por ele! Ela veio até aqui com um objetivo! Eu não vou deixar ela ir embora, de jeito nenhum! Vou descobrir agora o que aconteceu entre eles, ou não me chamo mais Amelie...”

O John ouviu o que a Isabelle disse e não respondeu nada. Na verdade, não sabia o que responder. Sua vontade era correr até ela, abraçá-la e dizer o quanto a amava. Mas não podia fazer isso, não seria correto, ela é noiva e eu... Enquanto ele pensava, a Isabelle caminhou apressadamente e pegou a bolsa dela, que estava em um

móvel próximo de onde ele estava. E, por segundos, ela passou perto do John, que pode sentir aquele perfume maravilhoso... o perfume de Isabelle. Ela parou longe dele e disse adeus a todos, de onde estava. Depois disso, ela caminhou decidida em direção à porta de saída.

Ao se despedir das pessoas, todos perceberam, pela voz dela, que ela estava quase chorando... o que provocou em todos a vontade de ajudar, de fazer alguma coisa, mas ninguém se atrevia a nada. Estavam todos paralisados diante da situação e não sabiam o que fazer...

Havia uma pequena distância entre a Isabelle e a porta de saída... Já era possível ver algumas lágrimas nos olhos dela que, numa tarefa inútil, tentava disfarçar. — O que eu vim fazer aqui? — pensava. O que ela mais desejava, agora, era sair correndo dali.

A alegria pelo retorno do John cedeu lugar a uma tensão desconcertante. Mas o Espírito Santo estava lá!

De repente, sem que ninguém esperasse, Amelie, que estava muda até aquele momento, deu dois passos rápidos e, decididamente, parou exatamente embaixo da porta, abriu os braços e bloqueou a passagem pela porta. Com um tom de voz autoritário e alto, brava, com cara de poucos amigos e gesticulando com a mão quase tocando no rosto de Isabelle, a Amelie, falando alto, ordenou:

— Pare!

Todos se assustaram e ficaram surpresos com a atitude brusca da desconhecida. A Isabelle parou a quase um palmo de distância dela.

— Nós duas ainda não fomos apresentadas! — disse a Amelie, com um inglês horrível e sotaque carregado.

— Meu Deus — pensou a Isabelle — o que ela quer? Será que ela vai querer tirar satisfações? Era só o que me faltava, agora sim estou mais perdida ainda... que vergonha!

No canto da sala, o Erick orava sem parar: “Senhor, tem misericórdia, tem misericórdia, Senhor... Vai ser uma briga feia... Eu não quero nem ver. Elas vão discutir... Coitada da Isabelle... E o John vai me matar depois... Eu estraguei tudo... Senhor, tenha misericórdia... Eu sou um estúpido, como fui capaz de fazer isso?”

Todos ficaram surpresos com a atitude da Amelie. O Erick tinha vontade de se jogar debaixo do sofá. Todos pensaram basicamente a mesma coisa: ela deve ser a mulher do John e vai querer tirar satisfações com a Isabelle! O Roger parecia que estava numa partida de tênis, intercalando entre olhar para as duas moças e para o John. A dona Cecília foi mais sensível e disse:

—John, faça alguma coisa! Não deixe elas brigarem, meu filho!

—Brigar? Ela não quer brigar com ninguém! — respondeu o John, igualmente surpreso.

Nervoso e falando em francês, o John disse a Amelie:

—O que deu em você, Amelie? Deixe ela ir embora!

Respondendo também em francês, e ainda em tom autoritário ela disse:

—Deixar ela ir embora? Você está louco! Não deixo, de jeito nenhum! — respondeu Amelie, convicta do que estava fazendo.

—Então você pode me explicar o que você está pretendendo? Porque você está me matando de vergonha! É essa a primeira impressão que você quer deixar para as pessoas que eu amo e que são importantes para mim, Amelie?

—John, vocês poderiam falar em inglês, por favor — pediu o Roger.

—Claro... me desculpe, Roger... É que a atitude da Amelie me deixou nervoso. Eu não sei por que ela está agindo assim. Eu peço desculpas a todos.

—“Eu não importar”. “Eu explicar, e todos depois vão me apoiar”! — respondeu a Amelie, novamente com seu inglês sofrível.

Enquanto eles discutiam, a Isabelle continuava parada, em pé, debaixo da porta de saída, na frente da Amelie, que agora era o centro da atenção de todos.

—Pelo amor de Deus, Amelie, deixa ela passar por essa porta — insistiu o John.

Ao ouvir o John falar com a moça em francês, a Isabelle deduziu que ela era francesa e arriscou, em francês, falando baixinho:

—Eu posso me apresentar, se é isso que você quer.

—Merci! Mas “nós precisar falar inglês”... além do mais, só vai ter graça se ele mesmo fizer isso — respondeu a Amelie para a Isabelle, provocando.

—Você me “apresentar” para ela ou, eu mesma “fazer” isso, Thierry? — perguntou a Amelie, aumentando o tom de provocação para o John.

—Thierry? Seu nome verdadeiro é esse? — perguntou a Isabelle.

—Sim, esse é o meu nome. — E, sem esperanças de controlar a Amelie, o John disse:

—Me perdoem, com a emoção de reencontrar vocês, eu não tive tempo... quero dizer, esqueci de apresentar a Amelie. Ela já conhece todos vocês, porque ela viu as fotos de vocês, que eu levei. Por isso ela me obrigou a trazê-la comigo, para conhecê-los pessoalmente.

Acho que foi por isso que ela barrou a Isabelle. Pelo menos é o que eu espero.

— Não é o que parece, filho — comentou dona Cecília, preocupada.

— “Continuar” que você “estar” explicando bem — incentivou a Amelie. O tom de voz dela demonstrava que ela estava brava e parecia muito nervosa...

O John parou e olhou para a Amelie com um olhar fulminante, querendo dizer “mais tarde nós conversamos em particular,” e, depois, respirou profundamente.

Um silêncio profundo reinou naquele instante. Com exceção da Amelie, que demonstrava uma certa “ar de vitória” e que realmente parecia saber o que estava fazendo, todos os demais pareciam estar se preparando para um desfecho horrível entre Isabelle e Amelie. Por fim, o John disse:

— Isabelle, esta é a Amelie. Amelie, ela é a Isabelle.

A Isabelle estendeu a mão para cumprimentá-la formalmente. Mas a Amelie se negou a cumprimentá-la. A Isabelle ficou com o braço estendido no ar, até que desistiu e o abaixou e começou a chorar, mas não disse nada, estava muda. O gesto grosseiro e indelicado da Amelie aumentou a tensão, mas ela não estava preocupada com isso e disparou:

— Thierry, a sua vida “depende” de você completar “o” apresentação. Tem coisas que apenas nós, mulheres, “ser” capazes... Que falta de sensibilidade! — disse em tom de reprovação e reclamação.

— O que você pretende, Amelie, me matar de vergonha? Podemos acabar logo com isso?! Ela só quer ir embora! — protestou o John, muito nervoso e visivelmente alterado.

— Faltou dizer uma coisa muito importante: quem “ser eu” para você, querido. Você “mencionar” apenas o meu nome!

A Isabelle, ainda chorando, tinha vontade de colocar os dedos no ouvido para não ouvir o que iria ouvir, porque estava claro que ela era alguma coisa dele, noiva ou esposa, e queria tirar satisfações, se impor, questionar o que ela estava fazendo ali, enfim, qualquer hipótese era ruim... O Erick, no canto da sala, pensou: “Coitada da Isabelle, que humilhação... E fui eu, que causei isso... Eu acho... que eu me detesto!”

Os pensamentos de todos foram interrompidos pela rápida explicação do John.

— Pessoal... como eu já disse, essa é a Amelie. Ela é minha irmã!

— Sua o quê? — disseram todos ao mesmo tempo.

—Minha irmã. Como se não me bastasse o Erick, a minha irmã é impulsiva, igualzinha a você... Erick! — explicou-se o John, muito irritado, enquanto a Amelie tentava esconder que estava se divertindo com o constrangimento de todos.

—John, você quase me matou de susto! Eu achei que essa moça era sua esposa ou sei lá o que! — falou rapidamente o Erick, expressando o que todos pensaram e sentiram. O John não disse nada, porque ele estava nervoso e tentando compreender o que estava se passando ali e as atitudes estranhas da Amelie. Assim que ele explicou que a Amelie era sua irmã, e, enquanto o Erick falava, ele observou a nova atitude da Amelie, que desfez a cara de poucos amigos e, como que em uma transformação, sorriu amigavelmente, deu um passo à frente, abraçou e beijou a Isabelle, que estava paralisada e muda como uma estátua. Elas ficaram abraçadas por vários segundos. A Amelie fez isso de propósito, para cumprimentá-la e também para dar tempo para a Isabelle se recuperar do susto!

As emoções da Isabelle desabaram, assim que ela ouviu o John dizer que a Amelie era a irmã dele. Ela não conseguiu se conter e soltou alguns gemidos enquanto chorava. Ela não sentia mais as pernas; parecia que ia desmaiar. Será que tudo aquilo estava acontecendo mesmo? Não estaria sonhando?

A Amelie, ainda abraçada a Isabelle, mudou completamente seu tom de voz, que até então parecia ríspido e autoritário. Elas estavam ainda abraçadas quando a Amelie, em francês, falou baixinho, como quem conta um segredo, à Isabelle:

—Me desculpe... Eu tinha certeza de que meu irmão era apaixonado por você... apesar de ele não ter me contado nada. Mas nós, mulheres, sabemos. E quando eu a vi, tive certeza de que você também o ama. Mas parece que vocês precisam conversar, para se acertarem e eu pensei... que se eu deixasse você sair daqui... Eu não sei de quanto tempo vocês vão precisar para se entenderem. Por isso segurei você, aqui. Você sabe né... Então, se você veio até aqui fazer o que eu acho que você quer fazer, a hora é essa. Aproveite!

—Obrigada, obrigada....— repetia a Isabelle.

—Mas o John... não é comprometido com alguém?— Perguntou a Isabelle sussurrando.

—Ele é comprometido apenas com você, Cherry! Posso garantir — respondeu a Amelie.

As lágrimas brotaram novamente e desciam sem controle pela face

dela. Agora era a Isabelle que abraçava a Amelie.

Enquanto elas permaneciam abraçadas, os demais procuravam entender o que havia acontecido e o que elas estariam conversando em segredo...

—Meu Deus! — pensava o Erick — eu achei que elas iam se matar, e agora estão abraçadas... Parecem ser a melhor amiga uma da outra. É mesmo impossível entender as mulheres!

O sentimento de alívio do Roger, da Kendra e da dona Cecília era o mesmo. Mas, apesar disso, eles não estavam entendendo o que estava acontecendo com as duas moças. Aliás, apenas a Amelie sabia o que estava acontecendo o tempo todo...

Lentamente, elas terminaram o longo abraço. De tanto chorar, a Isabelle estava com os olhos inchados, o nariz vermelho e maquiagem dela parecia um enorme borrão. Mas ela estava decidida. Antes que alguém dissesse algo, ela abaixou a cabeça e pediu que Deus a ajudasse. Depois respirou fundo, ergueu a cabeça, deu alguns passos e parou na frente do John e olhou fixamente nos olhos dele, o que bastou para fazer o coração dele disparar novamente, e, decididamente, sem pensar muito, ela disse:

—John, eu vim aqui para falar com você, para contar algo importante, e quase saí sem falar... Então vou falar agora... Eu já tinha pedido para o Erick contar, mas você não deixou... Pensando bem, acho que foi melhor assim... Prefiro eu mesma contar...

Interrompendo-a, a dona Cecília disse: — Filha, nós vamos deixar vocês dois sozinhos... para vocês conversarem sobre isso!

—Não! Por favor, fiquem... Eu prefiro que vocês fiquem.... — disse Isabelle. — Eu posso não ter coragem para dizer sozinha... — Com a voz embargada pela emoção, ela começou a falar:

—Depois que você foi embora, John, muita coisa mudou na minha vida. Eu percebi coisas que antes não percebia. Pensando bem, eu não tinha como perceber... Foi necessário eu perder o que eu tinha, para entender tudo... para dar valor ao que eu tinha, tão perto...

—Desculpe-me, Isabelle. Mas não estou entendendo o que você está dizendo... — disse o John.

—Agora, eu sei o que você sentiu, John, na última vez que nos vimos... é realmente difícil dizer... Você não sabe, John, mas já faz algum tempo que eu terminei meu noivado.

—O quê? Você rompeu o noivado? Eu não acredito! — o coração dele disparou mais ainda...

—Pois acredite! É exatamente como você ouviu! Eu terminei meu noivado. A decisão foi minha e não me arrependo e nunca vou me arrepender, aconteça o que acontecer...

—Mas, o que aconteceu? Ele aprontou alguma coisa? Você se decepcionou com ele? Descobriu alguma mentira, ou algo assim? — Ele se conteve para não perguntar se ela tinha sido traída.

—Não. Ele não aprontou nada. Não me decepcionou, não fez nada de errado, pelo menos que eu saiba. Acho que foi eu que o decepcionei, John.

As expressões do John eram de quem realmente não estava acreditando no que ouvia.

—Você? Decepcioná-lo? Então, me diga, o que aconteceu, Isabelle? Eu não consigo acreditar. O que fez você romper o noivado?

—Eu vou contar. É por isso que eu estou aqui, John. Eu vim aqui para isso. Na última vez que nós conversamos, em frente ao restaurante, você me disse que precisava contar algo importante para mim, agora quem precisa te dizer algo... sou eu... E o que eu preciso te dizer é que... — atrapalhada pelas próprias emoções, ela fez uma pausa, respirou fundo e, tentando segurar o choro, disse com a voz embargada:

— John... você conhece a minha história e a minha dor. No passado, eu me sentia privilegiada e grata, porque amava. Amava sozinha, eu sabia, mas me bastava estar ao lado de quem eu amava. Meu mundo e meus pensamentos gravitavam em torno do que eu compreendia como amor. Mas um dia... quem eu amava, por não me amar, foi embora e eu fiquei sozinha. Eu sofri, chorei, questionei a sorte, a vida e até Deus... não consegui respostas, mas a dor me lembrava todos os dias quem eu era. Me desesperei, pensei que não iria suportar, me senti rejeitada, vazia, sem amor e sem nenhuma esperança... Eu nunca fui bela, nunca despertei paixões, ninguém se interessava por quem eu era por dentro, só importava a beleza exterior, a beleza do corpo, que eu nunca tive.

Como eu poderia ter, por outra pessoa, aquele sentimento tão lindo? E quem iria se interessar por mim? Afinal, eu nunca fui amada e meu corpo não me ajudava, na verdade atrapalhava e atrapalhava muito. Por causa do meu corpo, sempre fui a piada pronta, o motivo de graça, de deboche para as pessoas, que não sabiam a dor que aquilo me provocava. Eu sofria calada, eu sofria sozinha. Pensei em dar fim a vida.

Então, quando eu pensei ter chegado ao fim, quando eu estava no

momento mais sombrio em minha depressão, quando não restava nenhuma esperança, Deus me enviou você, John. Você surgiu como o sol, que, aconteça o que acontecer, todas as manhãs está lá, surgindo no horizonte, trazendo luz, vida e alegria. Sem que eu percebesse, aos poucos, você iluminou minha vida, você me deu esperança, me motivou e me ajudou a sonhar.

Você não fez pedidos, não criticou, não impôs condições, apenas ofereceu.

Você ofereceu seu tempo e sua companhia quando eu estava sozinha.

Você ofereceu sua força quando eu estava fraca.

Você ofereceu sua fé quando eu não conseguia crer.

Você foi o amigo com quem eu sempre podia contar.

Você foi o meu consolo nas minhas derrotas e a minha alegria nas minhas vitórias.

Você enxergou em mim o que ninguém via, nem eu mesma.

Você acreditou, embora eu não acreditasse, que meus sonhos eram possíveis.

Antes de conhecer você, John, eu era insegura, me sentia feia e menosprezada.

Mas, ao seu lado, eu me sentia protegida, bonita, valorizada e amada...

Você me encontrou frágil e me ajudou a me tornar forte.

Você se importou... só você me amou...

Você me salvou várias vezes, de maneiras diferentes...

Então, o que era impossível se tornou possível.

O que eu pensei que jamais aconteceria, aconteceu.

E revelou que o que eu antes vivi não era amor, era paixão.

Descobri que não basta amar, é preciso ser amada.

Descobri que quero ser amada, respeitada, elogiada e valorizada.

Eu quero alguém que me ame, que me encoraje, que esteja sempre comigo e que todos os dias me diga: Eu amo você!

Com você, John, eu era feliz e não sabia! Eu tinha tudo o que precisava. Mas, de repente, eu troquei tudo por nada e você se afastou. Meu mundo desmoronou. Sem você, tudo ficou estranho, vazio, sem sentido e triste... Então, eu procurei por respostas e é por isso que eu estou aqui... John... porque eu fui amada, cuidada e respeitada. Com você, eu descobri o verdadeiro amor. Eu não sabia o que era amar, até ser amada... você me amou John... Eu descobri que você, John... você

é a única pessoa que faz meu mundo girar e meu coração disparar. Descobri que não sabia o que era amar, até te encontrar.

É por isso que estou aqui, John, porque o meu coração deseja poder te dizer “eu sou do meu amado e o meu amado é meu!” É por isso que eu vim aqui, até você, John... pra te dizer que eu amo você e sempre amarei você! Por isso, o que for preciso fazer para estar ao seu lado, eu farei! Mas... por favor, não me peça para te deixar. Por onde você for eu irei. Onde pousares, eu pousarei. O teu povo será o meu povo, e o teu Deus... já se tornou o meu Deus.

Chorando muito, ela continuou:

—Você me disse, na última vez em que nós conversamos, que você queria que Deus me abençoasse, que me protegesse. Você disse que queria me ver feliz, com quem meu coração escolhesse. Pois aconteceu, John. Na sua ausência, muitas coisas aconteceram. Eu tive uma experiência linda de novo nascimento com Deus, eu me converti ao Senhor Jesus! Você... me disse, naquela noite, que me amava, John... Eu espero que seja verdade, porque eu descobri que meu coração escolheu amar você, John! Então... O que eu mais quero é ser amada por você... pra sempre!

A essa altura, os dois choravam muito, se abraçaram e, depois de algum tempo, se beijaram. A emoção contagiou a todos. E todos que estavam naquela sala, sem exceção, choraram... Os anjos e o Espírito Santo os assistiam.

Capítulo XLIX

A Profecia do pai do Erick, torna-se realidade

Depois de todos se recomporem, o ambiente na casa do Erick voltou ao normal. Estava agora calmo, tudo parecia seguro e no seu devido lugar. Ninguém dizia nada, mas todos entendiam muito bem o que estava acontecendo. A primeira pessoa a quebrar aquele silêncio foi o Erick, obviamente.

— Nossa, John, eu achei que você ia ficar bravo comigo... — e, um pouco atrapalhado, ele continuou a falar: — Quero dizer... primeiro eu achei que eu tinha tido uma ótima ideia em convidar a Isabelle para vir aqui. Mas quando você chegou e eu vi você acompanhado de uma mulher... eu pensei que estava numa encrenca... Eu pensei que ela fosse alguma coisa sua, sei lá né, podia ser esposa ou noiva. Mas graças a Deus ela é sua irmã! Eu estou tão feliz por vocês... Foi tão legal ver vocês se acertarem... foi muito romântico e... — antes de ele concluir a frase, todos o interromperam em tom de desaprovação...

— OK, OK. Já entendi! Posso fazer apenas uma pergunta? Eu entendi errado ou ela chamou você de Terri?

— É Thierry. Meu nome verdadeiro é esse, Erick.

— Hum... — ele ficou pensativo — Mas que nome diferente hein, John?! Meio... diferente, eu gosto mais de John, acho mais bonito, e é um nome bíblico! Ah... a sua irmã fala com sotaque e faz beicinho quando fala. De onde ela é, do Canadá?

— Da França.

— Quer dizer então que... você é francês também?

— Sim, nós somos!

— Então, foi por isso que a senhora Farrel profetizou que você seria levado para um lugar distante daqui!

— É isso mesmo. Você está certo!

— Meu Deus... agora tudo faz sentido! Então... foi por isso que quando você salvou a Isabelle... você já sabia falar francês!

— Como assim? Salvou a Isabelle do quê? — Perguntou a Amelie, curiosa.

—Depois o Erick te conta, Amelie. Assim ele fica ocupado e não faz um monte de perguntas. Combinado, Erick?

—Ei, eu tenho sim um monte de perguntas para fazer pra você!

—Calma, Erick, eu sei que tenho muita coisa para contar. Vocês devem estar curiosos. Mas antes... quero entregar os presentes que eu trouxe pra todo mundo! — O John estava entusiasmado e muito feliz.

—Eu trouxe presentes para todos, menos para você, Isabelle. Nem nos meus melhores sonhos eu poderia imaginar encontrar você aqui e ouvir tudo o que eu ouvi...

Olhando nos olhos dele, ela levou a mão dela até o rosto dele e, acariciando-o com ternura, disse:

—Trouxe sim. O melhor presente que você poderia trazer é você, meu amor!

Brincando, as demais mulheres presentes na sala disseram: — Hummm... que lindo!

Eles continuavam em pé e abraçados. Aliás, todos ainda estavam em pé. Foi a mãe do Erick que notou.

—Irmãos, vamos nos sentar. Eu vou buscar os refrigerantes e a comida.

Todos se sentaram. Quando a dona Cecília retornou da cozinha com a comida e os refrigerantes, o John disse:

—Eu estou feliz por estar aqui novamente e ver todos vocês! Eu gostaria de orar...

Depois da oração, o John falou:

—Eu não sei como agradecer tudo o que vocês fizeram por mim... Eu... eu sou grato a todos vocês... Eu... amo todos vocês, principalmente a senhora, dona Cecília, que cuidou de mim. A senhora me ofereceu a sua casa, a sua comida e o seu amor. E, como se não bastasse tudo isso, ainda me apresentou Deus de uma forma tão especial, que eu nunca vou esquecer.

Você, Erick, apesar de falar mais do que comentarista de rádio e do seu jeito ansioso, você foi um verdadeiro irmão para mim. Eu tenho ótimas lembranças nossas... Você corrigindo meu inglês, achando que eu falava esquisito por causa do acidente... me emprestando dinheiro para o metrô, para ir às consultas médicas, comprando roupas e me dando dinheiro para ir ao cinema, entre tantas coisas...

—E não se esqueça, John — o Erick tinha decidido continuar a chamá-lo de John — de que fui eu que apresentei a Isabelle pra você! Não se esqueça disso! — comentou, tentando mudar o clima de choro

que começava a retornar... Mas as pessoas choravam. Para quebrar aquele clima triste, o John disse:

—É verdade, Erick. Graças a você eu conheci a Isabelle. Mas eu tenho uma recordação ruim também... Eu acordei com você berrando em cima de mim... aquela vez... quando você me encontrou quase morto na calçada. Lembra?

—Nem me fale daquele dia! — Suspirou o Erick e todos riram da forma engraçada como ele falou.

—Se não fosse por você e pelo Roger, eu não estaria aqui.

—E por falar em você, Roger, eu sou muito grato por tudo o que você fez por mim, por ter me salvado e me visitado no hospital. Sou grato pelas inúmeras explicações e conselhos sobre a morte, sobre a vida, sobre Deus, as pessoas... sobre acreditar que uma única pessoa pode fazer a diferença... Se você não tivesse ressuscitado o seu sonho de alcançar as pessoas e de deixar o conforto do interior de uma igreja e ir até os aflitos e esquecidos, eu... eu não estaria aqui...

O Roger se lembrou da conversa que o motivou a voltar a trabalhar com os oprimidos... aquela com o professor Geoval...

—John, os méritos, na verdade, não são meus, são do pastor e professor Geoval. Foi ele que, às vésperas, esteve no meu apartamento e me motivou a continuar.

—Eu sei, Roger, eu sei. Mas ele foi o canal que o nosso Deus usou para falar com você... Eu também me lembro da sua paciência em descobrir se eu sabia tocar teclado... depois de como me comportar no púlpito... como cantar, como ministrar às pessoas, como cuidar das pessoas no grupo familiar. Você sempre foi e sempre será meu líder espiritual, Roger... Você é um exemplo de como é possível ter comunhão com a pessoa do Espírito Santo, como ter comunhão com os irmãos... Sou grato a Deus por ter você como meu líder espiritual, Roger!

—O meu também! — observou o Erick.

Após o Erick dizer que o Roger era o líder espiritual dele, o Espírito Santo fez os três, a dona Cecília, o Erick e o Roger, lembrarem-se da conversa e do sonho do falecido seu Chico e da afirmação de que o Roger seria o líder espiritual deles...

—Interessante... eu acho que, desde que o papai morreu, nós nunca mais tínhamos mencionado essa palavra — disse o Erick.

—Que palavra? — perguntou o John.

—Líder espiritual. Eu não te falei, John, mas naquele sonho que o

papai teve pouco antes de morrer, ele disse que o Roger seria o nosso líder espiritual. A gente só não sabia quem seria a outra pessoa que, no caso, é você!

—Então o seu Chico, de alguma forma, sabia que eu iria aparecer?

—De certa forma, sim, John. Foi o que ele disse...

—Meu Deus! Eu confesso que estou me sentindo muito ansioso. Talvez mais do que você, Erick, porque tudo está se cumprindo... As profecias... elas estavam certas! — afirmou John.

—O que você está querendo dizer, John? — perguntou o Roger.

—Que tudo está completamente ligado ao sonho, àquilo que Deus mostrou ao seu Chico — ele disse olhando com cumplicidade para sua irmã Amelie...

—Como assim, filho, eu não estou entendendo o que você quer dizer? — perguntou dona Cecília.

—A senhora fez uma ótima pergunta! E eu vou responder com o presente que eu trouxe... Vocês vão entender depois! Acho que vai ser legal assim. Você não acha, Amelie?

—Concordo plenamente!

—Então chega de mistérios. Vamos às revelações e aos presentes!

O John estava eufórico. Todos riram com a animação do John. Ele realmente estava se comportando como o Erick, e este, desde que se lembrou do pai, estava sóbrio, um pouco triste e se comportando com a cautela característica do John... E o John, que estava eufórico, voltou a falar:

—Como eu disse, eu trouxe presente para todos vocês. E o primeiro presente é para a dona Cecília, a minha mãe mexicana! Mas antes... para ela ganhar o presente, ela vai ter de responder e acertar a resposta à minha pergunta. Pessoal, atenção agora!

Em clima de descontração, como se estivessem participando de um torneio, ele perguntou:

—Valendo o presente que está aqui na minha mão! Para ganhá-lo, dona Cecília, a senhora precisa acertar a resposta da pergunta... Posso perguntar, dona Cecília?

Achando graça do jeito desengonçado do John, todos riram descontraidamente.

—Pode perguntar, filho! — disse dona Cecília.

—Dona Cecília, qual era a cor do cachecol que o seu Chico disse que a senhora usava, quando, em sonho, ele viu a senhora, lá em cima da Torre Eiffel?

A dona Cecília não estava entendendo por que o John estava tão eufórico e falando tanto de um assunto tão delicado como o do sonho do seu marido, mas achou melhor corresponder às expectativas do John:

—Vermelho, filho — respondeu dona Cecília — ele disse que me viu usando um cachecol vermelho.

Sorridente e falando alto, o John disse:

—A resposta está certa! Dona Cecília, o presente é seu. Abra o presente!

Ela pegou o presente das mãos dele. O John parecia uma criança. Antes de abrir o pacote, ela o abraçou e o beijou novamente.

—Obrigada, filho, mas não precisava se preocupar com isso! — disse ela.

Ao começar abrir o presente, ela percebeu que era um tecido. — Dever ser uma blusa — pensou — mas ao terminar de abrir, verificou que era um cachecol vermelho. Provavelmente esse era o motivo da alegria e da agitação do John.

—Filho, mas que carinhoso! Muito obrigada. Não precisava se preocupar com presentes! John, eu estou muito feliz por você estar aqui... todos nós, juntos novamente! Eu... eu quero que você saiba, filho, que você foi um presente de Deus para nós. Nós faríamos tudo de novo por você, e não fizemos mais porque você sabe que, infelizmente, a nossa condição financeira não permitia... Mas, dentro das nossas limitações, eu tentei fazer o melhor que pude. E como já disse a você, John, eu fiz tudo o que eu gostaria que outra mãe fizesse, se fosse ela que estivesse com meu filho. Para mim, tu és como um hijo — à medida que foi ficando emocionada... ela começou a misturar o inglês com o espanhol — soy muy grata a Dios, hijo, que Dios te bendiga hoy e siempre... gracias... muito obrigada — ela o abraçou e o beijou novamente.

Novamente as emoções levaram todos às lágrimas...

—Eu sei, dona Cecília, eu sei de tudo isso... Muito obrigado, mas agora chega de lágrimas... O tempo da tristeza já passou. Agora é tempo de alegria, de comemoração... E agora eu quero saber quem vai me dizer o que esse presente da dona Cecília tem de especial... O que ele significa? — perguntou o John a todos.

—Erick, você está tão calado, o que esse presente te faz lembrar? — perguntou o animado John.

—Um cachecol vermelho... igual ao que o papai viu a mamãe

usando... no sonho... — respondeu o Erick — que permanecia calado.

—John, não me diga que você também deu para acreditar no sonho do falecido, como se fosse uma profecia... — disse a dona Cecília.

—De uns anos para cá, o que eu fiz de melhor foi acreditar, dona Cecília, em Deus e nas pessoas usadas por ele. Por isso, tive o cuidado de separar o primeiro presente, o cacheco!

—Que sonho foi esse? — perguntou a Isabelle, curiosa.

—Deixa que eu conto — adiantou-se o Erick.

—Erick — interrompeu o John — se você não se importar, acho melhor eu contar, porque você não sabe o resto da história...

—Como não? Eu posso contar essa história de trás pra frente e...

—Não sabe não, porque a história não parou, ela continuou. Você deixa eu contar?

—A história continuou, John? Como assim a história continuou?

—Aconteceram mais coisas que vocês vão saber agora que eu vou contar... — Olhando para a Isabelle, o John disse:

—Isabelle, eu vou fazer um pequeno resumo da história e depois continuo a partir de onde todos conhecem.

—A Amélie não deve conhecer essa história — disse a Isabelle.

—Eu não conheço! — adiantou-se a Kendra, que estava curiosa.

—Então você vai conhecer agora, Kendra! A Amélie já conhece a história, eu contei a ela. Bem... estamos falando de um assunto particular da família. É sobre um sonho que o falecido marido da dona Cecília, o seu Chico, teve, um pouco antes de morrer. O desejo dele, assim que eles vieram do México, para morar aqui nos EUA, era ganhar dinheiro para realizar um sonho da dona Cecília. Ele disse que queria ganhar dinheiro para levá-la a Paris, para conhecer a cidade e a Torre Eiffel.

Os anos se passaram e o dinheiro nunca foi suficiente para isso. E algum tempo atrás, ele descobriu que estava com um câncer fulminante. Os médicos explicaram a gravidade da doença. Ele sabia que tinha pouco tempo de vida. Ele orou fervorosamente a Deus durante muito tempo, para encontrar uma resposta, mas Deus não lhe deu nenhuma. Porém ele persistiu em oração até que um dia... ele teve um sonho, e a esse sonho ele se agarrou!

—Que suspense, John! Que sonho foi esse? — perguntou novamente a Isabelle, já impaciente.

—O Senhor, o nosso Deus, mostrou, através do sonho, que Ele iria realizar o desejo do coração do seu Chico, mas não seria no tempo e

do jeito do seu Chico. Seria no tempo e do jeito de Deus, e esse tempo iria demorar.

O Senhor mostrou, em sonho, como seria o dia da realização da vontade do seu Chico, que era levar a dona Cecília para conhecer Paris e, em especial, a Torre Eiffel. No sonho, Deus mostrou ao seu Chico a dona Cecília, em Paris, mais precisamente em cima da Torre Eiffel, como ele sempre desejou fazer. Nesse dia, fazia frio e a dona Cecília usava roupa apropriada para se proteger da baixa temperatura. O seu Chico ficou grato a Deus pela realização do desejo do coração dele e também pela bondade do Senhor, em permitir que ele visse tudo aquilo.

Em determinado momento, o seu Chico disse ao anjo que lhe mostrava a visão que ninguém acreditaria no que ele estava vendo. Então o anjo falou para o seu Chico:

—Preste atenção na peça vermelha que ela está usando.

—E que peça era essa? — perguntou a Isabelle.

—O cachecol! — responderam quase todos.

—Desculpem-me, eu me envolvi na história e esqueci... Prossiga John...

—O anjo disse que o cachecol vermelho que ela usava seria a prova de que era Deus, o Todo-Poderoso, que havia abençoado e providenciado a ida dela até Paris, e que isso não era apenas coincidência ou mero esforço humano.

—Uma providência divina!

—Meu Deus, que história linda! — disse a Isabelle. A Kendra concordou prontamente.

—E o melhor vocês não sabem... eu não estou mencionando outros fatos para não demorar...

—Eu sempre pensei nesse sonho — interrompeu dona Cecília — como um consolo de Deus para ele, porque ele morreu com essa certeza e foi bom para ele, trouxe conforto, alívio...

—Eu imagino que trouxe mesmo, dona Cecília. Eu e o Erick ficamos muitas noites pensando se isso tinha ou não tinha a mão de Deus.

—E qual foi a conclusão de vocês? — perguntou a Kendra.

—Que se nós tentássemos realizar a viagem dela para Paris, nós até conseguiríamos, bem ou mal, fazer cumprir a visão, ou sonho que ele teve. Mas nós sempre esbarrávamos num problemão...

—No valor das passagens? — perguntou a Isabelle.

—Não.

—Na documentação da dona Cecília? — arriscou o Roger.

—A documentação seria um problema, mas achávamos que mesmo dando muito, mas muito trabalho, conseguiríamos o Green Card dela, que aliás já devia ter ficado pronto há anos... mas o problema era maior do que o Green Card.

—Então o que era?! — perguntou a Kendra. — Meu Deus, eu nunca soube dessa história! Por que você nunca me contou, Roger?

—Me desculpe, Kendra, mas por causa da ética... achei melhor não comentar...

—Mas qual era então o grande problema, John? — perguntou a Kendra.

—O grande problema era aquilo — o John apontou o dedo — era esse cachecol!

—Um cachecol vermelho? Isso é fácil de arrumar! — comentou Isabelle, intrigada.

—Se vocês tivessem me contado essa história antes — a Kendra olhava para o Roger enquanto falava — eu poderia ter arrumado diversos cachecóis vermelhos!

—Vocês têm razão. Devem existir mesmo milhões de cachecóis vermelhos. O problema era que o anjo falou que a prova incontestável de que seria Deus, e não mero esforço humano ou coincidência, que levaria a dona Cecília até Paris, era que esse cachecol vermelho tinha pertencido a uma rainha! — Ele fez suspense. — O cachecol havia pertencido à realeza, ele foi dado como presente para uma importante rainha... e depois de muitos acontecimentos, levado até a dona Cecília!

—Nossa! Que história! — comentou a Kendra.

—Eu fiquei até arrepiada, olhem! — disse a Isabelle.

—Então, o cachecol era, literalmente, um problema real! Em duplo sentido — disse o Erick, e todos riram...

—Erick, dona Cecília e Roger! Prestem atenção, agora! — avisou o John, com ar de mistério. — A parte que vocês não conhecem da história começa agora... — mudando o tom de voz, como quem vai contar uma história para crianças, ele começou:

—Assim que aqueles homens do FBI me levaram para longe de vocês, eu fui informado que eles estavam em cooperação com o meu país, em uma investigação, há muito tempo, sobre o meu desaparecimento. Eles descobriram uma ligação dos supostos homens que tentaram me matar, com uma quadrilha internacional. A investigação era complexa e lenta, por isso eles demoraram tanto tempo para me encontrar.

Lembram que eu disse, agora a pouco, que eu sou francês? Todos, surpresos, responderam que sim.

—Quando finalmente eu cheguei a minha casa, depois de ter encontrado as pessoas, participar das festas comemorativas pela minha volta e ter algumas decepções por saber o tipo de pessoa que eu era... Não me olhem assim. Eu não era bandido, nem criminoso; era egoísta, uma pessoa vazia, arrogante e pedante... enfim, uma péssima pessoa...

Um dia eu estava na minha casa, me sentindo sozinho e triste, com saudade de vocês, quando a minha irmã Amelie entrou na sala e começamos a conversar. Foi uma conversa ótima. Ela me contou um pouco sobre a vida dela, e depois de ouvi-la, nós choramos juntos. Eu contei a ela o que não tinha contado para as outras pessoas da minha família...

—Desculpe interrompê-lo, John... mas... e sua mãe? — perguntou a dona Cecília.

—Ela já morreu, faz muitos anos, dona Cecília...

—Eu sinto muito, filho.

—Eu também... E como eu dizia, eu contei para a minha irmã algumas das minhas experiências com Deus também. E falei até sobre o sonho do pai do Erick e contei a ela o que contei a vocês. E narrei o nosso problema, em não conseguir realizar essa profecia por causa do cachecol que tinha pertencido a uma rainha. Eu disse que nós lamentávamos não conseguir ressuscitar esse sonho do seu Chico... Irmãos, quando eu disse isso, a Amelie se levantou da cadeira em que ela estava sentada, sem dizer nada e ficou parada me olhando. Eu olhei pra ela, admirado, e os olhos dela brilhavam, como se fossem dois diamantes. Ela respirou fundo e me disse com convicção:

—Meu querido, se Deus ressuscita mortos, não irá ressuscitar sonhos?! Não é assim que vocês falam?

—Eu confesso que fiquei admirado com a atitude dela e não consegui falar nada, apenas concordei, fazendo um gesto com a cabeça, assim — ele repetiu o gesto. — A Amelie, na sequência, me perguntou:

—O cachecol era vermelho? O cachecol do sonho, você tem certeza que era vermelho?

—Absoluta, respondi. E ela me disse:

—Então, não saia dessa cadeira ou do seu lugar, não atenda ao telefone e nem pense em ir ao banheiro. Eu já volto.

—Em minutos, a Amelie voltou, trazendo na mão uma caixa muito

velha. Ela pediu para eu segurar a caixa e me disse: — Quando eu ganhei isso, não me interessei e não sabia o que fazer com ele. Achei melhor guardar e esqueci dele. Faz muitos anos que estava guardado. Agora sei o que devemos fazer...

—Irmãos, verdadeiramente, aquilo que os olhos não viram e os ouvidos não ouviram, aquilo que não chegou no coração do homem, são as coisas que Deus preparou para aqueles que o amam.

Depois disso, irmãos, finalmente a Amelie, com um sorriso nos lábios, ordenou: “Abra a caixa”. Eu abri a caixa e...

O John parou de falar de propósito para fazer um pouco de suspense e ficou olhando para as pessoas, que estavam quase hipnotizadas com a história que ele estava contando...

—Vai, John... termina de contar... — pediu a Kendra. A Isabelle também reclamou...

—OK — disse ele brincando — eu parei de falar porque vocês estavam muito quietos, mas já que vocês insistem, eu vou terminar... Eu abri a caixa e dentro estava esse cachecol vermelho. Eu olhei para a minha irmã, um pouco desanimado, e disse: Esse cachecol é muito bonito, Amelie. É vermelho, é legal... mas... precisa ter pertencido a uma rainha. Lembra? — Vocês imaginam o que essa minha amada irmãzinha respondeu?

—Não — disseram todos!

—Ela disse assim: — Claro que me lembro! O cachecol precisa ser vermelho e ter pertencido a uma rainha, a uma pessoa da realeza. Não foi o que você disse?

—Foi exatamente isso que eu disse. Então, a Amelie me perguntou em seguida:

—Sendo assim, você acha que se esse cachecol aqui, tiver pertencido à rainha da Inglaterra vai servir? Porque esse cachecol era dela... Está bom pra você?!

O John terminou de contar essa última parte, emocionado e chorando, quase sem voz. Todas as mulheres na sala choravam também. O Erick estava de cabeça baixa, e o Roger falava alguma coisa em outras línguas...

—Senhor, como tu és bom — diziam uns. — Tu és maravilhosos — diziam outros. Mais alguém falava em línguas, outros continuavam a chorar, e se alternavam... Após muito chorarem... o Erick perguntou:

—John... explique melhor isso. Como a sua Irmã tinha um cachecol que pertenceu à rainha da Inglaterra? Ela comprou em algum leilão

pela internet?

—Não, era dela. Ela ganhou.

—Desculpe-me a insistência, mas como ela ganhou isso? — insistiu Erick.

—Ah, entendi. Eu também perguntei isso a ela. Você se lembra, Amelie, da minha cara de incrédulo?

—Lembro sim!

—A Amelie me contou que a nossa avó era muito amiga da rainha da Inglaterra. Elas se conheceram quando eram ainda crianças, na escola. Eram da mesma sala de aula. Elas cresceram e permaneceram amigas. Sempre que podiam, elas jantavam juntas, viajavam juntas, faziam compras, enfim, faziam o que todas as amigas fazem... Elas eram amigas mesmo. E, um belo dia, a rainha estava com esse cachecol e minha avó gostou dele e falou que queria comprar um para ela.

Então, a rainha pediu para um empregado telefonar e reservar um para a amiga, a nossa avó, mas descobriram que a confecção tinha sido exclusiva... Observem que há, no cantinho do cachecol, em letras pequenas, as iniciais do nome dela, bordadas em dourado. Enfim, como não havia outro, a rainha deu o cachecol dela de presente para a minha avó. Isso, logicamente, foi há muito tempo, e ela já faleceu. Mas, antes disso, a minha avó havia dado o cachecol para a nossa mãe, que, por sua vez, deu para a minha irmã.

Sentada onde estava, a Amelie apenas concordou, sem dizer uma única palavra...

—Meu Deus! — exclamou Isabelle, admirada, sem conseguir acreditar em tudo.

—É uma história fantástica! — mencionou a Kendra.

—Filho, então eu não posso aceitar um presente destes... Isso deve custar uma fortuna... Eu acho que nem dá pra calcular o valor disso. Deve custar muito caro!

—A senhora “precisar” aceitar — interrompeu a Amelie, tropeçando nas palavras. — O que não “ter” como calcular foi o que a senhora fez pelo meu irmão! Em nome da nossa família, eu “pedir” que a senhora o aceite... como presente e como gratidão.

—Eu agradeço, filha, mas insisto — disse dona Cecília — vocês podem vender e conseguir um bom dinheiro com isso. Não precisam gastar o dinheiro, podem guardar para usar no futuro, fazer uma poupança, ou alguma coisa parecida assim...

—Dona Cecília — disse o John, com amor, mas com convicção,

porque sabia como convencê-la. — Convém fazermos a vontade de Deus, porque se o nosso Deus disse que a senhora vai usar esse cachecol em cima da Torre Eiffel, a senhora vai usar! Decida... devemos obedecer a Deus ou a senhora? Porque Deus não é homem para que minta, nem filho do homem para que se arrependa!

—Claro, filho, eu sempre acreditei nas promessas de Deus. É que...

—Você tem razão, John... mas nós ainda temos dois probleminhas...
— disse o Erick.

—Eu sei o que você está pensando, Erick, e já me explico... Deixe-me apenas terminar de dar os presentes da dona Cecília primeiro. OK?

—OK.

—O quê? Eu não preciso de mais presentes, filho... — disse a dona Cecília.

—Erick... para realizar a profecia revelada por meio do sonho do seu pai, estão faltando duas coisas, não é?

—Sim. A grana para a viagem e... o mais difícil... o Green Card, para ela poder voltar sem problemas para os USA.

—Mas o mais difícil era o cachecol, não era?

—Claro...

—Então, que tal falarmos sobre o Green Card e o passaporte da sua mãe?

—Eu posso voltar lá amanhã mesmo e perguntar, mais uma vez, sobre o andamento da documentação dela, para a concessão do Green Card!

—Ou, então, podemos agradecer a Deus, que já liberou os documentos da sua mãe. Porque Ele que tem poder para mover o coração dos poderosos, não é mesmo, Erick? Provérbios, capítulo 21, foi você que me ensinou isso, Erick!

—Como assim? Não estou entendendo...

—Enquanto eu estive fora, Erick, eu fui apresentado a muitos amigos do meu pai. Gente que eu não conhecia, e outras de quem eu não me lembrava mais... Algumas delas, inclusive, eram pessoas importantes. E uma dessas pessoas foi o embaixador dos USA, em Paris, amigo do meu pai... Eu confesso que, quando fomos apresentados, eu não sabia quem ele era, mas quando o meu pai me disse... eu fiquei muito, confesso, muito interessado mesmo, e fiquei pedindo a Deus uma oportunidade para poder dizer uma “coisinha” a ele...

—Que coisinha?

—Que eu estava muito grato, tanto pela forma como eu fui recebido,

quanto como fui cuidado nos Estados Unidos, que é um país que eu amo, e que desejava fazer um jantar em nossa casa, em agradecimento, para a família americana que havia me salvado. Ele me respondeu que seria um gesto louvável da minha parte.

—Mas por que você queria tanto dizer isso para o embaixador? — perguntou a Kendra.

—Porque ele é uma pessoa muito educada, gentil e tem acesso a pessoas a que nós não temos. Eu aproveitei para dizer a ele que, infelizmente, o jantar não seria possível, porque eu sabia que a senhora que me acolheu na casa dela e me ajudou na minha reabilitação era mexicana e estava com a documentação irregular e não poderia ir a Paris, pois não iria conseguir entrar novamente nos Estados Unidos, já que na volta dela, seria deportada.

Eu expliquei a ele que a culpa não era dela, que ela já havia feito todos os procedimentos, e que o filho dela tinha nascido nos Estados Unidos, e que, de acordo com a décima quarta Emenda, ratificada em 1868, que declara que todas as pessoas nascidas nos Estados Unidos são cidadãs americanas e que, portanto, o filho dela é americano.

Também mencionei, Erick, que vocês cumprem suas obrigações legais e fiscais, que nunca tiveram nenhum problema com a justiça, e que fazia muitos anos que vocês haviam protocolado a petição I-130, petição para parente estrangeiro, que foi aprovada pelo USCIS.

—Desculpe-me, o que significa essa sigla? — perguntou Isabelle.

—USCIS é a sigla do Departamento de Imigração e Cidadania Americana — explicou Erick.

—Nossa! Você está bem informado, hein? — comentou Kendra.

—Eu ouvi o Erick falar sobre isso milhões de vezes!

—Mas e o que aconteceu depois? — quis saber Isabelle.

—Eu expliquei tudo isso, e ele se interessou e me perguntou por que não havia sido fornecido o Green Card para ela!

—Eu disse que uma outra imigrante homônima havia sido presa e cumpria pena, mas não havia nem parentesco entre elas. Aliás, descobriu-se depois que até a nacionalidade da pessoa presa era outra. Mas o Departamento parece não ter se convencido e, até então, ela não tinha o Green Card.

Resumindo, irmãos, ele me disse que não poderia fazer nada, mas ele pediu o nome da senhora, dona Cecília, e disse que iria comentar com um amigo dele o que eu contei e perguntar se ele poderia checar se as informações eram verdadeiras!

—John... — interrompeu o Erick, incrédulo com tudo o que ouvia — me desculpe pelo o que eu vou falar, mas será que você não recuperou um pouco da sua memória, mas ficou... assim... como vou dizer... sem ofender você... ficou meio... meio ruim da cabeça?

—Como é que é? — perguntou o John, achando engraçado, ao invés de se sentir ofendido.

—Me desculpe, John... mas é cada história! A sua avó era amiga desde criancinha da rainha da Inglaterra. O seu pai é amigo do embaixador dos EUA em Paris! O que você vai dizer agora, que você conhece o Secretário Geral da ONU? Desculpe-me de novo, você é meu amigo, meu melhor amigo, mas não dá para acreditar em tudo isso!

—Meu Deus, me lembrei! — exclamou a dona Cecília, interrompendo o Erick.

—O que foi, mãe?

—Há umas duas semanas atrás, você tinha saído, Erick, quando chegaram duas pessoas do governo, para confirmar nosso endereço. Eles fizeram muitas perguntas, me disseram que eu iria receber um comunicado do departamento e depois foram embora.

—Mas por que a senhora não me contou isso antes?

—Porque não era importante. Quantas vezes, filho, eles já vieram aqui? Muitas...

—É. A senhora tem razão... então isso não tem importância!

—É... mas chegou uma correspondência deles, e eu não abri!

—E por que a senhora fez isso? Por que a senhora não abriu?

—Porque eu esqueci! E depois, com a notícia da volta do John, eu me envolvi com os preparativos das comidas, bebidas e esqueci completamente. Mas eu vou buscar. Já volto!

Ela saiu apressada, pegou a carta, voltou e a entregou ao Erick.

—Aqui está, filho! Abra você...

—Vejam... é do USCIS, aqui diz que eles analisaram a petição e conforme a... — ele parou de ler em voz alta.

—O que a carta diz, filho? — perguntou dona Cecília.

—Uma coincidência!

—Que coincidência, Erick? — perguntou o Roger.

O John e a Amelie já sabiam sobre a carta e estavam rindo. A Isabelle e a Kendra ficaram sem entender o que estava acontecendo.

—É... eles estão dizendo aqui que está tudo certo — respondeu Erick, muito sério — que a minha mãe pode passar lá, fazer os procedimentos e depois retirar, finalmente, o Green Card.

—Meu Deus! Então, para o cumprimento da profecia, faltam apenas as passagens para Paris! — comentou alegremente o Roger.

—E agora você acredita, Erick? — perguntou John.

—John, me desculpe. — o Erick, estava nervoso e incrédulo. Ele estava se esforçando para entender o que realmente estava acontecendo.

—Faz anos que nós fizemos a solicitação. Em algum momento, isso ia acontecer. Acho que isso foi apenas uma coincidência! Mas, de qualquer forma, comprar passagens para todo mundo, no momento, é impossível. Mas confesso que se nós fizermos um esforço... e guardarmos mais dinheiro, logo vai dar pra realizar a viagem.

—Então você não acredita em nada do que eu disse?

—Eu estou meio assim... que nem Thomé, né... Preciso ver para crer... me desculpe, John. — respondeu o Erick.

—Eu não culpo você por pensar assim, Erick. Às vezes, eu me belisco para ter certeza de que tudo isso é real!

—Real, você quer dizer vida real, John? — explodiu Erick, que não aguentava mais aquilo. — Será, meu amigo, que você não está doente? Será que você não teve alguma recaída, do tipo, antes você não se lembrava de nada, agora alguma coisa aí na sua cabeça tá inventando um monte de coisas, hein? Pode falar, John. A gente gosta de você por quem você é. Essa história toda foi muito legal. Eu até chorei ouvindo você contar, mas isso... não acontece na vida real...

—Você não acredita mesmo, não é, Erick?

—E você acredita?! Ei, John! Você é muito bom nisso cara. Você é convincente, mas eu estou achando que você tá doidinho... doidinho. Se você disser, daqui a pouco, que você é Napoleão Bonaparte, eu nem vou me assustar, porque você vai achar que é ele mesmo!

—Então você acha que eu estou louco? Que estou mentindo e inventando tudo isso?

—Não deve ser nada grave, John! — disse Erick, mudando o tom de voz para uma forma carinhosa. Achando que o John estava magoado, ele tentou remediar a situação. — Não precisa ficar preocupado não. Olha, na segunda-feira, eu e o Roger vamos levar você até um médico, só para fazer uns exames de rotina, ver se você precisa tomar algum remedinho e...

—Erick! — interrompeu-o Roger, de forma enérgica. — Acho que nós devemos deixar o John se explicar. Pois, se ele estiver mentindo, até quando o John conseguiria sustentar isso? Acho que devemos ouvi-

lo melhor. Afinal, o John que todos nós conhecemos, jamais faria isso.

—Eu concordo com ele, filho. — Apoiou um tanto impressionada e pressionada, a dona Cecília.

—Roger, você não está acreditando nisso, está? Alguém aqui está acreditando? — perguntou o Erick, inconformado.

—E por que não? — disse a Amelie, tentando escolher as palavras e falando suavemente, para não parecer arrogante. — Você “achar” impossível ter um amigo que “ter... como posso dizer isso... ter bastante dinheiro?

O Erick, rapidamente “fechou a cara” e, visivelmente irritado, respondeu:

—Me desculpe, Amelie, eu não quero ofender você, muito menos o John, mas... eu conheço o John e eu sei que grana ele não tem. Mas isso não é nenhum problema, porque eu sei o que é não ter grana, porque eu também não tenho. Isso não é o mais importante. A nossa alegria é poder pagar a hipoteca da nossa casa sem atrasar. Quando sobra algum dinheiro, a gente compra roupa nova, algum eletrônico que a gente não está precisando, vai ao cinema, come pipoca e toma um refrigerante. Se não tem, paciência, um dia melhora... É assim a vida!

Mas, graças a Deus, nós temos saúde e vontade de viver. — Aproximando-se do John, o Erick continuou: — John, você não precisa disso, nós somos irmãos! Você dormiu no meu quartinho durante três anos! Pense comigo, cara! Se você fosse rico, os caras já tinham te encontrado há muito tempo... Fala a verdade, John, nós não vamos ficar tristes não. Com exceção da Isabelle, todos nós aqui somos pobres... Ah... já sei... Como eu sou bobo. Você está dizendo tudo isso para impressionar a Isabelle, não é?

Todos estavam um pouco constrangidos com as observações do Erick, e ninguém sabia direito como o John iria reagir.

—Rapazes, não vamos estragar esse momento, OK? — O Roger não estava gostando do rumo daquela conversa e achou melhor interromper novamente, com receio da reação do John, que estava sério e calado.

—Não se preocupe, Roger, eu estou bem. — Tranquilizou-o John. Virando-se para a irmã dele, disse: — Amelie, eu não te disse que o Erick fala sem parar? E a imaginação? Você viu como ele é criativo? Ele parece mesmo com você! — O tom de voz do John denunciava que ele não tinha ficado triste; pelo contrário, ele tinha achado graça de tudo aquilo.

—Eu achei que você estava sendo injusto com ele, que tivesse exagerado, mas, pensando bem, ele “falar” muito mesmo. — disse Amelie, rindo. O John se aproximou do Erick, colocou a mão sobre o ombro dele e disse:

—Erick, eu nunca vou esquecer tudo o que você fez por mim. Você me ajudou quando eu estava caído naquela calçada, quase morto. Você me trouxe para sua casa, você e a sua mãe me acolheram, me deram um lugar para morar, me deram alimento, me deram amor, me deram esperança e me apresentaram o Deus amoroso que eu nunca tinha conhecido.

Você, Erick, me deu um amigo e se mostrou um irmão. Você me deu dinheiro para minhas consultas médicas, me deu dinheiro para a fisioterapia e para os remédios. Quando eu melhorei, você continuou me ajudando e me deu dinheiro para procurar emprego e, quando eu não tinha trabalho, era você quem pagava meu ingresso no cinema, pagava o refrigerante, a pipoca... o cachorro quente e até dinheiro para o metrô.

Isabelle, você lembra quando eu comprei esse tênis preto que você achou bonito? — Ele apontou para o tênis que estava calçando.

—Lembro. Por quê?

—Porque foi o Erick que me deu a grana para comprar esse tênis.

—Que gesto bonito! — disse a irmã do John.

—John, vamos mudar de assunto? Ficou parecendo que eu sou melhor do que eu realmente sou— disse o Erick, constrangido.

—OK. Sobre o que você quer falar, Erick? — Concordou o John, que sabia que o Erick detestava ficar constrangido.

—Deixe-me ver... Que tal falarmos sobre o que você fazia antes de você... você sabe né, antes de tentarem te matar? Me conte, amigão, onde é que você trabalhava? O que você fazia lá na França? Eles pagavam bem? Na França, os patrões dão oportunidade para os funcionários crescerem na empresa? Eles dão vale-refeição, vale-transporte, pagam plano de saúde? Essas coisas...

A irmã do John achou tudo aquilo muito engraçado, não se conteve e começou a dar risada.

—Me desculpe, eu “achar” muito engraçado! — justificou ela, sem conseguir parar de rir.

—O que eu disse que ela achou tão engraçado? — perguntou o Erick, que não entendeu o motivo do riso dela.

—Não se preocupe com a Amelie, Erick. Mas eles pagam bem sim,

Erick. Eu ganho muito bem, por sinal.

—Você ganha bem? Então... você está empregado? Que legal! Me conta logo — disse o Erick, todo empolgado. — O que é que você faz? Onde você trabalha?

—Eu sou diretor financeiro. E trabalho em uma empresa multinacional.

Durante alguns instantes, o Erick ficou sem reação. Depois ele olhou demoradamente para o John, na esperança de que, a qualquer momento, ele fosse dar risada da própria piada. Como isso não aconteceu, o Erick finalmente explodiu numa gargalhada.

—Hahahahahahaha! Você é o diretor financeiro de uma multinacional? John, meu amigo, o que será que fizeram com você? Você deve estar tomando aqueles remédios fortes, aqueles de tarja preta, que a receita é controlada. Mas você é bom, você nem pisca, você está acreditando mesmo nesse negócio hein...

O John e a Amelie também estavam rindo, achando tudo engraçado, mas eram apenas eles; os demais estavam tentando digerir aquele excesso de informações!

—O Erick se aproximou do John e, brincando, disse:

—Veja como é a vida, John, você é diretor de uma multinacional... Diretor do que mesmo?

—Sou diretor financeiro.

—Então, veja como são as coisas, até faz sentido você ser diretor financeiro. Por isso você ficava me obrigando a controlar tudo em planilhas... mas vamos ao que interessa. Você sabia que eu sou empresário? É, tenho uma empresa chamada Erick & Erick, contas e mais contas para pagar... — Apenas o John sorriu. A Amelie achou melhor se controlar e percebeu que já estava na hora de interromper.

—Erick, eu “detestar” ser desmancha prazeres, mas eu “achar” que você “precisar” fechar essa empresa e abrir outra!

—Outra? Qual? — perguntou Erick.

—Como dizer tudo o que você pensa, em pouco minutos!

Timidamente, todos riram. Virando para o irmão, a Amelie, atrapalhando-se com os verbos, disse:

—Se ele não “acreditar” no que você “fazer”, não adianta tentar dizer que a empresa é da nossa família. Então vamos para a próxima etapa, Thierry: Se você não entregar logo os outros presentes, entregou-os eu! — ameaçou a Amelie, que estava ansiosa para ver a reação deles.

—OK. Já vi que a noite é de grandes emoções! Tudo bem, eu entrego — respondeu o John. — Pessoal, como eu não consegui convencer o

Erick com argumentos, eu não vou me dar ao luxo de dizer mais nada! Vou apenas entregar os demais presentes... quero honrar todos vocês. Eu aprendi isso com você, Erick...!

—Para a dona Cecília, faltou entregar esse envelope! Amelie, pode entregar a ela, por favor.

—Com prazer!

—Aproveite e me alcance o envelope com o presente do Erick e do Roger, por favor, Amelie.

—Aqui estão! — respondeu ela rapidamente.

—Erick, esse aqui é o seu. Na verdade, são três presentes: um terno, que eu havia prometido, e, nesse envelope, uma passagem e o terceiro presente é uma surpresa. Abra!

—Legal! Obrigado, John. Eu adoro surpresas!

—Pra Você, Roger, são dois presentes: passagens para você e para a Kendra, além de um outro presente. É uma surpresa também. Estão todos dentro dos envelopes. — A Kendra recebeu os presentes.

—Obrigado, John — disseram Kendra e Roger.

—Ei, John, é um terno Italiano! — comentou Erick. — Nossa... é aquele que você dizia que um dia me daria de presente, da loja em que a Angelina trabalha. Como você conseguiu comprar? Ele custa uma fortuna! Compraram em um brechó? Mas ele é novinho... foi em algum site de compra coletiva?

—Quem comprou foi a Amelie, depois ela explica os detalhes. Abra os envelopes, Erick, e me diga se você gostou dos outros presentes!

—John, o que significam essas passagens que você me entregou, filho? — perguntou dona Cecília.

—Mãe... — interrompeu Erick — eu também ganhei passagens como presente. As minhas passagens são... para Paris? Deixa eu ver as da senhora.— Ela imediatamente entregou as passagens para ele, que confirmou a suspeita. — As suas passagens também são para Paris, mãe...

—Nós também! Ganhamos passagens para Paris! — gritou a Kendra. — Passagens para Paris! Passagens para Paris! — eufórica, a Kendra não parava de repetir a mesma coisa. Roger olhava admirado com a reação da esposa, achou melhor abrir o outro envelope e pensou: “Meus, Deus! O que será isso?” E começou a abrir o outro envelope.

—John, meu filho, você comprou passagens para todos nós? — perguntou novamente dona Cecília.

—Sim. Comprei! — respondeu John.

—Mas por que, filho? Pra que gastar todo esse dinheiro? Deve ter custado uma fortuna!

—Porque se Deus disse que a senhora vai para Paris dona Cecília, eu creio que a senhora vai chegar lá mais rápido de avião... — Ele achou graça do que respondeu e deu uma risadinha, mas, diante da séria expressão facial dela, que ele conhecia bem, achou melhor responder direito, do jeito que ela ia entender: — Dona Cecília, eu fui apenas o instrumento utilizado pelo Espírito Santo para comprar as passagens. Deus me disse claramente para comprar as passagens para todos nós. Foi isso. Ele mandou, eu obedeci!

—Mas...

Antes que ela pensasse em mais alguma coisa, o John a interrompeu.

—Dona Cecília, eu conto os detalhes daqui a pouquinho. Antes, preciso ver a cara do Erick. Ele está abrindo o outro envelope e, se eu o conheço bem, ele vai chamar a senhora em poucos segundos. Eu não posso perder esse momento... Olhe!

Ela então olhou para o Erick, que estava lendo o que havia retirado do envelope. Ele começou a tremer e, gaguejando, chamou a mãe, quase gritando, conforme o John havia previsto:

—Mãe... mãe, o envelope é é... a qqquitttação da nnnossa caaaasa! Ccomooo iiiisso é é ppossível? Ccomo você coonseguiiiuu, John?

O Roger já estava lendo as primeiras linhas do documento que estava dentro do envelope dele e começou a chorar também. Ele estendeu a mão até a Kendra, para que ela visse o conteúdo do documento. Ela mal começou a ler e começou a chorar também...

—É a quitação da hipoteca do nosso apartamento! — explicou Kendra, alegre e muito agitada — Ele é nosso agora! O apartamento é nosso de verdade! É nosso!

O Erick e o Roger se aproximaram do John e o abraçaram. Os três choravam abraçados... — Obrigado, amigo, obrigado — repetiam... A dona Cecília chorava sozinha, a Isabelle notou levantou-se e abraçou-a. A Amelie fez o mesmo com a Kendra. Os anjos ouviram atentamente tudo o que aconteceu ali.

Capítulo L

Os anjos e os acontecimentos futuro

— Parece que o Erick finalmente se convenceu! — exclamou o Prócion, admirado.

— Também pudera, Prócion! Se isso não fosse suficiente, somente o Espírito Santo conseguiria convencê-lo!

— Eu já vi casos assim — disse o Vésper sorrindo.

— E essa moça, Amelie? Será que foi ela que o pai do Erick viu conversando com ele na Torre Eiffel, e que pareciam apaixonados? — perguntou Sírius.

— Não sei... Talvez. Eles parecem ter bastante coisa em comum! — disse rindo.

— E muitas diferenças também! O Erick não digeriu bem a informação de que eles são ricos...

— Você tem razão, vamos ter que esperar para descobrir.

— Sírius, como a documentação da dona Cecília foi liberada?

— Foi o Espírito Santo. Ele tocou alguns corações. Ela só precisa dar prosseguimento ao pedido de cidadania.

— Tudo está perfeito, mas por pouco tempo! — informou Vésper.

— Realmente. Logo nossos inimigos irão iniciar os ataques novamente.

— Sem dúvidas, isso vai acontecer. Mas o Altíssimo Deus concedeu um tempo de descanso a eles, para desfrutarem o cumprimento da promessa em paz...

— Mas, assim que eles voltarem de Paris, as astutas ciladas e armadilhas dos inimigos estarão armadas, esperando por eles!

— Você quer dizer... que a batalha se intensificará!

— Isso mesmo. A guerra será muito pior. Eles vão concentrar os ataques principalmente nos familiares deles. Assim que eles voltarem de Paris!

— Você já recebeu alguma informação sobre os planos de Deus, para depois que eles voltarem da França?

— Apenas algumas informações! Penso que o impostor, disfarçado

de pastor, o Jackson, será logo desmascarado.

—O que será descoberto primeiro: que ele é um impostor ou a amante dele, as alianças malignas ou a lavagem de dinheiro?

—Eu ainda não sei. Mas sei que os humanos vão conseguir as primeiras pistas sobre a tentativa de assassinato do John!

—Então, isso significa que não foi um simples assalto, mas uma morte planejada...

—Infelizmente...

—Mas quem poderia se beneficiar com a morte do John?

—Acredite, é uma trama diabólica.

—Que coisa horrível!

—E os problemas vão aumentar logo depois que duas pessoas começarem a trabalhar juntas...

—O pastor Kevin vai mesmo colocar o genro dele e o Roger para trabalharem juntos?

—Eu quero ver isso!

—Ele quer treinar o genro, o Jackson, para ser o sucessor dele na presidência da Igreja...

—Apenas até ele descobrir a verdade! O Espírito Santo orientou o pastor Kevin sobre a urgência em voltar a enfatizar a Palavra de Deus, os dons e talentos, para renovar a Igreja e os irmãos. Para isso, ele pensa em contar, principalmente, com as pessoas que mais se destacaram até agora...

—Ou seja...

—Ele pensa que foi o genro que escreveu o livro sobre a fé que, sem obras, é morta. Por isso, vai pedir para o Jackson colocar isso em prática. Também vai pedir para o Roger ficar responsável por treinar e acompanhar todos os líderes e pastores, para buscarem a comunhão e a direção do Espírito Santo. Os levitas também estarão entre esses líderes, serão supridos financeiramente e receberão atenção especial. Serão pastoreados e terão tranquilidade para se dedicarem com exclusividade ao Senhor! Haverá arrependimento, jejum e oração!

—O Jackson vai ficar furioso quando souber disso.

—E vai provocar uma batalha intensa dos dois lados!

—Pelo jeito, vamos ter muito trabalho pela frente... os demônios não vão desistir da estratégia de manipular a Igreja Evangélica.

—O Jackson é o primeiro a conseguir assumir sozinho a liderança de uma igreja. Se ele não for barrado, logo todas as principais Igrejas serão dominadas pelos inimigos, os demônios... para, posteriormente,

facilitarem e entregarem a liderança religiosa à Besta, aquela descrita no livro das revelações... o Apocalipse!

—Porém o Altíssimo Deus vai trazer isso à luz, e nós vamos estar preparados para essa outra batalha!

—Eu prefiro lutar! Detesto ficar de braços cruzados, assistindo aos ataques malignos, sem poder fazer nada.

—Eu também, mas, para isso, eles precisarão de mais intercessores. Sem oração, não há poder!

—Eles terão intercessão. No mundo inteiro, pessoas estão sendo levantadas com o propósito de orar em favor de pessoas, e não por coisas, e preparar a noiva de Cristo, a Igreja do Senhor, para a volta triunfante de Jesus Cristo... o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores!

—Concordo com você. Teremos muita luta em nosso mundo espiritual!

—Por isso, receberemos mais e mais reforços!

—A batalha será dura, mas...

Os anjos ergueram as espadas flamejantes ao ar e bradaram em alto e bom som:

—Agindo Deus, quem impedirá?!

Continua...

Posfácio

Curiosidades sobre alguns personagens.

Sobre o personagem Roger

O personagem “Roger” foi inspirado na vida, do meu irmão em Cristo Rogério Augusto Vilche. Eu o conheci por meio das reuniões de grupo familiar, que, na época, era liderada pelo pastor Walmir Ventura e a esposa dele, a Nádia, uma mulher prudente e sábia. Quem conhece o Rogério de perto, sabe que ele não é perfeito, mas que é inquestionável a seriedade, o compromisso, o amor e o temor, que ele tem por Deus, além do coração amoroso que somente quem teve um genuíno encontro com Deus pode provar. Eu creio que ele tem o chamado de Deus para pastorear almas. Cauteloso e prudente, ele não gosta de falar sobre isso, sempre se esquiva, ele pensa que é um segredo. Mas é impossível não saber... porque pelos frutos se conhece a árvore, e a boca fala do que está cheio o coração... e o coração dele está cheio de amor, preocupação e atitudes pelas pessoas... No tempo de Deus, creio que meus olhos testemunharão a consagração desse amado irmão para a honrosa e difícil tarefa de pastorear almas, para o Senhor!

Sobre o personagem Geoval

O personagem Geoval foi inspirado no Professor Doutor Geoval Jacinto da Silva. Ele é um homem honrado, sábio e generoso. Ao contrário do Rogério, ele não está iniciando no pastoreio de almas, ele é um veterano! Há muitas décadas, esse homem de Deus tem saqueado o inferno, resgatando pessoas do reino das trevas, ajudado e ensinado inúmeras pessoas a entrarem e a permanecerem no reino de Deus. O personagem “Geoval” do livro é um pouco daquilo que eu vi na vida desse homem de Deus. Apesar de ser Bispo na denominação onde ele serve a Deus, humilde, ele insiste em ser conhecido e tratado apenas como servo do Deus Altíssimo...

Apesar das diferenças entre eles, um novato e o outro veterano,

quando esses dois homens de Deus começam a falar sobre o amor de Deus, cada um à sua maneira, o nosso coração se aquece, se aquieta e depois se derrete por causa da presença de Deus, da mesma forma como aconteceu com os discípulos no caminho de Emaús.

Na “vida real”, Roger e Geoval não se conhecem. Moram em cidades diferentes e não são da mesma denominação. Sei que os dois, modestos e prudentes, quando lerem o que escrevi, vão “puxar minhas orelhas” e afirmar que exagerei sobre as qualidades que escrevi sobre eles. Porém estou certo do que vi e ouvi, por aquilo que eles fizeram por mim e pelas demais pessoas que testemunhei. Isso me dá liberdade para escrever o que escrevi, pois é o meu testemunho. A honra de tudo, claro, é para o Senhor, o nosso Deus, que transformou duas pessoas comuns em pessoas especiais, para que elas estejam ao nosso lado, nos abençoando e ajudando.

Sobre a personagem Isabelle

É uma homenagem singela que faço a todas as pessoas que precisaram se submeter à cirurgia de redução de estômago. Em especial, a quatro mulheres de Deus, corajosas e especiais que eu admiro muito. Elas, ao contrário da Isabelle, precisaram ser operadas por questões de saúde.

Posfácio II

Informações adicionais

Minha motivação quando escrevi este livro, foi abençoar, direta ou indiretamente, a maior quantidade de pessoas possíveis. Sozinho, jamais conseguirei alcançar todas as pessoas e motivá-las a ler o livro. Se Deus está agindo nisso, acredito que o Senhor, levantará mais e mais pessoas para abençoar outras, inicialmente, por meio da leitura desse livro e depois para salvação e amadurecimento da fé.

Você pode ser utilizado por Deus, para isso. Se você gostou do livro e acredita que ele pode ser utilizado como ferramenta para evangelização, não perca tempo. Incentive seus amigos a adquirirem o livro ou dê um exemplar de presente. Você vai abençoar outras pessoas, que poderão, através de uma leitura agradável, conhecer ou reencontrar o imenso amor de Deus.

Comente com seus amigos e faça comentários nas redes sociais. A velocidade da comunicação no Facebook, Orkut, Twitter e outros é impressionante e deve ser utilizada na evangelização.

Por enquanto, o livro poderá ser adquirido somente através do site: **www.divinainterferencia.com.br**. Consulte seu pastor sobre a possibilidade de ele adquirir alguns livros e facilitar a aquisição pelos irmãos.

No site, você pode fazer também comentários, deixar seu testemunho e me comunicar, se encontrar alguma coisa que você não entendeu ou com que não concorda.

Desejo realmente que Deus utilize esse livro para salvar vidas ou reconciliar com nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, aqueles que um dia se desviaram dos caminhos do Senhor. E ainda, que todos os chamados e escolhidos por Deus, sintam-se encorajados a continuar a caminhar e a crescer na fé cristã, em especial, os nossos jovens!

A Deus toda honra e toda a glória!

Muito obrigado. O autor.

(...) E me disse: Daniel, homem muito amado, entende as palavras que vou te dizer, e levanta-te sobre os teus pés, porque a ti sou enviado. E, falando ele comigo esta palavra, levantei-me tremendo. Então me disse: Não temas, Daniel; porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras, e por causa das tuas palavras eu vim. Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu o deixei ali com os reis da Pérsia. (...) Daniel 10:11-13.

Todos os dias, estamos expostos a toda espécie de influência contrária à Palavra de Deus. Não basta conhecer a Verdade (Jesus), é necessário viver a verdade e prosseguir em conhecê-la (Oséias 6:3). A tarefa do diabo é roubar, matar e destruir. Por diversos motivos, muitos cristãos estão se decepcionando e abandonando a fé. Nossa missão é encorajá-los para que isso não aconteça. Precisamos ajudar.

Os diálogos e os capítulos curtos, neste livro, foram criados com o propósito de facilitar a leitura e a compreensão sobre os fundamentos básicos da nossa fé e da vida cristã, tanto para os jovens, como para os novos convertidos de todas as idades. Além de todo aquele que quer fortalecer a sua fé. Em meio aos acontecimentos narrados na ficção, há diálogos emocionantes entre Jesus e o anjo Gabriel, entre anjos e demônios, entre o Espírito Santo e as pessoas, entre outros.

Com um tema abrangente e apaixonante, o leitor vai se surpreender e se sentir motivado a persistir na vida cristã e a se dedicar à oração e à comunhão com Deus, depois de descobrir e se conscientizar de que vivemos em uma espécie de “Matrix”, entre o nosso mundo físico e o mundo espiritual. Isso vai despertar os que estão adormecidos que ignoram o real mundo em que vivemos, pois acredite, ele é diferente do que parece.

Deus quer salvar vidas e resgatar aqueles que estão feridos, decepcionados e aqueles que abandonaram a fé. Você faz parte desse plano. Invista na vida das pessoas que você ama. Lembre-se de que uma alma vale mais do que o mundo inteiro, e que você receberá do Senhor o seu galardão. Enquanto você estiver lendo essas poucas linhas, sentir-se tocado por Deus e lembrar de alguma pessoa que deveria ler isso também, presenteie essa pessoa com um exemplar, não endureça seu coração. Que Deus o abençoe.

SOBRE O AUTOR

O autor se converteu em 1988, é advogado, empresário e mestre em ciências da religião, é casado, tem dois filhos e é membro da Comunidade Evangélica de Maringá, no Paraná, onde vive com a família, enquanto aguardam a volta de Jesus Cristo.

ISBN 978-85-8017-022-1



9788580170221

 **Editora**
MASSONI